ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 81

1961

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1964

OS MANUSCRITOS
DO BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

CATÁLOGO E TRANSCRIÇÃO

Francisco FREIRE ALEMÃO de Cisneiros. Campo Grande, zona rural do Rio de Janeiro. 24 jul. 1797 / 11 nov. 1874.

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 81

1 9 6 1

OS MANUSCRITOS DO BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

Catálogo e Transcrição

por

Darcy Damasceno

e

Waldir da Cunha

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1964

INTRODUÇÃO

CATÁLOGO

TRANSCRIÇÕES

ÍNDICES

O BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

TERRAS E GENTES DO MENDANHA

No terceiro quartel do século XVIII, graças a sucessivas incorporações de terras e benfeitorias, delineia-se na freguesia de Campo Grande a Fazenda do Mendanha. O Capitão Francisco Caetano de Oliveira Braga acrescenta possessões de Manuel da Costa Guimarães (1763), Francisco de Araújo de Andrade Santa Maria (1764), João Vaz Pinheiro e Francisco Marcelino Freire (1777). O penúltimo é ainda seu meeiro quando, pouco antes de 1790, o Padre Antônio do Coito da Fonseca torna-se proprietário da vasta região agrícola cujo núcleo fôra o engenho fundado por Luís Vieira de Mendanha — êste, por sua vez, membro de uma família que possuíra amplas áreas do sertão de Guaratiba e adjacências.

No emaranhado notarial de compras, vendas, posses e partilhas de terras nas freguesias rurais do Rio de Janeiro, vamos encontrar entre 1710 e 1720 o nome do Capitão Manuel Freire Alemão de Cisneiros[1]. Comprou e vendeu terras no Engenho de Nossa Senhora da Graça (Irajá), mas comprou-as sobretudo na freguesia de Nossa Senhora do Destêrro de Campo Grande. Em 1714, com 125 braças de testada e 1500 de sertão, a Antônio de Oliveira; em 1717, com outro tanto a João de Oliveira Sampaio, sendo senhor também, no mesmo Guandu-Mírim, duma fazenda e engenho de açúcar com 750 braças de testada por meia légua de sertão, havidos da viúva de Manuel Rodrigues Alvarenga. Essa fazenda, vendeu-a depois a Antônio Furtado de Mendonça, reservando-se 50 braças e as duas outras porções.

---

1 Era português. Arrendara terras (engenhos e currais de gado) tomadas em represália a Martim Correia de Sá e Benevides, em princípios do século XVIII. Êsse recorre por segunda vez ao rei, em 20 de novembro de 1713, para que se lhe restituíssem os bens, como fôra ordenado: "... E porque estas ordens se não têm até o presente executado, por respeito do suplicado que é um homem poderosíssimo, régulo e insolente, pede a V. M. ..." ("Cartas Régias. Sesmarias". Bibl. Nac., S. Mss., II-34, 3,1 n.º 21).

Na "Relação" publicada por Monsenhor Pizarro (cf. n. 3) surge um Capitão Antônio Freire, que recebe sesmaria no Rio Suruí em 1657, e um Antônio Freire que obtém igual concessão em Morubaí, em 1724. É provável que se trate de pessoas distintas, aparentada a segunda com o Capitão Manuel Freire.

São essas 300 braças, aumentadas para 525 pelo próprio Manuel Freire ou por seu filho Francisco Marcelino Freire, que, vendidas por êste, passam, em 1777, à propriedade de Francisco Caetano de Oliveira Braga.

Não há dúvida que havia na família Freire Alemão uma tendência ao empobrecimento, pois quando o Padre Antônio do Coito da Fonseca assenhoreia-se do Mendanha, João Freire Alemão, neto do "régulo e insolente" Capitão Manuel Freire, será um simples lavrador naqueles domínios, como de resto já declaradamente o eram seus pais, Francisco Marcelino e Leonor da Câmara, segundo consta da escritura de venda de suas terras [2].

Foi no Engenho do Rio Grande, propriedade de Pimenta Sampaio, em Jacarepaguá, que o Padre Antônio do Coito da Fonseca teve primeiramente seu *sítio*. Aí conheceu D. Guiomar, filha de uma sitiante das proximidades, êle com trinta anos, pelo menos, e ela orçando quinze.

Da ligação entre ambos nasceram os filhos Manuel Pimenta, Francisco Caetano e Antônia, engeitando-se ainda Feliciana Angélica. O primeiro nasce no Rio Grande e, como revela o próprio nome, tem por padrinho o senhor do engenho, Pimenta Sampaio; o segundo, no Mendanha, antes porém que o Padre Coito ali se radicasse. Segundo consta dos manuscritos de Freire Alemão, sua avó Guiomar fôra levada àquela fazenda expressamente para ter êsse filho, o qual, batizado por Francisco Caetano de Oliveira Braga, foi deixado em sua casa, onde se criou.

De volta ao sítio do Rio Grande, nasce a terceira filha, Antônia, que, ao chegar à idade do entendimento, já se encontra morando no Mendanha, em terras tomadas a prazo pelo Padre a Francisco Caetano. Isto seria por volta de 1784 [3]. Pouco depois o Padre Coito adquiria, em duas etapas, as terras dos meeiros Francisco Caetano e João Vaz Pinheiro. Dessa época deve datar o engeitamento de Feliciana Angélica, futura mãe do botânico Freire Alemão [4].

Na paisagem agreste do Mendanha, que encheu a infância de Francisco Freire Alemão, ganha a figura do Padre Coito da Fonseca traços inapagáveis. Ao seu vulto, à sua atividade, ao seu espírito pioneiro voltará sempre a lembrança do naturalista: "... era homem de um gênio arrebatado, e insofrido:

---

2 Cf. *Catál.*, n.º 794.

3 Na "Relação das Sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro, Extraída dos Livros de Sesmarias e Registros do Cartório do Tabelião Antônio Teixeira de Carvalho. De 1565 a 1796", feita por Monsenhor Pizarro de Araújo e publicada na *Revista* do I. H. G. B., t. LXIII, 1.ª parte, consta, à p. 153: "Reverendíssimo Padre Antônio do Couto da Fonseca ratificação de várias datas de terras na freguesia de Campo Grande e sobejos entre a data do P.e Martim Fernandes e do Capitão Antônio Coelho Cam, em 16 de setembro de 1789".

4 Francisco Freire Alemão de Cisneiros. Nasceu em 24 de julho de 1797. Quanto ao sobrenome *de Cisneiros* e sua correta grafia, nenhuma dúvida pode já subsistir, à vista da documentação existente.

mas (é esta a opinião em que o tenho) leal, franco, e bizarro (cavalheiro) e por isso não era possível viver em paz no meio de gente semibruta, desconfiada, e egoísta" [5]. "Lavrador inteligente, excogitava, experimentava e adotava os melhores métodos e aparelhos, que nesses tempos aqui se podiam conhecer; de modo que os produtos da sua lavoura, primeiro o anil, depois o café e ùltimamente o açúcar, eram entre os melhores que apareciam no mercado" [6]. Marcava-o entretanto certa instabilidade: após construir fábricas custosas para a produção do anil, lançou-se ao café e desprezou-as, e logo restringiu ao necessário ao consumo o cultivo do café, quando o atraiu o plantio de canaviais.

Ao ler no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a admirável memória sôbre plantas aclimatadas no Brasil [7], abriu Freire Alemão um parêntese para expressar sua gratidão ao Padre Coito: "Foi meu padrinho de batismo e criou-me em sua casa até o dia de seu falecimento, acontecido em 11 de fevereiro de 1810, cidadão prestante e digno de ser lembrado; mas não cabe aqui tudo o que a gratidão e o dever me ordenariam que dissesse a seu respeito".

Era uma gratidão de gerações. Como êle, também a mãe, Feliciana Angélica, fôra afilhada do Padre, em sua casa vivendo criança e moça e casando-se no oratório particular da fazenda. O pai, João Freire Alemão de Cisneiros, que dos régulos de outrora herdara apenas o apêgo à terra, zelava e administrava a triagem, seca e encaixotamento do açúcar; em troca, deixava o Padre Coito de tirar-lhe meação da cana que moía.

Ocupavam a primitiva morada do engenho e nela lhes nasceram dez filhos, pelo menos: cinco homens e cinco mulheres, que iriam, na maior parte, continuar presos ao solo, no duro labor da lavoura. Só Antônio, o primeiro a romper o vínculo da servidão, viverá, já médico da Santa Casa, fora do chão natal, pois Francisco, também médico, doutorado por Paris, evidenciará, na própria opção que faz pelos estudos botânicos, a fôrça daquele vínculo: será até a morte um homem dos matos e aos seus matos do Mendanha voltará sempre.

Quando da chegada do Padre Coito, era a fazenda "mui bonita; tôda a vargem, e parte dos oiteiros eram pastos, até o rio; tudo o mais eram matas, à exceção das plantações" [8]. Outro não seria seu aspecto, durante a infância de Freire Alemão. O quadro de várzeas e montes, de verdes matizados, o trabalho agrícola, as excursões, a vinda de visitantes, a passagem de tropas que demandavam as Minas Gerais, o vaivém de gentes que iam a Santa Cruz, quando lá estava el-rei — tudo isso impressionou a alma sensível do menino Francisco. Num precioso

---

[5] "Notícias sôbre o Padre Coito obtidas de minha tia Antônia." Cf. *Catál.*, n.º 749.

[6] "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?" *In Revista* do I. H. G. B., t. XIX, 1856, ps. 539-578. Cf. *Catál.*, n.os 583-585.

[7] Em sessão solene realizada em 16 de maio de 1856. Cf. n. 6.

[8] Cf. n. 5.

documento que se conserva entre seus manuscritos [9], deixou registradas várias dessas cenas da infância distante, sobressaindo, pela projeção que teria em seu futuro, a descoberta da ciência: "Eu ainda era muito menino quando estêve em Mendanha o Padre Veloso fazendo coleções de Ciências Naturais. Minha tia Antônia tem lembranças fracas dêle e seus companheiros. Quando eu já tinha alguma inteligência ouvia à gente de casa alguma coisa a êsse respeito, como: que êles apanhavam borboletas e as comprimiam entre dois papéis, onde elas ficavam impressas. Eu que então já andava na escola fiz algumas diligências para imprimir borboletas" [10].

A fixação do ambiente em que transcorreu quase tôda sua vida era coisa singular. Através dos anos, indagará, interessado sempre nas minúcias, sôbre a terra e a gente do Mendanha. Da tia Antônia, filha do Padre Coito, recolhe as lembranças mais longínquas que lhe pode fornecer a memória da velha: dados sôbre a fazenda, sôbre o padre desbravador, a história de parentes, as chicanas sôbre posses, sôbre limites imprecisos — informações que confere com outras tantas de primos, tios e moradores do lugar. Vivendo como sitiante em terras que haviam outrora pertencido a ascendentes ou protetores, sentia-as ainda bem suas, ou se sentia bem delas. O espírito curioso e indagador que o caracterizava, fazia-o despender dias seguidos na cata de escrituras e velhos papéis notariais, de cujos apontamentos poderiam ter surgido, se mais lazer houvesse, importantes subsídios para a história da colonização da zona rural carioca.

Naquelas notas autobiográficas deixou também o depoimento sôbre os primeiros mestres, figuras de modo geral antipáticas, e a aprendizagem do latim que fazia em casa do Padre Luís Pedreira Duarte. Êste, para eximí-lo do recrutamento militar e atendendo a rogos da família, pretendera torná-lo sacristão. Apresentando resultados satisfatórios no domínio da arte latina, topou Francisco as primeiras dificuldades, entretanto, na tradução da seleta: "Eu era só, o Padre sem me ajudar, dava-me a seleta marcando a lição e deixava-me, indo dizer a sua missa em Coqueiros. (...) Quando voltava para casa ao meio-dia, pedia-me a lição, que eu nunca pude saber. Êle enfurecia-se, ralhava, dizendo que eu não servia para aquilo, que fôsse aprender um ofício, etc. Eu me afligia, chorava e maldizia-me" [11]. Esquiva-se o menino às lições, passando os dias no mato a comer goiabas e a dá-las ao cavalo, até que se decide a suspender de vez a aprendizagem. Foi talvez seu primeiro gesto de audácia, pelo esfôrço que, dado o seu temperamento, lhe exigiria. Contava então catorze anos.

---

[9] "Notícia sôbre a minha vida". Cf. *Catál.*, n.º 58. Compreende várias versões. Nela se baseou Melo Morais Filho para escrever *A vida e a Morte do Exmo. Sr. Conselheiro Francisco Freire Allemão Cisneiro* (*sic*) ... Rio de Janeiro, 1874.

[10] A admiração pelo botânico Frei José Mariano da Conceição Veloso e a ternura pelos sítios da infância levam-no a rastrear mais tarde as andanças do naturalista fluminense. Cf. *Catál.*, n.º 781.

[11] Cf. n. 9.

Surgindo pelas terras do Mendanha um môço português, Diogo Antônio dos Santos, que ali ficou a ensinar latim ao filho do nôvo proprietário, dêle se aproximou Francisco e mais animoso recomeçou os estudos. Bastante agudeza haveria no mestre para perceber o talento que por trás da timidez escondia o rapaz da roça, porquanto, ordenado padre tempos depois e ministrando latim como professor substituto no Seminário de São José, lembrou-se do aluno perdido nos matos e lhe conseguiu, por intercessão junto ao bispo, matrícula gratuita no estabelecimento.

Era o primeiro ensejo — e na idade já de vinte anos — que lhe surgia de fazer estudos regulares. No Seminário permanece, como aluno pobre, de 1817 até 1820, quando lhe é pôsto o dilema: tomar ordens ou interromper o curso. Decide-se pela segunda alternativa.

A ordenação sacerdotal era uma aspiração da família, razão pela qual não se atreve a voltar ao sítio do Mendanha. Dedica-se a dar aulas de latim e primeiras letras a domicílio, do que lhe advêm os parcos recursos com que sobrevive na Côrte.

Aos vinte e quatro anos de idade, não se lhe percebe um rumo definido. Havia em Freire Alemão um talento singular, uma extraordinária faculdade de observação que, entretanto, não encontravam leito por onde fluir. Queria alguma coisa, mas não seria nada do pouco que no âmbito de seu meio e sua época se oferecia aos espíritos marcados.

A êsse tempo, Antônio, o irmão mais velho, lutava contra a pobreza, na busca da carta de cirurgião. Enfermeiro do Hospital da Misericórdia, consegue matrícula como aluno interno, levando adiante sua ambição. Repartem, ambos, o pão fraterno, como repartem a pobreza. Pelas mãos de um tentará o outro bater o mesmo caminho, que seria, no caso de Francisco, o da emancipação econômica, mas não o da vocação.

Na "Notícia sôbre a minha vida" diz Freire Alemão que nos últimos tempos do seminário lhe viera a idéia de estudar na Europa. Foi ela inclusive estimulada por seu lente de grego, na esperança de assim encaminhá-lo pela via sacerdotal; transformações políticas que entretanto se deram em Lisboa resfriaram-lhe o entusiasmo. A intuição porém permanece alerta. Aos rudimentos de francês trazidos do internato junta os de língua inglêsa, satisfatòriamente adquiridos, e os de espanhol. Enquanto isso — corria o ano de 1822 — inicia os estudos de cirurgia.

Por essa época, os estudos médicos, no Rio de Janeiro, deixavam muito a desejar. A Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, inaugurada em 1808 com a vinda de D. João, destinava-se particularmente a suprir deficiências de cirurgiões empíricos e a preparar, de modo mais sistemático, profissionais para os serviços junto às tropas e no mar. Reestruturada, tempos mais tarde, passou

a exigir longos anos de enfadonha freqüência, ao fim dos quais se outorgava ao aluno a carta de *cirurgião formado;* por ela se lhe asseguravam certas prioridades, inclusive a de exercer as atribuições específicas do *médico* (tratamento de enfermidades internas) onde não o houvesse. Prioridade relativa, já se vê, porquanto apenas em cotejo com sangradores, parteiras, curandeiros e cirurgiões improvisados. As faculdades de *médico,* só a formação na metrópole as assegurava, numa discriminação que perduraria até 1826.

Quando Francisco Freire Alemão obtém sua carta, já a lei do nôvo império abolira o preceito discriminatório; mas não o seduz de imediato a atividade profissional. A viagem à França continuava a ser um sonho acalentado, malgrado os empecilhos de ordem prática que lhe punha seu estado de pobreza. Essa mesma pobreza viria agora, quando a compreensão e o apoio de parentes e amigos o animavam naquele objetivo, a antepor-lhe outro percalço. Tendo-se valido, durante o curso, da pensão de nove mil e seiscentos réis que se concedia anualmente a doze alunos pobres e distintos, em troca da obrigatória prestação de serviços na tropa, viu-se em 1827 convocado para acompanhar o imperador na viagem ao Sul do país. É curioso o depoimento que a respeito êle mesmo deixou: "Estava então preparando-me para ir a França estudar; fiquei muito contrariado, e segundo meu gênio, fiz-me esquecido, e não me apresentei. Estava pois criminoso; peguei-me com João Bandeira de Gouveia, cujas filhas ensinava, o qual me desembaraçou" [12].

Livre do tributo militar, consegue, por interferência do Dr. José Francisco Xavier Sigaud, passagem gratuita num navio de guerra francês. Embarca em outubro de 1828; em fevereiro seguinte chega a Paris.

A medicina fôra um acaso na vida de Freire Alemão; mas nem por isso êle a descurou. Nos três anos que passa em Paris obstina-se no estudo, freqüentando os cursos de várias sumidades científicas em diferentes estabelecimentos. É uma temporada de aperturas financeiras, em que lhe vale a chegada providencial de um velho amigo e condiscípulo: "...foi uma boa ventura para mim, que me achava em grande apêrto; com êle jantava todos os dias; êle me adiantava dinheiro para minhas matrículas e me dava mais favores" [13]. É também o momento do encontro com sua vocação: em meio às matérias de extrema secura que fazem parte de seus estudos, descobre as aulas de botânica do professor Clarion. Ali se juntavam o pendor para as coisas da natureza e a feição contemplativa que o caracterizava. No exílio a que, em tais condições, lhe deveria saber a vida em Paris, as preleções do mestre lhe despertariam as reminiscências da infância roceira, descobrindo-lhe novamente o mundo agreste do Mendanha.

---

12 Cf. n. 9.

13 Cf. n. 9. O estado do manuscrito não permite uma leitura precisa do nome dêsse benfeitor.

Defendida em dezembro de 1831 sua tese sôbre a papeira — *Dissertation sur le goître* —, Freire Alemão permanece em Paris apenas o tempo necessário para receber seu diploma de doutor pela Escola de Medicina. Em seus apontamentos (de época posterior), nenhuma palavra sôbre passeios, viagens, diversões: constrangido pela pouquidão dos recursos financeiros, sua preocupação é voltar o mais breve possível, aliviando de pesado encargo o irmão Antônio, que até o fim o mantivera em Paris. Desembarca na Côrte em fevereiro de 1832.

Alterações políticas e culturais haviam tido lugar no país durante a ausência de Freire Alemão. Abdicara o imperador Pedro I, que o doutorando da Universidade de França vira em Paris a andar mui desenvolto pelas ruas; criara-se a Sociedade de Medicina, destinada a incrementar os estudos da especialidade e reacenderam-se os debates em tôrno da renovação dos estudos médicos, que se consubstanciariam em lei no ano de 1832: por êsse instrumento se criavam, no Rio de Janeiro e na Bahia, duas escolas de medicina segundo o modêlo francês.

As portas da Sociedade se abrem ao jovem médico, mercê de uma dissertação manuscrita sôbre o iôdo na cura do bócio — tema de sua tese de doutoramento —; as da Escola de Medicina, estas as abriria a própria lei, que no nôvo currículo incluía a cadeira de Botânica médica e Princípios elementares de Zoologia. Abertas as inscrições aos concursos do nôvo estabelecimento, apresenta-se Freire Alemão como pretendente àquela cadeira, por haver "estudado com alguma especialidade êste ramo das Ciências Médicas" [14].

Não se conhece a tese defendida pelo candidato; sabe-se apenas que não teve concorrentes [15] e que a 10 de junho de 1833 era nomeado para o lugar, com o ordenado anual de um conto e duzentos mil réis. Tinha êle então trinta e seis anos de idade.

O CRESCIMENTO DA PLANTA

"Eu era de uma timidez infantil, enrubescia por qualquer coisa e isso ainda já idade madura. Eu tinha disso grande vergonha e desgôsto". A confissão é da velhice e refere-se aos tempos da infância [16].

Não era apenas um tímido, mas também modesto, também puro. Veja-se por exemplo o despretensioso da referência, no requerimento em que se candidata à cadeira da Escola de Medicina, ao fato de haver estudado "com alguma especialidade" o assunto... É verdade que por êle jamais parecera inte-

---

14 Cf. *Catál.*, n.º 6.

15 Cf. n. 9.

16 Cf. n. 9.

ressar-se antes das aulas de Clarion; mas é também verdade que antes da reforma de 1832 não figuravam os estudos botânicos em nenhum currículo do país. E o mesmo mestre que se declarava aprendiz, só começando a estudar plantas após o concurso, alguns anos mais tarde apresentava-se ante os Brignolli, os Martius, os Saint-Hilaire, pedindo-lhes um juízo a respeito de seus exercícios fitográficos...

Em 1834 começa a fazer esboços, reconhecidamente "muito imperfeitos, muito incompletos", de plantas que colhia à volta da cidade. Muitos dêsses ensaios não chegaram a ser guardados; só a partir de 1840, quando havia já estudado algum tanto de desenho com o Diemer e dispunha de obras botânicas, passou a colecionar os trabalhos [17].

Fruto de paciência e de humildade, as fôlhas em que rascunhava suas experiências e observações foram somando-se através do tempo. Em 1867, de quando datam as últimas, davam matéria de alentado estudo. Eram milhares de fôlhas, sabe Deus quantas tantas horas de análise, de cuidados, de consultas e cotejos. Dezessete tomos, onde se encontra a história de não poucas espécies arbóreas, ou florais, acompanhada através de anos. A vida de cada espécime emanava calor, pois era sentida num círculo humano e afetuoso: o vegetal estava ligado à existência do próprio sábio, ao âmbito de suas relações domésticas. Ao falar dêle, Freire Alemão integra-o no campo de sua vida e deixa escapar uma observação sensível, um pormenor de certa tepidez:

"As plantas que se acham aqui estudadas... foram colhidas na madrugada de 15 de maio, indo para o Mendanha, e nos 3 dias do Espírito Santo em que lá estive. Desta viagem me ficou ũa agradável e saudosa lembrança, devida sem dúvida ao estado de meu espírito então; porque nem ũa outra razão lhe acho" [18].

"Ontem vindo da cidade por moléstia, jantei com o mano João, e vim para Mendanha de tarde. Colhi em caminho à beira da estrada para cá de Campinho um ramo da Sapotácea arbustiva? (*Mimusops*); estavam as flôres tôdas abertas, e exalando um cheiro forte e suave. Vi em Afonsos um pé de Jenipapo carregado de frutos. Entrando para o sítio do mano João estava uma mirtácea com fruta; é arbustiva, os frutos são pequenos, e em maduros da côr quase da Jaboticaba. Antes havia visto algumas outras mirtáceas carregadas de flor, são as que tenho desenhado... Voltando da casa do mano colhi, antes de chegar a estrada, ramos com flor duma *Erytroxylon*. E quase ao sair a estrada defronte da cancela da Fazenda dos Afonsos, está a pequena árvore de que Manuel Freire ora estuda os frutos; êstes em estando bem maduros são de côr quase negra" [19].

---

17 Cf. *Catál.*, n.º 605. A declaração está em I, 4.

18 "Est. Botân.", I, 190.

19 "Est. Botân.", I, 214.

Veja-se ainda a minúcia posta nas indicações sôbre um jequitibá centenário de que estudara um ramo florido. Era um daqueles gigantes das matas que o apaixonavam e que em breve o levariam a dedicar-se quase que exclusivamente às árvores de madeira de lei: o tronco, dezoito palmos de circunferência, com uma altura estimada em oitenta palmos, além de quarenta dados à altura da copa.

Freire Alemão faz da amostra recolhida uma análise exaustiva, que se ameniza pela beleza do desenho aquarelado. E êsse estudo, como tantos outros, vem precedido de um toque afetivo que integra o objeto num ambiente humanizado: "Ramo colhido a tiro do jiquitibá, que está junto ao Rio Guandu, no Mendanha, sítio que foi de meu pai, e hoje do China Joaquim — abaixo do lugar onde foi antigamente a casa de um fulano canhoto. Esta árvore assim como outras da mesma espécie se deixaram à beira do rio (hoje existem 3 e ũa nova) quando se fizeram as derrubadas das matas virgens, isto há mais de 60 anos, com o fim de tirar tábuas para as caixas de açúcar" [20].

O estudo é de 1846. Três anos depois, lançava o botânico, ao alto do desenho, a nota de que o espécime não florescera até então; em 1850, dizia ter florescido, e "floresceu" em dezembro de 53; "está florescendo" (janeiro de 56); a mesma nota em novembro de 57; em setembro de 62: "está com flor", e, finalmente, em janeiro de 67: "está com flor" [21]. Durante vinte anos, ao sabor das estações, cumpria o jequitibá seu ciclo, e durante vinte anos acompanhava-o o ansioso cuidado do botânico.

Não foi um caso apenas. No perpassar das fôlhas dos dezessete tomos em que ficaram êsses estudos vamos deparando com inúmeros outros. Fazendo de suas observações um nôvo hábito, incorporando essa atividade à própria vida, fêz Freire Alemão de seus rascunhos uma espécie de diário botânico e, por senti-los realmente parte de sua existência, por êles derrama as ondas de calor e afeição de que não escapa uma página sequer. A planta estava no centro de seu interêsse, era o objeto permanente de sua contemplação. Por confundir-se assim com sua própria vida, passou também a constituir elemento de interêsse e curiosidade de todo o círculo doméstico. Os irmãos, sitiantes da zona rural, quase todos, enviavam-lhe galhos de plantas desconhecidas; os mateiros reservavam-lhe flôres e frutos de espécimes em observação, e dos parentes, dos amigos chegam-lhe florinhas silvestres, abóboras gigantes, excentricidades vegetais as mais diversas. Em 1859 anota numa das fôlhas de seus "Estudos Botânicos", a respeito da flor da batata-inglêsa: "Ramo florido, metido o pé n'água em um copo, há já quatro dias, em tôdas as tardes ao anoi-

---

[20] Ao tempo do Padre Coito da Fonseca. Na sua infância presenciou ainda Freire Alemão algumas dessas derrubadas, conforme depoimento a Saldanha da Gama. Então, as vítimas eram os iriribás, destinados a archotes para o trabalho noturno.

[21] "Est. Botân.", IV, 34.

tecer fecham as flôres, que no dia seguinte amanhecem abertas. Hoje o quarto dia já não abrem perfeitamente. Esta observação foi feita pela mana Policena, que conserva o ramo em água" [22].

Em 1840 iria o acaso ainda uma vez favorecer Freire Alemão. Tendo adoecido sùbitamente o jovem imperador e não estando presente o médico de plantão, recorreu-se ao mestre, ocasionalmente ocupado em suas aulas da Escola de Medicina. Tal prestação de serviço outorgou-lhe, como de praxe, a distinção de ser nomeado médico da câmara imperial. Outros horizontes se abriam para o humilde camponês que continuava êle sendo.

Cada semana que entrava de serviço era aproveitada, nas largas horas de sossêgo, para enriquecimento interior. Ora no Paço da cidade, ora na Quinta de São Cristóvão, na Fazenda de Santa Cruz ou no Palacete de Petrópolis, perdia-se no estudo, freqüentando a biblioteca imperial, herborizando pelas redondezas ou fazendo observações meteorológicas.

Havia nêle uma curiosidade singular. Homem simples, conversador cativante, agradava-lhe o convívio ameno, por tudo se interessava, anotava tudo. Dêsses fragmentos de conversas, dessas indagações, dêsse entregar-se ao fluxo das tertúlias ficaram muitos rascunhos [23], em que se juntam informações sôbre assuntos os mais diversos: a entrada clandestina, no país, de obras proibidas; reuniões de conspiradores no tempo do conde de Resende; logradouros do Rio de Janeiro; artífices e botânicos; a construção do palacete da Quinta; riquezas vegetais; banditismo; o desembargador Dinis; o marquês de Maricá, etc. Anota fatos curiosos, assiste a derrubadas, inventaria têrmos de carpintaria, estuda etimologias indígenas, desenha ferrolhos e dobradiças... Tudo lhe interessava; nas suas indagações, valia-se tanto dos cortesãos quanto da gente do povo.

Da viagem que em 1843 faz a Nápoles, como membro da comitiva encarregada de conduzir para o Brasil a futura imperatriz Teresa Cristina, traz apontamentos da jornada, notas sôbre cidades e desenhos de túmulos. Não era pois de estranhar que naquele espírito em constante vigília visse o imperador uma natureza afim: a distinção de o haver, com tão curto convívio, escolhido entre os demais para missão assim honrosa, se manifestaria com mais intensidade no correr dos anos. Admiração e afeto marcam o trato dêsses dois sêres. É Freire Alemão quem acompanha as princesas em suas excursões matinais; é êle quem lhes ministra as primeiras lições de botânica. A curiosidade intelectual da imperatriz procura no mestre, a quem oferece orquídeas, suas respostas e respostas é o que lhe pede o imperador na avidez de tudo apreender. Está nos "Estudos Botânicos" o depoimento:

---

[22] "Est. Botân.", III, 56b.

[23] Cf. *Catál., IX. Notas várias e Documentos interessantes.*

"No dia 9 de junho de 1853, pelas 5 horas da tarde S. M. o Imperador quis ir ver um famoso jiquitibá que está nas matas de Andraí, chácara dos senhores Marques (sua mãe que ainda vive chama-se Luísa?) e com efeito lá foi acompanhado pelo seu camarista Cabral, o seu guarda-roupa Miranda Rêgo, e eu, que estava de semana; o acompanhou também o senhor Marques (o doutor em Medicina) e o outro mais velho.

Em chegando ao pé dessa árvore, da qual pendem, ou a que se encostam ũa figueira, e outra planta que eu não conheci, reparou S. M. que havia flôres nos ramos que eram dessa desconhecida, e me perguntou — que flôres são aquelas? Eu, prevenido, e pensando que aquela planta devia ser também da natureza das figueiras (porque seu caule, ou antes raízes, tem tôda a semelhança com o das figueiras) respondi que eram fôlhas e não flôres. Mas logo que nos chegamos abaixo da árvore, vimos o chão coalhado de flôres magníficas vermelhas, que logo resolvi ser de ũa *Orombácea* [*sic*], o que muito me admirou, e reparando então para cima reconheci que o que S. M. tinha visto *eram estas flôres.* Colhemos algũas no chão; e mandando-se buscar a casa ũa espingarda, e com tiros dados 2 por S. M. e dois por mim, tiramos algũas mais frescas. Os ramos desta planta que tinham flôres estavam despidos de fôlhas; alguns porém, mais baixos, ou mais à sombra, estavam vestidos de fôlhas e não tinham ũa só flor. São as flôres inodoras; carnosas, encarnadas.

Chegando a casa logo as examinei e fiz êstes esboços. Mas hoje, 12 de junho estando aqui no Engenho Velho é que as pude examinar mais detalhadamente em o microscópio, ou lente; e reconhecer que é ũa espécie de *Eriodendron*, que julgo nova" [24].

Seria prazerosa ao imperador a companhia daquele homem simples, modesto, naturalmente afável, que guardava intactas, no trato cortesão, as virtudes de sua origem rural, e que na longa convivência com os grandes e poderosos jamais pleitearia favores nem vantagens nem distinções. Estas, se vieram, foi no silêncio da surprêsa e como preito a seu merecimento.

FASTÍGIO

Ao publicar seu primeiro estudo botânico — o da *Drypetes sessiliflora* [25] —, precedeu-o Freire Alemão de palavras bem esclarecedoras da disposição com que se lançava ao desbravamento de um campo tão pouco penetrado como o seu. Havia quatro para cinco anos embrenhava-se nos matos com intuito de descobrir árvores que, por sua florescência incerta, ou por sua altura, ou por sua inacessibilidade pudessem ter escapado ao exame dos botânicos estrangei-

---

24 "Est. Botân.", XII, 138.

25 Cf. *Min. Brasil.*, vol. II, n.º 24, 15 out. 1844, p. 377.

ros. Não era pequena a colheita obtida, adiantava, possuindo já em seu herbário muitos exemplares aparentemente novos, segundo as obras de que dispunha e a opinião do Dr. Riedel, botânico prussiano entre nós radicado.

A afirmação deixa claro o propósito do mestre do Mendanha: não se limitava a ser um "professor de Botânica", pretendia ser um "botânico" e carrear para a ciência uma contribuição pessoal, o que se torna mais evidente com a declaração de dois fins: "ouvir sôbre elas (as suas descrições) o parecer dos botânicos, e de pôr data ao descobrimento, se êle existir" (isto é, assegurar-se a autoria da identificação de espécimes). Seriam acompanhados os trabalhos de desenhos feitos por êle próprio à vista da planta fresca, compensando-se assim a imperfeição artística pela exatidão dos caracteres e do hábito externo da planta.

Oito anos havia do concurso para a cadeira da Escola de Medicina; por oito anos, muito de acôrdo com sua natureza esquiva e seus hábitos roceiros, mostrara-se Freire Alemão apenas como o professor honesto e eficiente: ministrava noções teóricas e exemplificava suas aulas com as plantinhas "recolhidas nos arredores da cidade". Entretanto, de alguns anos para então, começara a meter-se pelas matas virgens, a assistir a derrubadas, a marcar árvores e a destinar-lhes guardiães — matutos de Campo Grande ou mateiros de Bangu.

De posse de um razoável número de plantas desconhecidas, pôde então, nos vagares que lhe permitiam o magistério e o atendimento à casa imperial, dedicar-se às "modestas tentativas" de classificação. Na *Minerva Brasiliense* publicaria aquêle primeiro estudo e alguns mais. Isto feito, ouviria "o parecer dos mestres".

A publicação da *Drypetes sessiliflora* inaugura a fase a que se poderia chamar de projeção e que consiste na classificação de plantas novas ou poucos estudadas. Vai de 1844 a 1850. Nesses sete anos, onze espécimes são propostos aos naturalistas europeus, a Martius particularmente, com quem Freire Alemão se corresponde.

Quando em 1865 escreve a Jean Goncet, relacionando os seus trabalhos publicados, refere quinze plantas originais, acrescentando-lhes a *Azeredia Pernambucana* de Arruda da Câmara, que divulgara no *Arquivo Médico Brasileiro* em 1846. São portanto mais quatro estudos, apenas, que imprime depois daquele período, devendo-se considerar que três dêles — *Ferreirea spectabilis, Myrospermum erythroxylum* e *Soaresia nitida* — têm sua elaboração datada de 1851. Mais afastado — de 1857 — é o derradeiro (*Acanthinophyllum strepitans,* bainha-de-espada), a que Freire Alemão chamara, em seus borrões, *Hexadenia ferox* [26].

À vista dos dezessete tomos de seus "Estudos Botânicos", não deixa de causar estranheza o reduzido número de plantas publicadas, quando se sabe

[26] Cf. *Catál.,* n.º 587.

Zollernia mocitaíba. O desenho aquarelado, de grande beleza, foi um dos estudos que precederam a descrição da planta em 1858. Acompanha-se de breve nota em latim.

encontrar-se ali uma verdadeira suma botânica, resultante do trabalho diário de cêrca de trinta anos. Leve-se em conta, entretanto, o fato de que os meios de divulgação foram sempre difíceis ao sábio do Mendanha; as impressões eram custosas, conseguidas de favor; os desenhos e litografias feitos não raro pelo próprio autor. Ainda assim, não são poucos os estudos pràticamente acabados que se encontram naqueles tomos ou em avulsos. De 1849, por exemplo, é um "Estudo de uma Euforbiácea colhida nas vargens alagadiças de Itaguaí" [27], sem nome vulgar, e de 1858 a descrição da *Zollernia mocitaíba* (maria-preta), só agora divulgada [28].

Os anos de 1851-53 marcam o ingresso de Freire Alemão num campo mais ambicioso, o das "memórias". Sem abandonar o trabalho rotineiro de observação, estudo e classificação das plantas, ordena o farto material de análise microscópica da organização vegetal. Reunira-o no ano anterior, quando, fugindo à epidemia de febre-amarela, passara alguns meses no Mendanha. Oito memórias, das nove elaboradas, pertencem a êsse período: tratam da estrutura dos pêlos, dos vasos, do caule, das flôres, dos frutos, das fôlhas, etc. Já em 1847 redigira um "Esbôço para uma memória sôbre os cactos", também incluída nos "Estudos Botânicos" [29].

Dessas memórias, permaneceram inéditas a referente ao caule das Nictagíneas (4.ª), a que trata das fôlhas em duas espécies de *Guarea* e na *Citrus decumana* (7.ª) e a que versa a formação do sistema vascular (8.ª). Da sexta memória, jamais publicada, não se tem qualquer idéia, visto não constar dos manuscritos de Freire Alemão. Uma primeira e única memória de natureza carpológica, não datada, ficou também inédita. Era, como as demais, trabalho pioneiro, entre nós [30].

O período de 1851-53 assinala por outro lado a preocupação de sistematizar uma série de trabalhos referentes à história das árvores florestais. Ao assunto se afeiçoara desde cedo e ambicionava compor um *Arboretum* ou *Arborarium Fluminense,* como antecipa em carta a Martius [31]. Vinha de 1847 a importantíssima relação "Madeiras do Brasil", mandada ao amigo; em 1849 escrevera uma primeira "tentativa" sôbre o assunto e um estudo a respeito de corte e conservação de madeiras [32]. A observação paciente da florescência das árvores constitui assunto da também valiosa relação encaminhada ao naturalista alemão em novembro do mesmo ano. Em 1851, afinal, consubstanciando

---

27 Cf. "Est. Botân.", VI, 112.

28 Cf. *Catál.,* e *Transcr.,* n.º 588.

29 Cf. VII, 38.

30 Cf. *Catal.,* n.º 604.

31 Cf. *Catál.,* e *Transcr.,* n.º 142.

32 Cf. *Catál.,* e *Transcr.,* n.ºs 555, 560 e 562, respectivamente.

o material pertinente, lê na Sociedade Velosiana os "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, e particularmente das do Rio de Janeiro", trabalho a que volta no ano seguinte em nova leitura e a que segue uma "*Comunicação sôbre árvores florestais*" [33].

No ano de 1853 pleiteia e obtém o botânico sua jubilação na Escola de Medicina. O afastamento do magistério significará para êle desvantagem financeira (a tal ponto, que cancelará a subscrição da *Flora Brasiliensis*), mas por outro lado lhe proporcionará o vagar necessário para dedicar-se por inteiro à Botânica. Faz planos, anseia por voltar a seus matos. Lá no Mendanha, no sítio da tia Antônia, escolhe um lugar no morro, onde começa a fazer uma casa. Põe-lhe o nome de Porangaba — lugar bonito, ou de boa vista.

É em Porangaba, cercado e a cavaleiro de seus matos nativos, que Freire Alemão inicia a terceira fase de seus trabalhos. A jubilação devolvera-o à liberdade da roça, donde só se afasta para cumprir a semana de médico da câmara imperial e assistir às reuniões da Sociedade Velosiana, entidade nascida de sua determinação e a que se dedicava apaixonadamente.

Voltava assim à origem, assentando no chão natal do Mendanha os pés de camponês, que o tempo e a alternância da vida entre o mato e a Côrte tornavam já cansados. É talvez a única fase de verdadeira tranqüilidade em sua existência. Nos altos de Porangaba, à sombra de seus ipês, na companhia daquela "tia Antônia" que surge a cada anotação de seus "Estudos Botânicos", cercado da morna ternura de irmãos fiéis ao solo, como que se reintegra no bucólico mundo da infância e reencontra as sombras dos entes mais caros: o pai lavrador, a mãe mal lembrada e, dominando tudo o mais, o Padre Antônio do Coito da Fonseca, desbravador, pioneiro, que dentro em pouco fixaria de forma indelével em páginas de erudição histórica.

Em dezembro de 1852, cometera-lhe o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que era sócio correspondente desde 1839, o seguinte ponto para desenvolvimento: "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?"

Pouco dado talvez aos trabalhos de extensa redação, fôsse pela escassez de tempo, fôsse pela confessada pachorra; voltado mais para a vida da sua Velosiana, jamais se valera Freire Alemão da *Revista* do Instituto para a divulgação de obra mais ambiciosa.

A questão, como fôra proposta, pareceria à primeira vista bem simples; mas não deixava de ter sua imprecisão. Aceitando a incumbência de explaná-la, decidiu-se Freire Alemão por lhe restringir os limites, em proveito do aprofundamento. Focou a atenção em três plantas: a cana-de-açúcar, o café e o chá [34].

---

[33] Cf. *Catál.*, n.os 571, 575 e 577, respectivamente.

[34] Cf. *Catál.*, n.os 583-535.

Da consulta à bibliografia histórica, aos documentos inéditos; das indagações, das conjeturas, dos cotejos, em que despendeu três anos, resultou a memória lida no Instituto em 16 de maio de 1856, em presença do Imperador. É um trabalho definitivo, que deleita pela forma castiça, pela elegância de sua arquitetura, mas que sobretudo impressiona pela erudição. À história da introdução dessas plantas no Brasil nada mais há que acrescentar.

DAS COISAS TRISTES

Em 1848 Freire Alemão já falava a Martius de seu projeto de reunir numa associação algumas poucas pessoas interessadas nas ciências naturais. Chamá-la-ia Sociedade Velosiana, em homenagem ao patriarca dos estudos botânicos no Rio de Janeiro, Frei José Mariano da Conceição Veloso, cujo nome se prendia também às suas mais remotas lembranças da infância no Mendanha. Em 1850 foram vencidas as derradeiras dificuldades, instalando-se definitivamente o grêmio no mês de outubro. O periódico almejado para a Sociedade Velosiana jamais pôde ser publicado, mas nas páginas do *Guanabara* imprimiram-se os mais importantes dos trabalhos lidos em sessões da entidade.

A Velosiana compreendia quatro seções — de mineralogia, de botânica, de zoologia e de língua indígena —, que foram preenchidas com figuras científicas de relêvo, como Frederico Leopoldo César Burlamaque, Cândido de Azeredo Coutinho, Custódio Alves Serrão, Vandelli, Riedel, Serpa Brandão, Guilherme Schuch de Capanema, E. J. da Silva Maia, Descourtilz, Antônio Manuel de Melo e Inácio José Malta, na qualidade de sócios fundadores, além de nomes distintos de fora da Côrte: Correia de Lacerda, Saldanha Marinho, Beaurepaire-Rohan, Carlos Engler, Augusto Leverger, etc. A Freire Alemão, como era natural, coube a presidência da Sociedade Velosiana, cabendo a Capanema a secretaria.

Embora de duração efêmera, pôde a Velosiana atingir um de seus objetivos imediatos, que era o de congregar estudiosos e estimular-lhes o trabalho. De seus membros foi Freire Alemão o mais laborioso, apresentando novas memórias a cada sessão, levantando questões a serem debatidas e prestigiando, por fôrça de seu gênio compreensivo, os tentames de quantos, embora mais jovens ou afastados do centro cultural que era a Côrte, viam na existência da instituição uma possibilidade de ressonância para seus exercícios científicos.

Em 1853 a Sociedade Velosiana pràticamente deixa de existir. Apesar do esfôrço de Freire Alemão, rareiam seus colaboradores e o próprio sábio, reconhecendo o fato consumado, retrai-se, esperando melhores dias para tentar dar nova vida à entidade. Virão os anos calmos de Porangaba, e com o sossêgo do campo, a superação das decepções.

Homem sempre disposto a colaborar com tôdas as iniciativas em prol das ciências, vemo-lo já em 1856 participando da fundação da Palestra Científica, associação de âmbito mais largo que o da Velosiana, mas nem por isso mais duradoura. A influência de Guilherme Schuch de Capanema, seu mentor, junto ao monarca, possibilita à Palestra um veículo para a divulgação de trabalhos, a recém-criada *Revista Brasileira.* Nela voltará Freire Alemão a apresentar novas descrições de plantas e memórias lidas na antiga Velosiana; nela publicará o único estudo de natureza zoológica que escreveu em tôda a vida [35].

À beira dos sessenta anos de idade, haveria o sábio de aspirar à quietude do ocaso. Enchera-se-lhe a vida, de repente, de tristezas: decepções, que sua alma sensível sofria mais acentuadamente, mortes no círculo doméstico, reconhecimento da inviabilidade do labor científico, aperturas financeiras, males do corpo — tudo contribuía para combalir-lhe o ânimo. Nos "Estudos Botânicos" deixou registrado mais de uma vez o que lhe ia na alma; nada mais doloroso, entretanto, do que o episódio da morte da jovem Virgínia (filha adotiva, seguramente) ocorrida em dezembro de 1855. Nas cartas a parentes, nas expressões de consôlo dêstes, nas frases lançadas em meio às descrições botânicas, vê-se bem o que no acontecimento havia de pungente: "Lavado em lágrimas, com o coração opresso de dor lhes participo que ontem se enterrou o corpo da nossa infeliz Virgínia..." escreve êle à mana Policena e às sobrinhas; "Minha querida Virgínia sepultou-se ontem pelas 5 horas da tarde. Não sei donde me virá consôlo a esta perda!..." diz ao mano João. À prima Florinda comunica: "Esta notícia (a da morte), que escrevo passado de aflições, e com os olhos rasos de lágrimas, entendi que lha devia logo dar, porque também me ajudaste (*sic*) a criá-la; e ela que nunca se esqueceu dêsse benefício lhe há de merecer uma lágrima de saudade". E dias depois, agradecendo ao vigário de Campo Grande manifestações de confôrto: "... perda dolorosíssima de um ente que criei em meus braços, e a quem tomei a mais doce afeição..." Em meio às anotações dos "Estudos Botânicos" lançara Freire Alemão em 24 de outubro daquele ano esta frase: "Faço êste esbôço estando com a minha Virgínia à morte" [36]. Páginas adiante, numas notas de 4 de janeiro de 1856 sôbre certa rubiácea, intercalou êle (quanto tempo depois?) palavras ainda emocionadas: "quando eu colhia esta planta tinha o coração envolto em tristeza e os olhos rasos de lágrimas" [37].

Estranho, não obstante, que ao rascunhar a "Notícia sôbre a minha vida" silenciasse a respeito do episódio, como estranho — bem mais ainda, talvez —

---

35 *Vaginulus reclusus, Rev. Brazil.*, t. I, 1857, p. 214. Os apontamentos haviam sido lidos em sessão da Sociedade Velosiana. Afora êsse estudo, de que não ficou manuscrito, só dois outros trabalhos zoológicos se encontram entre os papéis de Freire Alemão: o primeiro, sôbre um inseto ("Est. Botân.", VI, 17); o segundo, uma aquarela de ave dos brejos, o sabacó (id., VII, 21).

36 III, 56.

37 III, 58.

que, multiplicando-se nos "Estudos Botânicos" os esclarecimentos sôbre lugares, pessoas e situações, nenhuma referência exista que desperte a lembrança do pai, morto por volta de 1836, ou da mãe, que chegara a ver o futuro botânico a preparar-se para a medicina.

Do retiro de Porangaba, onde os desgostos lhe toldavam a velhice, iria Freire Alemão sair muito breve. Estruturara-se em 1856, nas salas do Instituto *Histórico e Geográfico Brasileiro, uma expedição científica* destinada a devassar o interior do país — o Nordeste especialmente — e para a seção de botânica indicou-se o nome do solitário do Mendanha. No ano seguinte vemo-lo designado para presidente da comissão exploradora, sôbre a qual descera o beneplácito do monarca e para a qual se abriram as caixas do Tesouro. Delongas de variada razão demoram a partida dos exploradores, que só ocorre em princípios de 1859. Nesse meio tempo, solicita-o ainda uma vez o aprêço imperial.

Reformara-se na Côrte a Escola Central Militar, em cujo currículo se restabelecera a cadeira de Botânica e Zoologia. Nos seus matos de Campo Grande recebe Freire Alemão, em 1858, a designação para a regência da matéria, não lhe valendo escusas nem alegações. Eram de nôvo os vaivéns, as longas jornadas, as canseiras do ensino. Mas o Ceará está à vista e logo se interrompe êsse labor.

EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

Atraindo a atenção do mundo científico, as terras americanas *constituíam* havia já algum tempo objeto de estudo por parte de expedições estrangeiras. No caso do Brasil, não poucas informações atinentes às ciências naturais deviam-se mais ao trabalho de expedições européias que à emprêsa nacional. A idéia de se criar uma comissão exploradora integrada por naturalistas brasileiros era, pois, pioneira. À sugestão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não faltou apoio governamental nem a êsse apoio diligência. Em pouco se concretizava a idéia, estruturava-se a expedição, escolhiam-se-lhe os componentes, concediam-se-lhe verbas e aparelhava-se ela com o que de mais moderno havia no instrumental científico da Europa.

Compunham-na cinco seções: a Botânica, a Geológica e Mineralógica, a Zoológica, a Astronômica e Geográfica e a Etnográfica e de Narrativa da Viagem. À frente de cada uma delas, o que de mais expressivo havia entre os nossos homens de ciências: Freire Alemão, Guilherme Schuch de Capanema, Manuel Ferreira Lagos, Giacomo Raja Gabaglia e Antônio Gonçalves Dias. Ao primeiro, já pela idade, já pelo prestígio internacional de que desfrutava, coube a presidência da Comissão. Onze ajudantes e um pintor completavam a relação básica de seus componentes.

O alvo inicial da expedição fôra motivo de demoradas discussões: pensara-se na penetração de províncias interiores através de algum de nossos grandes

rios; prevaleceu no entanto a idéia de se tomar o Ceará como campo experimental e ponto de irradiação. Nessa escolha final, vencera a suposição da existência, na província, de grandes reservas metalíferas, a que a imaginação popular, a lenda bibliográfica ou a observação superficial emprestavam proporções invulgares.

A Comissão Científica deixou o Rio de Janeiro em princípios de 1859; em fevereiro já se achava instalada nas salas do Liceu Cearense, em Fortaleza. Durante dois anos e meio realizou trabalhos que, malgrado as críticas apaixonadas, justificariam as verbas que lhe concederam os orçamentos. Fatôres diversos impediram que melhor se aproveitasse não só a experiência como seus frutos, que se dispersaram sem utilidade compensadora: material botânico, mineralógico, zoológico, iconográfico, bibliográfico, etc., teve, em parte, o destino de museus e órgãos próprios, mas extraviou-se em não pequena parcela.

Não cabe aqui o estudo da Comissão Científica [38]; interessa-nos apenas acompanhar o desempenho de Freire Alemão à testa da Seção Botânica.

Desde a chegada a Fortaleza exercita o velho mestre tôda a sua capacidade de trabalho. Estuda plantas, faz observações sociológicas, indaga, anota, transcendendo, pelo seu espírito naturalmente perscrutador, o campo que lhe era reservado. Minucioso, metódico, prossegue em seu hábito de estudar e trabalhar cotidianamente. Graças a essa honestidade profissional, o rendimento da Seção Botânica foi incomparàvelmente maior que o das demais.

Sexagenário, não se lhe alteram os métodos de trabalho. Colhida a planta, examina-a, descreve-a e desenha-a imediatamente. Dessa disciplina, resulta a soma de seus apontamentos: cêrca de setecentos estudos botânicos foram realizados durante a estada no Ceará. Nem sempre espécimes novos; muitos dêles repetidos; mas os nove volumes em que se distribuíram, segundo um critério cronológico, êsses apontamentos, valem por um diário científico e emulam com os dezessete tomos dos "Estudos Botânicos" referentes à flora do Rio de Janeiro.

A êsses escritos, haveria que juntar a grande quantidade de notas decorrentes de indagações, pesquisas, transcrições, etc., a que, curioso, observador, se entregava sempre Freire Alemão. A conversação era para êle um meio de conhecimento. Por mais despretensiosa que fôsse, proporcionava-lhe matéria para reflexão e estudo. Das pessoas com que priva, da gente com que se depara, recolhe informações de natureza histórica, sociológica, econômica, etc. Anota o preço de mantimentos, a qualidade das águas, as espécies do gado, os conceitos de moral, a índole da população, os fatos políticos, as espécies zoológicas, os costumes indígenas, tudo, em suma. Dessa quantidade de registros que dormiam no ineditismo poderiam surgir ainda subsídios de não pouca valia para a história política e econômica do Ceará.

---

[38] Veja-se a propósito o bem documentado trabalho de Renato Braga, *História da Comissão Científica de Exploração*. Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

Completando as observações botânicas e de natureza sociológica, conta expressivamente entre os papéis do naturalista o seu diário. Resumindo notas avulsas, ampliando lembretes, lançou êle nessas páginas tudo o que lhe pareceu de interêsse: *itinerários, contactos, incidentes, depoimentos, etc.*, sucedem-se cotidianamente num período de trinta meses, com riqueza de informações e de minúcias pouco encontradiça.

Trabalhador não menos incansável, apaixonado também pela Botânica, foi-lhe valioso colaborador no Ceará, como o era antes e o seria por algum tempo depois do regresso à Côrte, o sobrinho Doutor Manuel Freire Alemão. Embora morto prematuramente, evidenciou qualidades profissionais invulgares, interessando-se em particular pelas plantas medicinais. Seus escritos apresentavam inclusive certa elegância de estilo, que nem sempre anda a par do conhecimento científico.

De volta ao Rio de Janeiro, em agôsto de 1861, empenhou-se Freire Alemão na discriminação das doze mil plantas sêcas trazidas do Ceará, publicando pouco depois os estudos a respeito de algumas consideradas novas. Sob o título *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração. Seção Botânica,* aparece em 1862 o "1.º folheto", com três descrições e uma monografia do Dr. Manuel Freire Alemão: "Considerações sôbre as plantas medicinais da flora cearense". De 1864 é o "2.º folheto", a que se deixou de juntar o artigo sôbre plantas medicinais em virtude de, com a morte do jovem Manuel Freire, terem ficado *desconexos os respectivos apontamentos*. Em 1866 sairia ainda um "3.º folheto", mas circunstâncias políticas impediriam o prosseguimento das publicações.

Em 1862, um volume inicial da série de *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração,* com o subtítulo de *Introdução,* reunira ao histórico dos trabalhos desenvolvidos no Ceará os relatórios das Seções Botânica, Geológica e Zoológica. Constituiu, com os três folhetos botânicos, a única documentação de vulto que se imprimiu. Não chegaram sequer, talvez, a ser escritos os relatórios das outras seções. Frustrou-se dessa forma um cometimento pioneiro que, se experimentou a crítica e a incompreensão de alguns, não deixou de contar com o amparo oficial e o estímulo altruístico de Pedro II.

CARTAS A MARTIUS

O primeiro contacto de Freire Alemão com naturalistas estrangeiros datava de 1840. Pelo teor da carta que escreve a Giovanni di Brignolli (30 de setembro) vê-se que partira dêste a iniciativa da correspondência. A carta é cerimoniosa, sem informações de maior interêsse, da mesma forma que a segunda, escrita em latim no ano seguinte. A viagem à Itália permitiria o encontro com algumas figuras do círculo científico, mas não seriam duradouras as relações posteriores, salvo com Michele Tenore. Sòmente em 1844, quando

tem em vias de publicação os primeiros estudos fitográficos, é que Freire Alemão ativa o intercâmbio, e é pelo maior dos mestres, Carlos Frederico Martius que se inicia realmente a troca de informações. O trato epistolar com Martius será prolongado, embora lacunoso: estende-se de 1844 a 1867. Foram trocadas vinte e nove cartas, sendo dezessete de Freire Alemão.

Pela primeira carta do brasileiro (20-7-1844), vê-se que também aqui partira do europeu a iniciativa do contacto. Pôsto que confessando-se honrado com a distinção, revela desembaraço, indagando, levantando dúvidas, opinando e reservando-se para posteriores definições. Era já um homem razoàvelmente seguro de seu assunto.

Embora pronta a série inicial de estudos, demorava-se na *Minerva Brasiliense* a impressão da primeira planta, de forma que foi aquela carta desacompanhada de material fitográfico; só com a segunda (20-12-1845) seguiriam as descrições — três [39] —, lamentando Freire Alemão que não pudesse mandar também o estudo sôbre o pau-pereira (*Geissospermum Vellosii*), que sairia poucos dias depois no *Arquivo Médico Brasileiro* [40].

O pau-pereira despertava o interêsse de Martius. Já anteriormente pedira informações a respeito, mas Freire Alemão, que via no espécime contradição com a classificação tradicional, protela qualquer resposta, dando a planta como sujeita ainda a estudo. Com efeito, ao publicar sua descrição, afirmava constituir gênero nôvo — *Geissospermum* — caracterizado pelo arranjamento das sementes. Nem *Tabernaemontana*, como a classificara Veloso, nem *Vallesia*, como a cria Riedel, embora não muito discrepante da primeira.

A consciência de que começava a pisar com firmeza num campo em que pontificavam verdadeiros sábios não altera em Freire Alemão aquela pureza do berço nem as linhas — tão belas — de seu caráter. Ao mestre que da Europa o descobre na humildade do magistério, confessa suas deficiências, revela seu embaraço e pede ajuda. Propõe-se a assinar a *Flora Brasiliensis*, apesar do grande sacrifício que lhe exigirá o alto custo da obra; solicita relação de obras sôbre ciências naturais do Brasil, "principalmente de autores brasileiros", das quais Martius esteja disposto a se desfazer; declara humildemente que se via na contingência de desenhar e litografar êle mesmo suas plantas, porquanto lhe pediam vinto e cinco mil-réis pela gravação de cada desenho. Contemplado assim, entende-se como verdadeira candura a declaração feita numa carta a Fischer, Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, em 1847: "Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zêlo e obstinação" [41].

---

[39] *Drypetes sessiliflora*, *Vicentia acuminata* e *Andradea floribunda*. Cf. n. 25 e *Catál.*, n.os 548 e 549.

[40] Cf. *Catál.*, n.º 550.

[41] Cf. *Catál.* e *Transcr.*, n.º 93.

Na segunda carta a Martius, adianta Freire Alemão duas notícias promissoras: primeira, que, após a consulta aos sábios europeus e a aquisição de mais domínio do assunto pretendia recorrer à proteção imperial para editar uma obra botânica; a segunda, que se encontrava em seu poder preciosa coleção de desenhos de Arruda da Câmara, em cuja divulgação pretendia empenhar-se[42]. Acompanham tais informações notas e desenhos sôbre as plantas que se encontravam em ordem imediata de publicação: o pau-pereira e o maririçó *(Poarchon fluminensis)*[43]. Demorou-se o aprontamento da segunda, que seria publicada em dezembro de 1846, de forma que na terceira carta (22-6-1846), escrita muito à pressa para valer-se de um portador, seguiu apenas o *Geissospermum Vellosii* e a primeira planta de Arruda.

A carta de 13 de maio de 1847 — quarta — é das mais interessantes dessa correspondência, porquanto de seu texto se depreende que Martius discutia superiormente os problemas que lhe pareciam saltar das classificações de Freire Alemão, como no caso da *Andradea floribunda* e do maririçó — discussão que de resto era igualmente bem sustentada por seu correspondente. Mais valioso, porém, é êsse documento pela informação de que junto seguira uma relação de árvores do Brasil[44], de cujo estudo se ocupava Freire Alemão e que resultara de alguns anos de observações e apontamentos.

Tal atitude, que hoje nos causa estranheza, espelhava bem a simplicidade de alma do naturalista. Não fôra esta a primeira antecipação de estudos inéditos, como vimos; nem seria a última. Dêsse desprendimento nasceu a afirmação, da parte de alguns, de que Freire Alemão, tendo contra si o ineditismo de certos trabalhos, era espoliado em suas descobertas, e chegou-se a atribuir a êle próprio palavras de ressentimento em relação a Martius.

Ora, o desabafo, cuja veiculação partiu de seu discípulo e colega José de Saldanha da Gama[45], parece ter sido mais uma decorrência do entusiasmo do apologista que expressão da verdade. Não se encontra em nenhuma das cartas a Martius — e aqui se transcrevem tôdas elas —; não se coadunava com o feitio moral de Freire Alemão; não seria justo para com o naturalista da *Flora Brasiliensis,* que sempre teve pelo brasileiro uma afeição realmente profunda. As relações entre os dois sábios iam além do mero intercâmbio científico: havia nesse contacto certo calor humano. Martius queixava-se da ausência de notí-

---

[42] Recebera-o Freire Alemão do Doutor Manuel Ildefonso Gomes. Cf. *Arch. Med. Brasil.,* t. II, n.º 7, mar. 1846, p. 146, onde, em nota prévia à publicação da *Azeredia Pernambucana* de Arruda da Câmara, se encontram pormenores do acervo.

[43] Cf. *Catál.* n.º 553.

[44] Cf. *Catál.* e *Transcr.,* n.º 555.

[45] Cf. "Biografia e apreciação dos trabalhos do botânico brasileiro Francisco Freire Alemão", *in Revista* do I. H. G. B., t. XXXVIII, parte 2.ª, 1875, ps. 51-126.

cias, protestando que seus fascículos da *Flora* deviam ser considerados "epístolas impressas"; a mesma queixa fazia nas cartas a outras personalidades, das quais indagava sempre de Freire Alemão, reiterando a admiração que lhe dedicava. Em 11 de abril de 1863, escrevendo ao cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, assim se manifestava: "Êste sábio (Freire Alemão), há muitos anos que não me participa notícias suas, mas eu não deixei [de] mandar-lhe minhas *epístolas impressas*, as continuações da *Flora Brasiliensis*. Hei de receber com sumo agrado tanto o relatório da Comissão Científica do Ceará como amostras das plantas por êle descobertas e que deviam entrar na *Flora Brasiliensis* naturalmente sempre com o seu nome"[46]. E em 12 de julho de 1865: "Desejo muito que o célebre Doutor Freire Alemão tenha a bondade de comunicar bem cedo as suas descobertas botânicas no Ceará, para poderem entrar [n]a *Flora Brasiliensis* que me ocupa sem interrupção"[47].

O comportamento de Freire Alemão não decorria, de forma alguma, de animosidade. Choques emocionais, dissabores em sua vida particular, incompreensões na esfera administrativa abalavam-lhe, desde havia algum tempo, o ânimo para o trabalho, como veremos mais adiante. Era de índole confessadamente pachorrenta; devia tudo fazer pelas próprias mãos, daí que protelasse constantemente o atendimento aos pedidos que lhe fazia Martius. Mas a afirmação contida na última carta ao naturalista germânico (14-1-1867) contraria de plano o lendário desabafo: "Eu devo aqui confessar-me penhorado do que Vossa Senhoria tem feito a meu respeito fazendo publicar na sua magnífica *Flora do Brasil*, em meu nome, quanto lhe tenho mandado em manuscrito".

Como se vê, Freire Alemão antecipou a Martius, no correr de vinte anos, estudos botânicos que nem sempre chegaram a ser publicados; o reconhecimento pela honesta atribuição de autoria ocorre não só na derradeira, mas também noutras cartas.

A relação de madeiras do Brasil foi motivo de consultas, discussões e esclarecimentos a partir da sexta carta do brasileiro. O fato de que se hajam alienado do espólio científico de Freire Alemão os autógrafos de Martius elide muitas das questões por êle levantadas a respeito dos espécimes relacionados; sòmente através das respostas pode-se deduzir de sua importância.

Se a quinta carta (7-12-1847) era apenas pretexto para o envio das duas últimas plantas publicadas no Rio de Janeiro (*Silvia navalium* e *Myrocarpus fastigiatus*[48]), essa sexta (30-8-1848) é prenhe de assuntos. Comentários sôbre as plantas já publicadas, sôbre o oiti, que tanto interessava a Martius, sôbre a florescência das árvores florestais, etc. Pede-se notícia sôbre a vida e a obra

---

46 Biblioteca Nacional, S. Mss., I-3,9,61.

47 Biblioteca Nacional, S. Mss., I-3,9,62.

48 Cf. *Catál.*, n.os 556 e 557, respectivamente.

de Frei Leandro do Sacramento e a etimologia de algumas palavras com vistas a um compêndio de botânica — obra que se inseria nos propósitos de Freire Alemão. Depreende-se ainda do texto que Martius se prontificara a enviar ao amigo uma série de livros científicos alemães. A correspondência deixara de seguir na ocasião prevista, razão por que foi junto com a seguinte — bem curta — (21-9-1848), na qual se menciona o envio de nova descrição impressa — a da Urucurana (*Hieronyma alchorneoides*)[49] — e se dá outra informação significativa: a de que Freire Alemão cogitava reunir alguns poucos que se ocupavam com as ciências naturais e "formar um núcleo, ou comêço de uma Sociedade" cujo nome, em homenagem ao autor da *Flora Fluminensis,* seria "Sociedade Velosiana". Reconhecidamente o mais difícil, mas imprescindível, havia de ser a manutenção de um periódico próprio, a que se chamaria *O Precursor.* Veleidades, talvez; mas desejava comunicá-las para que de certo modo se sentisse obrigado à sua execução.

Em novembro de 1849, mais de um ano após a precedente, Freire Alemão escreve uma das cartas mais substanciais: além de duas novas plantas publicadas[50], seguia uma relação de árvores que haviam florescido naquele ano e no anterior — subsídio de tanta valia quanto o catálogo das madeiras que mandara a Martius em 1847. Comenta diversas plantas, principalmente dentre as estudadas por Frei Veloso e aponta correções tipográficas que se devem fazer na *Flora* velosina. Notícia desalentadora é a da interrupção do periódico em que publicava seus trabalhos, o *Arquivo Médico.*

Segundo se depreende das missivas imediatas, essa carta não chegou às mãos de Martius. Dois anos depois, à falta de resposta, Freire Alemão torna a escrever (23-11-1851), manifestando sua apreensão, da qual só sairá em julho do ano seguinte, quando, por uma carta do correspondente, terá confirmação do extravio dos papéis. Não só as descrições, como também amostras de ramos secos, flôres e frutos diversos, além de um exemplar encadernado da *Flora Fluminensis,* haviam tido fim desconhecido, muito embora houvessem sido entregues aos cuidados da casa Laemmert.

Essa carta de 1851, curta, inquieta, é também um documento bem humano: estando às vésperas da jubilação na Escola de Medicina, e conseqüentemente com seus ordenados muito reduzidos, confessa-se o velho mestre impossibilitado de manter a subscrição "de uma obra tão cara", como a *Flora* de Martius, o que fazia, conforme suas próprias palavras, com bastante pesar "e não sem alguma vergonha".

A décima carta (21-7-1852), da qual se deduz a confirmação, por Martius, do extravio do material botânico, impugna de vez a alegação de ressentimentos no trato entre os dois botânicos. Há nas palavras de Freire Alemão incontestá-

---

[49] Cf. *Catál.,* n.º 559.

[50] *Myrocarpus frondosus* (Óleo-pardo) e *Ophthalmoblapton macrophyllum* (Santa-luzia).

vel alegria em ver reatada a correspondência: "Agradeço a Vossa Senhoria sumamente a maneira obsequiosa, com que me trata: e fico muito satisfeito com se dissiparem as minhas apreensões e suspeitas de que Vossa Senhoria tivesse alguma razão para suspender a sua correspondência comigo, quando eu não podia descobrir em minha consciência qual seria essa razão". E mais adiante, após transcrever a carta e a relação de árvores, que se haviam perdido: "Daqui a dois ou três meses lhe escreverei devagar; teremos longamente que conversar".

A conversa foi retomada no mesmo ano (22 de dezembro). Ciente de que a Freire Alemão lhe era impossível continuar com a subscrição da *Flora Brasiliensis,* como constrangidamente lhe confessara, prontificou-se Martius a lhe oferecer daí para diante os fascículos da obra. Fundara-se a Sociedade Velosiana, cujos trabalhos eram provisòriamente publicados no *Guanabara;* aqui saíra, entre outras coisas, uma relação de árvores de construção, algo mais adiantado que os dois catálogos precedentes [51].

Desculpando-se pela imperfeição dêsses apontamentos, Freire Alemão antecipa seu fim: "são por ora preparativos para uma obra definitiva, que se Deus me conservar vida e saúde, pertendo fazer; e que será intitulada — *Arboretum* ou *Arborarium Fluminense;* porque aí só me ocuparei das árvores florestais, e de construção". O vinhático-amarelo *(Echyrospermum Balthazari),* o oiti *(Soaresia nitida)* e o tatu *(Vazea indurata)* eram as novas descrições que oferecia a Martius e cuja leitura fizera na Sociedade Velosiana.

Contràriamente ao de 52, tão proveitoso para seus trabalhos, o ano de 1853 foi-lhe de esterilidade, segundo declara em novembro dêsse ano. A quase nenhuma florescência das árvores, o desarranjo de sua vida particular, as diligências para a jubilação, etc., influíram nesse pouco rendimento.

Mas não fôra assim tão desalentador êsse ano. Os trabalhos lidos na Sociedade Velosiana e a publicação de algumas plantas novas contrariariam seu pessimismo.

A declaração deve ser tomada mais como exteriorização melancólica em relação à vida prática: jubilado por essa época, Freire Alemão se deparava com problemas financeiros ponderáveis, que já o haviam levado antecipadamente a suspender a subscrição da *Flora Brasiliensis.* Do ponto de vista científico, 1853 foi ano até bem propício. Às memórias então publicadas iria Martius referir-se elogiosamente, como se depreende da carta que em 20 de fevereiro de 1855 lhe escreve Freire Alemão: "Muito folguei que meus ensaios botânicos anatômico-fisiológicos chamassem sôbre si alguma atenção dos sábios da Europa: isso nos anima a progredir, e a fazer novos esforços, dos quais não aspiramos a outro prêmio".

A *Hieronyma alchorneoides* volta a ser objeto de reparo por parte de Martius, no que toca à sua inclusão entre as euforbiáceas, reparo que aliás é

---

51 *Cf. Catál., n.os 571 e 575.*

aceito por Freire Alemão. A criação de um gênero novo para a planta, entretanto, é sustentada pelo brasileiro, embora submetendo-a ao juízo do mais experimentado.

Uma exposição dos caracteres do fruto e do embrião da *Maclura affinis* — ausentes da *Flora Brasiliensis* —, que transcrevera de seus borrões, completava as notas científicas de mais importância desta carta. Escrito em fevereiro, só em junho seguiria o autógrafo, por obséquio do barão de Capanema, então de viagem à Europa, conforme se vê do bilhete de 4 de junho.

A preocupação manifestada por Freire Alemão de escrever a Martius pelo menos uma vez por ano nem sempre se concretizou. Para isso contribuía, em parte, a expectativa das respostas; mas no fundo, o que realmente ocasionava a irregularidade da correspondência era a índole preguiçosa, a feição acomodatícia do brasileiro, pelas quais volta e meia incriminava o clima tropical. Em resposta às notícias de 1855, recebe Freire Alemão, quase ao mesmo tempo, duas cartas de Martius: uma de 1856 e outra de 1857. Só em janeiro de 1859 — quatro anos passados — tornará à correspondência, não sem justificar tão longo mutismo com as atribulações de sua vida particular. Maior que tôdas era a volta ao magistério, chamado que fôra para reger a cátedra de Botânica na Escola Central. Uma novidade, que não deixaria de entusiasmá-lo, havia por contar: a expedição científica em vésperas de partida, cuja finalidade era a exploração de algumas províncias do Nordeste ("uma expedição de aprendizado, e de experiência para habilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes").

Mais quatro anos passarão até nova carta. Só a 20 de janeiro de 1863, encerrada já a tão criticada expedição, o botânico retoma a pena para comunicar a Martius os primeiros resultados de seu trabalho no Ceará. Não se fizera ainda o arranjamento metódico das amostras colhidas; mas, à vista da quantidade de espécimes e da delonga que exigiria sua classificação, resolvera ir publicando aquelas plantas que lhe parecessem novas ou mal conhecidas.

Considerando sua idade avançada e as dificuldades materiais com que teria de se defrontar, pressentia Freire Alemão a inexeqüibilidade da publicação completa dos estudos, mas ficaria para outros o acabamento da emprêsa.

Em 1862 saíra da tipografia, juntamente com um tomo introdutório, de caráter histórico, o primeiro fascículo sôbre a flora cearense. Era êste que acompanhava a carta dirigida a Martius. Três plantas apenas — a aroeira, o pirauá e o pau-branco — figuravam no folheto, mas uma extensa e bem feita monografia de Manuel Freire Alemão, sobrinho e discípulo do mestre do Mendanha, reforçava a qualidade da publicação.

Dois fascículos mais se imprimiriam nos anos de 64 e 66, e são êsses que vão destinados a Martius pela carta de 14 de janeiro de 1867.

Apressara-se o sábio alemão a comentar em 63 as plantas do primeiro fascículo; só agora se abalançava Freire Alemão a debater as considerações que

lhe haviam sido feitas. A classificação das plantas iniciais se fizera um tanto dubitativamente, e as argüições de Martius encontram até certo ponto, como se depreende, assentimento ("dócil me submeto ao juízo dos que sabem mais do que eu").

Carta lúcida, serena, que impressiona pela clareza das idéias, pela nobreza de atitudes, revelando aos setenta anos de idade um homem de corpo inteiro. A humanidade, que o faz submeter-se ao juízo dos mais doutos, fá-lo também reiterar seu reconhecimento pela distinção de ver seus manuscritos honestamente aproveitados na *Flora Brasiliensis* e mais uma vez insiste na manutenção do aprêço e da amizade com que fôra sempre contemplado. Estava no limite de sua capacidade intelectual, no extremo da resistência física. Sem ressentimentos, encerra com esta carta seu contacto com o mundo científico europeu.

O RAMO TOMBADO

Quando volta do Ceará, está Freire Alemão com sessenta e quatro anos de idade. A estada no Nordeste, malgrado as canseiras físicas, os aborrecimentos, representara para êle algo de animador. Das numerosas notas ali colhidas, vemos formar-se a imagem de um homem bem-humorado, pôsto que discreto, conversador e sensível à graça feminina. O reencontro com o Rio de Janeiro, se lhe traz a alegria do convívio familiar e da casa de Porangaba, traz também a dura realidade do magistério na Escola Central, com as viagens fatigantes e o roubo de tempo ao estudo de suas plantas. Pensa renunciar de vez ao ensino, mas cede a considerações persuasivas.

Em 1862, por incumbência oficial, viaja através de alguns municípios fluminenses com o objetivo de estudar certa praga que devastava as plantações cafeeiras; em 1863 morre-lhe o sobrinho, em quem veria, senão um continuador de seus trabalhos, um confrade de maiores perspectivas. Êsse golpe, mais que os dissabores de vária natureza que se lhe deparam, deve tê-lo inclinado ao casamento com a sobrinha Maria Angélica, no ano seguinte: sentindo as sombras que lhe descem ao redor, tomado de achaques físicos, busca nesse enlace o amparo afetivo de cuja falta a índole melancólica e o sentimento de solidão se ressentiriam.

O trabalho na Escola Central, por outro lado, traz-lhe em 1866 contrariedade incontornável, que o faz decidir-se de vez pela demissão. Tendo pleiteado, à vista de seu tempo de serviço, o afastamento e a melhoria de proventos como professor jubilado da Escola de Medicina, vira absurdamente contrariada a pretensão, o que o levou à atitude extrema.

Ainda uma vez manifestou-se a superioridade do imperador, à revelia do qual se teriam passado aquêles fatos. A nomeação para o cargo de diretor do Museu Nacional, que se dá logo após, era uma condenação tácita à injustiça que atingira o velho sábio.

São anos tristes os que se seguem. Um provável derrame cerebral inicia a derrocada daquele espírito de tão impressionante lucidez, revelado em todo seu porte ainda recentemente, na carta que dirigira a Martius em janeiro de 1867. Demora-se a maior parte do tempo em Porangaba; dali tenta inùtilmente responder a uma carta de Araújo Pôrto-Alegre: desalinham-se-lhe as frases, foge-lhe da memória até o nome do amigo. Em 1872, escreve a Baillon: "A minha moléstia, que foi uma sorte de apoplexia, me pôs em miserável estado, e muito surdo, muito esquecido, com a cabeça perdida, mal posso escrever em francês". No ano seguinte, preparando-se para esperar no sossêgo do chão natal o remate de seus dias, despede-se comovidamente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: "Achando-me no ano 76 de minha idade, e afligido de moléstia grave do cérebro, e sem esperança de restabelecimento, é de meu dever, enquanto me resta algum alento, vir agradecer ao Instituto os favores que lhe devo, e dar-lhe o meu triste adeus". Quase ao cabo da vida, a mesma humildade e a estóica resignação que o fazia suportar as dificuldades de ordem material, a pobreza em que nascera e em que sempre vivera. De tal estado fala com mais veemência a frase lançada ao final da última versão da "Notícia sôbre a minha vida": "Eu na idade de 76 anos passados, doente e cansado, devo retirar-me, e esperar o têrmo de minha existência". Datou-a de fevereiro de 1874. Em fins dêsse ano acometeu-o um segundo "ataque de cabeça", que o prostraria de vez na madrugada de 11 de novembro.

DARCY DAMASCENO

ADVERTÊNCIA

A COLEÇÃO

Os papéis de Freire Alemão incorporaram-se ao patrimônio da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em diferentes épocas. Os "Estudos Botânicos" já figuravam na Exposição de História do Brasil de 1881; de 1913 é o grosso do acervo: correspondência ativa e passiva, documentos biográficos, papéis da expedição ao Ceará, etc. Destino diverso e desconhecido tiveram dois grupos de documentos: os desenhos de cenas de viagens feitos pelo botânico no Ceará e as cartas de naturalistas estrangeiros.

A correspondência ativa compõe-se, salvo nos casos que no *Catálogo* se indicam, de cópias autógrafas; a mantida com botânicos europeus foi transcrita em códice pelo Autor, por volta de 1863 (S. Mss., 13,2,15), tendo entrado na Biblioteca Nacional em 1895.

O CATÁLOGO

Em *I. Documentos biográficos,* exceção feita aos n.os 23, 33, 47, 49, 53, 60 e 61, são originais tôdas as peças.

Em *II. Correspondência ativa,* são originais os n.os 66, 168, 185 e 203; os demais, cópias autógrafas. Os n.os 185 e 203 pertencem à Coleção Gonçalves Dias.

Em *III. Correspondência passiva* e *IV. Correspondência alheia,* são cópias os n.os 337, 465, 502, 533 e 540.

São autógrafos todos os docs. dos itens V-IX, à exceção de uns poucos impressos, como adverte o respectivo verbête.

Em X. *Trabalhos de autoria alheia,* são cópias os n.os 811, 813, 815, 816, 818-822, 826-829, 832, 833, 835 e 837.

Sob o item *VIII. Papéis da expedição ao Ceará,* agruparam-se apenas os apontamentos originais de Freire Alemão. Em qualquer dos demais itens, excetuados I, V e VII, ocorrerão também documentos relativos à Comissão Científica de Exploração.

Os documentos titulados tiveram respeitada essa característica, que vai aspeada ou em itálico. Fora dêsse caso, o enunciado do verbête ou os títulos entre colchêtes procuraram sempre refletir o assunto da respectiva peça.

A EDIÇÃO

Atualizou-se a ortografia dos documentos, respeitando-se entretanto os casos de oscilação fonética (ex., sepepira/sipipira; descuberto/descoberto; hervário/herbário; etc.).

Os têrmos científicos guardam a forma original; palavras ou expressões latinas, de duvidosa grafia, foram igualmente respeitadas.

Em *Transcrições*, elegeram-se peças inéditas; dentre essas, as que apresentavam melhor acabamento redacional, para a parte botânica; para a relativa à expedição ao Ceará, escolheram-se os documentos que, em conjunto, oferecessem a imagem de uma realidade viva.

Da correspondência ativa, selecionaram-se as cartas a Martius e algumas endereçadas a outros naturalistas europeus; dessas, traduziram-se as escritas em francês. Excepcionalmente, reproduziu-se a carta a uma das irmãs, em vista da relação que guarda com as peças referentes ao Ceará.

Nos índices organizados para os dezessete tomos dos "Estudos Botânicos" e para os nove da "Flora Cearense" pretendeu-se registrar todos os nomes — botânicos e vulgares — identificadores das plantas estudadas. A intenção de informar relevará, com a quantidade de registros, a ignorância científica.

As notas de pé-de-página precedidas de asterisco são de Freire Alemão; as numeradas são dos editôres.

AS ABREVIATURAS

De publicações citadas são as seguintes:

Arch. Med. Brasil.	*Archivo Medico Brasileiro*
Cat. Exp. Hist. Braz.	*Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*
Min. Brasil.	*Minerva Brasiliense*
Rev. Brazil.	*Revista Brazileira*
Rev. I.H.G.B.	*Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Trab. Com. Scient. Expl.	*Trabalhos da Comissão Scientifica de Exploração*
Trab. Soc. Vel.	*Trabalhos da Sociedade Vellosiana*

São óbvias as demais.

CATÁLOGO

I. DOCUMENTOS BIOGRÁFICOS

1 Carta de habilitação em Cirurgia e Medicina, passada em favor de Francisco Freire Alemão de Cisneiro [*sic*] pelo barão de Inhomirim, diretor da Academia Médico-Cirúrgica da Côrte. Rio de Janeiro, 26 abr. 1828.

I-28,5,30

2 Recibos (2) de pagamentos de taxas relativas a inscrição e freqüência dados pela Faculdade de Medicina de Paris em favor de Freire Alemão. Paris, 20 jul. 1831.

I-28,5,31

3 Diploma de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Paris expedido pelo conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão. Paris, 30 dez. 1831.

I-28,5,32

4 Diploma da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24 maio 1832.

I-28,5,33

5 Ofício da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional a Francisco Freire Alemão, participando-lhe a nomeação para membro suplente de seu Conselho. Rio de Janeiro, 30 abr. 1833.

I-28,5,36

6 Carta da Regência, nomeando Francisco Freire Alemão lente da cadeira de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 10 jun. 1833.

I-28,5,35 e 37

7 Diploma de membro do Institut Historique expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Paris, 25 jul. 1835.

I-28,5,38

8 Avaliação dos bens do finado João Freire Alemão. Mendanha, 24 set. 1836.

I-28,5,39

9 Diploma da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional em nome de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 22 dez. 1836.

I-28,5,40

10 Ofício do Conselho da Sociedade Filomática Fluminense a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe a concessão do título de membro da Sociedade. [Rio de Janeiro] 12 jan. 1839.

I-28,5,41

11 Notas (3) de João Manuel Pires & Cia. referentes a fornecimentos de gêneros alimentícios ao Dr. Freire Alemão. Rio de Janeiro, jan. 1839 — dez. 1840.

I-28,5,42

12 Ato do marquês de Itanhaém, nomeando Francisco Freire Alemão médico do Imperador. Palácio da Boa Vista, 28 mar. 1840.

I-28,5,43

13 Ato do Imperador confirmando a nomeação de Francisco Freire Alemão para médico da Imperial Câmara. Rio de Janeiro, 23 jul. 1840.

I-28,5,44

14 Requerimento de Francisco Freire Alemão ao Imperador, solicitando um mês e meio de licença com vencimentos para fazer estudos de botânica fora da Côrte. [Rio de Janeiro] 9 set. 1841.

I-28,5,45

15 Ato de Cândido José de Araújo Viana, em nome do Imperador, concedendo a Francisco Freire Alemão um mês e meio de licença com vencimentos. Rio de Janeiro, 9 set. 1841.

I-28,5,46

16 Diploma da Academia Delle Scienze da Societá Reale Borbonica, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio correspondente. Nápoles, 15 set. 1841.

I-28,5,47

17 Ato de Antônio José de Paiva Guedes de Andrade, da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, para que Francisco Freire Alemão pudesse pagar a jóia referente ao diploma de cavaleiro da Ordem de Cristo. [Rio de Janeiro] 21 mar. 1842.

I-28,5,48

18 Ato de Cândido José de Araújo Viana, mandando, em nome do Imperador, que se fizessem a Francisco Freire Alemão as provanças e habilitações para receber o hábito da Ordem de Cristo. Rio de Janeiro, 26 mar. 1842.

I-28,5,49

19 Requerimento de Freire Alemão ao Imperador, solicitando uma licença de mês e meio a fim de, fora da cidade, poder curar-se de umas febres. Rio de Janeiro, 12 abr. 1843. (Acompanha carta da mesma data a destinatário não mencionado, solicitando urgência no encaminhamento da petição).

I-28,5,54 n.os 1 e 2

20 Ofício do Ministério e Real Secretaria de Estado da Presidência do Conselho dos Ministros do Reino das Duas Sicílias a Francisco Freire Alemão, participando que lhe fôra conferida a Cruz de Cavaleiro da Real Ordem de Francisco I. Nápoles, 28 maio 1843.

I-28,5,50

21 Diploma de membro da Academia Pontaniana expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Nápoles, 6 jul. 1843.

I-28,5,51

22 Cópia autenticada do decreto de Ferdinando II, Rei das Duas Sicílias, pelo qual Francisco Freire Alemão era nomeado sócio correspondente do Reale Istituto d'Incoraggiamento alle Scienze Naturale. Nápoles, 25 jul. 1843.

I-28,5,52

23 Diploma expedido pelo mesmo Instituto em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o sócio correspondente estrangeiro. Nápoles, 18 set. 1845.

I-28,5,53

24 Ato de José Carlos Pereira de Almeida Tôrres, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão uma licença de mês e meio, com os respectivos vencimentos. Rio de Janeiro, 14 abr. 1845.

I-28,5,55

25 Ato de Joaquim Marcelino de Brito, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão uma licença de quinze dias, com os respectivos vencimentos. Rio de Janeiro, 5 agô. 1846.

I-28,5,56

26 Nota de pagamento da cota de 20 francos, em nome de Freire Alemão, como membro do Institut Historique de France. Paris, 10 agô. 1846.

I-28,5,57

27 Carta da Irmandade de Jerusalém, assinada por Frei Leonardo da Encarnação Santana, Comissário Geral da Terra Santa, recebendo a Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 1 nov. 1846. (Impresso)

I-28,5,58

28 Diploma passado pela Academia Filomática do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, conferindo-lhe o título de seu membro honorário. Rio de Janeiro, 8 set. 1847.

I-28,5,59

29 Diploma de membro da Regia Societas Botanica Ratisbonensis expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Ratisbona, 1 jan. 1848.

I-28,5,60

30 Diploma de membro honorário do Ginásio Brasileiro expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 14 set. 1850.

I-28,5,61

31 Diploma da Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 11 out. 1850.

I-28,5,62

32 Requerimento de Freire Alemão ao Imperador, solicitando jubilação como lente de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 30 jun. 1853.
I-28,5,63

33 "Dr. Francisco Freire Alemão". Artigo publicado em *A Nação* de 27 agô. 1853. (Cópia por letra de Freire Alemão. Ocorre também cópia da carta dêste a um amigo, na qual é feita severa censura ao autor do artigo. *2 set. 1853*)
I-28,5,64

34 Diploma de membro honorário da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Comércio e Artes da Província de São Paulo expedido em favor de Francisco Freire Alemão. São Paulo, 16 set. 18[53]
I-28,5,65

35 Carta de jubilação como lente de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia expedida por D. Pedro II em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 10 dez. 1853.
I-28,5,66

36 Ato do visconde de Paraná, estipulando o ordenado a que faz juz Francisco Freire Alemão como lente jubilado da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Tesouro Nacional, 16 fev. 1854.
I-28,5,67

37 Nota de fornecimento de material de construção passada por Joaquim Barbosa de Morais contra Freire Alemão. Mendanha, 22 jul. 1854.
I-28,5,68

38 Título de membro honorário da Academia Imperial das Belas Artes do Rio de Janeiro expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 24 nov. 1855.
I-28,5,69

39 Notas de despesas várias de Freire Alemão. [s. l.] dez. 1855.
I-28,5,70

40 Notas de despesas diversas de Freire Alemão. [s. l.] 1856-60.
I-28,5,71

41 Ato de nomeação de Francisco Freire Alemão para o cargo de presidente da Comissão Científica de Exploração, assinado pelo Imperador. Rio de Janeiro, 7 mar. 1857.
I-28,5,72

42 Título de nomeação de Francisco Freire Alemão para o lugar de lente de Botânica e Zoologia da Escola Central, passado por Jerônimo Francisco Coelho. Rio de Janeiro, 20 abr. 1858.
I-28,5,74

43 Abaixo-assinado de uma comissão de alunos da aula de Botânica da Escola Central, entregando a Freire Alemão uma lembrança, como prova de reconhecimento e gratidão. Rio de Janeiro, 21 dez. 1858. (Firmado por André Pinto Rebouças, José Correia de Aguiar, José Carneiro da Rocha e Antônio Pereira Rebouças)
I-28,5,75

44 Ato de João de Almeida Pereira Filho, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão, presidente da Comissão Científica de Exploração, dois meses de licença com vencimentos. Rio de Janeiro, 23 maio 1860.
I-28,5,76

45 Nota das despesas pagas por Freire Alemão na Tesouraria da Província do Ceará para expedição do título que lhe conferia dois meses de licença. [Ceará] 23 maio 1860.
I-28,5,77

46 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão membro da Diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 10 nov. 1862.
I-28,5,78

47 Requerimento de Antônio Freire Alemão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, pedindo a concessão de uma pena d'água para um prédio de sua propriedade. Rio de Janeiro, 19 nov. 1862.
I-28,5,79

48 Diploma de membro da confraternidade do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, expedido em favor de Francisco Freire Alemão por frei Bernardino de Santa Cecília Ribeiro. Rio de Janeiro, 3 maio 1863.
I-28,5,80

49 Nota de falecimento do Dr. Manuel Freire Alemão de Cisneiros, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 16 maio 1863. (Cópia datilografada)
I-28,5,81

50 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 fev. 1866.
I-28,5,82

51 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 fev. 1866.
I-28,5,83

52 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão membro do Conselho Fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 7 jan. 1867.
I-28,5,84

53 Petição de Francisco Teixeira de Sousa Alves Júnior, advogado de Francisco Freire Alemão, a fim de que fôssem ouvidos os administradores de uma casa bancária falida a respeito de uma dívida de que julgava credor o seu constituinte. Rio de Janeiro, 14 maio 1867. (Acompanha um título de sócio comanditário da mesma casa)
I-28,5,85 n.os 1 e 2

54 Notas de despesas diversas de Freire Alemão. [s. l. set. 1869]
I-28,5,86

55 Notas de despesas particulares de Freire Alemão. [s. l. 1870]
I-28,5,87

56 Caderno de anotações particulares de Freire Alemão. [s. l.] 1872-74.
I-28,5,88

57 Ofício do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe que fôra elevado à categoria de Sócio Honorário. Rio de Janeiro, 23 jul. 1873. (Assinado por Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e acompanhado por cópias da proposta e do parecer da Comissão que opinara a respeito)
I-28,5,89 n.os 1-3

58 "Notícia sôbre a minha vida". Autobiografia. Rio de Janeiro. fev. 1874. (Acompanha outra versão intitulada "Apontamentos biográficos")
I-28,5,90 n.os 1 e 2

59 Relação dos exames prestados por Freire Alemão na Escola de Medicina de Paris. [s. l. n. d.]
I-28,5,91

60 Rascunhos do requerimento em que Freire Alemão pleiteava fôssem acrescentados ao tempo de serviço que tivera na Escola de Medicina os anos que já trabalhara na Escola Central, a fim de conseguir melhoria nos seus vencimentos de lente jubilado. [s. l. n. d.]
I-28,5,73

61 Nota sôbre a compra de uma escrava. [s. l. n. d.]
I-28,5,92

62 Apontamentos de D. Maria Freire de Vasconcelos sôbre a obra de Francisco Alemão e de Manuel Freire Alemão. [s. l. n. d.]
I-28,5,93

II. CORRESPONDÊNCIA ATIVA

63 A [Giovanni di] Brignoli [di Brunnoff] falando do pouco conhecimento que tinham os brasileiros das próprias riquezas naturais e prometendo enviar plantas. [Rio de Janeiro] 30 set. 1840.

13,2,15 n.º 1

64 Ao mesmo, dizendo que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro não possuía catálogo das próprias coleções e prometendo enviar sementes de plantas. Rio de Janeiro, 4 agô. 1841. (Em latim)

13,2,15 n.º 2

65 A destinatário não mencionado, despedindo-se e falando de umas encomendas. [Nápoles] 29 jun. [1843] (Em francês)

I-28,2,45

66 A Januário da Cunha Barbosa, remetendo umas brochuras para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 9 maio 1844. (Original)

I-28,1,1

67 A [Ferdinando] de Luca, agradecendo o envio de uma memória sôbre trabalhos geográficos. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)

I-28,1,2

68 A Cerocralli, agradecendo o envio de uma dissertação sôbre a utilidade da Geologia e suas relações com as demais ciências. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)

I-28,1,3

69 A [Renzi] Nanula, enviando o diploma de membro correspondente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)

I-28,1,4 n.º 1

70 A Pagano, acusando o recebimento de duas memórias: sôbre os banhos de mar e o torcicolo. [Rio de Janeiro, 10 maio 1844]

I-28,1,4 n.º 2

71 A Semmola, tratando da publicação de uns trabalhos dêste na *Revista Médica*. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)

I-28,1,5

72 A [Ferdinando de Luca] dando conta da entrega, ao Imperador, de livros que lhe eram destinados e falando do extravio de outros. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)

I-28,1,6

73 A Vicenzo Stellati, secretário perpétuo do Reale Istituto d'Incoraggiamento, agradecendo a concessão do título de membro correspondente daquela associação. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)

1-28,1,7

74 A [Karl Friedrick Phillip von] Martius, tratando de um opúsculo dêste sôbre plantas medicinais brasileiras e dando informações sôbre várias espécies botânicas. Rio de Janeiro, 20 jul. 1844.

13,2, 15 n.º 3

75 A [Filippo] Rizzi, comunicando a eleição dêste para membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,30 n.º 1

76 A Costa, comunicando a admissão dêste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,30 n.º 2

77 A Mancini, comunicando haver feito entrega ao Imperador de obras que lhe eram oferecidas. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,30 n.º 3

78 A [Ferdinando] de Luca, transmitindo os agradecimentos do Imperador pela oferta de obras que lhe fôra feita. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,34 n.º 1

79 A Monticelli, transmitindo os agradecimentos do Imperador pela oferta de obras que lhe fôra feita. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,34 n.º 2

80 A [Renzi] Nanula, comunicando a eleição dêste para membro correspondente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,34 n.º 3

81 Ao mesmo, comunicando-lhe a aclamação como sócio correspondente da Academia Imperial de Medicina e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,36 n.º 1

82 A Antônio Naclerio, agradecendo atenções recebidas quando de sua estada em Nápoles. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,36 n.º 2

83 A Semmola, comunicando a admissão dêste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,40 n.º 1

84 A Samantini, comunicando a admissão dêste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,40 n.º 2

85 A Antônio Naclerio, agradecendo outra e evocando os dias de camaradagem em Nápoles. [Rio de Janeiro] set. 1845.

I-28,1,8

86 A Martius, enviando descrições de plantas, cuja publicação iniciara em revistas do Rio de Janeiro, e informando sôbre algumas espécies botânicas. Rio de Janeiro, 20 dez. 1845.

13,2,15 n.º 5

87 A Michele Tenore, enviando algumas descrições ilustradas de plantas brasileiras. Rio de Janeiro, dez. 1845. (Em francês)

13,2,15 n.º 4

88 A Paulo Barbosa da Silva, falando de umas febres de que fôra acometido. [Rio de Janeiro] 1845.

I-28,1,9

89 A [Martius] enviando alguns trabalhos e declarando que se dedicava a colecionar madeiras de lei. Rio de Janeiro, 22 jun. 1846.

13,2,15 n.º 6

90 A Achille Richard, enviando a descrição de cinco plantas, que publicara. Rio de Janeiro, 29 jun. 1846. (Em francês)

13,2,15 n.º 7

91 Ao Dr. Rebêlo, pedindo remessa de material botânico do Rio Grande do Sul e dando instruções sôbre a preparação de sementes para estudo. [Rio de Janeiro] 18 dez. 1846.

I-28,1,10

92 A Paulo Barbosa da Silva, agradecendo a gentileza de haver estabelecido relações entre o missivista e o diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo. [Rio de Janeiro] 13 maio 1847. (Ocorre outra cópia)

I-28,1,11 n.os 1 e 2

93 A T. E. L. Fischer, diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, tratando de assuntos científicos e descrevendo algumas plantas brasileiras. Rio de Janeiro, 13 maio 1847. (Em francês)

13,2,15 n.º 8

94 A Martius, tratando de várias espécies botânicas, entre as quais o mariçô e o pau-brasil. Rio de Janeiro, 13 maio 1847. (Ocorre outra cópia em I-28,1,12. Veja-se adiante o n.º 555)

13,2,15 n.º 9

95 Ao mesmo, tratando de espécies botânicas, entre as quais o tapinhoã e o cabureíba. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847.

13,2,15 n.º 10

96 A Fischer, enviando a descrição de duas espécies de madeiras de lei. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. (Em francês)

13,2,15 n.º 11

97 A Michele Tenore, enviando trabalhos científicos destinados a sociedades italianas. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. (Em francês)

13,2,15 n.º 12

98 A Paulo Barbosa da Silva, enviando notícias do Brasil. [Rio de Janeiro] 10 dez. 1847.

I-28,1,13

99 A destinatário ignorado, escusando-se por não poder comparecer à instalação de uma junta revisora de qualificação da paróquia do Engenho Velho. Marapicu, 13 jan. 1848.

I-28,1,14

100 A [José] Ribeiro [da Silva] agradecendo a oferta de um opúsculo sôbre o cólera-morbo e tratando de assuntos vários. Rio de Janeiro, 30 mar. 1848. (Danificada)

I-28,1,15

101 A Martius, descrevendo várias espécies botânicas, entre as quais a *Andradea floribunda* (tapaciriba-amarela) e a *Vicentia acuminata.* [Rio de Janeiro] 30 agô. 1848.

13,2,15 n.º 13

102 Ao mesmo, falando de seus projetos de reunir pessoas que se ocupavam com estudos de ciências naturais para formar uma sociedade e publicar um periódico científico. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848.

13,2,15 n.º 14

103 A José Ribeiro da Silva, referindo-se ao desenvolvimento industrial do Brasil. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848.

I-28,1,16

104 A Paulo Barbosa da Silva, dando notícias de uma enfermidade do Imperador e tratando de assuntos vários. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848.

I-28,1,17

105 A destinatário não mencionado, pedindo informações a respeito da depreciação do chá brasileiro, a fim de responder a uma consulta feita à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro] 21 set. [1848]

I-28,2,48

106 A Caetano Alberto Soares e Lourenço Vieira de Sousa Meireles, enviando o esbôço de um relatório sôbre a depreciação do chá brasileiro. [Rio de Janeiro] 26 nov. 1848.

I-28,1,18

107 A Antônio Paulino Nogueira, pedindo informações biográficas sôbre um suposto parente dêste, o naturalista João da Silva Feijó. Engenho Velho, 15 abr. 1849. (Ocorre uma nota junto à data original — "Mendanha, 5 de fevereiro de 1847" — declarando perdida a carta. Foi então escrita a segunda)

I-28,1,19

108 Ao mesmo, pedindo notícias a respeito de Pedro Pereira Correia de Sena e a descoberta de quinas. Engenho Velho, 8 jul. 1849.
I-28,1,20

109 A Paulo Barbosa da Silva, enviando notícias suas. [Rio de Janeiro] nov. 1849.
I-28,1,21

110 A Martius, tratando de assuntos botânicos e enviando alguns trabalhos. Rio de Janeiro, 30 nov. 1849. (Veja-se adiante o n.º 563)
13,2,15 n.º 16

111 A Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, agradecendo o exemplar da *Memória histórica, etnográfica e política da Província da Bahia*. Rio de Janeiro, 1 dez. 1849.
13,2,15 n.º 15

112 A Américo de Urzedo, enviando notas a respeito do ensino médico no Rio de Janeiro antes do estabelecimento das escolas regulares. [s. l. 1849]
I-28,2,42

113 A José Ribeiro da Silva, dando conta das cartas que já lhe havia remetido. [Rio de Janeiro] 20 jun. 1850.
I-28,1,22

114 Ao mesmo, referindo-se a um pedido que fizera ao marquês de Maceió em favor do amigo. [Rio de Janeiro] 20 nov. 1850.
I-28,1,23

115 A Paulo Barbosa da Silva, tratando de assuntos sem importância. [Rio de Janeiro] 15 dez. 1850.
I-28,1,24

116 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, referindo-se ao oferecimento dos editôres do *Guanabara* para publicarem naquela fôlha trabalhos científicos. [Rio de Janeiro] 13 jan. 1851.
I-28,1,25

117 A destinatário ignorado, encaminhando papéis de uma sua parenta. [Rio de Janeiro] 7 mar. 1851.
I-28,1,26

118 A Nicolau Nogueira da Gama, enviando uma lista de madeiras. [Rio de Janeiro] 25 mar. 1851.
I-28,1.27

119 A [Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen] dando conta de assunto de interêsse dela. [Rio de Janeiro] 4 maio 1851.
I-28,1,28

120 À mesma, dando notícias da família. [Rio de Janeiro] 30 jun. [1851 (?)]
I-28,2,29

121 À mesma, tratando de interêsses dela. [Rio de Janeiro] 8 set. 1851.
I-28,1,29

122 A destinatário ignorado, intercedendo por assunto de uma sua parenta. [Rio de Janeiro, 1851]

I-28,2,49

123 A [Guilherme Schuch de] Capanema, propondo data mais conveniente para uma reunião da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 18 out. 1851.

I-28,1,30

124 A Paulo Barbosa [da Silva] tratando de assuntos sem importância. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851.

I-28,1,31

125 A Martius, indagando sôbre material que havia remetido dois anos antes e comunicando sua jubilação. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851.

13,2,15 n.º 17

126 A Augustin de Saint-Hilaire, enviando trabalhos seus a respeito de madeiras de lei. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851.

13,2,15 n.º 18

127 A Achille Richard, enviando seus estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 24 nov. 1851. (Ocorre a seguinte nota: "Destas 2 cartas mandadas a St.-Hilaire, e a Richard, não tive resposta nem sei se elas foram entregues") (Em francês)

13,2,15 n.º 19

128 A [José] Ribeiro [da Silva] enviando várias notícias sôbre a cidade do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] dez. 1851.

I-28,1,32

129 A [Francisco de] Paula Brito, indagando sôbre a tiragem do periódico *Guanabara*. [Rio de Janeiro, 1851]

I-28,2,28

130 A Paulo Barbosa da Silva, falando de uma epidemia que grassava na cidade. [Rio de Janeiro, 1851 (?)]

I-28,2,41

131 A Manuel Felizardo, intercedendo em favor de uma pretensão do tenente Antônio José da Costa. [Rio de Janeiro] 10 mar. 1852.

I-28,1,33

132 A [João Manuel] Pereira da Silva, intercedendo em favor do Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, que pretendia uma vaga na secretaria da Câmara dos Deputados. [Rio de Janeiro] abr. 1852.

I-28,1,34 n.º 1

133 A Paulo Cândido, intercedendo em favor do Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. [Rio de Janeiro, abr. 1852]

I-28,1,34 n.º 2

134 Ao Dr. Silveira, comunicando que êste fôra nomeado sócio efetivo da Sociedade Velosiana. Rio de Janeiro, 4 maio 1852.

I-28,1,35

135 A Martius, recapitulando as cartas que havia remetido ao botânico europeu. [Rio de Janeiro] 21 jul. 1852.
13,2,15 n.º 20

136 A Florinda [Narcisa Paula de Sá Chezen] dando notícias familiares. [Rio de Janeiro] 28 jul. 1852.
I-28,1,36

137 A [José] Ribeiro [da Silva] dando conta de seu projeto de se aposentar para viver no campo. Rio de Janeiro, 22 nov. 1852.
I-28,1,37

138 A Paulo Barbosa da Silva, mostrando-se contente com o restabelecimento da saúde do amigo. Rio de Janeiro, 22 nov. 1852.
I-28,1,38

139 A Custódio Alves Serrão, convidando-o a colaborar com a Sociedade Velosiana, que se encontrava em situação difícil. [Rio de Janeiro] 30 nov. 1852.
I-28,1,39

140 A Francisco Crispiniano Valdetaro, sugerindo a publicação, por intermédio da Sociedade Velosiana, de parte de um manuscrito de José Bonifácio de Andrada e Silva sôbre mineralogia. [Rio de Janeiro] 30 nov. 1852.
I-28,1,40

141 A [Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen] dando conta do estado de uma pretensão da mesma. Rio de Janeiro, 21 dez. 1852.
I-28,1,41

142 A Martius, remetendo alguns trabalhos sôbre madeiras de construção e fazendo considerações a respeito de árvores do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] 22 dez. 1852.
13,2,15 n.º 21

143 A [Domenico] Vandelli, declarando haver recebido e lido dois trabalhos dêste. [Rio de Janeiro] 22 mar. 1853.
I-28,1,43

144 A [Henrique de] Beaurepaire [Rohan] enviando lista de madeiras do Rio de Janeiro e tratando de assuntos correlatos. Rio de Janeiro, 16 maio 1853.
I-28,1,44

145 A destinatário ignorado, falando da inviabilidade de se incorporar a Sociedade Velosiana ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 6 out. 1853.
I-28,1,45

146 A José Ribeiro da Silva, mandando novas da cidade. Rio de Janeiro, 20 nov. 1853.
I-28,1,46

147 Ao Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, agradecendo uma carta e falando de suas atividades de botânico. Rio de Janeiro, 20 nov. 1853. (Em francês)
13,2,15 n.º 24

148 A Martius, dizendo que o desarranjo de sua vida não permitira maior dedicação aos estudos botânicos no ano de 1853. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1853.

13,2,15 n.º 22

149 A C. L. Blume, agradecendo um exemplar do 1.º vol. do *Museum Botanicum,* e falando da devastação feita pelos insetos em suas coleções de plantas. [Rio de Janeiro] 25 nov. 1853. (Em francês)

13,2,15 n.º 23

150 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, devolvendo um manuscrito e o livro de atas da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 14 dez. 1853.

I-28,1,47

151 Aos lentes e substitutos da Escola de Medicina, despedindo-se por se haver jubilado. [Rio de Janeiro] 18 dez. 1853. (Ocorre uma lista de nomes e respectivos endereços)

I-28,1,48

152 A John Miers, pedindo transmitir alguns papéis a George Bentham. [Rio de Janeiro] dez. 1853. (Ocorre a nota de que não recebera resposta, o que muito o constrangera)

13,2,15 n.º 32

153 Ao marquês de Abrantes, declarando não mais poder continuar a servir nas comissões da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, em vista da transferência de seu domicílio. Rio de Janeiro, 15 jan. 1854.

I-28,1,49

154 A Munis, pedindo informações sôbre a vida do P.ᵉ Veloso no convento de Santo Antônio. [s. l.] 20 abr. 1854.

I-28,1,50

155 A Luís Jacinto de Carvalho Freitas, desculpando-se por não fazer visitas. [s. l.] 14 jun. 1854.

I-28,1,51

156 A Francisco Antônio Marques, encarecendo a necessidade de se não deixar perder o fruto de certa árvore que já estaria florida. Rio de Janeiro, 14 jun. 1854.

I-28,1,52 n.º 1

157 Ao mesmo, reiterando o pedido feito anteriormente e acusando o recebimento de fragmentos da flor da mesma árvore. Mendanha, 29 jul. 1854.

I-28,1,52 n.º 2

158 A Domingos Lopes, pedindo diligência na edificação de sua casa. [Mendanha] 8 set. 1854.

I-28,1,53

159 A Alphonse de Candolle, tratando de assuntos vários. Rio de Janeiro, nov. 1854. (Em francês)

13,2,15 n.º 26

160 A José Matos (?) agradecendo os serviços prestados por um escravo dêste. [Mendanha] 29 dez. 1854.

I-28,1,54

161 A Martius, tratando de assuntos diversos ligados aos estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 20 fev. 1855.

13,2,15 n.º 25

162 A [Guilherme Schuch de Capanema] fazendo comentários a certa espécie botânica. Porangaba, 15 mar. 1855.

I-28,1,55

163 A Martius, enviando amostras de vegetais do Paraná. Rio de Janeiro, 4 jun. 1855.

13,2,15 n.º 27

164 Ao Príncipe Maximiliano [de Wied-Neuwied] falando das castanhas-do-maranhão e das sapucaias, cujas sementes se encontravam à venda. [Rio de Janeiro] 10 jun. 1855. (Em francês)

13,2,15 n.º 28

165 A [Antônio Freire Alemão] dando notícias da família. [Mendanha] 17 jul. 1855.

I-28,1,56

166 À viscondessa de Sepetiba, apresentando pêsames pela morte do visconde. Mendanha, 4 out. 1855.

I-28,1,57

167 A [Gregório de Castro Morais e Sousa] barão de Piraquara, desculpando-se por não poder ir visitá-lo. Mendanha, 30 out. 1855.

I-28,1,58

168 A [Antônio Freire Alemão] pedindo lhe enviasse algum dinheiro, em vista da impossibilidade de ir à Côrte a receber seus ordenados. Mendanha, 8 dez. [1855] (Original)

I-28,1,59

169 A [Gregório de Castro Morais e Sousa] barão de Piraquara, congratulando-se pelo restabelecimento dêste. [Mendanha] 10 dez. 1855.

I-28,1,60

170 A diversos parentes, comunicando o falecimento de pessoa da casa. [Medanha] 21 dez. [1855] (4 bilhetes)

I-28,1,62 n.ºs 1-4

171 Ao vigário de Marapicu, agradecendo expressões de confôrto por motivo do falecimento de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855.

I-28,1,61 n.º 1

172 Ao vigário de Campo Grande, agradecendo manifestações de pêsames pelo falecimento de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855.

I-28,1,61 n.º 2

173 Ao P.e Antônio, agradecendo manifestações de confôrto pela perda de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855.

I-28,1,61 n.º 3

174 A Oliveira Fausto, comunicando a mudança do endereço onde eram entregues os papéis que lhe remetia a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [s. l.] 19 mar. 1856.

I-28,1,63

175 A um primo, referindo-se ao falecimento de uma parenta. [s. l.] 16 abr. 1856.

I-28,1,64

176 Aos viscondes de São Salvador de Campos, apresentando pêsames pelo falecimento da marquesa de Maceió. Mendanha, 18 nov. 1856.

I-28,1,65

177 A L. Taizon, enviando amostras de espigas de trigo colhidas em São Gonçalo e sugerindo seu plantio em Campo Grande. Mendanha, 13 de jan. 1857.

I-28,1,66

178 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, encarecendo a necessidade do comparecimento dêste a uma reunião da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 5 jun. 1857.

I-28,1,67

179 A destinatário ignorado, noticiando a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II e falando da febre amarela. [Rio de Janeiro] 19 mar. 1858.

I-28,1,68

180 Ao diretor da Escola Central, dando conta do trabalho desempenhado na cadeira de Botânica Médica e Zoologia e anunciando sua próxima viagem com a Comissão Científica. [Rio de Janeiro] out. 1858.

I-28,1,69

181 A Martius, falando das dificuldades que encontrava para pesquisas, em vista de ter sido chamado novamente ao exercício do magistério. [Rio de Janeiro] 25 jan. 1859.

13,2,15 n.º 29

182 A [Alphonse] de Candolle, agradecendo a oferta de algumas memórias e enviando trabalhos seus. [Rio de Janeiro] 25 jan. 1859. (Em francês)

13,2,15 n.º 30

183 A uma das irmãs, enviando notícias suas e recomendando-se aos parentes. Fortaleza, 22 jun. [1859]

I-28,1,70

184 Ao [Ministro dos Negócios do Império] detalhando os primeiros trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. Fortaleza, 31 jul. 1859.

I-28,1,70A

185 A Antônio Gonçalves Dias, tratando da nomeação de um amanuense para a Seção de Etnografia da Comissão Científica. Aracati, 26 agô. 1859. (Original. Col. Gonçalvina)

I-5,2,42

186 À irmã Policena Freire, dando impressões do Ceará. Icó, 20 out. 1859.

I-28,1,70B

187 A S. M. Imperial, solicitando exoneração da Comissão Científica, em vista de não poder acompanhar as Seções Botânica e Zoológica nas excursões longínquas por elas planejadas. Pede ainda licença para ir até o Amazonas. Aracati, 11 set. [1859] (Ocorre outro rascunho, de 8 agô. 1859)

I-28,1,71 n.os 1 e 2

188 A João Franklin de Lima, esclarecendo mal-entendido a respeito de uma nomeação para a Comissão Científica. Icó, 10 out. 1859. (Ocorre outro rascunho)

I-28,1,72 n.os 1 e 2

189 A destinatário ignorado, resignando-se com a negativa de S. M. Imperial em conceder-lhe exoneração da presidência da Comissão Científica, e solicitando dois meses de licença da mesma função. Icó, 20 out. 1859. (Ocorre a nota de que o pedido foi reiterado em 11 fev. 1860, do Crato, na suposição de extravio da primeira carta)

I-28,1,73

190 A João Silveira de Sousa, agradecendo a comunicação de que viajaria para o Maranhão. Icó, 29 out. [1859]

I-28,1,74

191 Ao primo [Francisco Alves] fazendo longo relato sôbre o Ceará. [Fortaleza, 1859]

I-28,1,74A

192 A João de Almeida Pereira Filho, Ministro dos Negócios do Império, detalhando os trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. Crato, 20 fev. 1860.

I-28,1,74B

193 A destinatário ignorado, tratando de um relatório em que havia expressões desairosas à Comissão Científica. Fortaleza, 3 maio 1860.

I-28,1,75

194 Ao conselheiro Joaquim Francisco Viana, intercedendo em favor de José Antônio Teixeira, coletor das rendas gerais no município de Lavras, implicado em irregularidades administrativas. [Fortaleza] 23 maio 1860.

I-28,1,76

195 A Antônio Gonçalves Dias, tratando de assuntos relativos à Comissão Científica. Fortaleza, 5 set. 1860.

I-28,1,76A

196 A Giácomo Raja Gabaglia, tratando de assuntos da Comissão Científica. [Fortaleza, set. 1860]

I-28,2,32

197 A Azeredo, apresentando o cadete Miguel Luís da Gama, aluno da Escola Central. [s.l. 1860]

I-28,2,26 n.º 1

198 A Miguel Antônio da Silva [Júnior] apresentando o filho de um amigo, que estudava na Escola Central. [s.l. 1860]

I-28,2,26 n.º 2

199 A João de Almeida Pereira Filho, expondo as razões da impossibilidade de se pôr logo em prática a nova tabela de vencimentos para a Comissão Científica. Sobral, 10 jan. 1861.

I-28,1,76B

200 A [Antônio Freire Alemão] acusando o recebimento de notícias familiares. Sobral, 11 jan. 1861.

I-28,1,77

201 A Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência para ser remetida ao Rio de Janeiro. Sobral, 12 jan. [1861]

I-28,1,78

202 A João de Almeida Pereira Filho, detalhando o itinerário percorrido pela Seção de Botânica da Comissão Científica. Fortaleza, 16 mar. 1861.

I-28,1,79

203 A Antônio Gonçalves Dias, tratando das finanças da Comissão Científica e declarando seu propósito de encerrar os trabalhos da Seção de Botânica. Fortaleza, 19 mar. 1861. (Original. Col. Gonçalvina)

I-5,2,42

204 A João de Almeida Pereira Filho, dando conta dos trabalhos das várias seções da Comissão Científica. Ceará, 13 abr. 1861.

I-28,1,80

205 Ao Ministro dos Negócios do Império, declarando-se ciente de disposições administrativas a respeito da Comissão Científica. Ceará, 13 abr. 1861.

I-28,1,81

206 A S. M. Imperial, solicitando a concessão de licença, por três meses, a fim de fazer estudos botânicos no Amazonas. Fortaleza, 23 maio 1861.

I-28,1,82

207 A [João Franklin de Lima] desculpando-se por não poder ser portador de uma encomenda, em vista da incerteza de sua viagem ao Pará. Fortaleza, 26 maio 1861.

I-28,1,83

208 Ao [Ministro dos Negócios do Império] solicitando uma passagem para a espôsa de membro da Comissão Científica. Fortaleza, 9 jul. 1861. (Ocorre a nota de que a redação fôra bastante alterada)

I-28,1,84

209 A Tomás Pompeu [de Sousa Brasil] referindo-se a críticas formuladas contra a Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 31 out. 1861.

I-28,1,85

210 A [Frederico Leopoldo César] Burlamaqui, enviando parecer sôbre um trabalho dêste. [Rio de Janeiro] 12 nov. 1861.

I-28,1,86

211 A José Ildefonso de Sousa Ramos, declarando-se ciente da determinação de que fôssem encerrados os trabalhos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 15 nov. 1861.

I-28,1,87

212 Ao [Ministro dos Negócios do Império] declarando ser impossível dar contas imediatamente dos trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. [s. l. 1861 (?)]

I-28,1,88

213 A destinatário ignorado, solicitando se determinasse a remessa de exemplares da *Flora Fluminensis* ao botânico De Candolle. [s. l. 1861 (?)]

I-28,1,89

214 A destinatário ignorado, solicitando providências a respeito de uma caixa com amostras botânicas que fôra deixada na localidade de Sobral. [s. l. 1861 (?)]

I-28,1,90

215 A Eusébio de Queirós Coitinho Matoso Câmara, opinando sôbre dois compêndios de ciência agronômica para uso nas escolas primárias. Rio de Janeiro, 8 jan. 1862. (Ocorre outra cópia)

I-28,2,1 n.os 1-2

216 A Manuel Felizardo de Sousa e Melo, indagando sôbre assunto de sua viagem de inspeção à zona cafeeira da Província do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] 7 fev. [1862] (Ocorre a resposta de Sousa e Melo ao pé do documento. Original)

I-28,2,2

217 A Antônio Manuel de Melo, comandante da Escola Central, comunicando ter sido encarregado de uma comissão fora da Côrte. Rio de Janeiro, 24 fev. 1862.

I-28,2,3

218 A Domingos Machado Homem de Gusmão, dando conta do insucesso que teve em conseguir para o mesmo uma vaga no Museu ou no Instituto Agrícola. [Rio de Janeiro, 24 fev. 1862]

I-28,2,33

219 Ao Ministro da Agricultura, comunicando que iria iniciar sua viagem pela Província do Rio de Janeiro, a fim de fazer estudos sôbre moléstia que atacava os cafèzais. [Rio de Janeiro] 25 fev. [1862]

I-28,2,4

220 A Luís Alves Leite de Oliveira Belo, referindo-se a um soldado que fôra designado para acompanhá-lo durante sua viagem de estudo dos cafèzais da Província do Rio de Janeiro. Boa Vista e Paraíba, 2-15 mar. 1862.

I-28,2,5

221 Ao mesmo, comunicando que dispensara os serviços do soldado que o acompanhava na inspeção aos cafèzais da Província do Rio de Janeiro. São João do Príncipe, 4 abr. 1862.

I-28,2,6

222 A Guilherme Schuch de Capanema, solicitando relação de material necessário aos trabalhos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 26 jul. 1862.

I-28,2,7

223 Ao marquês de Olinda, solicitando fôsse concedida por mais um ano, ao Dr. Manuel Freire Alemão, a gratificação mensal que percebia como membro da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 26 jul. 1862.

I-28,2,8

224 Ao mesmo, submetendo ofício da Seção de Mineralogia da Comissão Científica, que pleiteava autorização para continuar seus trabalhos no Ceará. Rio de Janeiro, 26 jul. 1862.

I-28,2,9

225 Ao mesmo, comunicando que convocara os chefes de seções da Comissão Científica para assistirem à abertura de caixas de instrumentos e material coletado. Rio de Janeiro, 16 set. 1862.

I-28,2,10

226 Ao mesmo, referindo-se ao orçamento das despesas de várias seções da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, 1862]

I-28,2,37

227 A Daniel Hambury, tratando de uma encomenda, que recebera, de amostras de plantas brasileiras. Rio de Janeiro, 5 nov. 1862. (Em francês)

13,2,15 n.º 31

228 A [Giácomo Raja Gabaglia] comunicando que na Secretaria dos Negócios do Império se encontravam caixas de instrumentos científicos para serem por êle abertas. [s. l. 1862]

I-28,2,11 n.º 1

229 A Francisco Xavier Lopes de Araújo, declinando do convite para participar da Sociedade Cassino Militar em vista de residir fora da Côrte. [Mendanha, 1862 (?)]

I-28,2,11 n.º 2

230 A John Miers, enviando exemplares do primeiro folheto sôbre o resultado de suas pesquisas botânicas no Ceará. [Rio de Janeiro] jan. 1863. (Ocorre a nota de que não fôra recebida resposta)

13,2,15 n.º 33

231 A Martius, enviando exemplares do primeiro folheto sôbre plantas novas colhidas no Ceará. Rio de Janeiro, 20 jan. 1863.

13,2,15 n.º 34

232 A Alphonse de Candolle, enviando um exemplar da *Flora Fluminensis* de Veloso e folheto sôbre plantas novas colhidas no Ceará. Rio de Janeiro, 20 jan. 1863. (Em francês)

13,2,15 n.º 35

233 A José Clemente [Marques] desfazendo o negócio em tôrno de uma cabra. [s. l.] set. 1864.

I-28,2,13

234 A destinatário ignorado, requerendo solução para um pedido de melhoramento de sua jubilação. [s. l.] nov. 1864.

I-28,2,14

235 A [Guilherme Schuch de] Capanema, determinando fôsse providenciada uma exposição dos trabalhos da Comissão Científica, para se atender a ofício do Ministro do Império. [s. l.] 27 mar. 1865.

I-28,2,15

236 A [José Feliciano de Castilho] desculpando-se por não ter comparecido a uma reunião. [s. l.] 17 set. 1865.

I-28,2,44

237 A Jean Goncet, enviando informações autobiográficas para serem insertas na *Histoire Générale*. [Rio de Janeiro] 1865. (Acompanha lista das memórias que publicara)

13,2,15 n.º 37

238 A Michele Tenore, dando conta do seu trabalho de preparação do material botânico recolhido pela Comissão Científica. [s. l. 1865 (?)]

I-28,2,16

239 A S. M. Imperial, solicitando exoneração do lugar de lente de Botânica e Zoologia da Escola Central. [s. l.] 26 jan. 1866.

I-28,2,17

240 A Jean Goncet, restituindo provas tipográficas da parte que lhe dizia respeito na *Histoire Générale* e acrescentando uma lista de títulos honoríficos. Rio de Janeiro, 2 jun. 1866. (Em francês)

13,2,15 n.º 38

241 A Martius, agradecendo e discutindo observações dêste sôbre seus estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 14 jan. 1867.

13,2,15 n.º 39

242 A Alphonse de Candolle, enviando novas publicações suas. Rio de Janeiro, 15 jan. 1867. (Em francês)

13,2,15 n.º 40

243 A Jean Goncet, dizendo que o exemplar da *Histoire Générale* que êste lhe oferecia poderia ser entregue a qualquer brasileiro de passagem pela Suíça. Rio de Janeiro, 26 abr. 1867. (Em francês)

13,2,15 n.º 41

244 A Joaquim Maria Nascentes de Azambuja, enviando exemplares de uma obra em publicação. [s. l.] 2 maio 1867.

I-28,2,18

245 A José Joaquim Fernandes Tôrres, comunicando que foram reunidas às do Museu Nacional as coleções zoológicas pertencentes à Comissão Científica. Museu Nacional, 14 jun. 1867.

I-28,2,19 n.º 1

246 A John Miers, referindo-se ao envio de trabalhos seus a mestres europeus. [s. l. 1867 (?)] (Incompleta)

I-28,2,35

247 Ao [Presidente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional] respondendo a um pedido de se franquearem àquela instituição algumas salas do Museu Nacional. [s. l.] 19 maio 1868.

I-28,2,19 n.º 2

248 A Edouard Bureau, agradecendo a oferta de trabalhos científicos. [Rio de Janeiro] 20 set. 1869. (Em francês)

13,2,15 n.º 44

249 A Léon Marchand, agradecendo a oferta de algumas memórias botânicas. [Rio de Janeiro] 20 set. 1869. (Em francês)

13,2,15 n.º 45

250 A [Ernest-Henri] Baillon, agradecendo umas publicações recebidas. [Rio de Janeiro, 20] set. 1869. (Em francês)

13,2,15 n.º 43

251 A [Manuel de Araújo] Pôrto-Alegre, dando notícias de seu estado de saúde e dizendo-se desalentado para prosseguir em seus trabalhos. Fala na Comissão Científica. [s. l. 1869 (?)]

I-28,2,20

252 A [Ernest-Henri] Baillon, enviando algumas espécies de seu herbário, bem como publicações de sua autoria. [Rio de Janeiro] 1 agô. 1870. (Em francês)

13,2,15 n.º 46

253 Ao mesmo, desculpando-se pela demora em responder a uma carta, o que atribuía a seu precário estado de saúde. [Mendanha (?) 1872] (Incompleta)

I-28,2,21

254 A destinatário ignorado, prestando informações sôbre a *mutamba*. [Mendanha (?) 1872 (?)]

I-28,2,50

255 A [Manuel de Araújo] Pôrto-Alegre, mandando notícias de seu estado de saúde. [Mendanha (?) 1872 (?)]

I-28,2,22

256 Ao mesmo, falando da impossibilidade de visitá-lo em vista de seu precário estado de saúde. [Mendanha (?) 1872 (?)]

I-28,2,23

257 Ao presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, despedindo-se, por não poder, em vista de seu estado de saúde e avançada idade, continuar a conviver com os antigos colegas. [s. l.] jan. 1873. (Dois rascunhos)

I-28,2,24

258 A Paulo Cândido, fazendo severas restrições à obra de Amadeu Moura intitulada *Flora cuiabana*. [s. l. n. d.]

I-28,2,25 n.º 1

259 A Silvério Fernandes de Araújo, criticando a *Flora cuiabana* de Amadeu Moura. [s. l. n. d.]

I-28,2,25 n.º 2

260 A Francisco Batista de Azevedo, intercedendo por uma família cujo filho fôra designado para servir na campanha do Sul. [s. l. n. d.]

I-28,2,27

261 Ao [Secretário da Escola de Medicina] tratando de um incidente havido naquele estabelecimento quando da realização de um exame. [s. l. n. d.] (Incompleta)

I-28,2,31

262 Ao Sr. Pires, pedindo que visse num almanaque o enderêço do Dr. Morais. [s. l. n. d.]

I-28,2,38

263 Ao redator da *Revista Médica,* rebatendo uma questão de zoologia divulgada na imprensa. [s. l. n. d.]

I-28,2,39

264 Ao redator de um jornal, rebatendo opiniões expressas por um estudante a respeito de trote na Escola Central Militar. [s. l. n. d.]

I-28,2,43

265 A destinatário não mencionado, dizendo a que horas estaria livre de obrigações. [s. l. n. d.]

I-28,2,46

266 A destinatário não mencionado, dando informações sôbre bibliografia botânica. [s. l. n. d.]

I-28,2,47

III. CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

267 Do primo Augusto, tratando de uma encomenda de cuja entrega fôra incumbido. Mendanha, 4 maio 1826.

I-28,2,51

268 De Manuel do Nascimento Castro e Silva, comunicando, em nome do Conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, que fôra admitido membro da mesma. Rio de Janeiro, 9 fev. 1832. (Impresso)

I-28,2,52

269 De Possidônio José Lins, comunicando, em nome da Santa Casa da Misericórdia, que esta concordara em fornecer certo número de enfermos para estudos médicos. [Rio de Janeiro] 20 fev. 1832.

I-28,2,53

270 De Manuel Nascimento Castro e Silva, comunicando-lhe a nomeação para membro efetivo do Conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Rio de Janeiro, 26 mar. 1832.

I-28,2,54

271 De José Martins da Cruz Jobim, pedindo amostras de fôlhas da erva-mate e de quinas. Rio de Janeiro, 25 jan. 1837.

I-28,2,55

272 De Cordovil, pedindo que examinasse uma doente. [s. l.] 19 jan. 1839

I-28,2,56

273 De Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, enviando cópia de um aviso. Rio de Janeiro, 8 fev. 1839.

I-28,2,57

274 De José Fernandes Rocha, tratando de assuntos particulares. Vila do Patrocínio, 28 abr. 1845.

I-28,2,58

275 Do primo Francisco [Alves] relatando um incidente havido entre o primo Augusto e seus escravos. [s. l.] 24 jul. 1845.

I-28,2,59

276 Do primo Augusto, pedindo que intercedesse junto ao chefe de polícia para mandar liberar uns escravos. [s. l.] 1845.

I-28,4,51

277 Do mesmo, comunicando o falecimento de certa pessoa. [s. l. 8 fev. 1847]
5,4,24 n.º 76A

278 De Manuel Ferreira Lagos, comunicando-lhe a nomeação para uma comissão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 27 mar. 1847.
I-28,2,60

279 De M. J. da Silveira, referindo-se a duas memórias sôbre as quais devia dar parecer. [s. l.] 29 abr. 1847.
I-28,2,61

280 De José Ribeiro da Silva, enviando um folheto sôbre o cólera-morbo e tratando de urbanismo. São Petersburgo, 17 nov. 1847.
I-28,2,62

281 De José Feliciano de Castilho, convidando-o a sua casa. Rio de Janeiro, 8 abr. 1848.
I-28,2,63

282 De Emílio Joaquim da Silva Maia, solicitando, em nome da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, parecer a respeito da depreciação do chá na Província de São Paulo. Rio de Janeiro, 6 set. 1848.
I-28,2,64

283 Do primo Augusto, enviando algumas frutas e uns frangos. [s. l.] 3 out. 1848.
I-28,2,65

284 Do cônego Lourenço Vieira de Sousa Meireles, concordando com os têrmos de um parecer a respeito da depreciação do chá na Província de São Paulo. [s. l. 8 dez. 1848] (Acompanha um aditamento de Caetano Alberto Soares)
I-28,4,73 n.os 1-2

285 De José Maria Velho da Silva, perguntando se poderia entrar de serviço naquele dia como médico do Imperador. Paço, 19 maio 1849.
I-28,2,66

286 Do mesmo, comunicando que devia entrar de semana como médico do Imperador. Paço, 19 maio 1849.
I-28,2,67

287 De Antônia Pereira Freire, comunicando o noivado da filha Cantilda. [s. l.] 9 jul. 1849.
I-28,2,68

288 De José Francisco Sigaud, dizendo que já se encontrava em condições de entrar de semana como médico do Imperador. [s. l.] 9 agô. 1849.
I-28,2,69

289 De L[uís] J[acinto de] C[arvalho] Freitas, dando informações sôbre o louro-prêto. Campo Grande, 26 jan. 1850.
I-28,2,70

290 De José Alves da Silva, comunicando o fechamento da Escola de Medicina até depois da Páscoa. [Rio de Janeiro] 15 mar. 1850.
5,4,26 n.º 1

291 Do mesmo, comunicando o adiamento dos trabalhos escolares em vista da epidemia de febre amarela. Escola de Medicina, 22 abr. 1850.
5,4,26 n.º 39

292 De Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen, enviando notícias familiares. Vila de São João do Príncipe, 3 jul. 1850.
I-28,2,71

293 De Luís Carlos da Fonseca, comunicando-lhe a nomeação para certa comissão. Rio de Janeiro, 30 agô. 1850.
I-28,2,72

294 De A. Ferreira Barros, enviando amostras de vegetais. [s. l.] 1 nov. 1850.
I-28,2,73

295 De José Ribeiro da Silva, comunicando sua partida para a Rússia e referindo-se ao conde de Nesselrode. Paris, 31 jan. 1852.
I-28,2,74

296 De Paulo Barbosa da Silva mandando e pedindo notícias. Paris, 31 jan. 1852.
I-28,2.75

297 De Francisco Martins, enviando amostras de vegetais. Guaxindiba, 6 maio 1852.
I-28,2,76

298 De Pedro de Alcântara Lisboa, oferecendo seu microscópio para observações organográficas. [Rio de Janeiro] 6 jul. 1852.
I-28,4.67

299 De Francisco Adolfo Varnhagen, fazendo comentários sôbre um manuscrito de Baltasar da Silva Lisboa que adquirira em Portugal. Madri, 4 nov. 1852.
I-28,2,76A

300 De José de Sousa Correia, convidando, em nome do Colégio de Pedro II, para assistir a certa solenidade. Rio de Janeiro, 28 nov. 1852.
I-28,2,77

301 De José Martins da Cruz Jobim, tratando de assunto particular. Petrópolis, 7 mar. 1853.
I-28,2,78

302 De José Ribeiro da Silva, fazendo comentários sôbre as melhorias que se faziam no Rio de Janeiro. São Petersburgo, 15 abr. 1853.
I-28,2,79

303 De Miguel José Tavares, cobrando uma dívida decorrente de fiança. Rio de Janeiro, 26 jan. 1854.
I-28,2,80

304 De Luís Carlos da Fonseca, pedindo que se traduzisse uma lista de objetos pedidos pela Princesa de Joinville. Petrópolis, 12 mar. 1854.
I-28,2,81

305 De Francisco Antônio Marques, enviando amostras de vegetais. Andaraí, 15 jul. [1854]
I-28,4,69

306 De Augusto José, declarando não poder prestar certo serviço. [s. l.] 25 jul. 1854.
I-28,2,82

307 De João Barbosa de Morais, dando licença para praticar o corte de madeiras, onde lhe conviesse. Mendanha, 4 agô. 1854.
I-28,2,83

308 Da Sociedade Colombiana, pedindo sua presença na Academia das Belas Artes por ocasião de se instalar aquêle instituto. Rio de Janeiro, 8 out. 1854. (Sem assinatura)
I-28,2,84

309 De Manuel Ferreira Lagos, convidando para tomar parte na fundação da Sociedade Colombiana. Rio de Janeiro, 9 out. 1854.
I-28,2,85

310 De Francisco Teixeira da Paixão, pedindo as pedras que sobrassem da construção da casa em Mendanha. [Mendanha] 21 jan. 1855.
I-28,4,74

311 De Lopes G. Sobrinho, tratando da venda de madeiras. [s. l.] 23 abr. 1855.
I-28,2,86

312 De José Martins da Cruz Jobim, tratando da escala dos médicos de semana ao Imperador. Rio de Janeiro, 19 mar. 1855. (Acompanha rascunho da resposta de Freire Alemão)
I-28,2,87

313 Do mesmo, falando sôbre troca na escala dos médicos de semana ao Imperador. Rio de Janeiro, 22 mar. 1855.
I-28,2,88

314 De José Antônio Pereira Susano, mandando cinco dúzias de tábuas. [s. l.] 25 mar. 1855.
I-28,2,89

315 De P[edro] José Arena, mandando informações sôbre um doente que deveria sangrar. [Mendanha, out. 1855 (?)]
I-28,4,84

316 Do mesmo, falando das melhoras de um doente. Mendanha, 11 out. 1855.
I-28,2,90

317 De Vicente José de Castro e Silva, mandando notícias do pai. Bangu, 31 out. 1855.
I-28,3,1

318 De Silva, comunicando que fizera entrega de certa carta. [s. l.] 1 nov. 1855.
I-28,3,2

319 Da viscondessa de Sepetiba, a propósito da morte de seu marido. Niterói, 3 nov. 1855.
I-28,3,3

320 De Antônio Freire Alemão, a propósito da morte de Virgínia. Rio de Janeiro, 22 dez. 1855.
I-28,3,4

321 Da irmã Luísa Freire, lamentando a morte de Virgínia. [s. l. dez. 1855]
I-28,3,5

322 De Manuel Freire Alemão, falando da enfermidade de uma parenta. [s. l.] 16 abr. 1856.
I-28,3,6

323 De Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, pedindo permissão para deixar guardados no Museu alguns caixotes que mandaria da Europa, falando dos estudos do filho e outros assuntos. Dresde, 6 jul. 1866.
I-28,3,7

324 De Amália Guilhermina de Oliveira Coitinho, enviando alguns sapotis para serem entregues à Imperatriz. Niterói, 15 agô. 1856.
I-28,3,8

325 De Vicente Tôrres Homem, pedindo entregar ao portador certa encomenda. [s. l.] 25 maio 1857.
I-28,3,9

326 De Isidoro Pamplona Côrte-Real, pedindo, da parte da Imperatriz, informações sôbre certa planta. Rio de Janeiro, 15 jun. 1857.
I-28,3,10

327 De Fortunata Maria Susano, a respeito do transporte de umas madeiras. [s. l.] 9 agô. 1857.
I-28,3,11

328 De Policena Freire, comunicando a enfermidade súbita do irmão Antônio. [s. l. agô. 1857]
5,4,25 n.º 84

329 De Antônio Nicolau Tolentino e outros, convidando para um baile em homenagem à família imperial. Niterói, 9 set. 1857. (Acompanha o respectivo convite)
I-28,3,12

330 De H. Dürer, solicitando o cargo de adjunto na Comissão Científica. Barra Mansa, 17 set. 1857.
I-28,3,13

331 De Violante M. Ximenes de Bivar e Velasco, a respeito da resposta a uma carta. [s. l.] jan. 1858.
I-28,3,14

332 De Umbelino Alberto de Campo Limpo, solicitando proteção para um estudante. [s. l.] 18 maio 1858.
I-28,3,15

333 De J. J. da Cunha, solicitando uma certidão a fim de receber vencimentos. [s. l.] 3 agô. 1858.
I-28,3,16

334 De Frederico Leopoldo César Burlamáqui, indagando qual a resposta que daria ao marquês de Abrantes quanto à solicitação de emprêgo para certa pessoa na Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 21 nov. 1858. (Acompanha carta do marquês de Abrantes)
I-28,3,17 n.os 1 e 2

335 De Simão Tadeu Leal, pedindo por empréstimo certa quantia. [s. l.] 30 dez. 1858.
I-28,3,18

336 Da sobrinha Idalina, mandando notícias familiares. [s. l.] 29 fev. 1859.
I-28,3,19

337 De Sérgio Teixeira de Macedo, estipulando a quantia destinada a comedorias dos chefes de seção e adjuntos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 19 maio 1859. (Cópia)
I-28,3,19A

338 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. Rio de Janeiro, 23. jun. 1859.
I-28,3,20

339 Do mesmo, pedindo que mandasse nova procuração. [s. l.] 6 jul. 1859.
I-28,3,21

340 De [Guilherme Schuch de] Capanema, propondo uma colaboração mais estreita entre os membros da Comissão Científica. Fortaleza, 27 jul. 1859.
I-28,3,21A

341 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 6 agô. 1859.
I-28,3,22

342 De D. J. V. Pacheco, convidando para um almôço. [s. l.] 10 set. 1859.
I-28,3,23

343 De João Franklin de Lima, pedindo o aproveitamento do filho como escriturário da Comissão Científica. Ceará, 10 set. 1859.
I-28,3,24

344 De autor ignorado, ponderando sôbre o pedido de demissão da presidência da Comissão Científica e insistindo para que permanecesse no cargo. Rio de Janeiro, 12 set. 1859. (Incompleta)
I-28,3,25

345 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [s. l.] 19 set 1859.
I-28,3,26

346 De Antônio Joaquim de Oliveira, prestando contas de despesas da Comissão Científica e referindo-se ao suicídio do Dr. Gaioso. Ceará, 26 set. 1859.

I-28,3,27

347 De Roberto Correia de Almeida e Silva, a respeito da compra de cavalos para a Comissão Científica. Icó, 4 out. 1859.

I-28,3,28

348 De Antônio Joaquim de Oliveira, dando notícias dos membros da Comissão Científica. Ceará, 25 out. 1859.

I-28,3,29

349 Do mesmo, dando notícias dos membros da Comissão Científica. Ceará, 11 jan. 1860.

I-28,3,30

350 De Giácomo Raja Gabaglia, encaminhando cópia de um relatório da Seção de Astronomia e Geografia da Comissão Científica. São Benedito (Serra Grande), 15 fev. 1860.

I-28,3,30A n.os 1 e 2

351 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [Rio de Janeiro] 21 fev. 1860.

I-28,3,31

352 Do mesmo, falando de uma epidemia de febre amarela que grassava na *cidade. [Rio de Janeiro] 29 fev. 1860.*

I-28,3,32

353 De Francisco Luís Gameleira, pedindo um auxílio. [s. l.] 19 mar. 1860.

I-28,3,33

354 De Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de despesas da Comissão Científica. Ceará, 5 abr. 1860.

I-28,3,34

355 De *Antônio Freire Alemão, dando notícias dos comentários que se faziam* na Côrte a respeito do comportamento dos membros da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 20 abr. 1860.

I-28,3,35

356 De Francisco Carlos Lassance Cunha, solicitando uma certidão de prestação de serviços à Comissão Científica. Russas, 26 abr. 1860

I-28,3,36

357 De Antônio Freire Alemão, dando notícias familiares. Rio de Janeiro, 21 maio 1860.

I-28,3,37

358 De Francisco Rodrigues Sette, acusando recebimento de uma correspondência. Crato, 12 jun. 1860.

I-28,3,38

359 De Joaquim Antônio Guerreiro Lima, sôbre um atestado em favor de José dos Reis Carvalho como membro da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 21 jun. 1860.

I-28,3,39

360 De Leandro N. M. Ratisbona, combinando um encontro. [s. l.] 23 jun. 1860.

I-28,3,40

361 De Giácomo Raja Gabaglia, informando sôbre os trabalhos da Seção de Astronomia e Geografia da Comissão Científica. Sobral, 20 jul.]860.

I-28,3,41

362 De Antônio Joaquim de Oliveira, remetendo uma correspondência da Comissão Científica. Ceará, 28 jul. 1860.

I-28,3,42

363 De Francisco Emídio Soares da Câmara, pedindo que entregasse ao portador certa encomenda. Rio de Janeiro, 7 agô. 1860.

I-28,3,43

364 De Alexandrino Cristiano de Oliveira, pedindo sua interferência no sentido de ser nomeado tabelião da Vila de Maranguape. Ceará, 15 agô. 1860.

I-28,3,44

365 De Manuel Freire Alemão, enviando amostras de vegetais. [Pacatuba, 10 set. 1860]

I-28,4,46

366 De Henrique de Beaurepaire Rohan, congratulando-se pela viagem de Freire Alemão às províncias do Norte. Rio de Janeiro, 21 set. 1860.

I-28,3,45

367 De João de Almeida Pereira Filho, remetendo cópia da tabela de vencimentos do pessoal da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 out. 1860.

I-28,3,45A

368 De Giácomo Raja Gabaglia, falando das dificuldades financeiras por que atravessava a Comissão Científica. Lago Grande, 10 out. 1860.

I-28,3,46

369 De Benedito da Silva Garrido, pedindo um atestado de capacidade como boticário. Crato, 16 out. 1860.

I-28,3,47

370 De Antônio F. Sucupira, apresentando cumprimentos. Crato, 16 out. 1860.

I-28,3,48

371 De Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de assuntos relacionados com a Comissão Científica. Ceará, 16 out. 1860.

I-28,3,49

372 De [Guilherme Schuch de] Capanema, falando das dificuldades financeiras da Comissão Científica. Fortaleza, 17 out. 1860.

I-28,3,50

373 De Antônio Marcelino Nunes, presidente da Província do Ceará, remetendo cópia de determinação do Ministério dos Negócios do Império. Palácio do Govêrno, 19 out. 1860.

I-28,3,50A

374 De Justino Francisco Xavier, indagando sôbre a conveniência de se pedir um médico para a localidade, à vista de uma febre que ali grassava. Ipu, 30 out. 1860. (Acompanha descrição clínica de um caso registrado)

I-28,3,51

375 De Miguel Antônio da Silva Júnior, informando a respeito de um aluno da Escola Central, por cujos exames se interessara Freire Alemão. Rio de Janeiro, 5 nov. 1860.

I-28,3,52

376 De Giácomo Raja Gabaglia, dizendo que tencionava demandar as fronteiras marítimas do Norte. Barra do Camocim, 15 nov. 1860.

I-28,3,53

377 De Caetano Alves de Sousa Filgueiras, solicitando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, um resumo autobiográfico. [Rio de Janeiro] 20 nov. 1860. (Impresso)

I-28,3,54

378 De Fernando Maranhense da Cunha, pedindo-lhe ajuda como médico, em vista de uma febre que grassava na localidade. Viçosa, 27 nov. 1860.

I-28,3,55

379 De [João da Silva Martins] Coutinho, pedindo uma guia para receber *seus vencimentos pelos serviços prestados na Comissão Científica*. Ceará, 12 dez. 1860.

I-28,3,56

380 De Vicente Alves Ferreira, pedindo uma esmola. Cadeia de Vila Velha, dez. 1860.

I-28,4,61

381 De Giácomo Raja Gabaglia, solicitando pedir ao conselheiro Batista de Oliveira um exemplar do relatório dêste sôbre a Exposição Universal de Paris. [s. l. 1860]

I-28,5,27

382 De José Antônio Teixeira, agradecendo o auxílio recebido na questão do Tesouro. Lavras, 11 jan. 1861.

I-28,3,57

383 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência da Comissão Científica. Ceará, 12 jan. 1861.

I-28,3,58

384 De Nicolau Tolentino de Vasconcelos, agradecendo interferência na promoção de seu filho. Fortaleza, 12 jan. 1861.

I-28,3,59

385 De Antônio Joaquim de Oliveira, informando que a correspondência da Comissão Científica seguiria no próximo vapor. Ceará, 19 jan. 1861.

I-28,3,60

386 De Vicente Alves de P. Pessoa, mandando alguns presentes. Canindé, 4 fev. 1861.

I-28,3,61

387 De Antônio Joaquim de Oliveira, remetendo correspondência referente à Comissão Científica. Ceará, 12 fev. 1861.

I-28,3,62

388 De [Guilherme Schuch de] Capanema, pedindo licença da Comissão Científica. Sobral, 14 fev. 1861.

I-28,3,63

389 De João de Almeida Pereira Filho, tornando sem efeito uma determinação relativa à tabela de vencimentos dos empregados da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 19 fev. 1861. (Cópia por letra de Freire Alemão)

I-28,3,64

390 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando papéis da Comissão Científica e dizendo ter alugado uma casa, conforme solicitação. Ceará, 24 fev. 1861.

I-28,3,65

391 De Antônio Marcelino Nunes, convidando para a inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Fortaleza, 13 mar. 1861.

I-28,3,66

392 De [Guilherme Schuch de] Capanema, pedindo notícias dos membros da Comissão Científica e falando sôbre sua permanência em Maranguape. Maranguape, 22 mar. 1861.

I-28,3,67

393 De A. Pinto de Mendonça, comunicando não poder atender à pretensão de uma pessoa recomendada. [Rio de Janeiro] 17 abr. 1861.

I-28,3,68

394 De Giácomo Raja Gabaglia, indagando se o Dr. Gonçalves Dias tivera ciência de certas deliberações a respeito da Seção Etnográfica da Comissão Científica. [s. l.] 21 abr. 1861.

I-28,3,69

395 Do mesmo, enviando papéis concernentes à Comissão Científica. Fortaleza, 1 maio 1861.

I-28,3,70

396 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando cartas e jornais. Ceará, 3 maio 1861.

I-28,3,71

397 De [Manuel Freire Alemão] descrevendo sua viagem de Acarape a Pacatuba. Pacatuba, 6 maio [1861]

I-28,4,42

398 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência da Comissão Científica. Ceará, 9 maio 1861.

I-28,3,72

399 Do mesmo, solicitando, em nome do Dr. Gonçalves Dias, um atestado, a fim de poder receber sua gratificação. Ceará, 12 maio 1861.

I-28,3,73

400 De Manuel Roberto Sobreira, solicitando que participasse de uma conferência médica. Fortaleza, 14 maio 1861.

I-28,3,74

401 De Manuel Freire Alemão, referindo-se ao Sr. Simões, como conhecedor de madeiras. [s. l. 15 maio 1861] (Ocorrem no mesmo doc. notas de Freire Alemão sôbre a vila de Pacatuba)

I-28,4,48

402 De Antônio Joaquim de Oliveira, comentando a permanência de Guilherme Schuch de Capanema em Lagoa Funda e o recebimento da chave da casa que alugara. Ceará, 17 maio 1861.

I-28,3,75

403 De João Soares Pinto, comunicando não ter recebido o *Correio Mercantil*. Ceará, 20 maio 1861.

I-28,3,76

404 De João Franklin de Lima, pedindo para incorporar à sua bagagem um caixote destinado ao Pará. Engenho da Munguba, 25 maio 1861.

I-28,3,77

405 De [Guilherme Schuch de] Capanema, indagando sôbre a partida da Comissão Científica. Pacatuba, 31 maio 1861.

I-28,3,78

406 De Manuel Antônio Duarte de Sousa, presidente da Província do Ceará, convidando para o ato de posse do bispo da diocese local. Palácio do Govêrno, 6 jun. 1861.

I-28,3,78A

407 De Luís Taumaturgo da Gama Machado, solicitando, por conta do aluguel da casa, a quantia de quarenta mil-réis. [Fortaleza] 7 jun. 1861.

I-28,3,79

408 De A. Pinto de Mendonça, convidando-o para tomar chá. Fortaleza, 16 jun. 1861.

I-28,3,79A

409 De Giácomo Raja Gabaglia, participando seu casamento com D. Maria da Natividade de Albuquerque Barros. Fortaleza, 22 jun. 1861.

I-28,3,80

410 Do mesmo, indagando a quem devia entregar os objetos da Seção de Astronomia da Comissão Científica. [s. l.] 24 jun. 1861.

I-28,3,81

411 De Sinval O. de Miranda, convidando para tratar de negócios da Comissão Científica. [s. l.] 25 jun. 1861.

I-28,3,82

412 De Giácomo Raja Gabaglia, enviando relação da cavalhada da Seção de Astronomia da Comissão Científica e pedindo passagem para Santos Sousa. Fortaleza, 28 jun. 1861.

I-28,3,83

413 De Luís Taumaturgo da Gama Machado, solicitando o pagamento de um aluguel de casa. [Fortaleza] 4 jul. 1861.

I-28,3,84

414 De [Guiherme Schuch de] Capanema, informando sôbre seu trabalho de campo na Comissão Científica. Ceará, 6 jul. 1861.

I-28,3,85

415 De A. A. Santos Júnior, convidando-o para um jantar. [Ceará] 10 jul. 1861.

I-28,3,86

416 De Antônio M. Nunes Guimarães, dizendo da impossibilidade de despachar livre de direitos um caixote de instrumentos da Comissão Científica. [Ceará] 17 jul. 1861.

I-28,3,87

417 De Nicolau Tolentino de Vasconcelos, solicitando benevolência, nos exames da Escola Central, para seu filho Bento Luís da Gama. Fortaleza do Cabedelo da Paraíba, 1 agô. 1861.

I-28,3,88

418 Do mesmo, solicitando valimento para a promoção do filho Bento Luís da Gama. Ceará, 25 set. 1861.

I-28,3,89

419 De Giácomo Raja Gabaglia, tratando da freqüência do pessoal lotado na Seção de Astronomia da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 26 set. 1861.

I-28,3,89A

420 Do mesmo, tratando de assuntos relativos a seu trabalho na Comissão Científica. Vapor "Paraná", 30 set. 1861.

I-28,3,90

421 De Tomás Pompeu de Sousa Brasil, desfazendo mal-entendidos a respeito de *conceitos que circulavam na Côrte e atingiam certos membros* da Comissão Científica. Fortaleza, 30 set. 1861.

I-28,4,1

422 De José Antônio da Costa e Silva, participando o contrato de casamento de uma filha. Boa Vista, 17 out. 1861.

I-28,4,2

423 De João Franklin de Lima, fazendo referências agradecidas à Comissão Científica. Engenho da Munguba, 17 out. 1861.

I-28,4,3

424 De José Bonifácio Nascentes de Azambuja, pedindo que comparecesse à Secretaria dos Negócios do Império para informar a respeito da liquidação dos vencimentos dos membros da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 26 out. 1861.

I-28,4,4

425 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando original e cópia de certo trabalho. Rio de Janeiro, 15 nov. 1861.

I-28,4,55

426 De Frederico Leopoldo César Burlamáqui, aceitando as críticas que fizera Freire Alemão a uma obra destinada às escolas rurais. [Rio de Janeiro] 15 nov. 1861.

I-28,4,5

427 De Nuno P. Loiola Sá, apresentando o padre Francisco João de Azevedo. Recife, 23 nov. 1861.

I-28,4,6

428 De José Ildefonso de Sousa Ramos, comunicando a chegada de material pertencente à Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 dez. 1861.

I-28,4,6A

429 De Domingos Machado Homem de Gusmão, solicitando um emprêgo no Jardim Botânico. Rio de Janeiro, 16 fev. 1862.

I-28,4,7

430 De Giácomo Raja Gabaglia, comunicando que faria parte de uma comissão determinada pelo Ministério da Marinha. Rio de Janeiro, 6 maio 1862.

I-28,4,9

431 Do mesmo, fazendo uma prestação de contas. Rio de Janeiro, 6 maio 1862.

I-28,4,9A

432 De João Franklin de Lima, referindo-se ao surto de cólera que se registrava em sua povoação. Engenho da Munguba, 19 maio 1862.

I-28,4,10

433 Do marquês de Olinda, solicitando o envio de novo orçamento da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 18 jun. 1862.

I-28,4,11

434 Do mesmo, convidando-o a sua casa. [Rio de Janeiro] 28 jun. 1862.

I-28,4,12

435 De [Guilherme Schuch de] Capanema, tratando de despesas que necessitaria fazer com escavações no Ceará. Rio de Janeiro, 28 jun. 1862.

I-28,4,12A

436 Do marquês de Olinda, tratando de despesas da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 31 jul. 1862.

I-28,4,12B

437 Do mesmo, tratando da redução de despesas da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 1 agô. 1862.

I-28,4,12C

438 De José Bonifácio Nascentes de Azambuja, solicitando o levantamento das despesas e o inventário dos objetos da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 4 agô. 1862.

I-28,4,13

439 Do marquês de Olinda, autorizando a continuação das escavações encetadas pela Seção de Geologia da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 13 agô. 1862.
I-28,4,13A

440 Do mesmo, tratando de vencimentos e licença de Antônio Gonçalves Dias e Manuel Ferreira Lagos, como membros da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 22 agô. 1862.
I-28,4,13B

441 Do mesmo, determinando providências a respeito de material da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 13 set. 1862.
I-28,4,13C

442 De Antônio José Fausto Garriga, informando sôbre a reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 7 out. 1862.
I-28,4,14

443 Do mesmo, informando sôbre expediente da Escola Central. Rio de Janeiro, 11 out. 1862.
I-28,4,15

444 Do marquês de Abrantes, tratando de autorização para despesas com pessoal e material da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 22 out. 1862.
I-28,4,15A

445 De João Luís Vieira Cansanção de Sinimbu, transmitindo o decreto pelo qual o Imperador nomeara Freire Alemão membro da Diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 29 nov. 1862.
I-28,4,17

446 De Antônio José Fausto Garriga, convocando para uma reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 28 jan. 1863.
I-28,4,18

447 De Antônio Joaquim de Oliveira, pedindo sua intercessão para que recebesse atrasados, como empregado da Comissão Científica. Ceará, 28 fev. 1863.
I-28,4,19

448 De Tomás Gomes dos Santos, convidando para uma solenidade na Academia das Belas Artes. Rio de Janeiro, 15 mar. 1863. (Carta-circular)
I-28,4,20

449 De Antônio José Fausto Garriga, convocando para uma reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 6 abr. 1863.
I-28,4,21

450 De Manuel Ferreira Lagos, tratando de uns apontamentos para o relatório do Ministro dos Negócios do Império. [s. l.] 14 nov. 1863.
I-28,4,22

451 De Giácomo Raja Gabaglia, comunicando sua partida para Pernambuco a serviço da Marinha. Rio de Janeiro, 23 jun. 1864.
I-28,4,23

452 De Manuel Ferreira Lagos, enviando ofício destinado ao Ministro do Império, acêrca da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 set. 1864.
I-28,4,24

453 De José Clemente Marques, tratando da venda de uma cabra. [Rio de Janeiro, set. 1864]
I-28,4,70

454 Do mesmo, tratando da venda de uma cabra. [Rio de Janeiro, set. 1864]
I-28,4,71

455 Do Ministro dos Negócios do Império, convidando, de ordem do Imperador, para assistir ao casamento de D. Isabel com o conde D'Eu. Rio de Janeiro, 11 out. 1864. (Impresso sem assinatura)
I-28,4,25

456 De Manuel Ferreira Lagos, tratando de assuntos ligados ao trabalho da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 27 out. 1864.
I-28,4,26

457 De Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, convidando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para participar de uma comissão encarregada de cumprimentar o Imperador. Rio de Janeiro, 24 nov. 1864. (Impresso)
I-28,4,27

458 Do Ministro do Império, convidando, de ordem do Imperador, para assistir ao casamento de D. Leopoldina com o Príncipe de Saxe. Rio de Janeiro, 12 dez. 1864. (Impresso sem assinatura)
I-28,4,28

459 De Luís Garcia Soares de Bivar, oferecendo uma assinatura de seu jornal *O Recreador*. [Rio de Janeiro] 24 dez. 1864.
I-28,4,29

460 De José Feliciano de Castilho, convidando para comparecer ao Gabinete Português de Leitura, onde se trataria de assunto relativo à comemoração do centenário de Bocage. Rio de Janeiro, 8 set. 1865. (Carta-circular)
I-28,4,30

461 De Agostinho José de Sousa Lima, pedindo informações sôbre a espécie botânica *Asclepsia Gigantea*. Realengo de Campo Grande, 10 set. 1865.
I-28,4,31

462 De José Martins da Cruz Jobim, solicitando sua presença numa solenidade de colação de grau na Faculdade de Medicina. Rio de Janeiro, 21 nov. 1865.
I-28,4,32

463 De Carlos Burlamáqui, dando conta de providências tomadas no Museu Nacional. Museu Nacional, 31 dez. 1866.
I-28,4,32A

464 Dos estudantes da Faculdade de Medicina, convidando para assistir à missa em memória do Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire. [s. l.] jun. 1867. (Impresso)
I-28,4,33

465 De [Guilherme Schuch de] Capanema, esclarecendo sôbre o tempo de que dispunha para ultimar trabalhos da Comissão Científica. [s. l.] 28 set. 1867. (Cópia por letra de Freire Alemão)

I-28,4,34

466 De S. Ferreira Soares, enviando projeto do regulamento para as exposições e concursos trienais de produtos agrícolas do Município da Côrte e Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 23 nov. 1867.

I-28,4,35

467 Do barão do Bom Retiro, enviando exemplares do regulamento para as exposições e concursos de produtos agrícolas do Rio de Janeiro e referindo-se à fundação de uma revista agrícola. Rio de Janeiro, 28 jun. 1868.

I-28,4,36

468 De Ladislau Neto, diretor da Seção de Botânica e Agricultura do Museu Nacional, fazendo considerações a respeito de juízo que sôbre o mesmo Museu emitira o cientista L. Agassiz. Museu Nacional, 30 jun. 1868.

I-28,4,37

469 De Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, convidando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para integrar a deputação que cumprimentaria o Imperador na data da Independência do Brasil. Rio de Janeiro, 1 set. 1870. (Impresso)

I-28,4,38

470 De A. M. Malet, comunicando que se ausentaria da Côrte. Rio de Janeiro, 4 abr. 1871.

I-28,4,39

471 Dos membros da comissão iniciadora de um monumento aos mortos da batalha do Riachuelo, convidando para participar de uma subcomissão. Rio de Janeiro, 20 set. 1872. (Carta-circular)

I-28,4,40

472 De Manuel Freire Alemão, falando do abatimento em que se achava o tio Antônio. [Rio de Janeiro, abr. s. a.]

I-28,4,44

473 Do mesmo, pedindo a devolução de certo recibo. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,49

474 Da marquesa de Maceió, notificando que a Imperatriz desejava consultá-lo. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,68

475 De José Maria Seller da Silva, informando sôbre as diligências no sentido de encontrar um médico que substituísse Freire Alemão no serviço junto ao Imperador. Rio de Janeiro, 8 agô. [s. a.]

I-28,4,79

476 Do Dr. [A.] M. Malet, enviando o tratado do ácido fênico de Júlio Lemoine. [Rio de Janeiro, s. d.]

5,4,27 n.º 82

477 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,41

478 De Manuel Freire Alemão, referindo-se a papéis da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,45

479 Do mesmo, referindo-se aos contratempos sobrevindos durante uma excursão. [s. l. n. d.]

I-28,4,47

480 De Antônio Joaquim Batista, pedindo uma esmola para realizar uma procissão. [s. l. n. d.]

I-28,4,53

481 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando um ofício. [s. l.] 29 jun. [s. a.]

I-28,4,57

482 De Giácomo Raja Gabaglia, referindo-se à data de uma reunião da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,63

483 De Antônio Ferreira Lima, pedindo ajuda em certa pretensão. Ceará, 19 mar. [s. a.]

I-28,4,66

484 De A. A. Santos Sousa, solicitando um atestado de exercício na Comissão Científica. [s. l. n. d.]

I-28,4,77

485 Do mesmo, solicitando ajuda para que pudesse receber vencimentos como membro da Comissão Científica. [s. l. n. d.]

I-28,4,78

486 Do vigário Luís Antônio Marques da Silva, enviando amostras de uns espinhos com que se faziam rendas na localidade. [s. l. n. d.] (Acompanham as ditas espécies)

I-28,4,80

487 De Lourença C. Valente, solicitando um cavalo emprestado para ir a Pacatuba. [Ceará, s. d.]

I-28,4,83

488 De Carlos Frederico dos Santos Xavier de Azevedo, dizendo ter ido visitá-lo. [s. l. n. d.] (Cartão)

I-28,4,52

489 De Antônia Bezerra, pedindo uma esmola. [s. l.] 6 jun. [s. a.]

I-28,4,54

490 Da irmã Maria Freire, marcando um encontro. [s. l. n. d.]

I-28,4,62

491 De Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, dando pêsames. [s. l. n. d.] (Cartão)

I-28,4,64

492 Do primo Joaquim, queixando-se das dificuldades que encontrava no tratamento da saúde. [s. l. n. d.]

I-28,4,65

493 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando um ofício. [s. l. n. d.]

I-28,4,56

494 Do mesmo, enviando provas de uns trabalhos científicos. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,58

495 Do mesmo, convidando para jantar. [s. l. n. d.]

I-28,4,60

496 Do mesmo, marcando um encontro. [s. l. n. d.]

I-28,4,25

497 De [Manuel Ferreira Lagos (?)] informando que adiara uma sessão da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,81

498 De Inácio José Mota, tecendo comentários sôbre as atividades da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,4,72

499 De Tomás [Pompeu de Sousa Brasil] dizendo-se de acôrdo com o parecer de Freire Alemão sôbre uma memória apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 2 maio [s. a.]

I-28,4,75

500 De Leandro N. M. Ratisbona, desculpando-se por não poder visitá-lo [s. l. n. d.]

I-28,4,76

501 De Felizarda Joaquina de Sousa, informando já haver mandado um rapaz para certo serviço. [s. l. n. d.] (Acompanha um ramo sêco)

I-28,4,82

IV. CORRESPONDÊNCIA ALHEIA

502 De Bernardo Pereira de Vasconcelos a Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, propondo que o Hospital dos Lázaros fôsse entregue a uma administração permanente. Rio de Janeiro, 30 mar. 1838. (Ofício. Cópia)

I-28,4,86

503 Do mesmo a Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, tratando de assuntos ligados à Faculdade de Medicina. Paço, 8 fev. 1839. (Ofício. Cópia autenticada por Luís Carlos da Fonseca)

I-28,4,87

504 De Francisco [Alves] a Freire, dando notícias da família. Marapicu, 22 maio 1846. (O remetente era primo de Freire Alemão, que talvez fôsse o destinatário)

I-28,5,22

505 De [Basílio Torresão] a destinatário não mencionado, tratando de uma memória botânica. [s. l.] 16 out. 1847. (Assinada por *Bazo*)

I-28,4,88

506 De Ângelo Munis da Silva Ferraz aos lentes da Faculdade de Medicina da Côrte, pedindo, em nome dos membros da Comissão encarregada de organizar a tarifa das alfândegas do Império, parecer sôbre normas para tratamento alfandegário de produtos medicinais. Rio de Janeiro, 22 agô. 1850. (Ofício. Cópia autenticada por Luís Carlos da Fonseca)

I-28,4,89

507 De Inácio José Malta a destinatário não mencionado, oferecendo livros à biblioteca da Sociedade Velosiana. Rio de Janeiro, 23 maio 1851.

I-28,5,1

508 De José Antônio a destinatário não mencionado, tratando de assunto sem interêsse. [s. l.] 15 set. 1854.

I-28,5,2

509 De Manuel Ferreira Lagos, secretário da Palestra Científica, a destinatário não mencionado, tratando de uma sessão que teria lugar naquela sociedade. Rio de Janeiro, 1 jan. 1859.

I-28,5,3

510 De Sérgio Teixeira de Macedo, de ordem do Imperador, às autoridades em geral, determinando fôssem concedidas facilidades aos membros da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 25 jan. 1859. (Cópia autenticada por Ovídio da Gama Lôbo)

I-28,5,3A

511 De João Silveira de Sousa, presidente da Província do Ceará, às autoridades locais, recomendando fôssem prestadas tôdas as facilidades aos membros da Comissão Científica. Palácio do Govêrno, 19 jul. 1859.

I-28,5,3B

512 De Manuel José da Silva Rodrigues aos membros da Comissão Científica, pedindo a impressão dêstes sôbre uma representação teatral. Aracati, 14 set. 1859.

I-28,5,4

513 De Manuel Ferreira Lagos a destinatário não mencionado, pedindo o encaminhamento de uma correspondência da Comissão Científica. Crato, 5 abr. 1860.

I-28,5,5

514 De Sinval a Antônio Gonçalves Dias, tratando de correspondência da Comissão Científica. [s. l.] 28 abr. 1860.

I-28,5,24

515 De Antônio Marcelino Nunes, presidente da Província do Ceará, às autoridades locais, determinando fôsse permitido aos membros da Comissão Científica o uso de armas. Palácio do Govêrno, 16 maio 1860.

I-28,5,5A

516 De autor não identificado, encaminhando ao Dr. Manuel [Freire Alemão] um criado cozinheiro. [s. l.] 27 abr. 1861.

I-28,5,21

517 De Manuel Freire Alemão a [Antônio Freire Alemão (?)] referindo-se a seu trabalho na Comissão Científica. Pacatuba, 20 maio [1861]

I-28,4,43

518 Do conde de Baependi a Lucas Antônio Monteiro de Barros, apresentando Francisco Freire Alemão, encarregado pelo govêrno imperial de estudar as pragas nos cafèzais da Província do Rio de Janeiro. Santa Rosa, 10 fev. 1862.

I-28,5,6

519 Do conde de Baependi a Antônio Leite Pinto, apresentando Francisco Freire Alemão, encarregado pelo govêrno imperial de estudar as pragas nos cafèzais da Província do Rio de Janeiro. Santa Rosa, 10 fev. 1862.

I-28,5,7

520 De Luís Álvares Leite de Oliveira Belo a Virgulino da Costa Guimarães, solicitando auxílio para Francisco Freire Alemão, em sua estada em Mangaratiba, onde estudaria a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,8

521 Do mesmo a Fabiano Pereira Barreto, solicitando ajudasse o Dr. Francisco Freire Alemão, em Resende, onde iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,9

522 Do mesmo a Manuel Teixeira Júnior, de Cantagalo, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,10

523 Do mesmo ao barão de Itaguaí, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar em Itaguaí a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,11

524 Do mesmo a José Francisco da Silva, de Angra dos Reis, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,12

525 Do mesmo a Joaquim Marinho de Queirós, de Araruama, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,13

526 Do mesmo ao barão do Rio Claro, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar em Rio Claro a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,14

527 Do mesmo a Francisco de Sousa Brandão, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,14A

528 Do mesmo a Francisco José Soares, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,14B

529 Do mesmo a Braz Fernandes Carneiro Viana, solicitando auxílio para o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais. Niterói, 17 fev. 1862.

I-28,5,15

530 De Joaquim José de Sousa Breves ao sr. Chaves, apresentando Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafèzais do Rio de Janeiro. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862.

I-28,4,8

531 Do mesmo a Joaquim Pinto de Paiva, solicitando auxílio para o Dr. Francisco Freire Alemão, encarregado pelo govêrno de estudar a praga dos cafèzais do Rio de Janeiro. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862.

I-28.5.16

532 Do mesmo a José Francisco dos Santos Pessanha, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862.

I-28,5,17

533 Da Imperial Comissão Científica ao capitão Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de gratificação por êste pleiteada. Rio de Janeiro, 24 nov. 1863. (2.ª via, sem assinatura)

I-28,5,18

534 Da Academia Imperial de Medicina a Maria Cristina Freire Alemão, apresentando condolências por motivo do falecimento do Dr. Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 9 dez. 1874. (Assinada por Moncorvo de Figueiredo e José Zeferino de Meneses Brum)

I-28,5,19

535 De E. M. M. a Maria Freire, indagando sôbre uma correspondência. [Rio de Janeiro, 23 fev. 1888]

I-28,5,23

536 De Maria Freire de Vasconcelos ao Diretor da Biblioteca Nacional, oferecendo alguns manuscritos do Dr. Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 28 dez. 1947.

I-28,5,20

537 De Manuel Freire Alemão a um dos tios, tratando de providências relacionadas com o falecimento de uma parenta. [Rio de Janeiro, 21 abr. s. a.]

I-28,4,50

538 Do mesmo às irmãs, tratando de umas encomendas. [s. l. n. d.]

I-28,4,85

539 De Giácomo Raja Gabaglia ao capitão Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de débitos da Comisão Científica para com seus artífices. [s. l. n. d.]

I-28,5,26

540 De [Bernardo Pereira de (?)] Vasconcelos a Luís Carlos da Fonseca, dizendo que algo (não declarado) não ia bem, e pedindo a presença dêste. [s. l.] 30 jan. [s. a.]

I-28,5,28

V. MISCELÂNEAS CIENTÍFICAS

541 Miscelânea botânica. 1834-69.
I-28,7,1

542 Observações sôbre plantas examinadas ao microscópio. 1838-57.
I-28,9,40

543 Observações sôbre diversos insetos. 1838-51.
I-28,9,39

544 Apontamentos sôbre madeiras de lei. 1845-52.
I-28,9,46

545 Súmulas de lições de botânica. 1851-53.
I-28,9,64

546 Desenhos e anotações várias sôbre plantas, flôres e frutos. [s. d.]
I-28,6,40

VI. MONOGRAFIAS E COMUNICAÇÕES

547 *Dissertation sur le goître.* (Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Medicina de Paris em 1831. Edit. em Paris, 1831, 46 ps.)

I-28,6,1

548 *Vicentia acuminata* (n. v.: *Guarajuba)* 30 out. 1844. (Cf. *Min. Brasil.*, v. III, n.º 3, 15 dez. 1844, p. 36)

I-28,6,2

549 *Andradea floribunda* [(n. v.: *Tapaciriba*)] 8 jul. 1845. (Impresso. Com 1 grav. e 1 nota manuscrita. Cf. *Min. Brasil.*, 2.ª série, n.º 1, 1.º agô. 1845, p. 91)

I-28,6,3

550 *Geissospermum Vellosii* (n. v.: *Pau-pereira, Pau-forquilha, Pau-de-pente, Camará-de-bilro, Camará-do-mato, Canudo-amargoso*, etc.) Rio de Janeiro, 18 nov. 1845. (Impresso. Cf. *Arch. Med. Brasil.*, t. II, n.º 4, dez. 1845, p. 73)

I-28,6,35

551 "Exposição de alguns fatos a respeito da desfolha e florescência das árvores, na Província do Rio de Janeiro, acompanhada de considerações gerais". [Dez. 1845]

I-28,6,4

552 "Ensaio monográfico das *Dorstenias* (caapiás) que nascem nos arredores do Rio de Janeiro". Jan. 1846.

I-28,6,5

553 *Poarchon fluminensis* (n. v.: *Maririçó* ou *Baririçó)* 24 nov. 1846. (Impresso. Cf. *Arch.Med. Brasil.*, t. III, n.º 4, dez. 1846, p. 73)

I-28,6,6

554 "Cousas mais notáveis da *Jatropha curcas* (Pinhões)". 23-29 dez. 1846.

I-28,6,7

555 ["Madeiras do Brasil"] (Ocorre a seguinte nota: "Borrão de madeiras do Brasil que mandei ao Dr. Martius em maio de 1847". Veja-se atrás o n.º 94)

5,4,30 n.º 149

556 *Silvia navalium* (n. v.: *Tapinhoã)* [1847] (Impresso. Com uma nota manuscrita de 18 jun. 1858, declarando que a planta deveria chamar-se *Tapinhoã navalium,* à vista da existência em De Candolle do nome genérico *Silvia.* Cf. *Arch. Med. Brasil.,* t. III, n.º 12, agô. 1847, p. 265)

I-28,6,9

557 *Myrocarpus fastigiatus* (n. v.: *Cabureíba; Óleo-pardo*). 28 out. 1847. (Impresso. Cf. *Arch. Med. Brasil.,* t. IV, n.º 2, nov. 1847, p. 25)

I-28,6,8

558 "Descrição botânica da planta chamada vulgarmente *Gôlfo* em português; e na língua indígena Gigoga". Nov. 1847.

5,4,29 n.º 52

559 *Hyeronima alchorneoides* (n. v.: *Urucurana)* [I] *Indivíduo feminino.* Abr. 1848. (Cf. *Arch. Med. Brasil.,* t. IV, n.º 8, maio 1848, p. 169) [II] *Indivíduo masculino.* 18 nov. 1850. (Cf. *Rev. Brazil.,* t. 1.º, 1857, p. 56)

I-28,6,12

560 "Tentativa duma história das florestas da Província do Rio de Janeiro". Mendanha, 19 fev. 1849.

5,4,30 n.º 157

561 *Ophthalmoblapton macrophyllum* (n. v.: *Santa-luzia*). Rio de Janeiro, 28 agô. 1849. (Ocorre também o impresso. Cf. *Guanabara,* t. 1.º, 1850, p. 14)

I-28,6,10

562 "Apontamentos [sôbre a conservação e corte das madeiras de construção naval"] Engenho Velho, 4 out. 1849.

5,4,30 n.º 148

563 "Relação de algumas árvores que floresceram de 1848 a 1849". 30 nov. 1849. (Ocorre a seguinte nota: "mandada ao Dr. Martius". Veja-se atrás o n.º 110)

5,4,30 n.º 150

564 *Machaerium heteropterum* (n. v.: *Angelim).* Rio de Janeiro, 15 out. 1850. (Cf. *Trab. Soc. Velos.,* p. 33)

I-28,6,11

565 "Exercícios botânicos. Memória 1.ª. Sôbre a estrutura e função dos pêlos excretores da nossa urtiga-braba (*Urtica nitida* da *Flora Fluminensis)*". 11 dez. 1850. (Cf. *Trab. Soc. Velos.,* p. 33)

I-28,6,13

566 "Reflexões sôbre a estrutura das Pisônias". Mendanha, 30 jan. 1851. (Veja-se adiante o n.º 572)

5,4,27 n.º 75

567 *Ferreirea spectabilis* (n. v.: *Sepepira-amarela).* 9 abr. 1851. (Cf. *Trab. Soc. Velos.,* p. 26)

I-28,6,14

568 "Exercícios botânicos. Memória 2.ª. Considerações sôbre a estrutura e usos de alguns pêlos, e órgãos análogos". 4 jul. 1851. (Data da leitura na Sociedade Velosiana; a redação seria anterior, pois a *Memória 3.ª* é de maio do mesmo ano. Cf. *Rev. Brazil.*, t. 1.º, 1857, p. 371)

I-28,6,15

569 "Exercícios botânicos. Memória 3.ª. Origem, e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas*, e da *Aleurites triloba*, durante a sua germinação; e algumas considerações daí deduzidas". [1.ª leitura] 9 maio 1851. (Veja-se adiante o n.º 570)

I-28,6,16 n.º 1

570 "Exercícios botânicos. Memória 3.ª. Origem e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas*, e da *Aleurites moluccana*, durante a sua germinação; e algumas considerações daí deduzidas". [2.ª leitura] Rio de Janeiro, 11 maio 1852. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 101 e *Cat. Exp. Hist. Braz.*, n.º 11.847)

I-28,6,16 n.º 2

571 "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, e particularmente das do Rio de Janeiro. 1.ª leitura". 18 agô. 1851. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 53. Veja-se adiante o n.º 575)

I-28,6,17

572 "Exercícios botânicos. Memória 4.ª. Sôbre a estrutura do caule das Nictagíneas". 29 agô. 1851. (Redação definitiva. A data é a da leitura na Sociedade Velosiana)

I-28,6,18

573 ["Notícia de algumas plantas"] 20 nov. 1851. (Fragmento. Falta o estudo sôbre a *Soaresia nitida* (oiti) e as sapucaias. Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 72, e *Rev. Brazil.*, t. 1.º, 1857, p. 210, *Soaresia nitida 'oiti'* ou *'oiti-cica'*)

I-28,6,21

574 "Comentários à parte botânica de Gabriel Soares". 1851. (Ocorre uma nota esclarecedora de que o trabalho, inconcluso, se começara a pedido de Varnhagen)

I-28,6,20

575 "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro. 2.ª leitura". [1852] (Trata da etimologia de *pau-brasil*)

I-28,6,19

576 "Estudo de uma orquídea... colhida em um tronco de árvore podre. *Habenaria*". Mendanha, 22 jan. 1852.

5,4,30 n.º 116

577 "Comunicação [sôbre árvores florestais"] 1852. (Trata do vinhático-amarelo e do tatu)

I-28,6,22

578 "Será verdade, será possível, que, durante uma sêca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?" [Jun. 1852 (?)]

I-28,6,23

579 "Exercícios botânicos. Memória 5.ª. Algumas considerações, e fatos novos concernentes à estrutura das flôres e frutos da Embaibeira (*Cecropia peltata*) que devem servir para se completar a história dos caracteres do gênero *Cecropia*". 14 jul. 1852 e 15 jan. 1858. (Cf. *Rev. Brazil.*, t. 3.º, 1860, p. 8)

I-28,6,24

580 "Exercícios botânicos. Memória 7.ª. Exposição de dois fatos, observados nas fôlhas de duas espécies de *Guarea*, e nas do *Citrus decumana*, que me pareceram dignos de atenção". 15 set. 1852.

I-28,6,25

581 "Exame comparativo das duas espécies de verbenas: a de Caracas e a nossa". Maio 1853.

I 28,6,26

582 "Exercícios botânicos. Memória 8.ª. Observações microscópicas a respeito da formação do sistema vascular nas plantas fanerógamas". [1853 (?)]

I-28,6,27

583 "Cana de açúcar (*saccharum officinarum*). Planta introduzida no Brasil pouco tempo depois do seu descobrimento". 16 maio 1856. (Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", *in Rev.* do I. H. G. B., t. XIX, 1856, ps. 539-78)

I-28,6,28

584 "O cafèzeiro (*coffea arabica* Lin.)". 16 maio 1856. (Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", *in Rev.* do I.H.G.B., t. XIX, 1856, ps. 539-78)

I-28,6,29

585 "Chá (*thea viridis*). Agô. 1856. (Incompleto. Cf. "Quais são as principais pantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", *in Rev.* do I.H.G.B., t. XIX, 1856, ps. 539-78)

I-28,6,30

586 ["Exercícios botânicos. Memória 9.ª] Teratologia vegetal. [Exposição de duas formas de monstruosidades observadas no nosso milho comum (*Zea mayz*)". Maio 1857] (Cf. *Rev. Brazil.*, t. 3.º 1860, p. 3. Veja-se adiante o n.º 589)

I-28,6,31 n.º 1

587 "Descrição de uma euforbiácea, cujos caracteres parece que a constituem representante de um gênero nôvo. [*Hexadenia ferox*, n. v.: Bainha-de-espada]" Out. 1857 e 11 jun. 1858. (Cf. *Rev. Brazil.*, t. 1.º, 1857, p. 368)

I-28,6,32

588 *Zollernia mocitaiba* (n. t.: *Mocitaiba, Moçutaiba, Jacarandá-moçutaiba, Maria-prêta*). Rio de Janeiro, 11 jun. 1858.

I-28,6,33

589 "Anomalias na inflorescência do milho Zea mayz". (Aditamento. Cf. *Rev. Brazil.*, t. 3.º, 1860, p. 6)

I-28,6,31 n.º 2

590 *Myracródruon urundeúva* (vulgo *Aroeira*). Rio de Janeiro, jun. 1862. (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 1.º folh., 1862, p. 3)

I-28,6,34 n.º 1

591 *Pterygota brasiliensis* (vulgo *Pirauá*). [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 1.º folh., 1862, p. 7)

I-28,6,34 n.º 2

592 *Torresia cearensis, vulgariter Camaru in provincia Ceará* [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, p. 17)

I-28,6,34 n.º 3

593 *Tipuana auriculata. Ordinis leguminosarum a Cearensibus,* vulgo Pau-de-mocó *nominata.* [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, p. 21)

I-28,6,34 n.º 4

594 [I] *Ribeirea calophylla.* [II] *Ribeirea cupulata.* [III] *Ribeirea elliptica.* [IV] *Ribeirea calva.* [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, ps. 29-36)

I-28,6,34 n.º 5

595 *Mimusops elata* (n. v.: *Maçaranduba*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 45. Ocorre uma cópia no n.º 596)

I-28,6,34 n.º 6

596 *Sapotacearum Omnium, quae in provincia Ceará, dum eam Expeditio perlustrabat, lectea fuerunt descripti auctore Francisco Freire Alemão.* [I] *Mimusops Elata vulgariter* Massaranduba *nominata* [II] *Mimusops Triflo-*[*ra*] vulgo Massaranduba dos terreiros *in Provincia Ceará.* [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, ps. 45 e 50)

5,4,34 n.º 2

597 *Lucuma montana* (n. v.: *Engasga-vaca*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 53)

I-28,6,34 n.º 7

598 *Chrysophyllum glyciphloeum* (n. v.: *Guaranhém*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 60)

I-28,6,34 n.º 8

599 *Crysophyllum Cysneiri, nomem vulgare ignotum.* [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866. p. 66)

5,4,34 n.º 3A

600 *Chrysophyllum Tomentosum,* n. v. *Enquiri* ou *Maçaranduba.* [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 69)

5,4,34 n.º 4

601 "Memória sôbre a Carúncula, da família das euforbiáceas, e sôbre um órgão particular que se acha nesta família e em outras, ao qual não se tem dado grande importância". [s. d.]

I-28,6,36

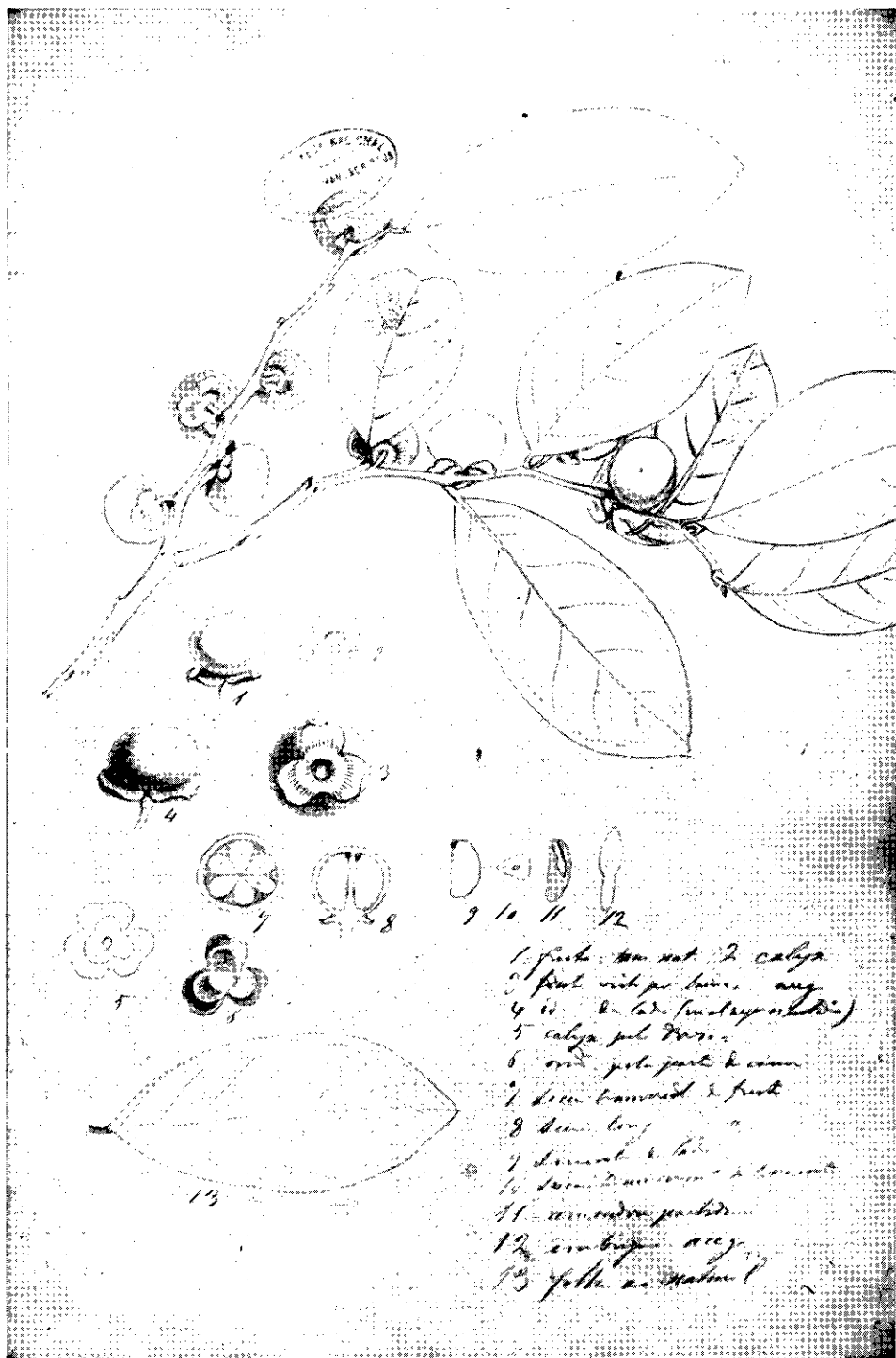
602 *Arauja Brotero*. [s. d.]

I-28,6,37

603 "Estudo de um arbusto de 6 a 7 pés de altura, colhido na Serra dos Tapes do Sul pelo Dr. Ildefonso". [s. d.]

I-28,6,38

604 "Estudos carpológicos. Memória 1.ª. Sôbre o trajeto da matéria fecundante, ou fovila, do estigma até o óvulo". [s. d.]

I-28,6,39

Araçàzinho. Estudo e desenho são do Ceará. Pacatuba, 7 maio 1861.

VII. ESTUDOS BOTÂNICOS

605 "Estudos Botânicos". 1834-66. 17 vols. *

5,4,18-34

606 ["Flora Cearense"] 1859-61. 9 vols. *

I-28,7,2-10

---

* Cf. índice respectivo.

VIII. PAPÉIS DA EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

1. DIARIOS

607 ["Notas sôbre Fortaleza e Pacatuba"] 30 mar. — 3 agô. 1859.
I-28,8,1

608 "Viagem de Fortaleza a Aracati". 16-24 agô. 1859.
I-28,8,2

609 ["Notas sôbre a vila de Aracati"] 29 agô. — 14 set. 1859.
I-28,8,3

610 "Viagem de Aracati ao Crato". 15 set. — 6 out. 1859.
I-28,8,4

611 ["Viagem de Icó ao Crato"] 4 nov. — 8 dez. 1859.
I-28,8,5

612 ["Estada no Crato"] 8 dez. 1859 — 29 jan. 1860.
I-28,8,6

613 "Viagem ao Exu, Jardim e Barbalha pela chapada do Araripe". 30 jan. — [8 fev. 1860]
I-28,8,7 n.º 1

614 ["Estada no Crato"] 9 fev. — 8 mar. 1860.
I-28,8,7 n.º 2

615 ["Viagem do Crato a Pacatuba"] 8 mar. — 20 abr. 1860.
I-28,8,7 n.º 3

616 ["Estada em Fortaleza"] 23 maio — 27 jun. 1860.
I-28,8,8

617 "Viagem do Ceará ao Rio de Janeiro no vapor *Cruzeiro do Sul*". 27 jun. — 7 jul. 1860.
I-28,8,9

618 "Volta do Rio para o Ceará". 24 agô. — 9 set. 1860.
I-28,8,10

619 "Viagem da Fortaleza até a Serra Grande". 9 out. 1860 — 2 mar. 1861.
I-28,8,11

620 ["Estada em Fortaleza"] 3-27 abr. 1861.
I-28,8,12

621 ["Estada em Fortaleza"] 27 abr. — 13 jul. 1861.
I-28,8,13

622 "Viagem do Ceará para o Rio de Janeiro". 13-24 jul. 1861.
I-28,8,14

2. NOTAS E INFORMAÇÕES

623 "Viagem à Fazenda da Munguba (Engenho de São João de Munguba) do Tenente-Coronel João Franklin de Lima". 28 fev. — 4 mar. [1859]
I-28,8,15 n.º 1

624 "Viagem a Mucuripe em 9 de março [de 1859"]
I-28,8,16 n.º 1

625 Informações sôbre cêrcas, culturas e madeiras da região de Pacatuba, dadas por H[enrique] G[onçalves] da Justa. Pacatuba, 5 e 6 abr. 1859.
I-28,8,17

626 Notas sôbre madeiras de Rio Formoso e a linguagem de Pacatuba. Pacatuba, 8 e 15 abr. 1859.
I-28,8,18

627 Notas colhidas de vários informantes sôbre apanha do café e assuntos diversos. Pacatuba, 16 e 17 abr. 1859. (Ocorre uma nota de 11 maio 1859 sôbre o povoamento de Pacatuba)
I-28,8,19

628 "Viagem à Vila Velha, e Barra do Ceará". 2 maio 1859.
I-28,8,16 n.º 2

629 "Invernos do Ceará". Fortaleza, 3 maio 1859. (Com uma nota de 30 do mesmo mês)
I-28,8,20

630 "Passeio a Jacareí, sítio do Sr. Sabóia". 8 maio [1859]
I-28,8,15 n.º 2

631 "Ascensão à Serra da Aratanha". Pacatuba, 18 maio 1859.
I-28,8,21

632 Notas sôbre a linguagem de Pacatuba. Pacatuba, 13 jun. [1859]
I-28,8,22

633 "Viagem ao Rio Baú". Pacatuba, 16 jun. 1859.
I-28,8,23

634 Lista de fazendeiros, autoridades e moradores de Pacatuba. Pacatuba, 16 jun. 1859.
I-28,8,24

635 "Subida ao Jatobá". Pacatuba, 5 jul. 1859.
I-28,8,25

636 Notas de conversa com [Manuel] Bezerra sôbre os Feitosas, Mourões e Pinto Madeira. Fortaleza, 23 jul. 1859.
I-28,8,26

637 Informações prestadas por Manuel Bezerra sôbre a índole dos trabalhadores do sertão. [Fortaleza, 11 agô. 1859]
I-28,8,27

638 "Passeio ao Cumbe". [Fortaleza] 25 agô. [1859]
I-28,8,28

639 Notas sôbre a história do Ceará extraídas de um ms. do Pe. Francisco Teles de Meneses. Aracati, 30 agô. [1859]
I-28,8,29

640 Rascunhos de itinerários. [s. l.] agô. — dez. 1859.
I-28,8,30

641 "Visita ao Cumbe". Aracati, 2 set. 1859.
I-28,8,31

642 Informações prestadas por Antônio José de Vasconcelos sôbre as localidades de Araré, Cruz das Almas e São José. Aracati, 13 set. [1859]
I-28,8,32

643 Notas da viagem de Russas a Jaguaribe. 22 set. — 5 out. 1859.
I-28,8,33

644 Descrição da paisagem e dos costumes do sertão. Jaguaribemirim, 2 out. 1859.
I-28,8,34

645 Notas sôbre o gado e as casas do sertão. Jaguaribe[mirim] 2 out. [1859]
I-28,8,35

646 Nota sôbre a vegetação de entre Catinga de Góis e Icó. [Out. 1859]
I-28,8,36

647 "Pássaros no Vale do Jaguaribe, de Aracati até Icó". [13 out. 1859]
I-28,8,37

648 Notas sôbre a cidade de Icó. Icó, 25 out. 1859.
I-28,8,38

649 Relato da visita ao Engenho Formoso e ao corte do Boqueirão. [Icó, 19-21 nov. 1859]
I-28,8,39

650 Informações sôbre a agricultura na freguesia de Lavras, prestadas por Manuel Antônio de Morais. Lavras, 26 nov. 1859.
I-28,8,40

651 Itinerário de Lavras a Juàzeiro. [s. l.] 3-7 dez. [1859]
I-28,8,41

652 "Subida à Serra do Araripe". [Crato] 14 dez. 1859.
I-28,8,42

653 Notas sôbre as vilas de Jardim e Barbalha. [Jardim, 6 jan. 1860]
I-28,8,43

654 Descrição da cidade do Crato. [Crato, jan. 1860]
I-28,8,44

655 Informações colhidas a respeito das espécies de arroz cultivadas no Crato e das pragas de roedores. Crato, 26 jan. 1860.
I-28,8,45

656 "O inverno no Cariri". Crato, 12 fev. 1860.
I-28,8,46

657 Itinerário de Morada Nova a Pirangi. [Pirangi] 29 mar. [1860]
I-28,8,47

658 Notas sôbre o regime de chuvas no Ceará. Fortaleza, 5-12 maio 1860.
I-28,8,48

659 "Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país". [Fortaleza] 5 maio 1860.
I-28,8,49

660 "Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão". [Fortaleza] 15 maio 1860.
I-28,8,50

661 Informações prestadas por [João] Franklin de Lima sôbre remanescentes indígenas do Ceará e seus costumes. Fortaleza, 23 maio 1860.
I-28,8,51

662 Observações sôbre o sentimento dos cearenses para com os estrangeiros. [Fortaleza, jun. 1860]
I-28,8,52 n.º 1

663 Notas sôbre a casa em que residia a Comissão Científica e o preço de gêneros alimentícios. [Fortaleza] 4 e 19 jun. 1860.
I-28,8,52 n.º 2

664 Informações sôbre os Feitosas e Moirões prestadas por [João] Franklin de Lima e Manuel Bezerra. [Fortaleza] 24 set. e 3 out. 1860.
I-28,8,53

665 Notas meteorológicas. [Fortaleza] 13 set. — 9 out. [1860]
I-28,8,54

666 Notas sôbre a chegada à localidade de Cacimba de Pedras. 24 e 25 [out. 1860]
I-28,8,55

667 Notas sôbre a denominação do gado segundo a côr e a forma dos chifres. Cacimba de Pedras, 25 [out. 1860]
I-28,8,56

668 Informações sôbre a localidade de Ipu prestadas por Antônio Pereira da Silva. Ipu, 28 out. 1860.
I-28,8,57

669 Notas sôbre a localidade de Campo Grande e as lutas dos Chaves e Barbosas colhidas de conversas com Francisco Ferreira Passos e Maria Ferreira do Nascimento. Campo Grande, nov. 1860.

I-28,8,58

670 "Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma légua". Serra Grande, Campo Grande, 5 nov. 1860.

I-28,8,59

671 Notas da viagem de Campo Grande a São Benedito. [São Benedito] 11 nov. 1860.

I-28,8,60

672 Informações sôbre a localidade de São Benedito prestadas por Luís José de Miranda e plano da vila. São Benedito, nov. 1860.

I-28,8,61

673 "Lembrança das plantas que ontem vimos à beira do caminho vindo de S. Benedito". São Pedro, 23 nov. 1860.

I-28,8,62

674 "Diversos modos de suspender a rêde no Ceará". [São Pedro, nov. 1860]

I-28,8,63

675 Notas sôbre o povoamento de Vila Viçosa, com um esbôço de planta da localidade e uma receita para o preparo do cauim. Vila Viçosa, 29 nov. 1860.

I-28,8,64

676 Notícia sôbre a criação da vila de Quatiguaba dada por Aleixo Rodrigues da Costa. Quatiguaba [1 dez. 1860]

I-28,8,65

677 Lista das plantas colhidas no caminho entre o rancho Capeba e a vila de Quatiguaba. Quatiguaba, 1 dez. 1860.

I-28,8,66

678 Notas sôbre a localidade de Vila Viçosa. [Dez. 1860]

I-28,8,67

679 Informações sôbre antigos agrupamentos indígenas das redondezas de Vila Viçosa. Vila Viçosa, 8 e 9 dez. 1860.

I-28,8,68

680 Notas sôbre a localidade de Meruoca. 7 jan. 1861.

I-28,8,69

681 Notas sôbre a cidade de Sobral. 15 jan. 1861.

I-28,8,70

682 Notícias sôbre a freguesia de Santo Antônio dadas por Antônio da Mota Pereira. Santo Antônio, 23 jan. 1861.

I-28,8,71

683 Descrição da vila do Canindé e informações prestadas por Antônio da Cunha Marreiros. Canindé, [3 fev. 1861]

I-28,8,72

684 Notícias sôbre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité. Baturité, [fev. 1861]

I-28,8,73

685 Informações sôbre a região da Serra de Baturité prestadas por João Batista Alves de Lima, José Fortunato Brandão e Rita Maria da Conceição. Baturité, 8 e 17 fev. 1861.

I-28,8,74

686 Informação sôbre a primeira cultura de café na Serra de Maranguape dada por Manuel Félix Araújo. Maranguape, 28 abr. 1861.

I-28,8,75

687 Nota sôbre o precário estado do vapor em que a Comissão Científica deveria regressar ao Rio de Janeiro. [Fortaleza] 29 jun. 1861.

I-28,8,76

688 Observações a respeito do caráter de alguns membros da Comissão Científica. [Ceará, s. d.]

I-28,8,77

689 Notas vocabulares colhidas no Ceará. [s. d.]

I-28,8,78

690 Quadras populares recolhidas no Ceará. [s. d.]

I-28,8,79

691 "Cauim" [Rio de Janeiro, s. d.] (Descrição do modo de preparo de bebidas fermentadas, especialmente o cauim, pelos indígenas do Ceará)

I-28,8,80

3. NOTAS DOCUMENTAIS

692 Notas extraídas do antigo Livro da Câmara de Aracati. Aracati, 11 set. 1859.

I-28,9,1

693 Cópia de uma carta de João Brígido dos Santos a Pedro Théberge, em que se relatam fatos das lutas políticas do Ceará no ano de 1824. Crato, 19 dez. 1859. (Ocorrem informações complementares prestadas por Canuto José de Aguiar)

I-28,9,2

694 Descrição da chapada do Araripe, extraída do periódico *O Araripe.* Crato, 21 dez. 1859.

I-28,9,3

695 Notas sôbre as lutas de família no Ceará transcritas d'*O Araripe*. [Crato] 25 dez. [1859]

I-28,9,4

696 Notas sôbre os *penitentes* extraídas d'*O Araripe*. Crato, [dez. 1859]

I-28,9,5

697 Notas sôbre óbitos, casamentos e batizados referentes a algumas localidades cearenses extraídas d'*O Araripe*. [Crato, dez. 1859]

I-28,9,6

698 Notícias sôbre a Comissão extraída do *Correio Mercantil*. Crato, 9 fev. 1860.

I-28,9,7

699 "Apontamentos para a crônica da Província do Ceará" [I] (Transcrição d'*O Cearense*) [Crato, fev. 1860]

I-28,9,8

700 "Apontamentos para a crônica da Província do Ceará" [II] (Transcrição d'*O Cearense)* Crato, 28 fev. 1860.

I-28,9,9

701 Notas sôbre a criação da vila do Crato extraídas do livro de inventário dos bens da Igreja da Missão de Jucá. Crato, 5 mar. 1860.

I-28,9,10

702 Depoimentos sôbre o povoamento da região do Cariri extraídos d'*O Araripe*. [Crato, mar. 1860]

I-28,9,11

703 Notas extraídas dos livros da Câmara da vila do Ipu. Ipu, out. 1860.

I-28,9,12 n.os 1-5

704 Notas históricas sôbre a localidade de Vila Viçosa extraídas de livros da Câmara local. Vila Viçosa, 6-28 dez. 1860.

I-28,9,13

705 Notas extraídas do Primeiro livro do assento dos batismos da aldeia de Ibiapaba dos Padres da Campanha. [Vila Viçosa, dez. 1860]

I-28,9,14

706 Extratos do livro que contém o inventário dos bens pertencentes à capela de São Francisco das Chagas do Canindé. Canindé, 1 fev. 1861.

I-28,9,15

707 Relação das meninas matriculadas na aula pública de 1.º grau, assinada por Vicência Ferreira Sousa de Jesus. Canindé, 4 fev. 1861. (Original)

I-28,9,16

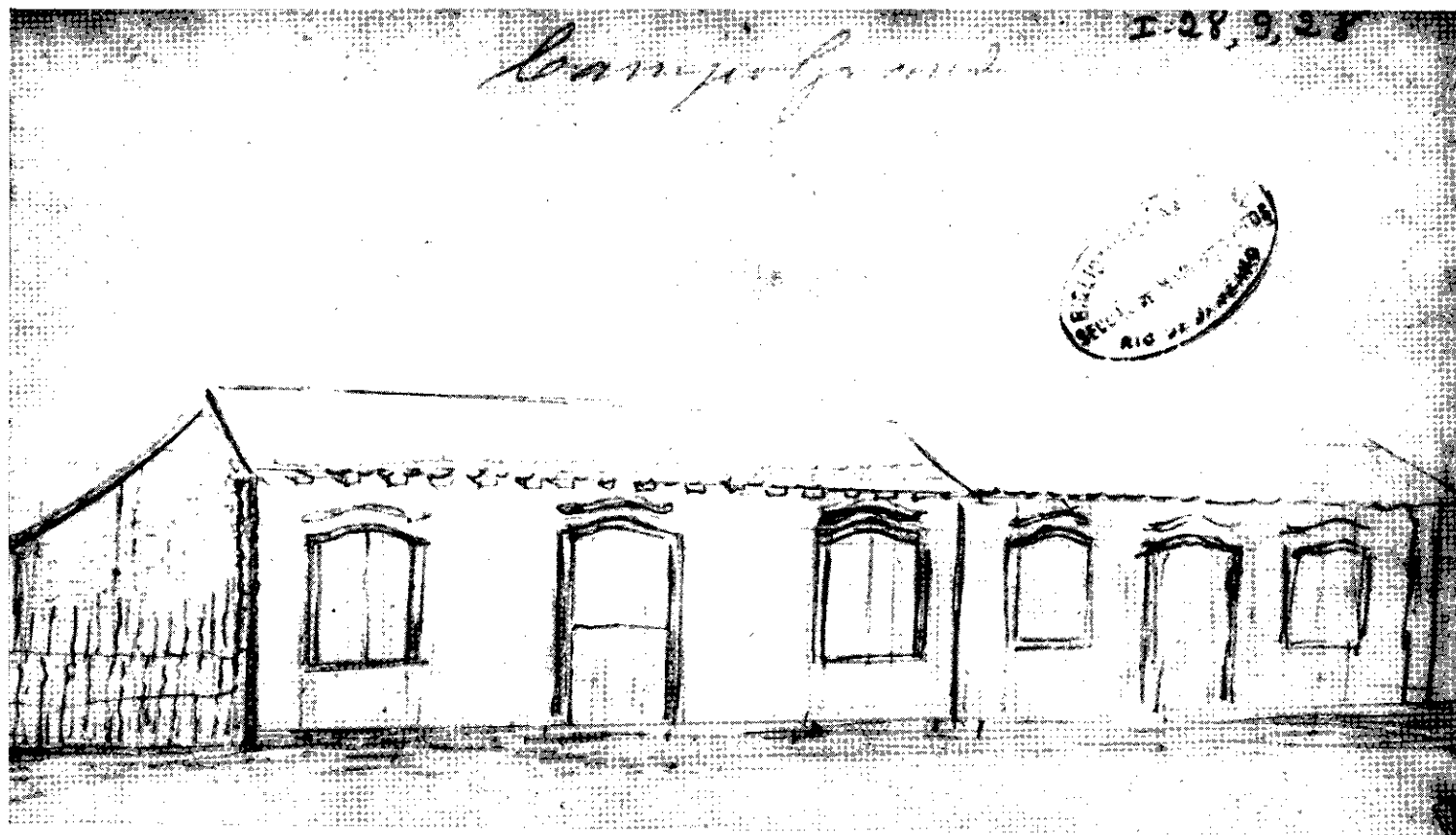
708 Relação dos alunos do sexo masculino matriculados na aula pública, assinada por Antônio Xavier Macambira. Vila do Canindé, 5 fev. 1861. (Original)

I-28,9,17

709 Notas sôbre a criação da vila de Monte-Mor Novo extraídas do livro de registro geral da Câmara. [Baturité, fev. 1861]

I-28,9,18

710 Memorando da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor que determina a expedição de passagens em favor dos membros da Comissão Científica. Ceará, 12 jul. 1861.

I-28,9,19

Campo Grande. Esbôço de uma das mais antigas casas da localidade. Nov. 1860.

711 Notas e balancetes de despesas feitas pela Comissão Científica. Ceará, [1859-61]

I-28,9,20

712 Relatório da Seção Botânica da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 4 dez. 1861. (Ocorre um rascunho fragmentado do mesmo documento)

I-28,9,21

4. DESENHOS

713 "Distribuição da casa do Comendador Machado, de 2 andares". Ceará, 6 fev. 1859. (Ocorrem no verso notas do linguajar local. Lápis)

I-28,9,22

714 "Vista de uma parte da cidade do Crato, e de Araripe, tomada de uma janela lateral do sobrado, em que está a Comissão, na Rua do Fogo". [Crato] out. 1859. (Lápis)

I-28,9,23

715 Desenho do corte do Boqueirão, na serra do mesmo nome, por onde corre o Rio Salgado. [Ipu, nov. 1859] (Lápis)

I-28,9,24 n.º 1

716 "Carta da viagem que fiz do Crato ao Exu, Jardim e Barbalha — de 30 de janeiro a 8 de fevereiro, andando mais de 40 léguas". Crato, 15 fev. 1860. (Nanquim)

I-28,9,25

717 "Picos". [Picos] 21 out. 1860. (Lápis)

I-28,9,26

718 "Vista da Serra Grande tomada da varanda da casa em que estou arranchado". Marruais, 24 out. 1860. (Lápis)

I-28,9,27 n.º 1

719 Esbôço de uma das mais antigas e mais nobres casas da localidade de Campo Grande. Campo Grande, [nov. 1860] (Com descrição. Lápis)

I-28,9,28

720 Esbôço da povoação de São Pedro. São Pedro, 26 nov. 1860. (Lápis)

I-28,9,29

721 "Outra maneira de tecer cêrca que vi ao chegar a Vila Viçosa em 1 de dezembro de 1860". (Lápis)

I-28,9,27 n.º 2

722 "Plano da Vila em 1860". Vila Viçosa, 27 dez. 1860. (Lápis)

I-28,9,30

723 Desenhos de cumeeiras, dobradiças e ferrolhos. Meruoca, 4 jan. [1861] (Lápis)

I-28,9,31

724 Portada da casa do Sr. Francisco José Pinto Júnior. Juá, 24 jan. [1861] (Lápis)

I-28,9,32 n.º 1

725 Desenhos de bruaca e ferros de marcar gado. Boa Vista do Padre, 25 jan. 1861. (Lápis)

I-28,9,32 n.º 2

726 "Plano da cidade de Baturité". [Baturité] 16 fev. 1861. (Lápis)

I-28,9,33

727 Frontispício da matriz de Baturité. [Baturité] 21 fev. 1861. (Lápis)

I-28,9,34

728 Desenho da cidade de Salvador vista do Hotel Figueiredo. [Salvador] 21 jul. 1861. (Lápis)

I-28,9,35

729 Desenho da fazenda Santa Luzia. [s. l. n. d.] (Lápis)

I-28,9,36

730 Planta da região compreendida entre a Serra de Uruburetama e Vila Viçosa. [Ceará, 1861] (Nanquim)

I-28,9,24 n.º 2

731 Planta da região compreendida entre o litoral, a Serra dos Côcos e o Canindé. [Ceará, 1861] (Lápis)

I-28,9,24A

IX. NOTAS VÁRIAS E DOCUMENTOS INTERESSANTES

732 Tradução de um romance musical feita a pedido da marquesa de Jacarèpaguá. [Rio de Janeiro, 183-]

I-28,9,37

733 Desenho da fachada de uma casa. [Rio de Janeiro] 1834. (Lápis)

I-28,9,38

734 "Tabela demonstrativa das principais peças que compõem as construções navais; e das madeiras que devem ser empregadas em tais peças; e das *que devem ser empregadas debaixo d'água, e fora d'água*". (*Aprovada por* ato da Regência do Império de 7 jan. 1835. Trata-se de cópia, por letra de Freire Alemão, da matéria publicada no *Correio Oficial* de 12 jan. 1835. Segue-se a transcrição da polêmica travada nas páginas da *Aurora* a respeito do mesmo documento)

5,4,30 n.º 155

735 "Relação da viagem feita do Rio a Nápoles pela Divisão Brasileira, em que veio S. M. a Imperatriz". Mar. – jun. 1843. (Com notas esparsas sôbre Nápoles e Roma)

I-28,9,41

736 Desenho do túmulo de Virgílio. [s. l., 1843] (Tinta)

I-28,9,42

737 Desenho da casa do poeta Torquato Tasso. Sorrento. [1843] (Tinta)

I-28,9,43

738 Levantamento dos óbitos ocorridos no Rio de Janeiro nos anos de 1844 e 1845. (Transcrito, provàvelmente, do *Arch. Med. Brasil.*)

I-28,9,44

739 Notas sôbre etimologia indígena e medicina popular, colhidas em conversa com o Dr. Barros, e Faro. Petrópolis, 5 mar. 1844.

I-28,9,45

740 Notas colhidas em conversa com o Dr. Azeredo no Paço da Boa Vista, em 23 jul. 1845. (Trata do Elías, o construtor do Paço, e do desembargador Dinis)

I-28,9,47

741 "Caça que existiu, ou que ainda existe, nos matos virgens de Campo Grande, etc." [Campo Grande] 1845.

I-28,9,48

742 Notas tomadas durante uma entrada em serviço no Paço de São Cristóvão. 18-25 abr. 1846. (Tratam de seu estado de saúde e de informações prestadas pela condessa de Belmonte)

I-28,9,49

743 Notas várias sôbre urbanismo e arquitetura referentes à cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1846-53.

I "*Demolição do morro do Castelo e plano de um bairro modêlo*".
II Plano do Passeio Público.
III Desenhos (2) de fachadas de casas antigas.
IV Planos (2) do primitivo ajardinamento do Largo da Aclamação.
V Apontamentos sôbre o solo.

I-28,9,50 n.os 1-5

744 Notas colhidas em conversa com Joaquim J. de Sequeira sôbre a entrada clandestina, no Brasil, de obras proibidas e reuniões de conspiradores no tempo do conde de Resende, e com João Pedro da Veiga sôbre a partida, de Portugal, da família real. São Cristóvão, 13 set. 1847 – [Rio de Janeiro] 27 nov. 1848.

I-28,9,51

745 Notas sôbre logradouros do Rio de Janeiro colhidas em conversa com o camarista Sequeira. Paço Imperial, abr. 1848.

I-28,9,52

746 Parecer sôbre a depreciação do chá na Província de São Paulo. [Rio de Janeiro, dez. 1848]

I-28,9,53

747 Notícias a respeito dos naturalistas Joaquim de Miranda e José Mariano da Conceição Veloso, colhidas de vários informantes. [s. l.] 1849.

I-28,9,54

748 Notas sôbre o naturalista Manuel Arruda da Câmara. [s. l.] 1848-49.

I-28,9,55

749 "Notícias sôbre o Padre Coito obtidas de minha tia Antônia". [Mendanha, 1849-53]

I-28,9,56

750 Notas sôbre o botânico frei Leandro do Sacramento. [s. l.] 1849-53.

I-28,9,57

751 Notas sôbre o marquês de Maricá. Petrópolis, 23 jun. 1850.

I-28,9,58

752 Notas sôbre o naturalista Antônio Correia de Lacerda colhidas em conversa com José Joaquim Rodrigues Lopes. Engenho Velho, 1 jul. 1850.

I-28,9,59

753 Notas sôbre criminosos que agiam na estrada do Rio de Janeiro para Minas Gerais, em fins do séc. XVIII. Notícias fornecidas pelo padre Nogueira. [s. l.] 16 out. 1850.

I-28,9,60

754 Discussão de etimologias indígenas (caá e guará). [s. 1.] 22 maio 1851. (Exposição apresentada à Sociedade Velosiana)

I-28,9,61

755 Notas sôbre o mestre Valentim e antigos logradouros do Rio de Janeiro. [s. 1.] 28 set. 1851.

I-28,9,62

756 Notas sôbre o botânico frei José Mariano da Conceição Veloso. Rio de Janeiro, 1851-53.

I-28,9,63

757 "Resposta a objeções e argumentos propostos por um estudante no ano de 1852". [Rio de Janeiro, 1852]

I-28,9,65

758 Notas sôbre o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. [Rio de Janeiro] 12 maio 1853.

I-28,9,66

759 Relato da visita do Imperador a uma chácara do Andaraí a fim de examinar certa árvore. [Rio de Janeiro] 9 jun. 1853.

5,4,30 n.º 138

760 Notas de experiências a respeito dos fenômenos de sonambulismo. Engenho Velho, 29-30 jul. 1853.

5,4,32 n.ºs 21 e 22

761 Notas a respeito da etimologia de *anta*. [s. l. 1853]

5,4,30 n.º 164

762 Estudos (7) de arquitetura da casa do Mendanha. [Rio de Janeiro] 1854.

I-28,9,67

763 Desenhos de dobradiças e ferrolhos do palacete [imperial (?)] de Petrópolis. Petrópolis, 3 abr. 1855. (Tinta)

I-28,9,68

764 Notícias sôbre a epidemia de cólera-morbo na freguesia de Campo Grande. [s. 1.] dez. 1855.

I-28,9,69

765 Notas sôbre derrubadas nas matas de Campo Grande. Mendanha, 17 jan. 1856.

I-28,9,70

766 Notas sôbre Montevidéu e Buenos Aires, tomadas em conversa com o Sr. Cândido Ferreira G. de Sousa. Petrópolis, 20 mar. 1856.

I-28,9,71

767 Parecer a respeito da criação de fazendas-modêlo. [Fortaleza] 28 mar. 1861.

I-28,9,72

768 Itinerário a ser cumprido durante a pesquisa a respeito de moléstia dos cafèzais da Província do Rio de Janeiro. [s. 1., 1862]

I-28,9,73

769 Notas de uma pesquisa a respeito de moléstia dos cafèzais da Província do Rio de Janeiro. [s. l., 24 mar. 1862]

I-28,9,74

770 Descrição de duas casas de fazenda, uma delas a da Olaria. [Fazenda da Olaria, mar. 1862]

I-28,9,75

771 Desenhos (3) da fazenda Santa Mônica, da marquesa de Baependi, na Província do Rio de Janeiro. [Fazenda Santa Mônica] 14 e 15 maio 1862.

I-28,9,76

772 Notas diárias sôbre um provável surto de bexigas entre familiares do Mendanha. [Mendanha] 1-28 jan. 1866.

I-28,9,77

733 "Viagem à Pedra [de Guaratiba] em 8 de março de 1869".

I-28,9,78

774 Notas sôbre a obra de João Barbosa Rodrigues que trata das orquídeas. [s. l.] jul. 1870.

I-28,9,79

775 Discurso pronunciado na Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.]

I-28,9,80

776 Artigo para jornal, tratando da construção, pela Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, de uma nova Casa de Correção. [s. l. n. d.]

I-28,9,81

777 "Considerações gerais sôbre o clima do Rio de Janeiro". [s. l. n. d.]

I-28,10,1

778 "Itinerário de Cunha Matos do Padre Correia a Paraibuna". [s. l. n. d.]

I-28,10,2

779 Carta ao redator [da *Revista Médica*] replicando numa polêmica com o Sr. E. Gumon, "sôbre se os órgãos do homem e do orango são iguais". [s. l. n. d.]

I-28,10,3

780 Notas sôbre madeiras de construção naval, segundo informações prestadas por Joaquim José de Sousa. [s. l. n. d.]

I-28,10,4

781 "Lugares nomeados por Veloso ou sítios das plantas". [s. l. n. d.]

I-28,10,5

782 Notas sôbre naturalistas brasileiros. [s. l. n. d.]

I-28,10,6

783 "Extrato de uma carta de Martius ao Dr. Ladislau Neto". [s. l. n. d.]

I-28-10,7

784 Relação de palavras de origem africana. [s. l. n. d.]

I-28,10,8

785 "Planta descoberta e descrita (como gênero nôvo) pelo Capanema". [s. l. n. d.]

I-28,10,9

786 Apontamentos sôbre botânica. [s. l. n. d.]

I-28,10,10

787 "Têrmos de carpinteiro e pedreiro". [s. l. n. d.]

I-28,10,11

788 Notas sôbre o Rio de Janeiro antigo. [s. l. n. d.]

5,4,34 n.º 6

789 Notas sôbre a revolução de 1842 em Minas Gerais, colhidas em conversa com o Sr. Joaquim Breves. [s. l. n. d.]

I-28,10,12

790 Notas sôbre o botânico Manuel Arruda da Câmara e o padre João Ribeiro Montenegro colhidas de diversos informantes. [s. l. n. d.]

I-28,10,13

791 Notas sôbre o revestimento vegetal de Minas Gerais extraídas de uma memória de Saint-Hilaire. [s. l. n. d.]

I-28,10,14

792 Bibliografia de História da América por autores portuguêses. [s. l. n. d.]

I-28,10,15

793 Cópias de documentos de doação de terras na cidade do Rio de Janeiro. [s. l. n. d.]

I Certidão da sesmaria concedida ao Senado da Câmara pelo Capitão-mor Estácio de Sá para rocios e pastos no ano de 1565. Rio de Janeiro, 29 dez. 1812.

II Provisão e alvará de sesmaria por que D. Álvaro da Silveira de Albuquerque, governador do Rio de Janeiro, se faz mercê de dar a José de Sousa Barros os chãos e braças de terras que estão devolutas na Rua do Piolho e os da rua donde Pedro de Barros fêz casas. Rio de Janeiro, 29 set. 1704.

I-28,10,16

794 Notas recolhidas em documentos notariais referentes à zona rural do Rio de Janeiro. [s. l. n. d.]

I-28,10,17 n.os 1-4

795 Cópia das legendas da grande carta do Rio de Janeiro feita no tempo do vice-rei Conde da Cunha. [s. l. n. d.]

I-28,10,18

X. TRABALHOS DE AUTORIA ALHEIA

796 ALEMÃO, Manuel Freire. "Remédios amargos da matéria médica vegetal do Brasil". [*Circa* 1858] (Autógrafo)
I-28,10,19 n.º 2

797 ALEMÃO, Manuel Freire. Caderneta de notas sôbre botânica. Ceará, 1859-61. (Autógrafo)
I-28,10,20

798 ALEMÃO, Manuel Freire. Relatório das excursões feitas pela Seção Botânica da Comissão Científica nos meses de março e abril de 1860. [Ceará, s. d.] (Ocorrem duas versões. Cf. *Trab. Com. Cient. Explor., Introd.,* ps. XCVII-CI. Autógrafo)
I-28,10,21 n.os 1 e 2

799 ALEMÃO, Manuel Freire. Descrição da caamembeca. [1862 (?)] (Autógrafo)
I-28,10,22

800 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sôbre plantas medicinais da Exposição de 1861. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,23

801 ALEMÃO, Manuel Freire. "Brevíssima notícia de algumas plantas medicinais do Brasil mal conhecidas". [s. d.] (Ocorrem duas versões. Autógrafo)
I-28,10,24 n.os 1 e 2

802 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sôbre a vegetação da Serra da Aratanha. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,25

803 ALEMÃO, Manuel Freire. "Madeiras de construção [do Ceará]" [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,26

804 ALEMÃO, Manuel Freire. Nota sôbre o cajueiro. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,27

805 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sôbre leguminosas papilionáceas. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,28

806 ALEMÃO, Manuel Freire. *Anotações sôbre matéria médica vegetal e medicina em geral*. [s. d.] (Autógrafo)

I-28,10,29

807 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sôbre medicina e botânica. [s. d.] (Autógrafo)

I-28,10,30

808 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sôbre medicina. [s. d.] (Autógrafo)

I-28,10,31

809 ALEMÃO, Manuel Freire. Apontamentos sôbre botânica. [s. d.] (Autógrafo)

I-28,10,32

810 ÁLVARES, Joaquim de Oliveira. "Plantas". (Trata-se de um levantamento de plantas do Brasil e de países sul-americanos. Ocorre uma nota de Freire Alemão, esclarecendo que o caderno lhe fôra oferecido pelo barão de Lajes em 3 set. 1852. Original)

I-28,10,33

811 ANÔNIMO. "Sonêto a Vila Nova de El-Rei". (Ocorre uma nota de Freire Alemão de que o doc., atribuído a um frade franciscano, lhe fôra oferecido por Cândido José de Carvalho. São Benedito, 11 nov. 1860)

I-28,9,82

812 ASSUNÇÃO, *Antônio Marques da. "Relatório dos custumes, e algumas seitas* mais notaves que ainda existem entre os nossos indígenas do Têrmo de Vila Viçosa". [Pimenteiras de São Benedito, nov. 1860] (Ocorre uma nota de Freire Alemão de que a memória fôra escrita a seu pedido. Autógrafo)

I-28,10,34

813 BROWN, Robert. "Sôbre a estrutura do óvulo, antes da impregnação nas plantas fanerógamas, e sôbre a flor feminina das cicádeas e coníferas". (Extraído do "Apêndice botânico" da *Viagem à Nova Holanda*, feita pelo Capitão Kingue. Tradução. Por letra de Freire Alemão)

5, 4, 32 n.º 15

814 CASTRO, *Agostinho Vitor de* Borja. Observações *meteorológicas* feitas em Pacatuba, no período de 27 de maio a 27 de junho de 1859. Fortaleza, 29 jul. 1859. (Autógrafo)

I-28,10,35

815 DIAS, Antônio Gonçalves. Informações sôbre a cultura da maniçoba e a introdução do café na região de Pacatuba. [s. d.] (Cf. *Jornal do Comércio*, 11 jul. 1859. Por letra de Freire Alemão)

I-28,10,36

816 DUMAS, J. Lição proferida na Escola de Medicina de Paris, em 20 agô. 1841. (Sôbre a estatística química dos sêres organizados. Tradução. Por *letra de Freire Alemão*)

5,4,31 n.º 2

817 DUPUYTREN. Retrato a lápis. (Autoria de Freire Alemão?) [Paris, 1831] (Original)

I-28,10,37

818 GASPARINI, Guilherme. "Observações sôbre a estrutura do arilho". (Tradução. Por letra de Freire Alemão)

5,4,32 n.º 11

819 FEIJÓ, João da Silva. "Coleção descritiva das plantas da Capitania do Ceará... por... Naturalista de Sua Majestade... Rio de Janeiro, 1818". (Cópia por letra de Freire Alemão)

10,1,12

820 HOOKER, *Samuel. "Da árvore Guta-percha, por Sir... Diretor dos Jardins* Botânicos Reais do Palácio de Kew, perto de Windsor". [1837] (Tradução. Por letra de Freire Alemão)

5,4,30 n.º 4

821 HUMBOLDT, A. de. "Observations sur quelques phénomènes peu connus qu'offre le goître sous les tropiques, dans les plaines, et sur les plateaux des Andes". (Cópia por letra de Freire Alemão)

I-28,10,38

822 "ÍNDICE ALFABÉTICO de algumas amostras de madeiras da Província das Alagoas". (Ocorre a seguinte nota de Freire Alemão: "Êste índice acompanha uma coleção de madeiras das Alagoas, que possui o Dr. Lagos; que me confiou para copiar. Engenho Velho, 1 de maio de 1846")

5,4,33 n.º 4

823 LAGOS, Manuel Ferreira. Sugestões sôbre a maneira mais conveniente de se publicarem os trabalhos da Comissão Científica. [s. l. n. d.] (Autógrafo)

I-28,10,39

824 MELO, Antônio Manuel de. Notas sôbre a medição de latitude e longitude pela posição das estrêlas. Paço [de São Cristovão] 3 agô. 1855. (Autógrafo)

I-28,10,40

825 MELO, Antônio Manuel de. "Declinação da agulha magnética no Rio de Janeiro". Rio de Janeiro, 30 jul. 1862. (Autógrafo)

I-28,10,41

826 MENESES, Francisco Teles de, Padre. Apontamentos sôbre botânica médica do Brasil. [s. d.] (Cópia extratada por letra de Manuel Freire Alemão)

I-28,10,19 n.º 1

827 MIRBEL, Charles. "Novas investigações sôbre a estrutura e desenvolvimento do óvulo vegetal". 28 dez. 1828. (Por letra de Freire Alemão)

5,4,32 n.º 14

828 MONTÉGU, Émile. "Questão da escravidão, e vida dos escravos nos Estados Unidos". (Tradução extratada por Freire Alemão, em 17 out. 1856, do original publicado na *Revue des Deux Mondes* de 15 mar. 1856)

I-28,10,42

829 NETO, Ladislau. "Sôbre a estrutura dos caules dos cipós". (Trad. e cópia por Freire Alemão)

5,4,32 n.º 17

830 PEREIRA, Adriano. Relação de madeiras de lei. [Rio de Janeiro, s. d.] (Autógrafo)

I-28,10,43

831 PEREIRA, Floriano. Relação de madeiras de lei. [Rio de Janeiro, s. d.] (Autógrafo)

I-28,10,44

832 POITEAU, —. "Memória sôbre as Lecitídeas". (Por letra de Freire Alemão. Cf. *Mem. do Museu Nacional,* t. 13, 1825)

5,4,20 n.º 2

833 RANGEL, Maria Firmina de Abreu. "Catálogo das madeiras das Cachoeiras de Macacu (Rio de Janeiro)". (Nota do ms., transcrita por Freire Alemão: "Êste catálogo foi oferecido ao Ilmo. Sr. Frei Custódio Alves Serrão, por D Maria Rangel Firmina de Abreu, para êle fazer dêle o uso que fôr mais conveniente aos interêsses do Brasil". Aduz ainda Freire Alemão que o doc. foi oferecido à Sociedade Velosiana pelo Dr. Maia. Cópia feita no Engenho Velho em 12 set. 1851)

5,4,33 n.º 20

834 ROHAN, Henrique de Beaurepaire. ["Madeiras de construção de que há notícia na Província de São Paulo"] São Paulo, 8 jun. 1849. (Ocorre uma nota de Freire Alemão esclarecendo que o ms. lhe foi dado pelo Dr. Esequiel Correia dos Santos Filho em outubro do mesmo ano. Autógrafo)

5,4,30 n.º 147

835 SACRAMENTO, Leandro do, Frei. Descrição do nôvo gênero *Archimedia.* (Com uma introdução por A. de Saint-Hilaire. Traduzido e anotado por Freire Alemão. Publ. original nos *Annales des Sciences Naturelles,* 2.ª série, t. 7, 1837)

I-28,10,45 n.º 1

836 SACRAMENTO, Leandro do, Frei. "Latreophilaceae". [*Circa* 1822] (Ocorre uma nota de Freire Alemão a respeito da autenticidade e procedência do manuscrito. Autógrafo)

I-28,10,45 n.º 2

837 SILVA, Vicente Gomes da. "Descrição botânica e médica de alguns vegetais do Brasil úteis na medicina, para servir de ensaio da Matéria Médica, indígena do Brasil oferecida à Real Academia das Ciências de Lisboa por..., médico no Rio de Janeiro". (Cópia por letra de Freire Alemão)

5,4,32 n.º 10

TRANSCRIÇÕES

CORRESPONDÊNCIA ATIVA

63 Resposta à primeira carta do Senhor Brignoli

Ilustríssimo Senhor

A carta que me fizestes a honra de escrever (e que me foi entregue pessoalmente pelo Senhor Doutor Bompaire, vosso compatriota, cuja amizade me felicitarei de merecer e de cultivar) me deu grande prazer, por encetar relações científicas com uma pessoa de tanto merecimento e ilustração, qual sois vós, as quais devem ser para mim da maior vantagem e aproveitamento: ela me pôs ainda em grande obrigação para convosco, pela maneira lisonjeira com que me tratais, dando-me uma consideração, que eu nem tenho, nem posso ter; mas farei meus esforços para vos mostrar a minha boa vontade.

Muito desagradável me é não poder já satisfazer ao que exigis de mim: e antes de tudo é bom informar-vos do como as coisas são aqui; porque ordinàriamente na Europa se tem a êste respeito idéia pouco exata. Sabeis qual é a extensão do nosso país e a escassez de sua povoação: conseguintemente são as comunicações entre as províncias difíceis; e as viagens longas e dispendiosas. A Província do Rio de Janeiro, uma das mais pequenas e de mais compacta povoação é o lugar do meu nascimento; e eu não tenho visto nem a vigésima parte do seu território.

As riquezas naturais do Brasil tem sido melhor examinadas e descritas pelos estrangeiros: ou porque os brasileiros em geral se dão pouco à cultura das ciências naturais; ou porque os governos, que se sucedem ràpidamente e sempre agitados pelos movimentos políticos, não têm tido repouso bastante para fazer o inventário do rico legado com que a Natureza nos dotou: assim é também pelas obras dos viajantes estrangeiros, que nós conhecemos a maior parte dos produtos, e tesouros da nossa terra.

O que se chama no Rio de Janeiro Jardim Botânico é quando muito Jardim de Aclimamento, onde se cultivam plantas exóticas, principalmente das Índias Orientais; mas sem distribuição alguma metódica, e não está debaixo da minha direção.

Atualmente que as circunstâncias parecem favorecer-me tenho em mente visitar as províncias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e São Paulo etc., e

para então me comprometo a fazer-vos remessas mais importantes. Todavia antes disso, e sempre não me descuidarei de enviar-vos quanto julgue possa vos interessar. Neste momento nada tenho em bom estado para vos ser oferecido. Logo que me considerardes com direito a ser retribuído, receberei como obséquio e favor grande tudo quanto vier da vossa parte.

Dignai-vos, Senhor, receber as minhas respeitosas saudações e permiti-me que me assine

30 de setembro de 1840

Vosso muito afetuoso servo
F. Freire Alemão

74 Resposta à carta * de Martius

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1844

Ilustríssimo Senhor

Há mais de três meses que tive a honra de receber a sua estimável carta de 8 de agôsto de 1843, acompanhando um folheto, antes excelente livro, intitulado — *Sistema de matéria médica vegetal brasileira.* — Dias depois parti para o campo a fazer uma excursão botânica, de volta comecei a trabalhar na descrição e desenhos de algumas plantas que me parecem novas, para as ir dando à luz aqui no Rio de Janeiro; e demorei esta resposta à sua carta para a acompanhar com um exemplar da primeira publicação [1]; mas como se tem demorado muito, ficará para outra ocasião a sua remessa, não devendo por mais tempo fazer esperar a minha resposta.

Quer Vossa Senhoria o meu juízo sôbre essa sua obra, e observações sôbre alguns pontos ainda duvidosos: em primeiro lugar agradeço muito a Vossa Senhoria tanta benevolência e atenção; mas não posso, nem devo aceitar o ser juiz, mas sim respeitoso admirador de suas obras: eu não passo, Ilustríssimo Senhor, (modéstia à parte) de um fraco aprendiz dos ilustres viajantes naturalistas, que percorrendo o Brasil, o tem feito conhecido na Europa pelos seus trabalhos, entre os quais têm os de Vossa Senhoria o primeiro lugar. Quanto porém posso asseverar a Vossa Senhoria é que o seu livro me tem servido de muito; aí achei muitas plantas, que não vindo em outras obras, que eu conheço, as tinha por novas no meu hervário; nenhuma planta conheço de alguma virtude medicinal, que aí se não compreenda: é pois um excelente resumo das nossas plantas úteis; e a tabela comparativa que vem no fim, me parece de uma grande vantagem. Considerações sôbre algumas

---

* Foi a primeira que êle me escreveu, abrindo comunicação científica comigo. Consta pelos jornais que Martius faleceu em janeiro de 1869, com 74 anos de idade.

1 Tratava-se, naturalmente, da *Drypetes sessiliflora.* Cf. *Min. Brasil.*, vol. II, n.º 24, 15 out. 1844, p. 737 e *Ind. Est. Botân., s.v.*

plantas que não são ainda bem estudadas eu as irei submetendo ao juízo de Vossa Senhoria à proporção que me forem ocorrendo: assim achará Vossa Senhoria algum interêsse na minha correspondência; e eu serei socorrido com a sabedoria, e experiência de Vossa Senhoria, do que tenho tão grande necessidade.

Atualmente me tenho ocupado mais com o exame das árvores das matas virgens (nas vizinhanças do Rio de Janeiro) aproveitando para isso as derrubadas: é aí que se deve encontrar maior número de plantas desconhecidas; e eu tenho no meu hervário já bastantes que me parecem novas.

Por ora estou ajuntando materiais; no entanto as plantas cujo estudo estiver mais completo as irei publicando servindo-me de algum jornal do Rio de Janeiro, ùnicamente como ensaio e para sôbre elas ouvir o parecer dos sábios europeus: à medida que as fôr publicando remeterei a Vossa Senhoria um exemplar acompanhado de uma amostra da planta.

Na ocasião não tenho mais exemplares da — *Caesalpinia echinata* — que Vosa Senhoria pede; logo que os obtenha lhos remeterei. A respeito do *pau-pereira* — *Picramnia ciliata* — nada posso dizer porque o não conheço. O pau-pereira mais usado aqui no Rio de Janeiro é uma apocínea que pelas flôres se aproxima da *Vallesia* de Ruis e Pav. mas pelo fruto avizinha-se à *Tabernaemontana,* por isso Veloso com alguma razão o chama *Tabernaemontana laevis* na sua *Flora,* onde Vossa Senhoria o pode ver; pelo exame porém que tenho feito está me parecendo ser um gênero nôvo: todavia, como me falta ainda verificar alguns pontos nada afirmo por ora.

A guararema, *Seguiera alliacea* (Mart.), *Crataeva guararema* (Vel.) apresenta caracteres, que discrepam dos da descrição genérica de Endlicher: por exemplo: o cálix é herbáceo *quatro-partido,* cresce com o fruto, torna-se meio escarioso e forma como uma cápsula infructibiliforme na sua base (do fruto). Os estames são iguais, dispostos em duas séries, e sem disco aparente. As anteras são *extrorsas,* exceto a grande ala, que é semelhante à das banistérias; o fruto é liso, ou apenas estriado nos lados. Não lhe vi estípulas, e menos espinhos.

Tenho-me achado em grandes embaraços sôbre o gênero — *Caesalpinia* — êle é tão mal determinado, e nós temos tantas árvores que pertencem a êste gênero, e seus vizinhos, que sem um bom caráter diagnóstico não é possível sair da incerteza. Em geral a família das leguminosas me deixa sempre duvidoso, apesar do *Prodromus* de De Candolle e do *Genera Plantarum* de Endlicher. As sapotáceas que abundam também nas florestas virgens me deixam muitas vêzes em dúvida.

Tenho já sido bastante longo; paro aqui; em outra ocasião comunicarei a Vossa Senhoria alguma coisa de mais interêsse. Espero ansioso pela continuação dos trabalhos sôbre as plantas do Brasil, com que Vossa Senhoria vai enriquecendo a ciência. Desejo assinar para um exemplar da sua *Flora Bra-*

sileira, apesar do sacrifício que devo fazer em razão do seu alto preço; Vossa Senhoria terá a bondade de indicar-me a maneira de o fazer com mais cômodo e segurança.

Se Vossa Senhoria me pudesse mandar uma lista dos autores que têm escrito sôbre Ciências Naturais do Brasil, principalmente brasileiros, era muito especial favor: assim como se tiver algumas obras dêsses autores e quiser desfazer-se delas, indicar-mas a ver aquelas, de que precisamos.

Desejo a Vossa Senhoria muitos anos de uma boa saúde para benefício das ciências e da humanidade.

Sou com o mais profundo respeito e estima

De Vossa Senhoria
Criado muito venerador
Francisco Freire Alemão

P.S. — A respeito das árvores que dão tinta roxa, por ora nada posso mandar, nem informar a Vossa Senhoria com certeza.

86 Carta escrita ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1845

Ilustríssimo Senhor Doutor Martius

Em 3 de junho dêste ano recebi uma carta de Vossa Senhoria datada de 17 de dezembro do ano passado; como desejava acompanhar a minha resposta com alguns exemplares das plantas, que eu estou publicando aqui no Rio de Janeiro, por isso a tenho demorado até hoje [2]; e se não fôsse estar de viagem para fora da cidade, hoje mesmo, ainda a demorava por alguns dias, para lhe remeter a descrição do *pau-pereira* de que se está atualmente imprimindo o texto [3], mas para remediar essa falta acompanhará o desenho uma pequena nota; assim como faço a respeito do *mariricó*, de uma planta de Arruda (Manuel Arruda [da] Câmara) [4], e da *Seguiera alliacea* (guararema).

Minha tenção, publicando estas plantas (à custa de muito trabalho, e dinheiro) é consultar sôbre elas o juízo dos sábios europeus, ao mesmo tempo que me vou exercitando, para depois fazer uma edição mais completa das

---

2 Foram enviadas seguramente a *Drypetes sessiliflora*, a *Vicentia acuminata* (Guarajuba) e a *Andradea floribunda* (Tapaciriba), as únicas impressas até a data. Quanto à primeira, cf. n. 1; quanto à segunda, cf. *Catál.*, n.º 548 e *Ind. Est. Botân.*, IV, 37. Para a terceira, veja-se *Catál.*, n.º 549 e *Ind. Est. Botân.*, especialmente V, 42.

3 Cf. *Catál.*, n.º 550 e *Ind. Est. Botân.*, *s.v.*

4 *Azeredia pernambucana*. Publicada por Freire Alemão no *Arch. Med. Brasil.*, t. II, n.º 7, mar. 1846, p. 146 com nota prévia sôbre a origem dos desenhos de Arruda da Câmara que lhe haviam chegado às mãos. Cf. *Catál.* n.º 748.

que forem reconhecidas por novas; e nesse caso pertendo recorrer à proteção de Sua Majestade o Imperador.

De tôdas elas o desenho é feito por mim à vista da planta fresca, assim como a descrição; e enfim as três estampas últimas, as do pau-pereira, do maririçó, e a da *Azeredia* de Arruda, foram litografadas por mim, porque para gravar cada desenho me levam 25 mil-réis. É pois necessário que todo êste meu trabalho seja muito imperfeito, tanto na parte *artística*, como na descritiva; tudo deve ser considerado como um *ensaio*, ou aprendizado.

Pede-me Vossa Senhoria exemplares da *Caesalpinia echinata*, mas nenhum tenho agora em bom estado; elas floresceram em 1841, e até hoje, de então para cá, não houve mais florescência. Vossa Senhoria sabe que das árvores das matas virgens passam algumas muitos anos sem dar flor; é êste um estudo curioso (o do tempo da florescência) mas que exige uma observação continuada muitos anos para se chegar a algum resultado; eu não perco ocasião de tomar notas a respeito. Falam aqui os mateiros em duas qualidades de pau-brasil, um roxo, que dá boa tinta, e outro vermelho que a dá pouco ou nenhuma; ainda porém eu não pude averiguar o que há de certo nisto, nem se são variedades, ou espécies distintas.

Pede-me Vossa Senhoria uma coleção das madeiras de lei; frutas em conserva; sementes de côcos etc., mas nada tenho por agora em estado de lhe ser enviado; não perderei ocasião porém de coligir tudo o que lhe possa servir; mas não posso comprometer-me a lhe fazer remessas regulares. Vossa Senhoria conhece melhor que ninguém, quanto essas coisas são difíceis por cá: eu não tenho quem me ajude; vou eu mesmo aos matos, colho as plantas; descrevo-as, e desenho-as logo que chego à casa, e isto em grande fadiga; seco-as; e enfim inspeciono a impressão, gravando eu mesmo os próprios desenhos: qualquer coleção que eu queira fazer, hei de a fazer por minhas próprias mãos; ajunte Vossa Senhoria a isto os inconvenientes do clima, e os embaraços de minhas ocupações, e verá se me é possível fazer muita coisa.

Remeto a Vossa Senhoria juntamente exemplares das plantas publicadas, que infelizmente não estão em muito bom estado; porque o meu hervário foi estragado pelos insetos durante os seis meses da última viagem que fiz à Europa (a Nápoles). Vai também um exemplar da *Seguiera alliacea.*

Tenho a comunicar a Vossa Senhoria a agradável notícia de ter eu em meu poder atualmente uma boa porção de desenhos feitos por Arruda; grande parte é de animais, principalmente insetos, e mais de cem pertencem à botânica, e necessàriamente faziam parte das suas *Centúrias Pernambucanas*: infelizmente a maior parte não traz nem nome vulgar; e só duas vem com descrição; e muitas estão ainda a lápis, e destas ainda [algumas] não acabadas. Continuamcs a fazer deligências para descubrir o texto, se é que êle ainda existe.

No entanto, possuidor dêste precioso *despôjo,* eu me considero na posição de um testamenteiro, para cumprir quanto em mim estiver a última vontade

do morto: procurarei pois averiguar e estudar as que puder, e irei dando-as à luz, para se não sumir de todo no esquecimento a obra do nosso ilustre patrício. Aí remeto já um desenho, com uma pequena descrição feita tôda por êle; e dedicado ao Bispo de Pernambuco, entre os anos de 1798 até 1802, que foi o tempo que êste prelado serviu naquela diocese. É o *Cochlospermum* de Kunt, e provàvelmente a espécie *insigne* de A. de Saint-Hilaire; eu copiei o desenho com a maior exatidão que pude; e o texto vai em manuscrito porque ainda não o imprimi.

Remeto-lhe também um desenho do *maririçó* ou capim-rei acompanhado de algumas notas manuscritas, por não estar também ainda impresso o texto; eu dei-lhe o nome específico de Veloso, *fluminense,* bem que êle me não pareça muito próprio; porque a planta existe também em São Paulo, Minas Gerais, etc., segundo me afirmam: na minha muito humilde opinião, na família das *Irídeas* deve-se antes reduzir os gêneros do que aumentá-los; mas enquanto houver gêneros formados por caracteres tão pouco importantes o maririçó não pode ser considerado espécie de nenhum dêles; ao menos assim me parece; Vossa Senhoria resolverá sôbre o negócio.

Do pau-pereira sinto muito não estar concluída a impressão do texto; vai o desenho acompanhado de algumas notas; e o texto irá para o ano com os outros; também achei que devia formar um gênero nôvo.

Agradeço muito a Vossa Senhoria a bondade que teve em me mandar alguns folhetos do seu *herbarium* que muito me têm servido.

Achei aqui em casa do negociante Laemmert um exemplar da sua *Flora,* que me apressei logo em assiná-la, e ansioso espero pela sua continuação.

A maneira lisonjeira por que Vossa Senhoria me tratou em sua carta, me tocou profundamente; eu vejo aí palavras cheias de indulgência e de bondade, com que Vossa Senhoria me quer dar ânimo; mas não que eu as mereça.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria o mais humilde criado
Francisco Freire Alemão

P.S. — Peço a Vossa Senhoria desculpar pela desordem em que vai esta correspondência; foi feita muito à pressa; porque eu não contava ir para fora tão depressa.

87 Carta dirigida ao Senhor Michele Tenore, de Nápoles

Rio de Janeiro, dezembro de 1845

Senhor

Comecei a experimentar minhas fôrças na publicação de plantas que me parecem ser absolutamente novas: desejo ouvir sôbre elas a opinião dos bo-

tânicos europeus, que possuindo coleções de tôdas as plantas, e as obras, que foram escritas sôbre as plantas do Brasil, podem dissipar minhas dúvidas, e corrigir meus êrros.

Se essa tentativa lograr êxito, se fôr acolhida com indulgência, eu me atreverei a caminhar com passo mais firme, e farei, talvez, alguma coisa de útil.

Envio-vos aquelas, que foram já publicadas [5], e a continuação também vos será mandada, à medida que apareça. Encontrareis igualmente junto três exemplares, que encaminho ás três sociedades científicas de Nápoles, que me concederam a honra de me receber em seu seio; isto é, a Academia de Ciências, a Sociedade Pontaniana e o Instituto de Encorajamento. É o cumprimento de um dever; espero que elas o recebam com indulgência. (A propósito, não recebi ainda o Diploma da Academia de Ciências).

Os desenhos foram feitos por mim à vista da planta fresca; não deis portanto atenção às incorreções do desenho; em compensação, creio que êles mostrarão bem exatamente os caracteres botânicos, aos quais entretanto não posso dar maior desenvolvimento de detalhes em virtude da limitação de espaço a que me devo sujeitar.

Se a vida e a saúde não me faltarem, pretendo refazer todo meu trabalho com mais cuidado; desde que naturalmente, as plantas hajam sido reconhecidas como novas, e minha série de estudos tenha merecido alguma atenção.

Recebei os sentimentos de elevada estima, e de profundo reconhecimento com que tenho a honra de ser

Vosso humilde servidor
Francisco Freire Alemão

Perdoai meu jargão; esqueço a cada dia o pouco de francês que aprendi.

89 Outra [ao Doutor Martius]

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1846

Ilustríssimo Senhor

O Excelentíssimo Senhor Paulo Barbosa da Silva, que agora parte para a Europa com uma comissão diplomática, quis ter a bondade de se encarregar desta carta, e papéis juntos, que tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria. Vão agora as descrições das duas plantas, que tenho podido publicar, depois da minha última carta a Vossa Senhoria, e cujas estampas lhe remeti nessa ocasião: a descrição do maririçó (cuja estampa também foi) ainda não saiu à luz, a meu pesar; mas brevemente lhe será remetida: no entanto devo já corrigir

---

5 Cf. n. 2.

um êrro que se acha na estampa, assim como nas notas a respeito; porque me servi de desenhos, e descrições antigas, feitos com menos cuidado, que se acham nos meus borrões. Com efeito tenho verificado depois que as *sépalas* e os *filêtes* são aderentes conjuntamente pela base; esta aderência, que é visível na flor aberta, é apenas perceptível no botão; e é isso que me induziu em êrro; portanto pode-se dizer com rigor que os filêtes são *monodelfos;* mas ainda assim a planta se aproxima mais do gênero *Morea,* que do *Sisyrinchium.* Também acho grande semelhança entre ela e o *Iris martinicensis* de Jacquin.

Estou fazendo coleção de madeiras de lei, das quais mandarei a Vossa Senhoria um exemplar de cada um; o que não faço agora por não estarem ainda prontas; e porque também o Excelentíssimo Senhor Paulo Barbosa tem uma porção de amostras para ofertar a Vossa Senhoria, as quais é necessário que eu examine, antes de serem enviadas; para só lhe mandar das minhas o que faltar nessas, e ajuntar-lhes algumas observações.

Nada mais tenho nesta ocasião para remeter a Vosso Senhoria. Vou continuando os meus trabalhos, assim Deus me ajude.

Junto lhe mando essa carta e jornais (*Arquivo Médico*) da parte do redator, o Doutor Lapa.

Sou com tôda a consideração

De Vossa Senhoria
Muito respeitador e criado
Francisco Freire Alemão

90 Cópia da carta que mandei ao Senhor Achille Richard acompanhando as descrições e estampas das 5 plantas que tenho publicado, a saber: Dryp[et]es, Vicentia, Andradea, Geissospermum, e Azeredia (de Arruda), levadas pelo Senhor Darcet [*]

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1846

Senhor

Contando com vossa indulgência, atrevo-me a vos apresentar meus primeiros ensaios em botânica; isto é tão sòmente o passo tímido de uma criança que quer andar; e espero que tereis a complacência de me ajudar com vossos

* O barão Darcet, tendo-se demorado no Rio de Janeiro a fim de promover uma emprêsa de grande importância, que era o estabelecer no Rio de Janeiro um grande laboratório de produtos químicos, e estando já quase tudo concluído, pereceu queimado por uma explosão de gaz, sendo tal a queimadura que apenas durou 6 ou 7 horas. Não sei portanto se esta carta, e mais papéis chegaram ao Doutor Richard. Êste funesto acontecimento teve lugar na noite de 17 para 18 de dezembro de 1846.

conselhos: porquanto só aproveitando os conselhos dos sábios europeus é que poderei um dia corrigir, e refazer todo meu trabalho. Eis aí o fim de minha ambição. Por agora, é apenas a vós, que fôstes meu mestre (por vossas lições e por vossas obras), e ao Doutor Martius, bem como ao Doutor Michele Tenore, de Nápoles, que me honrais com vossa correspondência e vosso interêsse, que me atrevo a submeter estas provas de minha aprendizagem.

O Senhor Darcet, que passou alguns meses no Rio de Janeiro, e que por seu caráter cheio de amabilidade, e de franqueza, soube cativar a estima de todos aquêles, que tiveram a ventura de o conhecer, prestou-se a levar-vos esta carta e o pequeno embrulho aqui junto.

Aceitai os sentimentos de elevada estima com que tenho a honra de ser

Vosso humilde servidor

Francisco Freire Alemão

93 Cópia da carta que, em resposta, escrevi ao Senhor Doutor Fischer, Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1847

Senhor

Acabo de receber a honrosa carta de Vossa Excelência datada do mês de outubro de *1846*, bem como a *primeira tiragem* da Obra Magnífica, que Vossa Excelência publica neste momento em São Petersburgo; obra digna da Alta Proteção de S. M. o Imperador da Rússia; e gloriosa para os sábios que se ocupam de sua composição.

Agradeço vivamente a Vossa Excelência a consideração que mostrou para comigo, tão desconhecido e tão distante de a merecer; e que devo atribuir à extrema bondade de Vossa Excelência. Tomo a liberdade de oferecer a Vossa Excelência um exemplar de meus trabalhos botânicos. É isto apenas uma preparação, uma tentativa, e um meio de consultar a opinião dos sábios europeus. Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zêlo e obstinação. No isolamento, em que me encontro, tendo necessidade de penetrar nas florestas virgens, de descrever, desenhar, dessecar as plantas, enfim, de tudo fazer, até litografar e cuidar da impressão, meu trabalho é penoso, e deve caminhar lentamente. Escolhi de preferência o estudo das árvores, porque foi o mais abandonado (necessàriamente devido às dificuldades que apresenta) e é para nós da maior utilidade. Como diz Vossa Excelência, o conhecimento científico de nossas árvores de construção é ainda muito imperfeito. Encontro-me a todo instante embaraçado, pela incerteza dos nomes

indígenas, que variam segundo as localidades (às vêzes é o mesmo nome que designa árvores bem diferentes; ou ao contrário, é a mesma árvore, que é chamada por nomes bem diversos), pela floração tardia de algumas árvores, que passam vários anos sem florir; algumas carregam-se de flôres, mas nenhum fruto chega a bom estado, são destruídos pelos insetos, ou pelas intempéries da estação. Ora, tudo isto deve acarretar muitas dificuldades, e lentidão ao estudo de tais árvores.

Sôbre a árvore do verdadeiro *Brasiletto* nada posso dizer com certeza: existe grande confusão quanto às *cesalpínias* que fornecem as madeiras de tinturas, e minhas pesquisas estão ainda muito incompletas a êsse respeito. Quanto ao *jacarandá*, pertence sem nenhuma dúvida à família das Leguminosas: encontra-se na *Flora Fluminensis* de Veloso sob o nome de *Pterocarpus niger*. Tinhamo-lo por um *Dalbergia*, mas fizemos dêle um gênero nôvo, *Miscolobium*. O verdadeiro nome indígena dessa árvore parece ser *cabiúna*. Os *jacarandás* (pelo menos no Rio de Janeiro) são todos *Nissolia*. Chama-se também jacarandá a certas *Swartzia* que são madeiras brancas, sem *duramen*. Pison fala de duas espécies de *jacarandá — alba* e *nigra;* a *alba* é simplesmente uma *Swartzia* e a *nigra* uma *Bignonia* de que Jussieu formou o gênero *Jacarandá*. Vê-se aí a confusão dos nomes indígenas.

Ficaria contente se pudesse ser de alguma utilidade para Vossa Excelência, nas coisas que estejam ao meu alcance.

Recebei os protestos de alta estima e do mais profundo respeito com que sou

De Vossa Excelência
humilde servidor
[Francisco Freire Alemão]

Rogo a Vossa Excelência me permita continuar a lhe remeter meus ensaios de botânica à proporção que sejam impressos.

94 Cópia da carta escrita ao Doutor Martius, em 13 de maio de 1847

Ilustríssimo Senhor

Com prazer recebi a última carta de Vossa Senhoria datada de seis de dezembro do ano passado, e que eu esperava tão ansiosamente. As duas últimas cartas, que tive a honra de escrever a Vossa Senhoria, uma em 20 de dezembro de 1845, outra em 22 de junho de 1846, foram ambas acompanhadas de exemplares das plantas que até as datas delas eu havia publicado; assim como as amostras ou ramos sêcos das plantas (para que Vossa Senhoria melhor

as pudesse reconhecer, e verificar) que foram com a carta primeira; não sei se tudo chegou às mãos de Vossa Senhoria.

Tenho já algumas outras prontas, que vou tratar de dar ao público o mais breve que me fôr possível.

A respeito da *Andradea floribunda* diz Vossa Senhoria que encontrou dessas árvores em Macaé, e no Paraíba; provàvelmente devem aí existir; mas pelos sinais, que Vossa Senhoria me dá, não parecem ser a mesma coisa. Com efeito a *Andradea* é árvore de madeira branca sem cerne; o nome de *batão*, com cerne *violete* me parece indicar alguma espécie vizinha do *gonçalo-alves*, a que chamam também *ubatã* ou *jibatã*. Quanto à singularidade de uma grande árvore numa família cujos indivíduos são ordinàriamente arbustivos, Vossa Senhoria deve seguramente conhecer algumas espécies nossas do gênero *Pisonia*, que são arborescentes; e uma conheço eu que é uma grande árvore, a que eu chamei *Pisonia alcalina* (como verá na relação junta [6]) que é ainda mais corpulenta que a *Andradea;* e lhe chamam vulgarmente *tapaciriba*.

Quanto ao maririçó [7], direi que o descrito por mim é sem dúvida alguma o *Sisyrinchium galaxioides* de Bernardino Antônio Gomes. A família das Irídeas parece antes formar um grande gênero, de sorte que suas divisões assentam sôbre caracteres de tão pequena importância que é mui difícil fixar-lhes o diagnóstico. Também não dei grande valor a êsse trabalho, de que me ocupei mais por satisfazer às exigências do redator do *Arquivo Médico.*

A respeito do pau-brasil, Vossa Senhoria achará na relação junta quanto lhe posso informar nessa matéria: não me descuido de continuar em averiguações sôbre êsse ponto, que é tão importante.

Quanto à *Sickingia erythroxylon* de Willdnow, nenhuma notícia tenho dêsse *gênero;* nem conheço rubiácea alguma com fôlhas denteadas. Também não conheço aqui pau chamado *violete;* sei que nas províncias do Norte há madeiras, a que dão o nome de pau-roxo; mas que eu não sei o que seja.

Remeto a Vossa Senhoria uma relação das árvores, e madeiras, sôbre que tenho feito ou começado algum estudo: por aí verá Vossa Senhoria o estado de confusão, em que tudo jaz ainda: há cinco anos que encetei êste trabalho, todavia estou mui longe de desembrulhar o *caos* em que se acha o estudo das madeiras mais preciosas, e mais triviais. Tenho árvores marcadas, e designadas para o exame, e estudo, que as visito duas e três vêzes no ano; e mesmo assim de algumas ainda não colhi flor nem fruta. Continuo nesse empenho sem descanso.

Ajunto também a declaração de alguns gêneros duvidosos da *Flora Fluminense* de Veloso, que tenho podido reconhecer; outros são ainda indecifráveis.

---

[6] Cf. *Catál.*, n.º 555.

[7] Cf. *Catál.*, n.º 553 e *Ind. Est. Botân.*, *s.v.*

Anuncia Vossa Senhoria que vai mandar-me o diploma de membro correspondente da Sociedade Real de Botânica de Ratisbona. É para mim muito honroso, e sumamente lisonjeiro um tal título; e remeto uma coleção das plantas que tenho publicado para ser oferecida a essa sábia associação, como Vossa Senhoria exige.

Sou com todo o respeito e veneração

Francisco Freire Alemão

95 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius, em 7 de dezembro de 1847

Ilustríssimo Senhor

Em 13 de maio dêste ano tive a honra de escrever a Vossa Senhoria, ajuntando à minha carta uma *relação* das madeiras de lei mais conhecidas aqui no Rio de Janeiro acompanhadas de todos os esclarecimentos, que sôbre cada uma delas eu tenho podido colhêr até o presente. Êsse trabalho, digo, êsses esclarecimentos e averiguações, não tem sido continuado de então para cá, por ter tempo ocupado e não poder eu sair da cidade. Agora, que chegam as férias, vou para o campo a correr as matas, e espero voltar com boa colheita de materiais, e de informações.

Tenho publicado a descrição de mais duas plantas[8], que são árvores de lei (objeto de minha predileção) que tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria acompanhadas de exemplares das ditas árvores com flor e fruta, para que me dê sôbre isto os seus conselhos e opinião.

A respeito do *tapinhoã*, me parece não ser duvidoso formar êle o tipo de um gênero nôvo, visto não poder eu descobrir-lhe afinidades com os gêneros conhecidos, descritos nas obras, que pude consultar. Todavia reconheço quanto é falível êste modo de ajuizar; e que sòmente pela comparação dos exemplares das espécies conhecidas, se pode chegar a um resultado definitivo.

Quanto ao *cabureíba,* fiquei ainda perplexo; tem com o gênero *Myrospermum* grande semelhança de caracteres, e talvez mesmo o *habitus;* mas tem particularidades tão notáveis, e de tamanho valor como o de outras, com que se caracterizam vários gêneros desta família, que me autorizam a propor um gênero nôvo. Tenho mais três árvores, cujo estudo está ainda incompleto, e que tem com esta grande analogia em seus caracteres, e que provàvelmente devem pertencer a um nôvo gênero, e são: o *óleo-vermelho,* o *óleo-pardo* e *outra* sem nome vulgar. Concluído o exame desta, talvez se dissipem as minhas dúvidas.

---

8 *Silvia navalium* (Tapinhoã) e *Myrocarpus fastigiatus* (Cabureiba). Cf. *Catál.*, n.os 556 e 557 e *Ind. Est. Botân.*, *s.v.*

Recebi êste ano o 6.º fascículo da sua importantíssima *Flora Brasiliensis;* espero com impaciência a sua continuação.

Vão dois exemplares de cada planta descrita: é um para Vossa Senhoria e outro para a Sociedade Real de Botânica em Ratisbona.

Por ora nada mais tenho a oferecer à consideração de Vossa Senhoria, de quem me confesso ser com o mais profundo respeito e gratidão.

Muito venerador e criado
Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1847.

96 Cópia duma carta escrita ao Senhor Doutor Fischer, Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, em 7 de dezembro de 1847

Senhor

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência a continuação de meus ensaios botânicos: é a descrição de duas árvores[9], cuja madeira é muito estimada; e das que se chamam entre nós *madeiras de lei — arbores legales —*. As *espécies* são novas, estou certo; mas quanto aos gêneros, espero o julgamento dos sábios: e espero que Vossa Excelência me ajude com seus conselhos.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Excelência
humilde servidor
Francisco Freire Alemão

101 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 30 de agôsto de 1848

Aproveito a ocasião da partida de uma pessoa, que vai para a Europa, e talvez para a Alemanha, para escrever a Vossa Senhoria. Recebi em 13 de abril do ano corrente, juntamente duas cartas suas. Uma escrita em latim, na qual, me dá o seu juízo a respeito das plantas por mim descritas e publicadas: êste é um documento preciosíssimo, que conservarei sempre com veneração. As expressões, que aí encontro cheias de benevolência para comigo, eu as recebo como incentivos, para novas diligências, e com as quais eu poderei ir-me aproximando a merecê-las.

---

[9] Cf. n. 8.

A respeito do que se contém em uma, e outra carta, eis as reflexões, ou respostas, que posso atualmente fazer.

Do gênero *Drypetes* tenho mais duas espécies; uma, a que chamei *Drypetes caudata* (creio que está já mencionada na relação das madeiras); à outra ainda não dei nome específico. Ambas são das matas; porém estão ambas incompletas; da *caudata* tenho só o indivíduo feminino; e da outra só o masculino.

Andradea floribunda — Soube agora que é chamada vulgarmente — tapaciriba-amarela — para a distinguir da tapaciriba-branca, que é a — *Pisonia alcalina* (*nob.*). Segundo me informam, dá cinza muito forte para decoadas: é madeira branca, e leve; sem cerne. Quanto às suas afinidades com as Nictagíneas nenhuma dúvida me fica.

A estrutura do caule nesta família é sem dúvida alguma muito notável. Em alguns ramos da *Pisonia alcalina* que examinei, não se apresentam as zonas, ou aros concêntricos (como nas dicotiledôneas); mas nos ramos da *Andradea* — bem que a estrutura seja ainda muito homogênea, há todavia uma aparência sensível dos círculos concêntricos. Do que se pode concluir que o crescimento em grossura se faz aqui, como no geral das dicotiledôneas, por estrados, ou camadas sobrepostas; mas que sendo estas muito homogêneas em sua estrutura, se confundem em uma só massa. Os raios medulares são também quase imperceptíveis: e sobretudo o que achei de mais notável é a ausência do líber na casca de ambas as plantas.

Esta falta do líber, que se observa também em alguns *cactos,* ainda não achei autor, que dela fizesse menção. No entanto é um fato importante à teoria da evolução dos caules.

Quanto à estrutura do ovário, no que diz respeito ao aparelho de fecundação, não me foi possível ver essa espécie de *cone membranoso* de que Vossa Senhoria me fala: não digo porém que êle não existe; porque as minhas observações foram feitas com uma lente simples. Em alguns trabalhos, que tenho em organografia (informes ainda, e incompletos) achei que na *Nyctago hortensis* o tecido condutor penetrava na câmara do ovário, e descia em frente da sutura ventral do carpelo (que me parece ser aqui única) até à base, e próximo ao micrópilo do óvulo campulatrógeo. Foi isto o que achei nos meus borrões; e não tive tempo de nova averiguações.

Todos êstes objetos reclamam sérios exames; e muito particularmente a contextura dos caules volúveis — Sapindáceas, Bignoniáceas, etc. Eu creio que só fazendo germinar sementes destas plantas, e estudando tôdas as fases, ou formações orgânicas, desde a origem até completa evolução, é que se poderá chegar a alguma coisa de positivo a respeito destas tão variadas como admiráveis organizações.

Os trabalhos, que tenho visto do Senhor Gaudichaud, sôbre a teoria dos meritalos, ou do seu *phyton,* não são bem desenvolvidos, para dar uma idéia

cabal dos fundamentos ou provas da sua doutrina: é ela engenhosa e sedutora; mas acho-lhe um não sei quê de poético, ou fictício. Quanto a mim (fraco juiz, é verdade) tôda essa grande polêmica se reduz a questão de nomes. Com efeito, quer na hipótese de Gaudichaud (antes de Dupetit Thouan, ou ainda antes de De La Hire) quer na teoria do câmbio as fibras lenhosas, e o líber vém sempre das fôlhas, ou extremidades dos ramos aos extremos das raízes: tôda a diferença consiste, em que a teoria dos meritalos, quer que as fibras desçam já formadas; e a do câmbio quer que esta substância desça ainda fluida, e transforme-se depois em fibras. Ora, se é assim, e se eu tenho bem compreendido as questões; se elas se podem reduzir a êste estado de simplicidade, é claro, ao menos para mim, que a teoria do câmbio é mais razoável: ela se acomoda mais à sagacidade, e previdência com que a natureza executa as suas obras. Todos os tecidos orgânicos começam no estado fluido; já alguém disse que o sangue era *carne fluida,* expressão pouco exata; porém com muita razão disse Mirbel que o câmbio era tecido fluido. Ora, considerando-se o câmbio descendo por *torrentes,* e não difusamente e essas *torrentes* organizando-se, ou tranformando-se em fibras e vasos, cuja direção deve necessàriamente ser a do movimento do fluido, não será o resultado final o mesmo que se as fibras descessem já formadas? E é no resultado final que assentam as provas ordinárias dessas teorias; porque a organogenia está ainda em seu berço.

Demais eu creio que ainda é cedo para se formar uma teoria do crescimento e evolução do caule, que abranja todos os fenômenos que êste órgão apresenta nas diversas plantas. Basta; peço perdão a Vossa Senhoria por entrar nestes detalhes, eu, cuja opinião nestas matérias deve ser de nenhum pêso; mas é isto pura conversa. Vamos ao nosso negócio.

Vicentia acuminata — Sem dúvida tem esta planta as maiores analogias com o gênero Terminália, talvez ainda mais com o gênero *Chuncoa,* porém êstes dois gêneros têm mui pouca diferença entre si; e a minha planta diferenceando-se de ambos pelo número quaternário (caráter seguramente de pouco valor nesta família) dos seus verticilos; e particularmente da Terminália por não ser fruto rupáceo, e do *Chuncoa* por ter no fruto três alas em lugar de cinco; aventurei-me a formar um gênero nôvo, provisòriamente: me pareceu que o gênero *Vicentia,* diferia tanto dos gêneros Terminália, e *Chuncoa,* como o *Chuncoa* do Terminália.

Bem sei que além dos caracteres que trazem os livros, há outro talvez mais importante, que é o *habitus,* o *facies* particular das plantas, que é o resultado da combinação e da harmonia de todos os caracteres: êste só um ôlho exercitado o descobre logo à primeira vista, reconhecendo as afinidades dos grupos: isto é o que distigue o botânico prático do principiante. Eu estou no último caso, e é por isso que recorro ao auxílio dos homens consumados na ciência, a cujo juízo submeto minhas fracas observações.

No mês passado colhi flôres, pela primeira vez, de outra espécie de Combretácea, que é a madeira conhecida com o nome de jundiaíba. Ainda não tenho o fruto, verei o que apresenta de particular.

A respeito da guarajuba, não me consta, que dela usem para cinzas.

Oiti, ou *guiti* — Nada posso informar a Vossa Senhoria além do que mandei no catálogo das madeiras conhecidas aqui no Rio de Janeiro. Creio que sob o nome de oiti, ou guiti são designadas plantas mui várias em diversas localidades do Brasil. O oiti que conheço aqui, me parece pelo *habitus* ser uma artocárpea: é planta leitosa, e nunca a vi com flor nem fruto.

A propriedade atribuída à guararema de perturbar a agulha magnética, me parece uma abusão popular. Entre o nosso povo corre que o alho tem essa propriedade, e, provàvelmente, como a guararema tem um cheiro forte de alhos, se lhe atribui a mesma virtude. Eu porém, avisado por Vossa Senhoria, fiz algumas experiências, submetendo uma agulha assaz sensível, à ação dum pedaço de pau de guararema, cortado com casca, e fresco, com cheiro mui forte: fiz variar de todos os modos suas relações com a agulha, e esta nenhum movimento sensível produziu. No entanto direi sempre que talvez êsse fenômeno só tenha lugar depois de uma ação prolongada da guararema sôbre a agulha, e que se não manifesta instantâneamente. É pois negócio digno de maior averiguação.

Chrysophyllum glycyphloeum — Só tenho a segunda Década de Casaretto; porém vi a descrição da planta no *Prodromus* de De Candolle. É o nosso guaranhém, grande sapotácea, cuja casca ou antes líber tem um gôsto adocicado a princípio e depois adstringente, da qual se usa na medicina caseira contra várias moléstias, principalmente contra as hemoptises. É o *Chrysophyllum buranhém* de Riedel (*Sistema de Matéria Médica Brasileira* de Martius). Por esta ocasião convém fazer um reparo sôbre a palavra — Monésia — inventada por não sei que autor francês: quanto a mim há aqui nome estropeado. Temos aqui um sujeito curioso e indagador, que tem viajado muito pelos sertões do Brasil, e publicou parte das suas viagens, é Antônio *Munis* (deve ser Moniz) de Sousa, que já foi por mim citado na história botânico-terapêutica do pau-pereira. Êle prepara um extrato da casca do guaranhém, que foi muito empregado aqui no Rio de Janeiro nas moléstias de peito, e outras. Quis-se provàvelmente designar a casa do guaranhém, e os preparados terapêuticos dela com o nome de seu introdutor; mas devia ser: *Monizia,* e não Monésia.

Ainda não pude completar o estudo desta árvore; não lhe vi ainda a flor, e só tenho analisado o fruto, que quando está maduro é agradável ao paladar, mas tem pouca carne. Não sei porque razão A. de Candolle o confunde com o *Pometia lactescens* de Veloso, que é um *Chrysophyllum,* mas espécie muito distinta; que deve ficar com o nome específico de Veloso; ainda que *lactescens* indique uma propriedade da família, e não privativa desta espécie, que seria

muito melhor designada por *Chrysophyllum cauliflorum*, por ter a florescência, e frutificação caulínia, como a jabuticaba, Crescescia [*sic*] etc. Espero cedo poder completar o estudo desta árvore interessante.

Quanto ao pau-brasil, nada por ora posso acrescentar; logo que tenha trabalho perfeito o comunicarei a Vossa Senhoria. Assim como lhe enviarei logo que o possa fazer alguns pedaços cortados transversalmente, como Vossa Senhoria exige para estudar o tempo em que se deposita a matéria corante. Tudo isto é necessário que eu faça por minhas mãos; eis a razão da demora.

O Guaraçaí, *Moldenhauera speciosa* (*nobis*) única espécie, que conheço dêste gênero, não tem afinidade com os brasis nem em seus caracteres, nem em suas propriedades. É madeira pouco estimada.

Cassia disperma de Veloso, que eu chamei provisòriamente *Caesalpinia disperma*, me parece ser o *Peltophonem* de Vogel. Ainda não tenho o seu estudo concluído.

Jacarandás — Não adianto nada por ora nestas importantíssimas árvores: tenho colhido porém, de mais algumas espécies, frutas, mas faltam-me flôres. Como nunca me havia ocupado particularmente com estas plantas, por isso que estava coligindo materiais, as ia arrumando como Nissólias, como geralmente se fazia.

No entanto o caráter *legumen articulatum* me parece bem importante para a subdivisão do gênero.

O *Miscolobium violaceum* de Vogel é o *Pterocarpus niger* de Veloso. Por que razão não há de ser *Miscolobium nigrum*? O nome específico de Veloso me parece que deve preferir; não só pela prioridade, mas porque é mais próprio: cabiúna tira mais para *prêto*, do que para *violáceo*: o mesmo nome brasílico o indica; principalmente a cabiúna chamada prêta.

Sôbre madeiras de lei nada posso atualmente ajuntar ao que já mandei a Vossa Senhoria na relação das madeiras. A lista de madeiras de lei, que vem em nota nas *Tábuas fisionômicas*, tem sido por mim estudada, e considerada muitas vêzes; mas nela Vossa Senhoria trata de madeiras de muitas Províncias do Brasil, principalmente das do Norte; e sendo os nomes vulgares, em geral, muito diferentes de província a província, essa relação, apesar de todo o seu merecimento pouco me tem servido, para a determinação das madeiras do Rio de Janeiro.

Êste ano tenho feito novas colheitas de flôres, e frutas de árvores de lei, mas ainda estou eu longe da conclusão do meu empenho: vamos caminhando.

Floresceram êste ano pela primeira vez depois de 1840 para cá os ubatãs, ou gonçalo-alves, *Astron*[*ium*] *fraxinifolium* de Schott. É muito notável a época, no período da florescência de certas árvores: com as circunstâncias muito notáveis, como aconteceu agora com os ubatãs, de florescerem tôdas ao mesmo tempo, árvores das matas, dos campos, velhas, novas, grandes, pequenas; e tôdas passarem o mesmo período até nova florescência. As guara-

remas, que as vi florescer em 1844, não deram mais flor até êste ano, em que quase tôdas floresceram de nôvo, com intervalo de quatro anos. As taquaras, diz-se, que florescem de sete em sete anos, e morrem tôdas depois, como as plantas anormais, ou monocarpianas. Também foi êste ano que pela primeira vez, como me informa Riedel, floresceram no Rio de Janeiro os bambus-da-índia; quero dizer que foi a primeira vez que Riedel os viu com flor, e também eu. O óleo-vermelho, dizem os mateiros, que floresce de sete em sete anos (o número de sete é cabalístico entre o povo, por tanto não deve ser tomado com muita exatidão, mas como indicando um certo período). O certo é que desde 1840 para cá êles não têm florescido. Quais serão as causas dêste fenômeno tão singular? Estará êle ligado a fenômenos meteóricos, que se repetem com períodos mais ou menos espaçados? Mas por que não manifesta sua ação em todos os vegetais? E por que cada espécie tem seu período particular?

O ano passado só pude publicar duas plantas, que foram: O tapinhoã, e o cabureíba, das que mandei logo a Vossa Senhoria exemplares dos desenhos e descrições, acompanhados de amostras, ou ramos secos de cada espécie.

Desejo que Vossa Senhoria me mande dizer se tem sempre recebido os exemplares, ou *escantilhões* das plantas sêcas, que costumo a mandar com as descrições: para que as plantas possam ser estudadas e comparadas.

Êste ano só tenho, por ora, publicado uma, que é a *Urucurana* [10] (não as de Casaretto) que brevemente remeterei a Vossa Senhoria. E nessa ocasião irá também uma coleção dos meus trabalhos para o Senhor Endlicher.

Necessitamos para a biografia do nosso botânico Frei Leandro, de uma notícia dos trabalhos, que se publicaram na Europa, dêle, e a respeito dêle: e memórias, polêmicas, etc. Aqui nada sabemos disso: os manuscritos, que necessàriamente êle devia deixar, por sua morte, sumiram-se. Se Vossa Senhoria quisesse ter o incômodo de dar-me notícias a êsse respeito; e, se com efeito aí existem êsses trabalhos do nosso patrício, dar-me alguns extratos, e um juízo sôbre o seu merecimento, far-me-ia nisso um grandíssimo serviço.

Já que estamos a importuná-lo, vá mais uma exigênciazinha. Desejo saber a origem da palavra — *arilló* — adotada não sei se por Lineu; nenhum dicionário me satisfaz; assim também — *fovilla* — que presumo ser derivado do verbo — *foveo;* mas não tenho certeza. Estas questões não são de mera curiosidade; são-me necessárias para a nomenclatura, quando tiver de compor um compêndio de Botânica para as nossas escolas.

Vossa Senhoria com suma bondade se ofereceu para mandar-me alguns livros de que eu tenha necessidade; mas nós aqui temos muito pouco conhecimento das obras alemãs; por isso não me animo a designar nenhuma.

---

[10] Cf. *Catál.*, n.º 559 e *Ind. Est. Botân.*, *s.v.*

Tenho abusado muito da paciência de Vossa Senhoria; paro aqui. Espero ter cedo ocasião de escrever de nôvo a Vossa Senhoria e então tratarei de mais alguns pontos.

Estava concluindo esta carta quando me chegou à casa o Senhor Schuch. trazendo-me o Diploma da Real Sociedade de Ratisbona, que eu devo aos ofícios de Vossa Senhoria. Não tenho agora tempo de responder e agradecer a essa ilustre corporação, o que farei o mais breve possível.

Sou com tôda a consideração e acatamento.

De Vossa Senhoria
Muito humilde e venerador criado
Francisco Freire Alemão

P.S. — Apresso-me em retificar um êrro, que cometi em latim. Não tenho nenhum uso de escrever o *latim,* no entanto não tenho remédio senão compor eu mesmo a história, ou descrição latina das plantas. Descrevendo as duas últimas plantas: Tapinhoã e Cabureíba, para dar as dimensões do caule, servi-me da palavra latina — *palmus* — como se fôsse equivalente de palmo em português (oito polegadas) . Parece que os latinos empregavam às vêzes *palmus,* e *spithama* indiferentemente; mas na ciência o valor dos têrmos deve ser bem determinado: *palmus* portanto ali deve-se entender a medida de oito polegadas.

Falei ao secretário do Instituto Histórico sôbre o atraso da revista trimensal, disse que ia dar providências para serem remetidos.

102 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 21 de setembro de 1848

Ilustríssimo Senhor

A carta, que escrevi a Vossa Senhoria em 30 do mês passado, aqui ficou, por não haver tempo de a entregar à pessoa, que nessa ocasião partiu daqui; ela vai junto com esta. Por isso agora pouco tenho a dizer-lhe.

Remeto-lhe um exemplar de uma nova planta, publicada êste ano, que é a urucurana. O ramo, ou amostra da planta sêca irá em outra ocasião.

Vai também um exemplar da mesma para a Sociedade Real de Botânica de Ratisbona; assim como a resposta em agradecimento ao diploma de membro correspondente com que ela me quis honrar.

Ao Senhor Endlicher remeto uma coleção das minhas plantas, menos a primeira, da qual tendo tirado só 50 exemplares, já não tenho nenhum disponível.

Ando aqui com desejos de reunir os poucos, que se ocupam de ciências naturais para formar um núcleo, ou começo de uma Sociedade, a que tenho tenção de dar o título de *Sociedade Velosiana,* em obséquio ao autor da *Flora Fluminense*. O mais difícil da emprêsa é a publicação de um periódico cien-

tífico, que me parece um elemento indispensável para a estabilidade dessa Sociedade: como deve ser acompanhado de estampas será mui dispendioso, e não podemos contar com assinantes em tal número, que cubram as despesas. Êste jornal ou periódico será chamado o *Precursor,* como o primeiro dêste gênero, que aparece no Brasil.

Isto são veleidades: não sei quando e como se realizarão: mas quero comunicá-las para ficar comprometido, e como obrigado à sua execução.

A notícia, que me deu o Senhor Schuch de que Vossa Senhoria se verá obrigado a suspender o trabalho da sua *Flora,* me penalizou bastante.

Sou com tôda a consideração

De Vossa Senhoria
Muito venerador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

110 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1849

Ilustríssimo Senhor

Em novembro do ano passado recebi a última carta, com que Vossa Senhoria me honrou, datada de oito de agôsto do mesmo ano. Desejando eu fazer acompanhar a que agora escrevo com alguma coisa mais interessante fui obrigado a demorá-la até hoje, porque se interrompeu o periódico (*Arquivo Médico*) no qual eu fazia as minhas publicações. Prepara-se a publicação dum nôvo periódico literário, por meio do qual tenciono ir continuando a dar à luz o fruto de minhas investigações. Já noticiei a Vossa Senhoria do meu projeto, em ajuntar para trabalharmos em comum os raros, que aqui se ocupam de ciências naturais; mas por ora não me foi ainda possível consegui-lo, pela dificuldade de sustentar-se no país um periódico dedicado ùnicamente a êsse ramo de ciências, tão pouco conhecido, e ainda menos apreciado no nosso país, onde os interêsses comerciais, e as questões de uma miserável política absorve[m] tôda a atenção e tôdas as faculdades do espírito. No entanto ainda não desisto dêsse intento.

Com esta remeto a Vossa Senhoria mais duas plantas publicadas depois da minha última carta, que são: *Myrocarpus frondosus,* Óleo-pardo — e *Ophthalmoblapton macrophyllum,* Santa-luzia [11]. Vão acompanhadas de amostras, ou ramos secos de cada uma, entre os quais vai também o da urucurana, cuja descrição já tive a honra de mandar a Vossa Senhoria.

A respeito do gênero *Myrocarpus* não me é possível decidir nada, porque na descrição do gênero *Diptychandra* que Vossa Senhoria teve a bondade de

---

[11] Quanto à primeira, veja-se *Ind. Est. Botân., s.v.,* especialmente V, 50; quanto à segunda, cf. *Catál.,* n.º 561 e *Ind. Est. Botân., s.v.*

transcrever, faltam os caracteres do fruto, que, (julgo eu) poderão só dissolver a dúvida. Quanto aos caracteres essenciais tirados da flor, êles me parecem idênticos. Agora com o nôvo exemplar, talvez possa Vossa Senhoria melhor julgar.

Não me tenho descuidado de estudar os nossos — brasis —; mas pouco tenho adiantado. Ainda há poucos dias fiz uma viagem a Maricá para examinar os brasis, que por tôda essa costa de Taipu ao Cabo Frio, fazem a maior parte das árvores de suas matas, das quais felizmente ainda resta boa porção. São êstes brasis mui nomeados, e procurados com grande empenho desde os tempos do descobrimento do Brasil, como Vossa Senhoria sabe. Estive só dois dias em Maricá; não me foi possível entrar nas matas, que ficavam longe do lugar, onde estive; mandei mateiros, que me trouxeram ramos (que não tinham, contra o que eu esperava, nem flor, nem fruta) de duas qualidades, que aí chamam — brasil-*amarelo;* e brasil-*vermelho;* examinando-os comparativamente entre si, e depois com os do meu hervário, que são de árvores daqui do ao redor da cidade, nem um caráter distintivo de espécie pude reconhecer. Me parece pois (ao menos por ora) que há por aqui uma só espécie, que é a — *Caesalpinia echinata* — sendo a diversidade das côres na madeira, a vária quantidade de tinta, que fornecem, a diferença de sua duração na terra, no tempo, etc., etc., devido tudo às circunstâncias de terreno, e outras. É êste um objeto, que deve ser estudado; e eu continuo em diligências. Não pude ainda obter as toras de ramos que Vossa Senhoria exige porque para isso era necessário derrubar as árvores. Aproveitarei a ocasião da primeira derrubada em lugar onde houver brasis.

A respeito da *Picramnia ciliata* de que Vossa Senhoria já me falou há tempos, tenho a dizer-lhe, que tenho encontrado por três vêzes uma planta dióica (e sempre o indivíduo masculino) a qual me tinha parecido do gênero *Comocladia* — e assim a tinha nos meus borrões. Lendo porém com mais atenção no seu *Herbarium florae brasiliensis* reconheci aí a minha planta; sòmente não lhe achei — *folia ciliata* — talvez porque lhe dei pouca atenção quando a estudei. Nunca lhe ouvi dar o nome de pau-pereira, nem indicá-la para algum uso médico. Farei a diligência por descobrir a fêmea, e para averiguar as outras circunstâncias. Devo notar que no *Genera plantarum* do Senhor Endlicher se dão, no gênero *Picramnia, estames alternos,* e os desta minha planta são opostos, como também parece indicar a descrição de Vossa Senhoria na sua obra citada. Darei da minha planta alguns caracteres, como se acham nos meus manuscritos, porque não me seria fácil agora achar a planta no meu hervário; que ainda não está ordenado. Ei-los:

Arbor medio eris potius parva; ramis longissimis, flexibilibis. Folia imparipinnata, foliolis numerosis, sobopposítis, ovalibus, acutis, pillosiusculis, ciliatis (?). Flores minutissimi, masculi, sub-sepiles, in racemos paniculatos dis-

positi. Calyx 3 fidus. Corollae petala 3, obcordiformia, concava. Stamina 3, opposita, petalis breviosa, iisdemque infra sub-adherentia. Discus 3lobatus. Rudimentum pistilli nullum.

Em uma das minhas últimas cartas a Vossa Senhoria, tratando do *Pterocarpus niger* de Veloso, *Miscolobium violaceum* de Vogel, eu cometi um êrro, que ainda que fútil, eu me apresso em retificá-lo. Eu dizia então que a palavra — *Niger* — era preferível a *Violaceum* para designar a côr da madeira; mas refletindo melhor me pareceu que o *Violaceum* se referia à côr da flor e não à da madeira. Dada no entanto satisfação do meu êrro, eu persisto ainda na opinião de que deve ser preferida a de Veloso, como primeiro que descreveu a planta *. Vossa Senhoria desculpe-me de tomar-lhe o tempo com estas ninharias, que bem mostram que eu não passo de mero estudante de Botânica.

Estudo constantemente, como é do meu dever, a *Flora Fluminensis* de Veloso para reconhecer os gêneros e espécies que já foram por êle descritas; mas tal é a imperfeição de muitas de suas estampas, e tal a concisão das descrições que encontro, em muito casos, grandes dificuldades. Devo também dizer, que não tendo eu visitado muitos dos lugares, por onde andou Veloso, falta-me o conhecimento de várias plantas por êle descritas. No entanto alguma coisa tenho conseguido a respeito dos gêneros novos propostos por êle, e que ainda se não puderam reconhecer, além do que já em outra ocasião mandei a Vossa Senhoria sôbre êste assunto; e eis aqui os que tenho reconhecido depois:

Pometia — é *Chrysophyllum*
Leretia — é *Villaresia*
Cynotoxicum — é *Omphalobium*
Bosca — é *Daphnopsis* (?)

Estas declarações, tomo a liberdade de fazê-las, porque acho nos livros mais modernos êstes gêneros de Veloso com os de outros autores debaixo do título do *Genera nondum descripta.*

Também julgo dever apontar a Vossa Senhoria alguns erros, que se cometeram no litografar as estampas da *Flora Fluminensis* em Paris, erros que os sábios europeus não os podem desconhecer; e são os seguintes:

Bignonia Sego, deve-se ler — *B. Rêgo.* O nome trivial da planta é Cipó-rêgo.

Viola Mendanca, [leia-se] *V. Mendanha*: é o nome da fazenda, ou engenho, onde Veloso encontrou esta planta; e onde eu também a tenho achado.

Viola Summa [leia-se] *V. Sûma.* O nome vulgar da planta é Cipó-çûma.

Mimosa Mongollo [leia-se] *M. Monjólo.*

O nome vulgar é Monjólo-vermelho; êste êrro não é da estampa, mas vem no *seu Herbarium Florae Brasiliensis.* Seguramente é êrro tipográfico; mas que não convém deixá-lo propagar-se.

---

* Falo na persuasão de ser a publicação das estampas em Paris anterior ao trabalho de Vogel.

Tenho do ano passado para cá conseguido colhêr flôres, e frutas de muitas árvores importantes e pelas quais eu suspirava há muito tempo: Vossa Senhoria julgará pela relação junta [12] do seu merecimento.

Remeto também a Vossa Senhoria a porção do texto da *Flora Fluminensis*, que se acha impressa: o manuscrito existe aqui, e creio que o Govêrno se decidirá a mandar concluir a impressão, e nesse caso me comprometo a continuar a mandar-lhe à proporção que fôr publicado.

Sou com todo o acatamento e veneração

De Vosssa Senhoria
O mais humilde criado
Francisco Freire Alemão

125 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 23 de novembro de 1851

Ilustríssimo Senhor

Faz já dois anos, que escrevi a Vossa Senhoria, acompanhando a minha carta a descrição e desenho de 2 plantas novas *, publicadas por mim; das quais mandei ao mesmo tempo ramos secos com flor e fruta: acompanhava também um volume, encardenado, da parte do texto da *Flora Fluminensis* de Veloso, que se acha impressa.

Até hoje não tive nenhuma resposta; nem ao menos sei se chegaram às mãos de Vossa Senhoria os objetos que lhe foram enviados. Quero crer que não chegaram ao seu destino, bem que foram os Senhores Laemmerts que se encarregaram da remessa. Rogo pois a Vossa Senhoria que me tire desta incerteza, para eu saber como me hei de regular de hoje em diante, para que as remessas sejam feitas com mais segurança.

Eu tinha assinado na casa Laemmert um exemplar da sua magnífica *Flora Brasiliensis*, cuidando então, que a sua publicação se concluísse no tempo do meu professorado; mas não acontecendo assim, e tendo eu de jubilar-me no ano que vem, ficando com meus ordenados muito reduzidos, não me é possível continuar a ser subscritor de uma obra tão cara, isto com bastante pesar meu, e mesmo não sem alguma vergonha.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria
Muito venerador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

---

[12] Cf. *Catál.*, n.º 563.

* *Myrocarpus frondosus*, e *Ophtalmoblapton macrophyllum*.

126 Cópia de uma carta escrita ao Senhor Augustin de Saint-Hilaire, em 23 de novembro de 1851 [13]

Ilustríssimo Senhor

Tomo a liberdade de apresentar a Vossa Senhoria os meus ensaios botânicos. Ninguém melhor que Vossa Senhoria, pode ser meu juiz, e auxiliar-me com seus conselhos; porque tendo visitado o Brasil, e percurrido tão grande extensão do seu território; suportado tantas fadigas, com tão nobre dedicação às ciências; estudado seus produtos e riquezas; o estado moral e industrial de sua povoação, e que com a imparcialidade e indulgência do verdadeiro sábio tem tudo exarado em uma série tão variada como importante de obras sôbre o Brasil; por isso, repito, avaliando as dificuldades, que me rodeiam, saberá desculpar as imperfeições do meu trabalho, e descubrir se nêle algum merecimento existe.

E se eu devo ser acusado de arrojar-me a uma emprêsa tão superior às minhas fôrças, não tenho por desculpas senão o desejo de ser de alguma maneira útil ao meu país.

Nossas florestas, timbre do solo brasileiro à admiração do estrangeiro, e uma das nossas mais preciosas riquezas, vão sendo destruídas pelo machado e fogo, com uma imprevidência pertinaz e estulta. Delas em pouco só restará a memória com tardio arrependimento. As árvores, que as constituem, e que fornecem tantos produtos úteis, são em grande parte, ou inteiramente desconhecidas, ou imperfeitamente estudadas. Nem as podem estudar perfeitamente senão observadores sedentários. Na falta de outros, mais capazes, animei-me a tentar a emprêsa, quero dizer, a principiá-la, porque ela deve ser longa.

No entanto posso assegurar a Vossa Senhoria, que das árvores, verdadeiras de lei, que se encontram nas matas da Província do Rio de Janeiro, já poucas me faltam, para ser classificadas, e descritas. A maior parte, porém, do

---

[13] Ocorre no mesmo códice outra cópia desta carta, datada de 10-12-1847, cujo derradeiro parágrafo tem redação diferente do desta e se acompanha de nota esclarecedora:

"Há seis anos que entrei a visitar as matas virgens, tenho árvores marcadas, que as vejo duas a três vêzes no ano, e nunca as vi com flor: por exemplo o *Óleo-vermelho,* madeira preciosíssima (que pelo *habitus* julgo dever ser *Myrospermum,* ou outro gênero próximo a êste) algumas espécies de jacarandás (*Nissolias*) etc., etc.; vê-se por tanto quanto tempo e trabalho será necessário para se concluir o estudo das árvores florestais.

No entanto não desfaleço, vou ajuntando materiais, aproveitando as derrubadas, que ao menos terão isto de útil; e quando as matas já não existirem ficará ao menos uma lembrança escrita."

Segue-se, como nota ao pé-de-página:

"Esta carta era dirigida ao Senhor Saint-Hilaire, a quem tencionava mandar plantas publicadas; mas deixei isso para só depois.

Resolvi-me afinal a escrever a Saint-Hilaire e mandar-lhe os meus trabalhos em 23 de novembro de 1851."

meu trabalho está ainda em manuscrito: o que está impresso é o que agora tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria [*] e se Vossa Senhoria se dignar lançar-lhe os olhos, e achar que não é uma obra inteiramente inútil, continuarei a submeter ao juízo de Vossa Senhoria o que fôr publicado para o diante.

Sou com todo o respeito

De Vossa Senhoria
Muito venerador e criado
Francisco Freire Alemão

135 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius, em 21 de julho de 1852, em resposta a outra sua datada de 19 de maio de 1852

Ilustríssimo Senhor

Recebi ontem vinte de julho a sua estimável, e mui desejada carta de 19 de maio dêste ano. Agradeço a Vossa Senhoria sumamente a maneira obsequiosa, com que me trata: e fico muito satisfeito com se dissiparem as minhas apreensões e suspeitas de que Vossa Senhoria tivesse alguma razão para suspender a sua correspondência comigo, quando eu não podia descubrir em minha consciência qual seria essa razão. Continuei conforme o meu costume a escrever-lhe ao menos uma vez por ano; e só o não fiz no de 1850 porque não havia ainda recebido resposta de Vossa Senhoria das minhas de 48 e 49; e em 51 crescendo a minha ansiedade pela falta de correspondência me resolvi a escrever-lhe aquela, a que Vossa Senhoria faz-me hoje a honra de responder. Parece-me que as últimas cartas minhas, que Vossa Senhoria recebeu são: uma com data de 30 de agôsto de 1848, que é mui longa, e sôbre questões botânicas; e mais duas com data de 21 de setembro do mesmo ano, uma das quais acompanhava vários exemplares de descrições de plantas novas publicadas por mim, para Vossa Senhoria, para o Senhor Endlicher, e para a Sociedade Real de Ratisbona; e a outra se dirigia a essa Sociedade, e era a minha resposta e agradecimento, pela subida honra que ela me fêz em admitir-me no meio de seus sócios: tôdas estas cartas foram juntas, e pela mesma via. Agora transladarei aqui, a que remeti em 30 de novembro de 1849, para que Vossa Se-

---

* (*Nota bene:* As plantas que agora mandei (descritas e desenhadas) a Saint-Hilaire, e a Richard foram as publicadas antes da instalação da Sociedade Velosiana; porque as publicadas depois, como trabalhos da Velosiana, eu as não tinha em casa, nem me foi possível obtê-las.)

Nesta mesma ocasião, mandei uma coleção a Robert Brown em Londres e dei mais dois exemplares ao Silva [14], e três ao Varnhagen. para distribuirem-nos como lhes parecesse.

[14] É impossível saber-se a qual dos Silvas: se a José Ribeiro, se a Paulo Barbosa. Ambos, como Varnhagen, se encontravam então na Europa.

nhoria siga o fio de minhas investigações; e que acompanhava o catálo[go] das madeiras, que eu tinha melhor estudado, e determinado, depois do que lhe mandei em maio de 1847. Algumas correções, e acrescentamentos podia eu já fazer a êsse catálogo, a respeito de alguns fatos, e opiniões emitidas por mim nessa e outras correspondências anteriores; mas julgo melhor mandar-lhe exatamente o que então lhe escrevi, deixando as correções para outra ocasião[*].

Eis aqui quanto lhe comuniquei em 30 de novembro de 1849 palavra por palavra. Esta escrevo com pressa, e para mostrar sòmente quanto eu suspirava por ver não interrompida a minha correspondência com Vossa Senhoria. Daqui a dois ou três meses lhe escrever[ei] devagar; teremos longamente que conversar: mandar-lhe-hei então um outro exemplar da *Flora Fluminensis;* plantas sêcas; descrições de plantas novas, etc., etc. Repito ainda que sempre que lhe mandava as descrições de plantas, feitas, e publicadas por mim, eram elas acompanhadas de ramos secos das mesmas plantas: e via com pesar que Vossa Senhoria me não dava notícia de as receber. Tratarei agora com a casa dos Senhores Laemmerts sôbre a remessa segura dêsses objetos, bem que a última minha carta que acompanhava o texto da *Flora Fluminensis,* foi entregue nessa casa. Não recebi a importante carta de que Vossa Senhoria me fala, e estimarei muito que Vossa Senhoria a queira repetir. Na mais próxima ocasião responderei à sua última de 19 de maio dêste ano, e satisfarei no quanto puder ao que Vossa Senhoria exige. Desejo a melhor saúde a Vossa Senhoria de quem sou respeitoso, e reverente criado.

Francisco Freire Alemão

Darei ao Capanema as recomendações de Vossa Senhoria.

142 Cópia de uma carta escrita ao Senhor Martius, em 22 de dezembro de 1852

Ilustríssimo Senhor

Em 20 de julho dêste ano, tive o prazer de receber a sua carta com data de 19 de maio: e logo no dia seguinte me apressei a responder-lhe; não podendo por isso ser mais longo, e explícito do que fui. Agora conversaremos mais folgadamente. Senti muito que ainda lhe não tivesse chegado às mãos a parte do texto da *Flora Fluminensis* de Veloso, que lhe remeti. Era um volume *in-fólio português,* encadernado. Tinha tenção de lhe mandar agora um outro exemplar; mas conversando com os Senhores Laemmerts, me aconselharam que o não fizesse ainda, porque era muito possível, que depois de

* (Segue-se o traslado da carta de 30 de novembro de 1849, e da relação das madeiras, que a acompanhava).

alguma demora Vossa Senhoria o viesse a receber ainda. Ficará portanto para daqui mais a alguns meses, se Vossa Senhoria me não acusar a sua recepção A oferta que Vossa Senhoria tão benìgnamente me faz dum exemplar da sua *Flora Brasiliensis*, eu não posso senão aceitá-la cheio de gratidão, porquanto eu muito sentia não poder possuí-la completa. Da minha subscrição recebi os 9 fascículos primeiros; assim querendo Vossa Senhoria ter a bondade de a continuar, o fará do fascículo 10.º por diante. E quanto ao endereço, uma vez que venha escrito o meu nome, pode mandar o que vier para mim junto com o da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, ou com o da Escola de Medicina.

Consegui fundar aqui, como já havia prevenido a Vossa Senhoria na minha carta de 21 de setembro de 1848, uma Associação de História Natural, a que dei o nome de Sociedade Velosiana em obséquio ao autor da *Flora Fluminensis*, em fins de 1851 [15]. Temos muito pouca gente, que se ocupe destas matérias, assim não é possível fazer muito, mas, aqui, o pouco vale muito. Ela marcha com lentidão, e através de muitos tropeços; veremos se com pertinácia se vence dar-lhe estabilidade. Por ora vai publicando seus fracos trabalhos no *Guanabara*, periódico literário, que aqui se publica, até que possa ter um jornal seu; o que eu reputo essencial para a sua direção. De tudo o que se tem publicado remeto agora a Vossa Senhoria um exemplar. No meio disso achará Vossa Senhoria uma relação das árvores de construção das matas do Rio de Janeiro [16], alguma cousa mais adiantada dos catálogos, que lhe tenho mandado, e por onde verá como eu vou marchando. Depois que li êsse trabalho na Sociedade Velosiana, tenho ainda avançado mais no estudo das árvores: e já êste ano li outra memória sôbre o mesmo assunto, da qual, só extraí para aqui o que diz respeito ao *vinhático-amarelo*, ao *oiti*, e ao *tatu* que naquela relação não se acham ainda determinados [17].

Vinhático-amarelo — Forma o tipo dum nôvo gênero, que deve ser o *Echyrospermum* de Schott, do qual só tenho notícias senão de alguns caracteres do fruto; e parece que Schott não lhe viu a flor. Baltasar da Silva Lisboa já o tinha descrito na sua *Física dos Bosques*, e com bastante detalhe e como não sei se já lhe deram o nome específico, eu proponho o seguinte: *Echyrospermum Balthazari*.

Oiti — Veio a verificar-se a minha suspeita de ser esta árvore pertencente às Artocárpeas: não é porém um *Brosimum;* e tendo caracteres muito particulares proponho-o para tipo dum gênero nôvo que dedico a Gabriel Soares; e será: *Soaresia Nitida*.

Vem também descrita, e desenhada na *Física dos Bosques* de Baltasar, com o nome de *Oiticica;* assim a chamam na Bahia, segundo êle.

---

15 Lapso do missivista. A Sociedade Velosiana foi criada em setembro de 1850.

16 Cf. *Catál.*, n.º 571.

17 Cf. *Catál.*, n.º 577.

Tatu — Esta excelente árvore de construção pertence à família das Olacíneas e parecendo-me dever formar um gênero nôvo proponho para êle o nome de: *Vazea indurata,* dedicando-o a Pero Vaz de Caminha.

Peço a Vossa Senhoria queira desculpar a imperfeição dêsse tra[ba]lho (falo dessa relação, a que dei o título de Apontamentos: são por ora preparativos para uma obra definitiva, que se Deus me conservar vida e saúde, pertendo fazer; e que será intitulada — *Arboretum,* ou *Arborarium Fluminense;* porque aí só me ocuparei das árvores florestais, e de construção.

Vão descrições e desenhos de algumas árvores, que tenho publicado ùltimamente; dessas algumas já lhe remeti; mas como podem ter-se perdido, remeto-as de nôvo. Tôdas vão acompanhadas de seus ramos com flor e fruta. Vai também um ramo da tatajiba de que lhe falei em uma das minhas precedentes; para que me tire da dúvida, se é com efeito *Maclura,* como eu sou inclinado a crer. Vão também alguns ramos com flor, e fruta do brasil. Quanto porém aos pedaços, ou toros, que pede e insta para que eu lhe mande, ainda o não faço porque não me tem sido possível obtê-los; é necessário que eu faça tudo; não me descuidarei porém disso.

A respeito da madeira que na Europa se chama *Palisandre,* palavra que julgo ser corrupção de *pau-santo,* ou *palo-santo;* porque assim chamam, para o norte do Brasil, o jacarandá ou alguma de suas espécies; eu não sei a qual Vossa Senhoria se refere, pois sabe muito bem que por jacarandá se designam árvores muito diversas. O que aqui no Rio, e provàvelmente na Europa chamam jacarandá é a *cabiúna, Pterocarpus niger* Veloso, *Miscolobium violacea* de Vogel; será esta a de que Vossa Senhoria fala?

Não achei no meu hervário nem um ramo, ou planta de *ipecacuanha* em têrmos de lhe mandar; por isso farei a diligência por obter ramos frescos, e lhos enviarei o mais breve possível.

Do guaranhém ainda não pude obter a flor, e nunca a vi: dizem os mateiros que só floresce de sete em sete anos; não sei o que nisto há de verdadeiro; mas, se bem me lembra Pison, ou Marcgravius dizem alguma coisa de semelhante.

Estou de viagem para o campo, onde vou passar as férias; mas não as passarei em ócio; e quando voltar em fins de fevereiro, lhe darei conta das minhas novas conquistas no Reino da Flora. Por agora nada mais se me oferece a dizer-lhe. Desejo no entanto a Vossa Senhoria a melhor saúde e próspera fortuna, como quem é

De Vossa Senhoria
Muito respeitador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

P.S. — Ouvi aqui a triste notícia de ter falecido o Senhor Endlicher: se isso aconteceu dou a Vossa Senhoria sinceros pêsames; e senão, o que Deus

permita, espero de Vossa Senhoria a bondade de mo comunicar para que eu lhe faça também remessa do meu pobre trabalho.

Ainda *P.S.* — Da urucurana (*Hyeronima alchorneoides*)[18] já eu colhi flor masculina, e já apresentei a sua descrição e desenho na Sociedade Velosiana; mas ainda êsse trabalho se não acha impresso. Pelo estudo da flor masculina ainda fiquei mais certo de ser esta planta a representante de um gênero nôvo.

147 Cópia da carta que escrevi, em resposta, ao Príncipe Maximiliano de [Wied]-Neuwied

Príncipe

O amor, que tenho pelo estudo dos vegetais (não como sábio botânico, como Vossa Alteza gosta de me chamar, mas na qualidade de simples aprendiz) cresce diàriamente, não só porque me distrai, me deleita, e me ocupa; mas também porque me proporciona os louvores, e os estímulos dos botânicos célebres, a cujo parecer submeti meus pobres trabalhos, e agora, Príncipe, porque foi motivo de que meu nome fôsse conhecido de Vossa Alteza e que Ela quisesse honrar-me com uma carta de sua mão, cujas frases são cheias de bondade e tão desvanecedora para mim. Eis aí, Príncipe, o prêmio que mais ambiciono em troca das fadigas, que suporto, e dos perigos a que me exponho, percorrendo as florestas virgens, e sob a influência do clima quente e úmido do Rio de Janeiro, que Vossa Alteza conhece por experiência.

Estou sumamente contrariado de não ter nesse momento uma rica coleção de plantas das mais raras, e mais belas do Brasil, ou pelo menos das do Rio de Janeiro. Meu hervário acha-se por agora muito empobrecido, porque durante uma ausência de seis meses foi prêsa da voracidade dos vermes (flagelo de nossos livros, e de nossas coleções); corolas, estames, e mesmo as fôlhas foram consumidas. Depois dessa desgraça, limitei-me a colhêr, e a conservar apenas exemplares de árvores florestais, a cujo estudo eu me tenho quase exclusivamente dedicado. Ora, as amostras das grandes árvores raramente são belas; já porque de modo geral tenham flôres pequenas, e de pouca aparência, já porque não possam muitas vêzes ser obtidas senão a tiro de fuzil; são pequenas e não escolhidas; além disso, conseguem-se com dificuldade; não raro, após 10 ou 12 tiros, obtém-se apenas um ramo bem pequeno. As colheitas mais fáceis se fazem durante a derrubada das grandes matas; mas então sobrevém também o desespêro àqueles que desejam estudar as árvores: árvores preciosas, desconhecidas dos botânicos, encontram-se deitadas por terra, mas têm apenas botões; outras mostram flôres fanadas, e frutos ainda não desenvolvidos; outras, finalmente, não apresentam flôres nem frutos: testemunha-se dêsse modo uma grande devastação sem proveito para a ciência.

---

[18] Cf. *Catál.*, n.º 559.

Tão longa importunação vem apenas como escusa do modesto pacote que tomo a liberdade de pôr diante de Vossa Alteza, e do tão pobre aspecto das amostras. Não me considero quite com Vossa Alteza, e se dispuser de um pouco mais de lazer, eu me encarregarei de organizar outra coleção, cujos espécimes sejam mais belos, e mais cuidados, que porei à disposição de Vossa Alteza.

Sou com o mais sincero reconhecimento, e o mais profundo respeito,

De Vossa Alteza
o mais humilde servidor
Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1853

[*N.B.*] — No dia 5 de dezembro, tendo recebido mais um número de um jornal publicado em Londres pelo Senhor Hooker, onde vem um artigo do Senhor Bentham sôbre a Sociedade Velosiana, eu entreguei um maço de exemplares de plantas sêcas, ao Senhor João Miers, para seu pai em Londres, que foi quem me mandou aquêle folheto, assim como outros, que recebi antes. Não escrevi ao Senhor John Miers de Londres, por entregar as plantas em própria mão de seu filho.

148 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 23 de novembro de 1853

Ilustríssimo Senhor

Faz quase um ano, que tive a honra de lhe dirigir uma carta por intermédio dos Senhores Laemmerts, na qual dava conta a Vossa Senhoria do que eu havia feito nesse ano de 1852. Acompanhavam essa carta algumas memórias minhas impressas aqui no Rio de Janeiro, assim como alguns exemplares, ou ramos secos de plantas por mim determinadas, e descritas.

Até hoje porém não tenho recebido resposta de Vossa Senhoria, nem sei se essa carta, impressos, e plantas chegaram ao seu destino.

Êste ano, que vai findar foi para meus exercícios botânicos de grande esterilidade, já pela quase nula florescência das árvores florestais, já por minha vida um pouco desarranjada, estando cuidando na minha jubilação, e na minha mudança da cidade para o campo, ou para o mato. No entanto devo asseverar a Vossa Senhoria que não passei êsse tempo sem fazer alguma coisa em adiantamento dos meus trabalhos, o que em tempo oportuno comunicarei a Vossa Senhoria.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria
Venerador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

Carta ao Senhor João Miers *

Dezembro de 1853

Ilustríssimo Senhor

Tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria os papéis, que acompanham esta minha carta para que Vossa Senhoria tenha a bondade de os fazer chegar ao muito ilustre Senhor George Bentham. Nesses papéis se compreende tudo o que eu tenho publicado aqui dos meus trabalhos botânicos. É para mim muito honroso e lisonjeiro o acolhimento com que êles tem sido recebidos pelos mais distintos botânicos da Europa, entre os quais se contam os senhores seu pai, e George Bentham, a quem não tenho expressões com que lhes mostre todo o meu agradecimento. Nessa coleção há falta de alguma coisa: mas de pouca importância. Falta o texto da primeira planta que publiquei (*Drypetes Sessiliflora*)[19] na *Minerva Brasileira* (*sic*), e da qual tirei para mim poucos exemplares do texto, que já tenho todos distribuídos: faltam também as páginas 77 a 84 da Biblioteca Guanabarense (*Trabalhos da Sociedade Velosiana*). Essas páginas estavam cheias sòmente com a questão dos nevoeiros, ou o enfumaçamento da atmosfera do Rio de Janeiro, e não as tenho nas minhas coleções, e não tenho tempo agora de as ir procurar no Museu onde estão os papéis da Velosiana. Acha-se aí uma memória minha sôbre a origem dos vasos no caule dos vegetais, etc.[20], questão que é da mais alta importância, e que eu julgo tê-la encarado de um modo nôvo. Como tenho adiantado mais trabalho a êste respeito, que não estão ainda redigidos, e convindo quanto antes dar-lhe publicidade, se êles forem disso merecedores, tomo a liberdade de oferecer um extrato em manuscrito acompanhado de um desenho a lápis, para que Vossa Senhoria tenha a bondade de o submeter ao juízo do Senhor Bentham, ou do senhor seu pai; e se êles se dignarem lançar os olhos sôbre êle, eu estimarei muito saber qual a sua opinião a respeito, qualquer que ela seja. Foi escrita muito à pressa, e por isso talvez me não faça sempre bem entendido; mas o desenho auxiliará a sua inteligência. Escrevo-a também em português porque vejo que os trabalhos da Sociedade Velosiana foram bem

* Desta carta não tive nenhuma resposta, nem sei mesmo se os papéis de que aí falo chegaram a seu destino. Confesso que êsse silêncio, que não sei de que provém, me deixou descontente, e mesmo envergonhado. Apesar disso entendo que devia copiar aqui o rascunho dessa carta. Já lá vão mais de 9 anos.

19 Não há ms. nem impresso no espólio de Freire Alemão. Cf. *Min. Brasil.*, vol. II, n.º 24, 15 out. 1844, p. 737.

20 Cf. *Catál.*, n.os 569 e 570.

compreendidos, e porque talvez seria mais dificilmente entendido se eu me metesse a escrevê-la em francês, oú latim, pela minha pouca habilidade em manejar essas duas línguas.

Sou com muito respeito

De Vossa Senhoria
Venerador e criado
Francisco Freire Alemão

159 Cópia duma carta mandada ao Senhor Afonso de Candolle, em resposta

Rio de Janeiro, novembro de 1854

Senhor Professor

Vossa carta, datada de 7 de abril, e que recebi no fim do mês de maio, surpreendeu-me de certo modo agradàvelmente no recanto em que me acho retirado. Peço-vos perdão por não vos haver respondido antes: é que eu desejava que minha carta fôsse acompanhada de uma coleção de minhas tentativas botânicas, e de algumas plantas sêcas. Mas obrigado a mudar meu domicílio para o campo, a oito léguas do Rio de Janeiro, e a construir uma cabana para ali me fixar, tenho todos os meus papéis e coleções em desordem: e não sabendo quando isso terminará, e me dará lazer, achei que não podia mais demorar a comunicação do recebimento de vossa carta, tão desvanecedora e tão honrosa para mim, bem como o agradecimento pelas generosas ofertas, que me fazeis.

Apresentei vossa carta em nossa pequena Sociedade Velosiana, que lhe ouviu a leitura com bastante interêsse. Essa sociedade, que tem poucos trabalhadores, não está ainda muito firme; e por isso não se atreve ainda a eleger Membros Honorários, segundo seu regulamento: mas tão logo se considere um pouco mais sólida, ela se apressará em se abrigar sob os nomes ilustres da Ciência, e vós, Senhor, estareis entre os primeiros, se vos dignais a conceder-nos tal favor.

De minha parte, logo que esteja estabelecido, e meus negócios postos em ordem, não me esquecerei de vos enviar meus ensaios botânicos (já que o exigis), assim como as memórias da Sociedade Velosiana. Meu herbário encontra-se atualmente bem empobrecido; mas, das amostras que se achem melhor conservadas, eu vos remeterei as que vos possam ser mais úteis. Se por alguma dessas coisas me achardes digno de qualquer recompensa, nada me poderá ser mais agradável e mais útil do que algum dos belos trabalhos de vossa pena, e da de vosso digno Pai, cujas obras clássicas não pode dispensar quem deseje dar um só passo em botânica; e das quais possuo as seguintes:

Regn. Veget. Syst. natur. 2 vols.
Prodromus 13 vols.

Theor. element.	ed. de 1844
Organographie	2 vols.
Physiologie	3 vols.
Mémoires	1.º vol. contendo: *Melast., Crass., Onagr., Parony.*, Ombel., Loranth., valis., Coct., Compos.

E vossos *Eléments de Botanique.*

Recebei, Senhor, a garantia da elevada estima, e do profundo respeito com que sou

Vosso muito humilde servidor,
Francisco Freire Alemão

161 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 20 de fevereiro de 1855

Ilustríssimo Senhor

A estimável carta de Vossa Senhoria de primeiro de fevereiro do ano passado, me chegou às mãos nos últimos dias de maio. Recebi também da sua preciosa obra – *Flora Brasiliensis,* etc., o fascículo XII. Da minha subscrição em casa dos Senhores Laemmerts, eu tinha recebido até o fascículo 9.º inclusive; há pois uma falta de dois fascículos – 10.º e 11.º. Bem sei que uma obra desta natureza é distribuída por vários autores, e que nem sempre pode ser seguida em sua ordem: assim se esta minha lembrança vier a ser inútil, peço-lhe ao menos que a não tome como uma impertinência. Não tenho têrmos para lhe agradecer tão subido favor.

Muito folguei que meus ensaios botânicos anatômico-fisiológicos chamassem sôbre si alguma atenção dos sábios da Europa: isso nos anima a progredir, e a fazer novos esforços, dos quais não aspiramos a outro prêmio.

A respeito da análise química do líquido contido nos pêlos urentes, comuniquei os seus desejos ao nosso amigo Capanema, que é mais próprio para êsses trabalhos; e êle prometeu-me fazer alguma coisa. Ao mesmo tempo lhe dei as lembranças, e recados que Vossa Senhoria lhe mandava.

Muito agradeço a Vossa Senhoria as reflexões, que me faz sôbre a *Hyeronima alchorneoides*. Quando estudei esta planta não deixei de fazer algum reparo quanto a seu hábito particular; mas uma certa parecença com as *Alchorneas* me induziu a considerá-la no número das euforbiáceas, mesmo depois de ter examinado a flor masculina, o que só pude fazer em novembro de *1850.*

Agora advertido por Vossa Senhoria reconheço que é uma *Antidesmia.* Quanto a ser ou não o tipo de um gênero nôvo a planta por mim descrita, eu submeto ao juízo de Vossa Senhoria, para o que aqui remeto junto um tôsco

esbôço, extraído, em resumo, da memória que apresentei à Sociedade Velosiana em novembro de 1850 (que ainda não está impressa) e sem nada alterar do que então fiz. Também aí [junto] a exposição dos caracteres do fruto, e do embrião da *Maclura Affinis;* que tirei dos meus borrões, e tomo a liberdade de lhos apresentar porque vejo que faltam os caracteres do embrião no gênero *Maclura* da sua *Flora.*

Pede-me Vossa Senhoria alguma coisa sôbre as famílias, de que vai agora tratar; infelizmente nada tenho a êsse respeito digno de lhe ser oferecido. Sôbre as Poligôneas algum trabalho tenho, mas ainda tão informe, e incompleto que para nada presta.

Quanto à araucária, no lugar em que me acho não as há; mas escrevi logo a um nosso engenheiro, Teodoro de Beaurepaire Rohan, moço distinto (filho de nobres franceses, que residiram no Rio de Janeiro) mui estudioso de História Natural, e que atualmente se acha na nova Província do Paraná, para me colhêr e remeter as amostras que Vossa Senhoria exige: espero que êle não me faltará; e logo que alguma coisa me chegue mandar-lhe-ei.

A respeito de Veloso de Miranda tudo quanto sei se acha num parágrafo do meu relatório anual dos trabalhos da Sociedade Velosiana, que incluso remeto: e aproveito a ocasião para lhe mandar uma pequena memória minha sôbre a formação dos vasos no caule das plantas dicotiledôneas[21]. Não sei se haverá nela alguma coisa de nôvo, ou se minhas observações são justas. Passarei talvez por *abelhudo;* mas não importa, eu irei sempre gastando tempo e paciência nestas coisas, com que matarei alguns momentos de aborrecimento.

No tomo 2.º (1840) da *Revista Trimensal* do nosso Instituto Histórico e Geográfico achará Vossa Senhoria as biografias, de Alexandre Rodrigues Ferreira no 8.º, e a de Veloso (autor da *Flora Fluminensis,* da *Alografia,* e publicador do *Fazendeiro do Brasil,* e de outros trabalhos) no suplemento. Por aí pode Vossa Senhoria coligir, até certo ponto, que lugares êles correram, e investigaram.

A nova edição de suas viagens pelo Brasil, deve hoje oferecer ainda mais subido interêsse, pelas adições que lhe vai fazer; e porque o vale do Amazonas chama as atenções de todo o mundo, quer pelas suas riquezas naturais, quer pela avidez com que lhe lançam os olhos nossos amáveis vizinhos do Norte. Infelizmente para mim que ignoro o alemão, o prazer de sua leitura me será vedado.

Do texto da *Flora Fluminense* o que há impresso é o que mandei a Vossa Senhoria, o resto existe ainda por imprimir: tenho lembrado ao govêrno a necessidade de se concluir êsse trabalho, e espero que isso se faça: e à proporção que fôr aparecendo ir-lhe-hei remetendo.

---

21 Cf. *Catál.,* n.os 569 e 570.

Achando-me jubilado, mudei-me logo para a roça oito léguas longe da cidade, onde estou fazendo uma casinha. Isto me tem absorvido o tempo, e atenção, e impedido de trabalhar: e é por isso que nada tenho feito êste ano. Nem mesmo pude ainda estudar, como ela merece, a parte da sua *Flora Brasiliensis,* com que me obsequiou. Espero tirar a desforra de tudo quando me achar estabelecido, e sossegado.

Reclamei ao Secretário do Instituto Histórico pelos números que lhe faltam da *Revista Trimensal*: e espero que Vossa Senhoria será satisfeito.

Esta minha resposta tenho-a demorado tanto, para a remeter por mão própria pelo nosso Capanema, que cuida em ir à Europa êste ano.

Com esta remeto-lhe um pequeno toro de brasil tirado duma árvore mui nova, na qual há já bastante cerne: e creio que seja suficiente para o estudo que deseja fazer. Vai também outro toro de um ramo de tatajiba tirado da mesma árvore de que lhe mandei ramos floríferos.

Não achei no meu hervário um só ramo com flor do brasil em estado de lhe ser apresentado: alguns que encontrei estavam com as flôres tôdas destruídas. Há bem tempos que não colho flôres desta árvore; das primeiras que colhêr não me esquecerei de mandar-lhe alguns exemplares.

Desejo a Vossa Senhoria a melhor saúde e muitas felicidades, pois sou

De Vossa Senhoria
Muito respeitador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

163 Carta ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 4 de junho de 1855

Ilustríssimo Senhor

Esta minha carta escrita à pressa, só tem por fim comunicar a Vossa Senhoria que nesta ocasião lhe vai uma remessa de amostras de ramos, madeiras, flôres, e frutas do nosso pinheiro que recebi do Paraná; tudo colhido pelo engenheiro Henrique (não Teodoro como por engano lhe escrevi) de Beaurepaire Rohan com destino para Vossa Senhoria, porque assim foi que lhe pedi êste obséquio. Infelizmente a pinha maior desfêz-se quando a desembrulhamos; mas alguns pinhões, que vão dela poderão dar idéia de sua grandeza.

De tudo se encarrega o nosso Capanema, que vai à Europa.

De Vossa Senhoria
Muito repeitador e obrigado
F. F. Alemão

164 Cópia de uma carta ao Príncipe Maximiliano [de Wied-Neuwied]

Príncipe,

Um oficial de talento, brasileiro, que parte amanhã para a Europa, gentilmente deseja ser portador desta carta, que escrevo muito à pressa para aproveitar a boa ocasião; e para não demorar mais a resposta que devo à carta, tão desvanecedora, que Vossa Alteza teve a bondade de me escrever; bem como para testemunhar meu reconhecimento pelo presente que me fêz Vossa Alteza da magnífica obra das plantas magras do Príncipe de Salm. É uma obra realmente bela em todos os sentidos e da qual deverei me valer bastante.

Estou envergonhado de não ter neste momento algo digno de ser presenteado a Vossa Alteza. Há mais de um ano que não tenho tido ocasião de percorrer as florestas, e organizar coleções. Mas tão logo possa lançar-me ao trabalho, será um de meus primeiros cuidados fazer um pacote de amostras escolhidas para homenagear Vossa Alteza.

Quanto ao pedido de Vossa Alteza, devo responder que no mercado do Rio de Janeiro encontram-se não só sementes de *Bertholletia* (a que chamamos aqui castanhas-do-maranhão), mas também as dos frutos de 2 ou 3 espécies de *Lecythis* que são conhecidas nos arredores do Rio de Janeiro e que têm o nome de *sapucaias*. Os caroços de *Bertholletia* são angulosos, com superfície áspera, e de uma côr escuro-terrosa; os das sapucaias (*Lecythis*) são irregularmente ovais, estriados, com superfície lisa e brilhante, côr de chocolate; têm um podospermo muito carnudo, de que se separam fàcilmente. Na primeira oportunidade remeterei a Vossa Alteza algumas sementes dessas diversas espécies.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Alteza
Muito obediente servidor
Francisco Freire Alemão

10 de junho de 1855.

181 Carta ao Doutor Martius em 25 de janeiro de 1859

Ilustríssimo Senhor

Recebi quase ao mesmo tempo duas cartas de Vossa Senhoria, uma de maio de 1857, e outra de abril de 1856.

Na primeira Vossa Senhoria me increpa por ser remisso em escrever-lhe, e observa que os fascículos da *Flora* se devem considerar como cartas impressas; *Vossa Senhoria tem razão; mas eu também a tenho;* responder imediatamente a cada *fascículo* de sua grande *Flora* seria expor-me à maior censura,

porque não é com uma vista d'olhos que poderia sôbre ela dizer alguma coisa; é-me necessário tempo e repouso para a estudar e então com conhecimento aprofundado falar sôbre a matéria, exceto se me quisesse contentar em acusar sòmente a recepção, e agradecer-lhe o favor. Como já disse a Vossa Senhoria jubilei-me na Escola de Medicina, e tratava de estabelecer-me fora da cidade; e agora de nôvo sou chamado a reger a cadeira de botânica da Escola Central Militar do Rio de Janeiro; não me valeram as escusas: tudo isto tem causado tais transtornos na minha vida que nada tenho podido fazer: assim pouco tenho colhido, pouco tenho trabalhado, e até a nossa Velosiana se tem ressentido disso. Ora é por não ter coisa importante a lhe comunicar, e a enviar que me tenho abstido de escrever-lhe mais a miúdo. Agora estava cuidando em ajuntar alguma coisa para lhe mandar por estar em véspera de uma grande viagem, quando recebi as suas duas, e muito estimáveis cartas. A viagem de que trato é de uma expedição científica que o govêrno manda a explorar algumas das províncias do Brasil. Sôbre o resultado dessa expedição nada quero adiantar, é antes uma expedição de aprendizado, e de experiência para habilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes. São êstes os desejos do Imperador e de todo o brasileiro. Parece que a primeira província a explorar-se será o Ceará. Espero e confio em Deus que voltaremos, e que Vossa Senhoria será logo informado do que se fizer bom ou mau, grande ou pequeno.

Por várias vêzes falei ao Secretário do Instituto Histórico a respeito da Revista, e deixei-lhe mesmo a nota dos números que lhe faltavam em sua coleção; prometia-se, mas nada se fazia, porque diziam que não sabiam como enviá-las. Agora quando de nôvo instei, achei já o negócio resolvido, porque o Marquês de Abrantes se havia adiantado; e êle foi mais feliz do que eu. Parece que agora lhe serão remetidas as Revistas, que lhe faltam.

A respeito das plantas das restingas, que Vossa Senhoria deseja, e que supõe muito fácil obtê-las por meio de um moleque ladino, devo certificar-lhe que o negócio é mais difícil do que Vossa Senhoria pensa: as restingas estão a léguas de distância da minha habitação; só duas vêzes as tenho visitado, e deixei nesses lugares pessoas bastante ladinas, a quem encarreguei de colherem, e que me prometeram mandar certas plantas, que lhes designei; mas até hoje não as tenho recebido. É necessário que eu faça tudo, e eu não posso tudo com bastante pesar meu.

Do geral das plantas e principalmente de árvores pouco tenho colhido de nôvo, além do que lhe tenho avisado; por isso agora nada tenho no meu hervário digno de lhe ser apresentado senão o pouco que lhe remeti com esta carta. Da *Hyeronima alchorneoides* não tenho mais, nem melhores exemplares do que os que lhe envio; vai também impressa a descrição e desenho do

indivíduo masculino[22], mas não tenho exemplares dêle. A respeito da *Araucaria*, senti bastante que o fruto maior se desfizesse apesar de tôdas as nossas cautelas; e o peior é que não lhe podemos agora mandar outra, nem completar a sua coleção, por isso que o engenheiro Beaurepaire não está hoje no Paraná, e é presidente de uma província do Norte, e ali não tenho agora ninguém que se preste a fazer o que só êle o podia. Quanto à *Quina de Remígio* nada lhe posso informar porque a não há no Rio de Janeiro, e nada sei a seu respeito. Recebi os fascículos 15, 16, 17 da *Flora*, que tratam das *Mirtáceas* da maneira a mais ampla e completa; o que pela leitura rápida, que pude fazer notei é a grande multidão de *gêneros* em que se dividiu a *família;* mas o meu voto é de fraco valor. Recebi também com a última carta o seu *syllabus*, assim como o importantíssimo catálogo da nomenclatura tupi das plantas brasileiras; por tudo lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Adeus meu caro Senhor. Tenho a honra etc., etc..

Francico Freire Alemão

186 [À irmã Policena Freire]

Icó, 20 de novembro de 1859

Minha gente

Aqui estamos, há 13 dias, nesta cidade do Icó, a 80 léguas da capital do Ceará, e a 50 do Aracati, outra cidade donde datamos as últimas cartas, que daqui escrevemos. Gastamos dali aqui 22 dias de viagem, fazendo por dia 2 e meia, 3, 4, e 5 léguas, pousando em cidades, vilas, povoações, e sítios; e por um terreno árido, e queimado; nem um riozinho corrente passamos no espaço de 50 léguas! Era um grande prazer quando avistávamos uma lagoa, um poço, ou um charco; marchávamos sempre pelas ribeiras, ora direita, ora esquerda do famoso Jaguaribe, que atravessamos algumas vêzes, e que é agora antes um vasto areal do que um rio. Representem na idéia uma faixa de areia com 20, 30, e mais braças de largura, serpeando do Aracati até quase às extremas da Província, tendo nos dois têrços inferiores de um lado e doutro vargens planas como um terreiro de uma a duas léguas de largura, e cobertas quase sòmente de florestas de carnaúbas, e que no tempo das águas ficam tôdas submergidas; isto é, quase cem léguas quadradas! o que deve ser imponente. Mas agora no leito do rio só aparecem poços mais ou menos extensos, que servem de bebedoiros aos animais. A gente não bebe dessa água, mas de pocinhos que abrem na areia, e a que chamam cacimbas.

A transição dêste vale que chamam ribeiras do Jaguaribe, cuja vegetação de carnaúbas é sempre verde, assim como a das matas frescas dos tabuleiros,

---

22 Cf. *Catál.*, n.º 559.

que limitam o vale do rio, para o sertão pròpriamente dito, é insensível; mas quando nos achamos em pleno sertão, não pudemos deixar de ser singularmente impressionados tanto pelo aspecto particular do país, como pela surprêsa, sendo inteiramente diverso da idéia que fazíamos por informações incompletas, inexatas ou exageradas. Eis o que eu cuidava que era — campinas rasas cobertas de gramíneas, e com algumas árvores dispersas.

Eis agora o que vi — um país todo montuoso, tendo às vêzes lombadas de muitas milhas de extensão, deixando entre si estreitos vales, ou grotões; demasiadamente pedregosos, e raras vêzes mostrando uma vargem de certa extensão, ou uma meia laranja rasa e larga; com intervalos de léguas vê-se o leito arenoso e largo dum rio, antes torrente, pois só correm no tempo das chuvas. Êsses montes, tabuleiros e vales são cobertos de catingas ou carrascos, isto é duma vegetação especial, e de árvores sôltas, cujo porte é o de uma laranjeira ordinária, daí para baixo, e raramente mais alto. Tudo está sem fôlha, e como se por ali houvesse passado o fogo; por baixo dessas árvores o terreno é todo coberto de *panasco,* e *mimoso,* que são os pastos suculentos de tôda a sorte de gado, e que também sêco tem o aspecto loiro de uma vasta, e contínua seara. Quando um homem se acha no alto dum dêsses oiteiros, torrados, e que lança a vista ao longe observa no meio dessa aridez correrem cintas largas duma verdura admirável, que vão seguindo as voltas dos rios, e das grotas frescas; são pela maior parte magníficas oiticicas, que se parecem com gigantescas mangueiras, e que tanto mais virentes são quanto maior é a sêca, diz a gente do país.

Nem uma gôta d'água por misericórdia, senão nas cacimbas dos leitos, ou vizinhanças dos rios. O que dá vida a esta natureza desolada é a imensidade, e variedade de pássaros, que a povoam. São os rebanhos de gado, digo de vacas, carneiros, cabritos, que pastam — são os vaqueiros vestidos pitorescamente de coiro, e montados em ligeiros quartaus, que às vêzes cruzam essas solidões.

Mas à beira das estradas, se acha, sem falar nas vilas e povoados, a várias distâncias, algum pobre sítio de vaqueiro, ou de fazendeiro, onde nunca se nega *água, rêde,* e ao menos uma *latada* para descanso. Seus habitantes são tratáveis, curiosos, inteligentes, e faladores — as mulheres ainda mais.

Um céu de estanho cobre esta natureza, rara vez passa diante do sol uma nuvem rala, que apenas modifica o ardor de seus raios — se venta, o que é muito comum, e um dos alívios do viandante, não é sem inconveniente, levantando uma poeira fina e importuna, e que a mim irrita mais que o calor.

Há talvez dois meses, que o céu não deixa cair sôbre nós uma gôta d'água. Que contraste desta vida com a que tivemos na capital, e seus arredores; aí eram chuvas a aborrecer, eram frutas, que apodreciam, andávamos fartos de leite, coalhadas, queijos, os presentes de papas de milho verde, de doces, de frutas, se sucediam sem interrupção — tudo *era verde* em tôrno de nós — e as

meigas cearenses faziam mais suportável as saudades do Rio. Agora andamos queimados, sedentos, esfomeados, sem nem um consôlo! Mas *viva la virgem!* estamos todos gordos! O sertão, nos diziam os homens da capital, no verão é um inferno, e um paraíso no inverno, mas tenho visto, que nem é inferno, nem paraíso. São lugares pobres, muito atrasados, e os cômodos da vida desconhecidos, ou mal apreciados.

Estamos quase na fôrça do verão, estamos no Icó, cidade central, estamos no lugar da criação; pois temos carne má e cara, nem uma pinga de leite, e por milagre, algum de cabra, não temos queijo, que é indústria da terra, senão velho e relho, manteiga infame; não há verdura de qualidade alguma, a não ser algum jirimum, quiabos, e maxixes; por fortuna há muito melão, grande e sofrível — e sempre fazemos as onze com melão e vinho; aparacem cajás, enormes, mas inferiores aos nossos, a avaliarmos pelos que por ora temos comido; laranjas vêm dos Cariris, mas são pequenas, enfezadas, e querem ser mais azêdas que limões. É verdade que temos perus, galinhas, ovos, com que nos podíamos vingar daquelas afrontas se houvesse um cozinheiro, mas temos sido a êste respeito muito infelizes. Aqui no Icó pelo menos temos boa água, e esta é das cacimbas do Rio Salgado! Durante a viagem foi uma das nossas tormentas a má qualidade das águas, e andando sempre pelas margens do Jaguaribe; mas a água, que se tira das areias do rio, quente, e cheia de pó, precisa ser guardada dum dia para outro, então se faz pura e fresca. Quando chegávamos a uma casa se nos entregava o pote d'água, apanhado na véspera, para a pequena família, e nós sequiosos, a consumíamos logo, e então era necessário nova quente, detestável: em alguns povoados era água leitosa, e para mim insuportável; felizmente por tôda a parte havia *cidra* de que me eu servia exclusivamente e houve lugar onde eu bebia 5 e 6 garrafinhas por dia; a coisa me saía cara, mas que remédio! Por ora ainda não encontramos os jardins das huris, que nos prometiam; temos visto meninas interessantes; mas não grandes formosuras, nem essas *alvuras* e *rubicundezas*: são porém um pouco esquivas; por ora, nem mesmo no Icó, temos achado aquela amabilidade, conversação, e comunicabilidade que tanto nos aprazia na capital. Talvez seja um bem! não esperdiçamos o nosso tempo em visitas inconvenientes. Querem saber quantos povos e cidades temos encontrado em nosso caminho? Aí vai a relação: Passagem, pouso — Jiquí, povoado — Catinga de Góis, vila — São Bernardo das Russas, cidade! — Limoeiro, povoação — Tabuleiro de Areia, vila — São João, povoação — Cabrito, — sítio — Caiçara, sítio — Defuntos, sítio — Ossos, sítio — Santa Rosa, povoação — Jaguaribemirim, vila — Boa Vista, povoação — Lobato, sítio — Icó, cidade. Em alguns dêstes lugares estivemos 2, 3, 4 dias, nos outros uma tarde e noite. Daqui a alguns dias seguiremos para o Crato, que é daqui a 32 léguas; dizem-nos que aí a água verte por tôda a parte, há muita fruta, muita verdura, muita coisa, muita coisa: o que fôr soará! Agora queremos que todos lá gozem a melhor

saúde, que vivam alegres, mas que se não esqueçam de quem anda por longas terras, e que sempre traz lá a alma e o coração. As minhas horas solitárias são sempre cheias de melancolia e de saudades, e suspiramos, por que o tempo corra, e cedo nos vejamos, onde só gozamos. Desejo que esta carta seja lida em assembléia em casa de minha tia, do mano Manuel, do primo Augusto, etc. etc.

Muitas lembranças a minha tia — Joaquina — Policena — Luís — ao primo Joaquim e sua família — ao mano Manuel, à prima, Luísa, Maria, Idalina, Glória, Asarios, ao primo Augusto e tôda a sua família — ao Silva e sua família — à prima Luísa e sua família — aos senhores do engenho — ao Adriano e sua família — ao Garcia, ao Guedes — ao compadre Cardoso e sua família — a tôda a nossa gente de casa — a todos quantos perguntarem por mim.

Primo Francisco Alves, você se encarregará de lembranças para sua cunhada e seus filhos — para o nosso vigário.

231 Carta ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1863

Ilustríssimo Senhor

Estava na cidade do Crato, sertão do Ceará, quando recebi a sua estimável carta de 12 de março de 1857. Não respondi logo a ela, porque daquele lugar era fácil desencaminhar-se a minha carta; e depois que cheguei ao Rio de Janeiro, julguei melhor esperar algum tempo para acompanhar a minha resposta com a primeira publicação dos trabalhos da Seção de Botânica da Comissão Científica, que o Govêrno Imperial mandara a explorar aquela província, e da qual eu era membro, e presidente. Esta Comissão gastou dois anos e meio em seus trabalhos; mas foi muito contrariada, tanto pelas circunstâncias do país, como porque somos ainda mui bisonhos nessas coisas; de sorte que o Govêrno a mandou retirar antes de concluídos todos os trabalhos: todavia a Seção Botânica tendo percorrido quase tôda a província, fêz uma boa colheita de plantas: mas ainda não pôde concluir o trabalho da revisão total e do arranjamento metódico das plantas colhidas ali; de sor[te] que ainda não sei exatamente do que consta o hervário. Como é trabalho, que nos há de levar tempo, resolvi a começar já a publicação das plantas, que me forem parecendo novas, ou mal conhecidas; e submetê-las ao juízo dos sábios, para depois do seu assentimento, fazer-se a publicação final de tôda a colheita.

Arrisco-me, é verdade, a não poder levar ao fim a publicação de todo o hervário; paciência! outros a concluam.

Só agora é que pude encetar essa publicação, de que tenho a honra de submeter ao juízo de Vossa Senhoria um exemplar; assim como outro à ilustre Sociedade Real de Botânica de Ratisbona, da qual sou indigno membro cor-

respondente. Espero que as receberão com bondade, e que me farão o favor de emendar os meus erros. Não me é possível mandar agora, como desejava, os exemplares secos das plantas descritas; mas o farei o mais breve que me fôr possível.

A respeito de Veloso de Miranda, só sei o que aqui transcrevo, copiando uma nota que publiquei no jornal *Guanabara,* que aqui se publicou, e que aqui transcrevo: "O Doutor Joaquim Veloso de Miranda, formado em filosofia pela Universidade de Coimbra, depois de ter regido algumas cadeiras na Faculdade de Ciências Naturais na mesma Universidade, veio residir em Minas Gerais, donde era filho, sendo encarregado pelo Govêrno de coligir objetos de História Natural para o Museu de Lisboa. Foi a êste naturalista que o Doutor Vandelli consagrou o seu gênero *Velosia,* e não ao Padre Frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da *Flora Fluminense,* como a maior parte da gente acredita. Veloso de Miranda morreu em Minas com mais de 80 anos de idade, em 1816, ou 17".

Quanto ao Padre Veloso, autor da *Flora Fluminense,* Vossa Senhoria pode ver a sua biografia no tomo 2.º da *Revista Trimensal* do Instituto Histórico, do ano de 1840.

Das sapucaias, cajás, etc., nada tenho no meu hervário em estado de lhe ser mandado: o que farei logo que tenha descanso, e o possa conseguir.

A Sociedade Velosiana tem estado em ócio pela nossa ausência durante os trabalhos da Comissão; e agora porque alguns de seus membros têm falecido, e outros se acham ausentes. É necessário re[a]vivá-la chamando para seu grêmio mais trabalhadores.

Reconheço quanto é legítima a sua ansiedade por obter notícias e coisas botânicas da nossa terra, mas espero que desculpe o que notar em mim como negligência. Confesso-me pouco ativo; isto é manha cá nossa; e dizem que o calor é culpado disso. Não sei. Realmente não sou dos mais ativos; porém também espero alguma benevolência de pessoas razoáveis, como Vossa Senhoria, e que também está em circunstâncias de avaliar o como aqui correm as coisas. Eu tenho a minha vida bem atarefada; e não posso viver senão à custa dos meus ordenados, o que me ocupa grande parte do tempo, e tira-me o ânimo de fazer mais alguma coisa fora das minhas obrigações. Eis a minha desculpa.

Tenho em meus borrões muita coisa, que me parece nova, e digna de ser conhecida; mas falta-me tempo e ânimo para passá-las a limpo. Se Deus me conservar a vida ainda por algum tempo, talvez que eu faça alguma coisa; sempre porém com a minha habitual pachorra. Desejo a Vossa Senhoria a melhor saúde e longa vida, para que leve ao fim a sua grande emprêsa, e lhe sobre descanso.

De Vossa Senhoria
Muito venerador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

241 Carta escrita ao Doutor Martius, em 14 de janeiro de 1867

Ilustríssimo Senhor

A última carta, que recebi de Vossa Senhoria é datada de 30 de agôsto de 1863. Já lá vão mais de 3 anos! É mais uma prova de nossa preguiça; mas sempre quero me desculpar. Pouco depois que recebi a sua carta entrei a trabalhar no 2.º folheto, e logo depois no 3.º, então julguei dever me guardar para os enviar juntos; mas, (coisas da nossa terra!) êste último caderno estêve em casa do impressor mais de um ano, agora é que saiu!

Eu lhos remeti pelos meus compatriotas, que vão assistir, por ordem do govêrno a Exposição Internacional de Paris.

Recebi agradecido as reflexões, que Vossa Senhoria se dignou fazer sôbre o 1.º fascículo das plantas da Província do Ceará. No entanto Vossa Senhoria me permitirá que eu lhe submeta algumas considerações em desculpa.

Quanto à *Cordia Oncocalyx* eu disse *aí* o que então me pareceu razão para a considerar no *gênero Cordia*. Não tendo ainda visto o folheto da sua *Flora,* em que vem a Família das Coroliáceas: e logo que o tive foi meu primeiro cuidado ver o *gênero Patagonula,* do qual infelizmente achei apenas fragmentos, e êsses mesmos discordantes dos caracteres da minha planta. À vista do que me confirmei no que tinha feito. Todavia dócil me submeto ao juízo dos que sabem mais do que eu.

Quanto à Aroeira também fiz um gênero dubitativo. A flor, sem dúvida, *é do gênero Astronium; mas o fruto é uma drupa*; e por isso *ousei propô-lo* como tipo dum gênero.

Repito, são ousadias, que espero me perdoarão os Luminares da ciência.

Vossa Senhoria me adverte que seria melhor ter as amostras das plantas, para aí se conferirem, e se reconhecer se são, ou não inteiramente desconhecidas. Sem dúvida assim é; há muito tempo que me propus a mandar-lhe; mas tudo entre nós cá custa porque não temos quem nos ajude. Eu moro fora da cidade, e longe, estou velho de 70 anos, e cada vez, eu o confesso, mais preguiçoso; e é necessário que tudo eu faça. Agora mesmo desejava mandar-lhe exemplares do *Pau-branco,* e da *Aroeira;* mas moro fora da cidade, as plantas estão no Museu, e os meus amigos partem mais cedo do que eu cuidava, e não me dão tempo para acondicioná-las.

Vossa Senhoria porém tenha alguma paciência, que o mais cedo que eu puder lhe mandarei amostras sêcas das nossas plantas.

Eu devo aqui confessar-me penhorado do que Vossa Senhoria tem feito a meu respeito fazendo publicar na sua magnífica *Flora do Brasil,* em meu nome, quanto lhe tenho mandado em manuscrito.

Depois de publicada a minha *Jussiaea fluctuans* é que revendo o seu *Herbarium Brasiliense* aí achei a espécie *Jussiaea helminthorrhiza,* que tem muitos caracteres daquela; mas em alguns ela discrepa; assim tôda a minha planta

não é inteiramente glabra — as raízes túmidas são cônicas — as fôlhas também me parece que diversificam, etc., etc. Senti não ter visto antes o seu trabalho, e talvez a minha planta não é senão uma variedade da sua. Vossa Senhoria melhor o reconhecerá.

Dói-se Vossa Senhoria, e com razão, de que em nossas Câmaras se levantassem vozes de alguns deputados, mais impressionados do mau estado das nossas finanças do que da excelência da sua obra monumental; também eu me dôo disso, e quase me envergonho; mas nem todos vêm os objetos pelos mesmos vidros, nem todos sentem de igual modo as impressões do grande e do belo. Falei com S.M. o Imperador e êle se mostrou desejoso de que a sua *Flora* continuasse, e creio que continuará.

Agradeço a Vossa Senhoria o presente do Glossário das línguas indígenas, que muito me tem já servido, e que eu acho excelente, e rico se minha opinião vale; não aventuro juízo definitivo sôbre êle porque não tenho conhecimentos suficientes.

Agradeço ainda a Vossa Senhoria os pêsames que me dá pelo falecimento de meu sobrinho: foi com efeito uma perda para o país, e para mim que esperava que fôsse meu continuador; mas a Providência julgou de outro modo, submetamo-nos aos seus decretos com resignação.

Vão os dois cadernos em duplicata para Vossa Senhoria e para a Sociedade de Ratisbona. Espero que Vossa Senhoria os julgará com rigor e autoridade de Mestre. Esteja Vossa Senhoria na certeza de que estimo as censuras dos sábios que me ensinam, e me honram. É prova de que se ocupam com meus trabalhos, e os apreciam: e isto basta para mim.

Desejo a Vossa Senhoria continuação de boa saúde, fôrças e vontade para a conclusão da sua imensa obra. Desejo mais que me conserve a sua afeição e amizade que muito aprecio.

De Vossa Senhoria respeitador e criado
Francisco Freire Alemão

MONOGRAFIAS E COMUNICAÇÕES

555 [Madeiras do Brasil *]

Brasil — *Caesalpinia.*

Há certamente mais de uma espécie dêste gênero, a que chamamos Brasis, e que fornecem mais ou menos tinta. Aires do Casal, na *Corografia Brasílica,* diz: "Há 3 espécies de pau-brasil, *Brasil-mirim,* que é o melhor, *Brasil-açu,* ou rosado, e *Brasileto.* O Brasil-açu tem o tronco mais alto, mais direito e menos grosso; sua tinta é de menor consistência, e mais rosada. O Brasileto pouco difere do Brasil-açu na grandeza e forma do tronco e copa, dá pouca tinta e essa desmaiada".

Aqui no Rio de Janeiro me informam os mateiros que há duas qualidades de Brasil a que chamam vermelho, e roxo; o roxo dá mais tinta e melhor que o vermelho. Serão êstes os Brasil-açu, e Brasileto, de que fala Aires do Casal? É o que não me foi ainda possível averiguar; a espécie única que conheço por ora é a de que mandei a Vossa Senhoria [23] um exemplar; que é do que aqui chamam vermelho, e é mais abundante nas matas, por onde tenho andado; é também possível que o roxo seja uma variedade da mesma espécie.

Quanto ao Brasil-mirim, está me parecendo que êle não existe senão em matas do Brrasil. Eis aqui o que dêle diz ainda Aires do Casal na mesma obra: "O Brasil-mirim tem o tronco mais grosso, a casca mais vermelha e mais delgada, os espinhos mais miúdos, e o cerne mais arroxado. A fôlha é *branca* e muito *miúda,* etc." Se o que diz êste autor é exato, deve ser esta uma espécie distinta.

Será êste (Brasil-mirim) o Ibirapitanga de Pison — "*ramuli* (diz êle) *multis exiguis floribus ornati... pulchra variegatis coloris flavescentis... siliquae... rubros splendentis exiguas fabas... continentes...*" etc.

---

* Borrão da relação que mandei ao Doutor Martius, em maio de 1847.

23 Cf. *Catál.,* n.º 94.

Baltasar da Silva Lisboa, nos *Anais do Rio de Janeiro,* diz: "Conhecem-se 3 espécies da do Brasil; o doirado é o melhor". E qual é êsse?

Brotero, nos seus *Elementos de Botânica,* chama o Brasileto, *Caesalpinia brasiliensis.*

Não é possível sair desta confusão sem ter conhecimento, e exame comparativo de tôdas as espécies ou variedades que fornecem frutos e são conhecidas com o nome de Brasil, ou Brasileto. Nem sei se me será possível conseguir êsse *desideratum.*

O que êles têm de comum além do fruto em maior ou menor quantidade, é que todos dão preciosas madeiras, de grande duração principalmente para baixo de atêrro ou d'água onde parecem eternas. Os templos do Rio de Janeiro como Candelária etc., tendo seus fundamentos sôbre areia infiltrada d'águas do mar, êstes assentam sôbre *estacados* e *gradamentos* de pau-brasil.

Sebepirana ou Sepipirana — *Caesalpinia fusca (nobis).*

É grande árvore de lenho pesado, denso, de côr parda, e grande duração e resistência.

Pau-ferro — *Caesalpinia ferrea.*

Grande árvore, lenho de fibra mui rija, de côr parda, denegrida, e por isso lhe chamam assim pau-ferro. Madeira de duração e resistência, mas pouco usada (por se prestar melhor ao trabalho) em razão de sua rijeza.

Caesalpinia neglecta (nobis).

Tronco arbóreo, lenho branco, sem cerne, e por isso desprezado. Não lhe achei nome vulgar.

Caesalpinia disperma (Cassia disperma de Veloso).

Árvore de lenho branco sem cerne.

Bacurubu — *Schisolobium? Cassia parahyba* de Veloso. *Caesalpinia monosperma (nobis).*

Árvore corpulenta. Lenho branco, mole, leve.

Reflexões *: Achei o gênero *Caesalpinia* muito mal circunscrito; nem sei como possa ser determinado o seu diagnóstico. A guiar-me pelas espécies que conheço, e que ficam referidas. Em tôdas vi a corola amarela (será exato ter o brasil-mirim flor branca?), pétalas longamente unguiculadas na *Caesalpinia monosperma,* com unguículas curtas na *Caesalpinia fusca,* e *neglecta*: *quase* rentes na *Caesalpinia echinata,* e *disperma,* rentes, e apenas com o unguículo atenuado na *Caesalpinia ferrea.* São as pétalas patentes nas *Caesalpiniae fusca, neglecta* e *disperma;* e erectas e quase coniventes na *Caesalpinia mo-*

---

* As reflexões sôbre o gênero suprimi na relação que mandei a Martius.

nosperma. Em tôdas a pétala superior *(portica)* é menor que as outras, e *abaixada* sôbre os órgãos sexuais, menos na *disperma*. Na *Caesalpinia monospermase* dá de particular que o unguículo desta pétala é sulcado, e o estame que lhe fica fronteiro é recebido, metido ou abraçado nesse sulco. Na *Caesalpinia neglecta*, e *fusca* é também o unguículo sulcado, aplicado sôbre o estame correspondente, sem o abraçar.

Os estames são todos livres, mais ou menos barbados, e ascendentes, menos na *ferrea* e *neglecta*, cujos [estames] são retos e dirigidos para baixo do fruto: espinho, sublongado, abrindo-se com elasticidade por contactos [(?)] das válvulas, na *Caesalpinia echinata;* liso plano, abrindo-se com dificulade nas *Caesalpiniae fusca*, e *neglecta* indeiscentes na *disperma;* separando-se fàcilmente o epicarpo do endocarpo. O mesmo na *Caesalpinia monosperma*, com a diferença que nesta, a separação se faz por si, ou espontâneamente ficando a semente envolvida no endocarpo cartáceo indeiscente.

Sementes numerosas (6 a 5), na *fusca, neglecta* e *ferrea;* na *echinata* 3 a 1; na *disperma* 2 a 1; na *monosperma* 1; postas transversalmente na *echinata, fusca, neglecta, ferrea;* longitudinalmente nas *disperma* e *monosperma*. Em tôdas o embrião é reto, e envolvido se é endosperma (endopleura) mais ou menos crasso.

É êste pois um gênero *polimorfo*, cujo caráter deve deduzir-se do *habitus* da planta e das modificações da corola. E a querer fazer da *Caesalpinia monosperma* um gênero distinto, não vejo razão por que a *disperma* não sirva o tipo a outro gênero. Peço perdão a Vossa Senhoria por todo êste desarrazoado; é vontade de conversar.

Guaraúna ou braúna — *Melanoxylum braúna.*

Grande árvore, lenho dum pardo denegrido de grande densidade, resistência e duração. Há duas espécies ou variedades: parda e preta.

Reflexão: Schott, formulando o seu gênero disse: *"Semina arillo in alam producto."* Endlicher, *Genera plantarum*, diz: *"Endocarpio membranaceo cum seminibus transversim solutae"*. Julgo dever desfazer o engano em que caíram ambos êstes naturalistas, provàvelmente por examinarem os frutos secos Com efeito a substância celulosa, esponjosa e branca que cobre as sementes inteiramente, apresentando a forma duma tâmara, ou antes da bagem de uma nissólia, nem é arilo, nem o endocarpo; é um tecido celular que envolve as sementes à maneira do que acontece nas cássias; sòmente aqui é de uma substância sêca, esponjosa e que toma a configuração do alojamento, onde se formam. Quando a bagem se abre as sementes caem, trazendo (necessàriamente) consigo essa produção acessória, que é mais um meio de que se serve a natureza para a dispersão das sementes. Posso assegurar que isto se passa assim porque examinei os frutos em diferentes épocas de seu crescimento.

Sepepira ou Sebepira —

Ainda não pude colhêr flor nem fruta da árvore a que chamam por aqui Sepepira; pelos ramos sei que é uma leguminosa; e provàvelmente o gênero Sebepira. É árvore de grande porte, sua madeira de grande resistência, a duração é mui estimada.

Cabiúna — *Miscolobium (Pterocarpus niger* Veloso).

Árvore corpulenta; lenho duríssimo (mas macio no cortar), cheiroso, de côr parda escura com magníficos veios pretos. Madeira muito estimada para mobília, e outros usos. Distinguem os marceneiros duas qualidades: uma parda e outra preta; provàvelmente são variedades. Tenho ramos com flor e fruto, mas ainda não vi as árvores. Não as há por aqui, abundam nas florestas de Macaé e dos Campos de Goitacases, e nas vargens de Marapicu e da Mata do Rei, vão sendo destruídas estùpidamente, brutalmente.

Jacarandás —

Grande incerteza reina ainda a respeito destas árvores. Aqui no Rio de Janeiro os verdadeiros Jacarandás de cerne de lei são do gênero *Nissolia.* Veloso traz três espécies: *Nissolia incorruptibilis, firma, e Nissolia legalis;* as estampas são tão imperfeitas, e as descrições tão incompletas, que ainda não pude reconhecer bem as árvores que lhe correspondem. Só de uma espécie tinha eu colhido flor, e fruto, que [é] a que chamam Jacarandá-roxo, das outras só tinha fruto. Eis aqui como as tinha designado provisòriamente:

Jacarandá-roxo — *Nissolia firma* Veloso.

Jacarandá-cabiúna — *Nissolia incorruptibilis (id.).*

Jacarandatã — *Nissolia-tã (nobis).*

Jacarandá ... — *Nissolia legalis* Veloso.

Suspeito haver outras espécies, segundo as amostras que possuo de madeiras, mas nada tenho ainda averiguado.

Dão também o nome de Jacarandá à Cabiúna os marceneiros.

Jacarandá-banana, do-campo, etc.

Chamam também Jacarandá, algumas árvores pertencentes ao gênero *Swartzia.* Delas conheço eu três espécies:

Jacarandá-banana — *Swartzia fleminguis.*

Jacarandá-banana — *Swartzia pulchra.*

Creio que as duas de Veloso; pertencem à mesma espécie.

Tôdas são árvores grandes, e de madeira branca, sem cerne.

Reflexão: Pison refere duas espécies de Jacarandá: *alba,* e *nigra.* A primeira espécie, isto é, a *Jacarandá-alba,* não pelo péssimo desenho, mas pela descrição se reconhece uma *Swartzia.* O seguinte — Jacarandá *ligno nigro* — sem descrição, se vê pela estampa ser uma bignoniácea. E foi isto que determinou a Jussieu a formação do gênero *Jacarandá.*

Confesso que nunca posso pronunciar êste gênero sem uma espécie de hesitação ou repugnância. Quanto a mim houve engano da parte de Pison, mas isto se pode considerar ousadia da minha parte. Pison certamente foi induzido a êrro, sendo mal informado. Ou então para o norte do Brasil chamam também Jacarandá o que nós aqui no sul chamamos Ipê-roxo? É um ponto que deve ser averiguado; o que eu pretendo fazer mandando me informar em Pernambuco.

Resta agora saber a razão por que deu a duas qualidades de árvores tão distintas, por seu porte, sua configuração, suas flôres, seus frutos, e enfim sua madeira (porque as que pertencem às Nissólias, são madeiras de cerne estimadas; as que pertencem às Swartzia são madeiras brancas, e de quase nenhum uso)[24]. Eis o como eu explico os verdadeiros Jacarandás *Nissolia*: têm todos (os que tenho visto) na casca uma seiva (ou uma púrpura) rubra, resinosa; ora, a mesma coisa apresenta a *Swartzia pulchra*, e as outras provàvelmente. É esta a única semelhança que observo nessas árvores. Provàvelmente a palavra índica Jacarandá bem decifrada me conduzirá a alguma coisa de mais positivo.

Moçutaíba ou Maria-preta —

Assim chamam aqui no Rio de Janeiro, a uma árvore de que não pude ainda colhêr flor nem fruto; suas fôlhas são simples e ovais; as estípulas agudas, incurvadas; será leguminosa? Seu lenho ou cerne é denso, de côr escura, rijo e de préstimo. Será talvez *moira-penima*, nome que o vulgo trocou pelo de Maria-preta; achando-lhes certa homofonia.

Angelim-rosa ou Copeúba — *Peraltea erythrinifolia (nobis).*

Grande árvore cujo lenho de um vermelho claro é de duração e estimado.

Angelim-amargoso — *Andira* (*Lumbricidia legalis* Veloso).

Ainda não tenho flor nem fruto desta árvore. É árvore corpulenta. Seu lenho, que é amarelo dum cheiro forte, e sabor mui amargoso, é muito estimado para várias obras.

Guaraçaí — *Moldenaurea speciosa (nobis).*

É árvore de bom porte, vistosa quando está com flôres. Seu lenho ou cerne é brando, dum pardo avermelhado, pouco estimado.

Copaíba — *Copaifera* . . .

Aqui no Rio de Janeiro se conhece duas copaibeiras, uma de fôlha miúda, de cerne pardo; outra de fôlha mais larga de cerne mais avermelhado; ambas dão resina ou bálsamo de copaíba. São árvores corpulentas, seu tronco é alto e direito com um volume gigantesco; sua madeira é estimada. Ainda não pude determinar estas espécies, bem que tenha de ambas ramos em flor e fruto.

---

24 Frase truncada.

Óleo-vermelho — *Myrospermum?*

Ainda não colhi desta árvore flor nem fruto; mas pelo hábito me parece ser do gênero *Myrosperma*. É de grande porte, seu lenho ou madeira é muito estimada, densa, pesada, de côr avermelhada, de um cheiro suavíssimo.

Óleo-pardo — *Myrospermum?*

Ainda não lhe vi o fruto. Grande árvore. Lenho duro, aromático, de côr parda. Madeira estimada.

Cabureíba (a que chamam também óleo-pardo) — *Myrospermum.*

Tenho minhas dúvidas sôbre a classificação desta árvore, de que já tenho flôres e frutos. É árvore corpulenta, ramosa. Como a precedente, seu lenho é pardo, duro, aromático. Madeira de préstimo.

Jetaí — *Hymenaea* ...

Árvore das mais corpulentas; impregnada duma resina branca, que se condensa e endurece logo que sai da casca, e de cheiro suave. Sua madeira cheirosa de côr pardo-avermelhada é rija e de duração não estando ao tempo.

Guarabu — *Peltogyne? guarabu (nobis).*

É árvore de grande porte; seu lenho é de côr roxa, sua fibra branca e elástica; muito estimada para obras de segeiros; assim no Rio de Janeiro os raios das rodas e os varais dos jogos das seges são de ordinário feitos desta madeira.

Guarabu-da-serra — *Peltogyne? macrolobium (nobis).*

Árvore, que vegeta no alto dos montes, de altura mediana; seu lenho é de côr roxa, como o precedente, mas menos estimado. Estas árvores que pelas fôlhas e flôres têm analogias com as *Hymenaeae,* têm por fruto uma bagem chata monosperma indeiscente; no *Peltogyne macrolobium* o epicarpo separa-se do endocarpo, que é cartáceo e fica cobrindo a semente, perfeitamente como o bacurabu ou *Caesalpinia monosperma.*

Vinháticos — Acácias?

Aqui no Rio nomeiam-se duas qualidades de vinhático, um chamado verdadeiro e outro de-espinho; de nenhum tenho flor nem fruto, e pelas fôlhas me parecem pertencer ao gênero Acácia, ou próximo. São árvores corpulentas, de madeira ou cerne amarelado, brando no cortar, e muito estimadas. O chamado testa-de-boi, linda madeira para móveis, uma côr amarela com veias fuscas, dum belo efeito, é raro aqui, veio da Bahia.

Cergeiro — Acácia?

Tenho ramo com bagem, me parece Acácia. Árvore volumosa, madeira estimada, tendo alguma semelhança com o vinhático (será o potumuju?).

Cabuí — Acácia.

Grande número de árvores do gênero Acácia principalmente são assim chamados. Veloso traz delas grande número, mas tudo em grande confusão; eu ainda as tenho em borrões, e na maior parte incompletas, faltando a umas flor, a outras frutos, e a algumas uma e outra coisa.

Cabuí-vinhático — Acácia?

Pelas fôlhas e ramos semelhante ao vinhático-de-espinho, que também os tem. Seu lenho é branco-amarelado, brando; supre o vinhático. Sem flor nem fruto.

Cabuí-pitanga — Acácia?

Só tenho fruto. É grande árvore; lenho vermelho e duro, tem vários préstimos.

Cabuí-de-curtir — Acácia.

Árvore de porte mediano, crescendo nos campos. Lenho vermelho, de pouco préstimo; casca adstringente; servindo para curtumes, pois tem as cascas vermelhas. E vários outros.

Monjolo — Acácia.

Boa madeira.

Iriribá ou Araribá — *Centrolobium robustum (Nissolia robusta* Veloso).

Grande árvore, cuja madeira é muito estimada pela variedade de suas veias entre amarelo e vermelho.

Guarapiapunha — *Apuleia polygamica (nobis).*

Assim chamei por suas flôres em cimeira, tricótomas; sendo as flôres do meio hermafroditas e as dianteiras e as laterais masculinas e triandras. É grande árvore cuja madeira é estimada, e de construção naval.

Canafístula — Cássia.

Ainda não a determinei. É árvore de grande porte, corpulenta. Suas bagens chegam a côvado de comprido. Seu lenho é pardo e de grande duração, sua casca mui adstringente e excelente para construção; razão porque são estas árvores já mui raras aqui nas vizinhanças do Rio de Janeiro, porque a maior parte tem perecido por as terem brutalmente despojado da casca.

MELIÁCEAS

Cedro — *Cedrela brasiliensis.*

Há duas ou três qualidades de cedro. Veloso traz duas — *odorata,* e *fissilis,* mas eu só conheço por ora uma. É das árvores mais corpulentas; seu lenho aromático é estimadíssimo. É a madeira que pela côr e ondeado mais se assemelha ao mogno. Os ornatos, tarjas dos nossos templos são de cedro.

Canjerana — *Cabralea cangerana.*
Árvore de grande porte; lenho precioso.

Carapeta — *Guarea.*
Há duas ou três espécies aqui que ainda as não tenho bem estudadas. Tôdas são árvores [de grande porte (?)] e dão madeiras de construção.

APOCÍNEAS

Peroba, ou paroba — *Aspidosperma? peroba (nobis).*
Não lhe vi ainda a flor; a fruta tem alguma coisa de particular; por isso deixo em dúvida. É grande árvore. Seu lenho, que é de côr pálida, ou rosada (tem duas qualidades, da branca e da rosa, que julgo serem variedades) é muito estimado para marcenaria, e construção naval.

Pequiá — *Aspidosperma ...*
Há aqui conhecidas duas qualidades, pequiá-amarelo, e pequiá-branco ou marfim; êste último é mui estimado. São espécies distintas, que ainda não verifiquei. São árvores de porte mediano, chegando a três palmos de diâmetro. O marfim é madeira muito estimada.
Há mais algumas árvores dos gêneros *Echites* e *Tabernae-montana* cujo lenho branco e mole, tem alguns usos. O pau-pereira tem o lenho branco e pardo.

RUTÁCEAS

Amarê — *Metrodorea excelsa (nobis).*
É grande árvore cujo lenho é branco, amarelado, aromático, estaladiço, como são tôdas as rutáceas que conheço.

Arapoca — *Galipea...*
Há duas espécies, que ainda não verifiquei, uma de lenho branco, outra de lenho amarelado; esta é mais estimada. São árvores de porte mediano.

Tinguaciba — *Zanthroxyllon.*
Ainda não procurei a espécie. Árvore mediana, aculeada; madeira branca, de alguns usos.

EUFORBIÁCEAS

Andá-açu — *Anda brasiliensis.*
Grande árvore, madeira branca, de alguns usos.

Sangue de Drago — *Croton.*
Ainda não indaguei a espécie. É árvore de grande porte. Da sua casca ressuma um sêmen rubro, concrescível, resinoso? e que tem alguns usos. Da sua madeira não conheço nem a qualidade, nem usos.

Urucurana[25] —

Uma árvore que dá boa madeira de cerne. É uma árvore de grande porte, cujo cerne é vermelho, e madeira estimada. Dela só tenho colhido por ora fruta, e por [isso] fiquei em dúvida se será ela do gênero *Alchornea;* pois que os frutos são verdadeiras drupas mui pequenas, de cerne arroxeado, núcleo duro, monosperma por aborto, quando nas *alcórneas* que conheço, (a que também chamam urucuras) os frutos são cápsulas dispersas, o pericarpo bivalvo e as sementes cobertas de polpa encarnada (não azulada, como trazem os Autores). Quando houver colhido flôres e conhecido os dois indivíduos se ela fôr dióica me certificarei.

— *Drypetes caudatifolia (nobis).*

É uma árvore cuja madeira branca não é usada, e vegeta nos altos dos montes. Só encontrei o indivíduo feminino, e pela particularidade de ter as pontas das fôlhas longas, com as margens enroladas, formando como uma cauda lhe dei o nome acima.

Santa-luzia — *Ophthalmoblapton macrophyllum (nobis).*

É uma árvore de porte mediano. Madeira branca, e não aproveitada. Esta árvore é impregnada em sua casca, fôlhas etc., de abundante sêmen lácteo, espêsso, nìmiamente acre. Bastam ligeiros eflúvios para produzir intensa oftalmia; por isso os derribadores a temem; de ordinário as deixam em pé nas derrubadas para serem destruídas pelo fogo, ou descascam o tronco com cuidado, ou o queimam, e depois o cortam; ainda assim a temem; por isso a chamam santa-luzia, por ser esta santa advogada, ou invocada nas moléstias dos olhos. Também daí formei o nome genérico. Seus caracteres genéricos são mui particulares.

Outras árvores há nesta família, mas à exceção das Urucuranas, e de outra que ainda não determinei, e que me parece constituir um nôvo gênero, nenhuma outra oferece madeira de lei, aqui no Rio de Janeiro.

NICTAGÍNEAS

Tapaciriba, ou Tapaquiriba — *Pisonia alcalina (nobis).*

Grande árvore, cujo lenho branco, leve, mole, é abundante de álcalis; e por isso muito estimado para cinzas, como o pau-d'alho, ou guararema.

— *Andradea floribunda.*

Arbórea. Madeira branca, sem nome vulgar.

---

25 O verbete foi riscado pelo A., que lhe juntou esta nota: "Foi êste artigo muito diferente".

Jenipapo — *Genipea brasiliensis.*
Arbórea. Madeira branca, pouco préstimo.

— *Chimarris racemosa (nobis).*
Árvore de mediana altura; cresce nos altos das serras. Suas flôres são brancas, dispostas em amplo racimos. Madeira branca, sem uso, sem nome vulgar.

Arariba-vermelha — *Arariba rubescens.*
Bela árvore, madeira de côr parda, e de algum préstimo. A seiva desta planta logo que é exposta à ação do ar atmosférico, se tinge do mais lindo encarnado. Afirmam que os indígenas se servem desta côr para tingir as palhas, com que fabricam cestinhas e outros utensílios. Ainda não tive ocasião de examinar êste ponto, o que farei quando se me proporcione ocasião.

Algumas singularidades da família, e principalmente a estrutura do fruto me induzem a fazer um nôvo gênero. Conheço três espécies; mas só desta tenho o estudo completo; das outras duas tenho sòmente fruto; as quais designamos do modo seguinte:

Arariba-branca — *Arariba achroma.*
É também arbórea. Seu lenho branco, é menos estimado.

Arariba... — *Arariba obscura.*
Arbórea, sem nome vulgar, sem uso.

SAPOTÁCEAS

Maçaranduba —
Ainda não pude colhêr flor nem fruto desta árvore, que é de grande porte. Cerne arroxeado, denso e resistente, de grande duração. Madeira muito estimada; de uso na construção naval.

Guaracica —
Falta-me também flor e fruto. É árvore de bom porte, cerne de côr amarelada, racha-se com a maior facilidade, de modo a desfazer-se tôda uma árvore em lascas ou tiras que servem de ripas.

Guaranhém — *Chrysophyllum buranhém.*
Árvore bem conhecida, madeira pouco estimada.

Guapebas —
Com êste nome são conhecidas várias grandes árvores dos gêneros *Lucuma, Eclinusa,* etc. Não estão ainda bem estudadas. Tôdas são madeira pouco estimada.

Jaquá — *Lucuma? gigantea.*
É uma das árvores mais altas. Cerne denso, mas pouco usado.

Bacumixá — *Chrysophyllum?*
Árvore de grande altura; madeira pouco usada.

ARTOCÁRPEAS, CELTÍDEAS, ALÓRNEAS

Guiti — Artocárpea?
Ainda não vi flor, nem fruto da árvore, a que aqui no Rio chamam Gapim. É muito leitôsa, e pelo hábito me parece artocárpea. Sua madeira tem alguma estimação.

Bainha-d'espada — Olmédia? ...
Ainda não vi o indivíduo masculino. É árvore leitosa, madeira de pouco uso.

Outras artocárpeas.
Dão os mateiros aqui o nome de bainha-d'espada às árvores cujas fôlhas são sêcas, sonoras, às vêzes espinhosas. São lactescentes e pertencem a vários gêneros e famílias, que ainda não tenho bem averiguados. De ordinário são madeiras pouco estimadas.

Limoeiro-silvestre — *Mertensia utilis (nobis).*
Árvore espinhosa, cujo lenho branco-amarelado, e macio tem alguns usos; dá tabuados.

Figueiras — Gameleiras — *Ficus...*
Grandes árvores, madeira branca, branda.

ERITROXÍLEA

Arco-de-pipa — *Erythroxylon...*
Ainda não procurei determinar a espécie. É árvore de bom porte. Seu lenho de côr fôsca, denso, e durável é estimado.

BIGNONIÁCEAS

Ipê-mirim — *Tecoma,* ou bignônia? — *Bignonia longiflora* Veloso.
Flor amarela.

Ipê-açu — *Tecoma* ou bignônia.
Flor branca.

Ipê-roxo — *Bignonia curialis* Veloso.
Flor roxa.

Ipê-do-campo — *Bignonia flavescens* Veloso.

Flor amarela. É bem notável a confusão em que se acha o estudo destas árvores; algumas das quais fornecem preciosas madeiras.

O ipê-roxo nunca o vi; é muito raro, por aqui; Veloso não dá onde o achou.

O ipê-açu, de flôres brancas, conheço uma árvore, mas nunca a vi com flor nem fruto. É madeira branca sem cerne.

O ipê-do-campo, é comum nos lugares cultivados, veste-se todos os anos de lindas flôres amarelas, antes das fôlhas. Não sei porque Veloso o chama frutuoso, quando êle toma o porte duma árvore mediana; e seguramente nas matas virgens deve elevar-se à altura comum das árvores. Sua madeira é branca. Querem algumas pessoas que êste Ipê seja o mesmo ipê-mirim, ao qual se não dá tempo de criar cerne. Não afirmo, nem nego.

Ipê-mirim —

É de todos o mais precioso. Sem elevar-se a grande altura, seu lenho ou cerne é côr de bronze, já mais amarelo, já mais esverdeado (o que pode ser devido a variedades ou espécies distintas). É uma das madeiras de maior duração, sua fibra é rija, densa, pesada; as pessoas que cortam ou trabalham nesta madeira ficam cobertas duma poeira fina amarelada dum cheiro forte, chegando a produzir espirros. Não sei se é esta a *Bignonia longiflora* de Veloso.

Tabebuia — *Tabebuia uliginosa* (*Bignonia tababuia* Veloso).

Cachêta — *Leucoxyla (Bignonia leucoxyla* Veloso).

Estas duas árvores são de lenho branco, leve e de pouca duração. Tem tôdas algum préstimo.

BORRAGÍNEAS

Louro — *Cordia frondosa.*

Árvore de grande porte, lenho leve, macio, cheiroso, de côr parda, estimado.

Louro-batata — *Cordia leucoxyla (nobis).*

Grande árvore. Lenho branco, mole, por isso lhe chamam batata. Só tenho dela flôres, e um pequeno ramo; me parece espécie não descrita ainda.

Louro-batata — *Cordiada trichotoma* Veloso.

Pelo desenho me parece a *cordia frondosa;* mas Veloso a dá [com] 6 estigmas, ou estilete com 6 divisões, e com o nome de louro-batata, com o qual não corresponde a estampa, mas êste tem 6 divisões ou estiletes; enfim é ponto que deve ser averiguado.

MELASTOMÁCEAS

Jacatirão — *Lasiandra calyptrata (nobis).*

Árvore medíocre, tronco alto direito, não excedendo a palmo de diâmetro, segundo as que tenho examinado. Chamam-na *Calyptrata*, porque a bráctea que cobre o botão é em forma de capacete ou barrete; parece-me impossível que ela ainda não fôsse descrita; todavia não a achei em De Candolle. É formosa por possuir grandes flôres, que mudam de côr, passando de roxas, a côr-de-rosa e brancas. Tem algum uso para caibros.

SINANTÉREA

Jacatirão — *Vernonia procera (nobis).*

É árvore de porte mediano. Seu tronco é alto, de pouca grossura, madeira de alguma estimação, para caibros e outros usos.

LAURÍNEAS

Tapinhoã — *Silvia navalium (nobis).*

É árvore corpulenta; seu lenho, côr de ocre, cheiroso, forte, duradoiro, é de grande estimação na construção naval, nas tanoarias, etc. Creio achar nesta planta caracteres suficientes para formar um nôvo gênero, que dediquei à memória do Dr. Baltasar da Silva Lisboa.

Canela-tapinhoã —

Canela-preta — *Laurinia atra* Veloso.

Canela-sassafrás —

Canela-batalha —

Muitas lauríneas de vários gêneros, *Ocotea, Nectandra, Cryptocaria,* etc. etc., são designadas vulgarmente com o nome de canelas; seu estudo ainda está em grande confusão.

TEREBINTÁCEAS

Ubatã, jibatã ou gonçalo-alves — *Astronium fraxini[fo]lium.*

Conheço muitas destas árvores; mas nunca as vi com flor ou fruto nestes cinco anos, em que tenho feito excursões botânicas. É árvore majestosa. Seu lenho, rubro ondeado, é estimado para móveis, e dá tabuado precioso.

Soco-soco —

Ainda não vi flor, nem fruto desta árvore, que pelos ramos reconheci ser uma terebintácea. O seu lenho é vermelho, e estimado.

Bicuíba — Mirística.

Conhece-se aqui nas matas do Rio de Janeiro duas espécies, uma da fôlha miúda lanceolada, outra da fôlha larga oval, ambas dão madeira; mas a última é a mais estimada. É árvore das mais corpulentas, seu lenho de côr tangerina escura, fácil de cortar; é muito estimado. Não determinei as espécies.

LECITÍDEAS

Sapucaias — *Lecythis...*

Veloso traz 3 espécies. Eu só conheço a *Lecythis Pisonis* — ([*L.*] *Ollaria* Vel.) Árvore corpulenta; sua madeira é usada.

Jiquitibá — *Couratari?*

Há aqui no Rio duas qualidades de Jiquitibás, branco e vermelho. Ainda não tenho o estudo completo destas árvores. Pus Couratari com interrogação, porque nas flôres de uma que tenho examinado, o andróforo é urceolado, oblíquo, e não *in ligulam petaloideam, cucullatam... in stylum incumbentem productus*. Isto não é mais que uma hesitação, até assentar o meu juízo com o estudo comparativo doutras espécies. Quanto às qualidades do branco e vermelho também não sei se são espécies distintas, ou variedades. O lenho destas árvores grandiosas é procurado, além de servir para caixões d'açúcar.

Embiraçu — *Couratari.*

São do mesmo gênero dos jequitibás, com os quais têm mais semelhanças de porte. São igualmente conhecidas duas espécies ou variedades: branco e vermelho. Êstes têm a particularidade de fornecerem da casca grande quantidade de estôpa, ou embira, donde lhe vem o nome. Sua madeira é menos estimada que a dos jequitibás.

ANONÁCEAS

Embiú-amarelo — *Guatteria?*

Embiú-branco —

Estas duas árvores, dão troncos mui altos, mas não de grande grossura, nem madeira, principalmente do amarelo. É resistente e duradoira, não estando exposta à ação atmosférica.

PROTEÁCEA

Cuticaém ou Cutucanhê — *Royala legalis* — *Dichecheria legalis* Veloso.

Grande árvore, madeira dalguma estimação.

Merendiba — *Terminalia merendiba (nobis).*
Grande árvore, cujo lenho de côr amarelada, resistente e duradoiro, tem vários usos.

Guarajuba — *Vicentia acuminata.*
Grande árvore, lenho estopento, de côr esbranquiçada, é de duração segura se exposto ao tempo.

Jundiaí —
Não tenho flor, nem fruto desta árvore, mas pelo hábito me parece do gênero *Vicentia.* Grande árvore, sua madeira tem usos como a da Merendiba.

558 Descrição botânica da planta chamada vulgarmente Gôlfo em português; e na língua indígena Gigoga

Nymphoea alba, — viridis Saint-Hilaire.

Esta planta aquática, herbácea, vivaz, cresce nas águas dormentes, ou de pouca correnteza, nas margens dos rios, ou em alagadiços, com fundo de lôdo a um, a dois pés abaixo d'água. A espécie que descrevemos parece que se dá melhor nas águas salobras, e nas margens dos rios do litoral onde chegam as marés.

Tem por caule uma espécie de rizoma ovóide, irregular; formado interiormente de uma substância parenquimatosa, densa, no meio da qual se vêem fibras flexuosas, que se vão distribuir nas fôlhas, e raízes. Os que tivemos ocasião de observar tinham de polegada e meia até duas de altura; com uma pouco mais ou menos de diâmetro. Na parte superior dá nascimento a grande número de fôlhas (16 a 20) mui unidas entre si formando como um feixe; e da parte inferior, e mesmo dentre as fôlhas mais antigas parte grande número de raízes, que se dirigem para baixo formando uma cabeleira.

As fôlhas têm pecíolos mui longos; mas cujo comprimento varia segundo a idade: assim as mais novas, que saem do meio das outras, ganham logo a superfície d'água, onde estendem o limbo, e têm o seu pecíolo pouco mais ou menos em largura correspondente à altura das águas. A proporção porém que novas fôlhas vão surgindo, as mais antigas vão cedendo lugar afastando-se para fora, o que se faz pelo alongamento do pecíolo, que chega a adquirir 5 e 6 palmos de comprimento; até que enfim a fôlha morre, tornando-se antes amarela, e indo apodrecer no fundo d'água. Resulta disto que um pé só desta planta pode abranger na superfície das águas um espaço circular, com 12 palmos de diâmetro; que é ocupado pelas fôlhas abertas, e flutuantes em número de 16 a 20; e do meio das quais se vêem no tempo da florescência de 1 a 4 flôres.

Tornando aos pecíolos, são êles cilíndricos, lisos, glabros, de côr purpúrea turva; com duas linhas de diâmetro, em tôda a extensão; que é como já vimos de 2 até 6 palmos. Sua consistência é herbácea; e por dentro lacunoso; tendo no centro duas lacunas maiores, e outras menores em roda; estas lacunas se estendem por todo o pecíolo, sem se dividirem, nem comunicarem

entre si. Na base são os pecíolos munidos de uma teia delgada, e frágil, à semelhança do que se vê nas fôlhas das palmeiras: esta teia abraça o gomo das novas fôlhas; rompe-se enfim; e nas fôlhas velhas só se encontra uma margem membranosa de cada lado da base do pecíolo.

Brotam as fôlhas com as margens enroladas para dentro (prefoliação involutiva), e vêm abrir-se à flor d'água, estendendo exatamente o seu limbo, que fica flutuante, banhando tôda a superfície inferior. Tem o *limbo* uma figura circular, ligeiramente oval; e cordiforme na base: o cume é redondo, e ligeiramente emarginado em frente da nervura mediana; na base os dois lobos, que aí forma, são divididos até a inserção do pecíolo; e suas margens são contíguas, e não sobrepostas, até mais de meio; são depois divergentes, e arredondam os lobos: a orla do *limbo* é inteira, no meio e na extensão de 1/3 da circunferência; e daí até os lobos é irregularmente *sinuada, repandida,* ou *crenulada.* Sua consistência é branda, carnosa. O tecido celular da página inferior é mui lacunoso; achando-se dentro das lacunas pêlos estrelados. A página superior é de uma bela côr verde; perfeitamente glabra, lisa, lustrosa: a inferior tem uma côr de púrpura escura, e turva; esta côr é mais intensa na margem e se enfraquece para o centro. As nervuras, quase imperceptíveis na face, são mui proeminentes no dorso; as primárias são digitadas ou radiadas em número de 15 mui constante; a mediana chega à margem da fôlha dando ramos laterais; as outras se bifurcam, de todos os ramos subdividindo-se, e anastomosando-se formam uma elegante rêde no dorso da fôlha.

As dimensões ordinárias do limbo são: no diâmetro longitudinal, da ponta dos lobos até o cume da fôlha 5 a 6 polegadas, e no transversal 4 a 5.

No tempo da florescência, que é em novembro, a planta brota grande número de flôres, sucessivamente, de modo que se pode achar no mesmo indivíduo simultâneamente frutos maduros, flôres abertas (cujo número varia de 1 até 4, segundo o que vi) e botões em diversos graus de evolução.

São as flôres vistosas, chegando a 3 polegadas de diâmetro, quando perfeitamente abertas: exalam um cheiro agradável, que só se sente chegando-as ao nariz. De ordinário são sustentadas a uma altura fora d'água pelo pedúnculo, que é, com os pecíolos, cilíndrico, glabro, liso, e arroxeado; nasce no meio das fôlhas, nunca chega ao comprimento dos pecíolos, e é mais grosso que êles; tem no centro cinco ou seis lacunas semelhantes às dos pecíolos, e como êles contém pêlos estrelados.

O botão ou gomo floral é de forma cônica; tôdas as peças do periântio são dispostas em verticílios quaternários, alternando entre si, e imbricados (estivação imbricativa).

O cálix é representado pelas quatro peças exteriores do periântio, que no botão cobrem tôdas as outras; e são verdes por fora, e por dentro brancas, um pouco carnudas; de forma oblongo-lanciolada; agudas; côncavas.

A corola é representada ordinàriamente por 16 peças, ou quatro verticílios; e são sensìvelmente menores de fora para dentro. São tôdas essas peças lanceoladas agudas, subcarnosas, brancas ligeiramente amareladas.

As pétalas se transformam pouco a pouco em estames; assim depois das 16 pétalas; se acham mais oito ainda com a mesma aparência, porém mais estreitas, e tendo um cume pela parte interna, anteras mais ou menos perfeitas, isto é, as quatro primeiras como rudimentares, e abortivas, as quatro mais internas perfeitas, e poliníferas, são já para tantos verdadeiros estames.

Os estames são inúmeros, de ordinário mais de 40, não contando os oito primeiros mencionados, nem os últimos de dentro, que são abortivos.

Os *filamentos são achatados, e petalóides, tanto mais quanto são mais* exteriores; de côr branca, com anteras coadunadas pela parte interna, e superior da lâmina do filamento, cujo ápice excede a antera, cujas células são duas lineares, paralelas, mas separadas; abrem-se por uma fenda; e o interior de *cada célula, é dividido em dois repar[ti]mentos por* um septo longitudinal, que corresponde à sutura ou fundo da célula.

O pólen é formado de vesículas diáfanas, lisas, tenuíssimas; e cai aglutinado em massas filiformes tôda a porção de cada repartimento das células; isto é, cada célula da antera *fornece duas mássulas que caem* sôbre o estigma.

Os estames vão insensìvelmente diminuindo de tamanho de fora para dentro, e na última série os filamentos não têm anteras, se tornam redondos, e grossos nas pontas a modo de clava; êstes são em número igual ao dos raios do estigma aos quais ficam exatamente opostos. Os estames são todos *inflexos,* ou encurvados sôbre o estigma, e tanto mais quanto mais interiores.

Todos êstes órgãos, cálix, corola e estames têm a sua inserção aos lados do ovário; isto é, sôbre o *toro,* que cobre todos os carpelos desde a parte interna até os estigmas.

Pistilo formado de muitos carpelos, cujo número varia; achei de 11 a 14. Êstes carpelos estão dispostos em tôrno dum columelo central, cujo ápice forma um tubérculo no centro do estigma.

560 Tentativa duma história das florestas da Província do Rio de Janeiro

A exceptuarmos as várzeas à baixa-mar e nas vizinhanças das fozes de grandes rios, como o Paraíba, o Guandu etc., cujo chão é naturalmente formado de aluviões, e que foram sempre cobertas de gramas, e que se chamam campos naturais, ou nativos — Campos de Goitacases, Campos de Santa Cruz, etc., — a exceptuarmos os lugares baixos alagadiços de baixa-mar, que são cobertos de uma vegetação particular — mangues — etc., todo o mais solo da Província devia ser coberto da mais bela, e vigorosa vegetação; como o mostra ainda o que dela resta no estado virgem.

Em todos os Autores, que temos lido, e que vamos lendo, que escrevem sôbre o Brasil em seu primitivo, nada temos achado de suas matas senão idéias vagas: noções incompletas, êxtases de admiração, etc., etc.

O que hoje se possui de mais regular, e exato, de verdadeiramente científico deve-se a viajantes estrangeiros; tais como Saint-Hilaire, Martius, Pohl, etc. — mas êles lançam agradáveis traços à geografia botânica; e não descem positivamente aos detalhes (nem o podiam fazer) que sós podem fornecer os elementos para uma história de nossas matas.

Eu empreenderei êste tra[ba]lho. Não tenho esperança de o dar perfeito: mas deixarei um esbôço; e darei o impulso, para que outros continuem, e acabem. O que não deve ser deferido. O machado devastador bem cedo aniquilará todos os materiais para ela.

Eis aqui de que modo entendo que se deve fazer o estudo das matas.

1.º O estudo do terreno. Vargens ao nível dos mares — sêcas, ou alagadiças. Montes, sua altura aproximada (não se tendo a medida), sua exposição ou relações com os pontos cardiais da terra; direção das serras — sêcas, ou regadas. Natureza dos terrenos.

Como as montanhas da Província não se elevam a demasiada altura, bastanos distinguir 3 estações (regiões): 1.ª — das vargens e fraldas dos montes; 2.ª — chapada ou altos cumes de mais de 1.000 pés de altura; 3.ª — a zona média.

Passando à vegetação. Determinar a estação de cada espécie — primeiro as espécies características de cada estação ou regra, isto é, indicar as árvores (mais plantas) que só vém espontâneamente em tal ou tal estação — e aquelas que naturalmente crescem em mais de uma, ou em tôdas.

Determinar o predomínio das famílias, dos gêneros, e espécies em cada estação; a proporção que guardam entre si — sua associação.

Determinar a altura média das árvores em cada região; e em cada localidade, descrevendo particularmente as árvores mais notáveis em suas proporções, e grandeza: e mesmo recolhendo o que consta das tradições.

Determinar a época das desfolhação das árvores (quando isto tem lugar); assim como das florescência, e frutificação. Tendo muito cuidado em velar sôbre as árvores que não florescem todos os anos e determinar o período de repouso. Algumas espécies florescem unâni[me]mente todos os anos. Em outras há flôres todos os anos; mas em diversos indivíduos descansando uns, enquanto outros frutificam.

Outras espécies parecem ter um certo período de repouso de 2, 4, 6 e quem sabe até quantos anos: florescendo todos os indivíduos ao mesmo tempo. Neste caso porém ainda há uma observação a fazer-se; e é [que] alguns indivíduos florescem como perdidos, e desvairados, florescência a que eu tenho chamado *esporádica*. Isto porém não deve destruir a regra geral, que é a florescência comum de tôda a espécie.

O ano passado de 1848 vi pela primeira vez (depois de 1840) a florescência geral do Ubatã ou Gonçalo-alves *(Astronium)* mas alguns indivíduos não floresceram; com a singularidade de largarem as fôlhas muito depois da florescência geral.

Parece também que as árvores que estão em descampados florescem mais comumente que as das matas, da mesma espécie. Parece igualmente que as matas novas ou as muito velhas, e que estão ameaçadas de morte florescem mais que as outras: talvez isto explique a florescência esporádica. Sôbre tudo isto não tenho ainda dados suficientes.

Determinar a proporção das madeiras de lei em cada localidade — assim como as qualidades das madeiras, isto é, a diversidade da tintura do cerne na mesma espécie — sua dureza e resistência, sua duração.

Enfim cada sorte de madeira a que construção é mais particularmente aproximada.

Quais as árvores que fornecem bálsamos, e resinas, quais as que dão princípios corantes, etc.

E quando puder ser, em que tempo começa a formação do cerne; e se êsse tempo varia segundo as localidades — que traz consigo o tempo de depósito da matéria corante, nas árvores que a têm.

Mendanha, 19 de fevereiro de 1849.

562 Apontamentos [sôbre a conservação e corte das madeiras de construção naval] [26]

Escolhidas as matas que devem ser reservadas ou cortadas, se procederá imediatamente a sua demarcação, fazendo-se tombo, e mapa delas.

E sendo de ordinário as nossas matas formadas de árvores altas e direitas, de modo que só dos galhos, ou raízes se podem tirar peças curvas tão necessárias nos artefactos navais, bom será na escolha das matas procurar algumas, cujo terreno, por sua especial natureza produza maior número de árvores tortas.

Logo depois a Administração das Florestas fará uma inspeção geral em tôdas elas, formando um inventário ou rol de tôdas as madeiras de construção, e das chegadas a corte, mais particularmente, com designação especial, e por seus nomes, das diversas castas, ou qualidades de paus de lei.

Para isso se farão primeiro picadas, ou trilhos, por onde se possa andar a cavalo; e que se deverão conservar sempre transitáveis, sendo delineados de modo que afinal venham a constituir um sistema de vias florestais, que cruzando-se e estendendo-se por tôda a mata facilite a sua inspeção e vigia.

Logo que se começar o corte das madeiras, escolher-se-ão dêsses trilhos os mais adaptados para o cômodo transporte dos paus, de dentro das matas aos pontos de depósito, e de embarque, os quais se irão, à proporção que fôr necessário, alargando, e aprontando para servirem aos arrastos das madeiras. O que uma vez feito se conservará para formar também afinal um outro sistema de vias de carreto.

À vista das relações do estado de tôdas as madeiras, a Administração Central dos Arsenais determinará a quantidade, e a qualidade das madeiras, que devem ser cortadas; e regulará o contingente de cada mata, segundo a maior comodidade e economia, mas muito principalmente segundo a abundância dos paus chegados a corte, de modo a conservar um certo equilíbrio, e dar tempo ao perfeito desenvolvimento das árvores.

A administração particular de cada floresta, que deve ter um exato conhecimento do estado de suas árvores, fará a designação das que devem ser cortadas, até preencher o pedido, tendo em vista o seguinte:

---

[26] Veja-se no fim a nota do Autor.

Marcar o lugar da mata, onde se acham os paus pedidos, em espaço circunscrito, de modo a facilitar o trabalho do corte, e da condução da madeira.

Designar as árvores, que começam a dar sinais de decrepitude, para serem cortadas antes das outras, sempre que elas possam fornecer as peças exigidas.

Não consentirá porém, que jamais se cortem duas árvores próximas uma a outra, o que produz clareiras mui nocivas à conservação das florestas.

Não consentirá fazerem-se dois cortes seguidos no mesmo lugar: antes os regulará de modo que dentro dum período mais ou menos longo, segundo a grandeza da mata, tôda ela tenha sido aproveitada. A exceção desta regra será só quando em qualquer ponto da mata uma ou mais árvores ameaçam ruína ou por idade, ou por acidente, as quais devem então ser imediatamente cortadas e aproveitadas, ainda [que] *não sendo das requeridas pela Administração* Central.

Como pode, e deve necessàriamente acontecer que haja ou abundem nas matas madeiras, que não sendo necessárias, ou que sendo excedentes às exigências dos Arsenais, sejam todavia úteis nas fábricas civis, estas devem [ser] *cortadas e levadas a mercados públicos para se venderem aos particulares*; tudo feito com autorização, e debaixo das vistas da Administração Geral.

O tempo do corte da madeira relativo ao seu maior rendimento, é em regra geral quando a árvore tem chegado às suas ordinárias proporções de altura e grossura. Esta regra porém entre nós, e ainda por muito tempo no *meu entender, fica dependente da prática, e experiência dos nossos* mateiros. Por quanto os sinais mesmo de decrepitude das árvores, que dão alguns de nossos homens práticos, especialmente o Dr. Baltasar da Silva Lisboa, acho-os insuficientes, porque êles deviam servir para indicar quando as árvores vão entrar no período de decrepitude, e não quando elas se acham já arruinadas, e não prestam: ora, os que êles apontam só me parecem infalíveis neste último caso. No entanto alguma coisa diremos adiante sôbre êste ponto.

Como as matas reservadas têm por fim mais especial a construção naval, onde de ordinário não têm emprêgo os paus de desmarcada grandeza, e como é sabido que o crescimento das árvores em altura, e grossura não é sempre progressivo, mas antes, que tendo elas chegado a uma certa grandeza (o que nas nossas [condições] é ainda desconhecido cientìficamente) as formações anuais, partindo das de maior vigor vão progressivamente diminuindo, convém que logo que as árvores tenham chegado ao ponto de dar, depois do falquejo, e em boa madeira, as peças requeridas, sejam cortadas; pois nenhuma economia há em deixar a árvore tomar dimensões supérfluas, e exposta a ser acidentalmente destruída.

Faz exceção a árvore, que puder fornecer mais de uma peça: assim como as de tabuado, como são: Putumujus, vinháticos, louros, cedros, etc. A estas se deve dar tempo a tomar todo o seu desenvolvimento possível, enquanto se

não recear a sua ruína por acidente, ou velhice. Para o que submetemos ao contraste da experiência o seguinte:

É indício de sofrimento da árvore, o cobrir-se a sua casca de parasitas, de um modo extraordinário, como são líquenes, curuatás, imbés, e figueiras.

É indício de deficência de seiva, se as extremidades dos ramos, ou renovos da sua copa se tornam mais curtos, e mais nodosos; se as fôlhas se tornam mais pequenas, mais raras, e mais decoradas; se a florescência se torna mais ou menos parcial, isto é, se nas épocas da flor florescem uns ramos, e outros não; se os frutos são em menor número, infecundos, etc.

Uma das lesões mais comuns das árvores é a ocura, a que os mateiros chamam: *vento geral.* As árvores antigas são sempre mais ou menos ôcas; conviria pois reconhecer-se quando elas são ameaçadas dêste mal. Nenhum meio sei que nos descubra êste estado.

Dando no tronco pancadas com o machado, o som, para quem tem alguma experiência, fará distinguir a árvore sã da que tem vão; mas esta já então está fendida, ou pouco se aproveita.

Quando pelo vento ou por outro qualquer acidente fôr quebrado um ramo, ou galho grande de uma árvore, esta deve ser cortada quanto antes.

Também aquela que mostre fraquear pela raiz à fôrça dos ventos deve ser derrubada.

O tempo do corte das árvores relativo às estações é também em regra geral depois que elas têm consumido tôda a seiva elaborada e antes de absorverem nova seiva. Estas duas funções se reconhecem pelas aparências da folhagem; porquanto as fôlhas, que têm servido para a formação de uma seiva, caem, e com a nova seiva brotam novas fôlhas que a devem elaborar.

Deve-se pois ter em vista o seguinte:

1.º Que muitas de nossas árvores nunca se despem inteiramente de suas fôlhas, como são as maçarandubas, os tapinhoãs, etc., donde se vê que nestas nascem umas fôlhas antes de terem caído as outras, ou que os dois períodos da elaboração de uma seiva, e a absorção de outra se traspassam e confundem. Neste caso servirá de regra para o corte a maturação do fruto e sua queda.

2.º Que outras largam completamente a sua folhagem (falo particularmente das matas do Rio de Janeiro) *verbi gratia* os cedros, ubatãs, ipês, sepepiras, etc

Nestas a regra será não esperar a queda total das fôlhas, mas quando tiver caído a maior parte, estando as outras amarelas, vermelhas.

Como tudo isto se passa na Província do Rio de Janeiro entre os meses de março, e de julho, é êste intervalo, geralmente falando, a época do corte das madeiras nesta Província.

Mas em tôda a extensão do Brasil, do equador até além do trópico cada latitude tem sua época de florescência, a respeito do que nenhum conhecimento positivo tenho.

Determinada a época do corte têm ainda os nossos derrubadores seu tempo de escolha, que é segundo as fases da lua; sendo o minguante para êles o tempo próprio. Êste conceito popular, é filho da observação prática: não convém ir contra êle por meras considerações teóricas, ou só pelo mêdo de passar-se por crédulo, enquanto a experiência científica o não desvanecer; se é que ela não é conforme aos fenômenos naturais.

No modo de cortar as árvores não é ainda possível adaptarem-se entre nós todos os meios de economia, que se empregam em outros países, onde a madeira é de grande preço, e a mão de obra comparativamente barata. Os lucros aqui não compensariam o tempo, e a despesa. No entanto alguma coisa se pode ir fazendo; assim:

Algumas árvores, que forem de mediana grossura, podem ser cortadas a serra no derrubar, no torar o tronco, e no cortar os galhos: enfim sempre que a serra fôr aplicável será preferida ao machado.

Em muitos casos convirá cortar-se a árvore (no derrubar) não pelo tronco, mas pelas raízes; no que se poderá obter certas vantagens, que compensarão o excesso do trabalho. A 1.ª, e a mais importante é que assim fica a árvore menos sujeita a estalar, ou arcar-se no cair. A 2.ª é que dos ramos radicais se podem tirar peças curvas, com muito mais facilidade e proveito, do que deixando-as no cepo. A experiência mostrará as precauções que se devem tomar neste modo para dirigir a queda da árvore, e prevenir acidentes, visto que as nossas árvores são quase tôdas destituídas de raiz mestra ou nabo.

Não é possível sempre, ou será mui difícil cortar os galhos às grandes árvores antes de as derrubar: no entanto esta prática é importante e deve-se empregar sempre que fôr admissível: e então cortar-se-ão a serra, ou machado (como melhor convier) sòmente os galhos maiores e horizontais, ficando alguns no alto, que terão por fim amortecer a queda do tronco, principalmente se a árvore conserva sua folhagem. Dêste modo se aproveitam melhor os galhos, que pela maior parte se quebram caindo com a árvore e causando ao mesmo tempo avarias no tronco e aumentando a violência da sua queda quando a árvore está sem fôlhas.

Não é indiferente a escolha da cama, ou chão em que deve cair a árvore. De ordinário os cortadores lançam a árvore para onde elas têm pendor natural; e nas ladeiras é sempre de cima para baixo. Há nesta prática grandes inconvenientes, que deve-se evitar quanto fôr possível; assim:

Se a árvore pende para onde não convém derrubá-la, ou por inclinação do tronco, ou por causa dos ramos mais pesados de um lado, em certos casos se poderá dar remédio a isto, ou cortando antes os galhos pesados, ou segurando a árvore, por meio de caibros presos a outras árvores.

Esta prática que é trabalhosa só deve ter lugar com árvores raras, de valor.

Derrubando-se em ladeiras far-se-á cair a árvore para cima, sempre que fôr possível; em segundo lugar para os lados, e nunca para baixo, senão em

caso irremediável. Salta aos olhos que quanto mais íngreme fôr a ladeira, tanto mais violenta será a queda da árvore, e mais prejudicial.

Derrubando-se em plano há ainda a escolher-se o chão mais igual para que o tronco se não quebre, ou fenda, nem mesmo sofra distenções em suas fibras, o que diminui sua fôrça de resistência, e elasticidade delas.

Cortadas as árvores não serão falquejadas, nem descascadas, senão passado algum tempo, que será um mês, mais ou menos, segundo correr a estação sêca ou úmida.

Para o falquejo, e desmembramento das árvores dará o Arsenal instruções.

Falquejadas e desmembradas as madeiras serão logo conduzidas aos depósitos; onde abrigados das inclemências do tempo, estarão expostos às correntes de ar, até que se achem perfeitamente secos.

O tempo para a sêca das madeiras, que deve variar segundo suas qualidades, e grossura das peças será também regulado pela Administração dos Arsenais. Para isso convém marcar em cada uma o tempo em que foi cortada.

REPRODUÇÃO DAS ÁRVORES

Tendo nós ainda boa porção de matas nativas, não deve o Govêrno curar de fazer matas artificiais: êste cuidado fica já aos particulares, que tão imprevidentemente têm destruído as suas, e que melhor calculando os seus interêsses tratarão sem dúvida mais cedo ou mais tarde do plantio de arvoredos.

A Administração Pública não tem por ora mais que a velar na conservação das florestas nacionais, na sua reprodução, quer natural, quer artificial; assim como do plantio das que forem faltando, ou de exóticas, que forem preferíveis às nossas.

Na conservação das florestas é regra fundamental ter o solo, ou chão sempre coberto de uma boa camada de terra vegetal e de fôlhas sêcas. Porquanto esta, pela sua propriedade absorvente higroscópica, entretém sempre a superfície do solo fresca e úmida, condição essencialíssima para a boa vegetação; ao mesmo tempo que por sua decomposição lenta, e contínua fornece alimentos às árvores; enfim é uma necessidade para a germinação das sementes lançadas naturalmente sôbre a terra. Assim é uma lei providencial, que as árvores, largadas primeiro as sementes, deixam cair logo as fôlhas (parcial, ou totalmente) com que as cobrem, antes de nascerem.

Ora a existência desta camada de *húmus* e fôlhas sêcas depende imediatamente, da proximidade das árvores entre si, de modo que suas copas se toquem; porque então a luz e o calor não ferem o solo diretamente, nem os ventos penetram com violência no fundo [das] matas.

Com efeito, pratique-se uma aberta, ou clareira no meio de uma floresta, o vento descerá caindo com violência até o chão, secará e varrerá a folhagem.

A luz, e o calor dos raios solares, caindo direta sôbre o húmus o seca e faz perder uma sua essencial condição para a vegetação. De tudo resulta já a morte das sementes que germinam descobertas, já a de novas plantas que serão abafadas por uma multidão de ervas, de vegetação nova que com prodigiosa presteza, tomam conta do terreno; enfim a aridez do solo prejudicará a vegetação das árvores.

Convém portanto evitar quanto fôr possível o destruir a sombra benéfica das florestas; por isso se fugirá sempre de cortar uma árvore próxima a outra, e mesmo duas juntas. Ainda mesmo quando se tratar da limpa das matas, isto é, de tirar as árvores inúteis, para substituí-las pelas de utilidade, nunca se tirará uma árvore cuja copa venha a fazer falta.

Para a reprodução natural conservar-se-á nas matas, e em distâncias que se julgar conveniente, um certo número de árvores de cada espécie de boa madeira de que se compõe a mata. Estas árvores-mães ou de semente devem ser escolhidas em todo o seu vigor, e nunca serão cortadas, senão quando outra da mesma espécie a possa substituir para a reprodução.

Logo que as árvores estiverem em flor haverá cuidado de se preparar o chão para receber as sementes, tirando o mato baixo, e inútil, para que as sementes cheguem tôdas ao chão, e germinem desafrontadas. Êstes cuidados são tanto mais importantes quanto forem as sementes mais ligeiras, e fáceis de ser levadas pelo vento, como são as dos ubatãs, dos cedros, dos louros, dos ipês, *etc., porquanto destas poucas caem ao pé da árvore; sendo a maior parte* dispersa para longe e quase sempre perdidas, e das poucas que vem abaixo ainda muitas são perdidas, ficando suspensas pela folhagem do mato rasteiro. Ainda mais, muitas de nossas árvores tem um período de repouso mais ou menos longo (e que para nenhuma delas, que me conste, se acha determinado), isto é, passam certo número de anos sem florescer. Com estas deve pois haver ainda maior cuidado em aproveitar as sementes quando elas derem.

Germinadas as sementes se deixarão crescer as plantas, até que adquiram bastante vigor para serem transplantadas. Deixar-se-ão algumas no lugar em que nasceram, e as outras serão com todos os cuidados que requer esta operação mudadas para lugares convenientes, dispersando-as, mas nunca tirando-as das condições em que elas prosperam naturalmente. O que feito se visitarão de tempo em tempo as novas plantas até que se achem em vigoroso crescimento.

Com êste modo de plantação das árvores, e ainda mais particularme[nte] com a de novas espécies, que ou foram extintas, ou que se de[se]jam introduzir de nôvo deve-se ter em vista que cada espécie de árvore requer certas condições de clima, e de local para crescerem com vigor e prontidão. Por exemplo, aqui nas matas do Rio de Janeiro os tapinhoãs só prosperam no alto das montanhas; os brasis nas fraldas, nas vargens, ou em pequenos morros, os jetaís, e copaíbas se encontram por tôda a parte, etc. Há árvores de lugares secos, e pedregosos, outras de chão argiloso, arenoso, úmido, etc. Ainda é mais im-

portante a consideração das latitudes; assim os tapinhoãs, se sou bem informado, não existem para o norte da Bahia, nem para o sul do Rio de Janeiro; certas árvores do Pará e Maranhão seguramente não podem prosperar em províncias mais ao sul; e vice-versa.

Podem-se sem dúvida, e devem-se cultivar tôdas elas em jardins botânicos; mas não para ser aproveitadas para a construção.

Há ainda outra consideração, que lembramos aqui ùnicamente para excitar a curiosidade de observar-se, e é que as árvores têm entre si certas relações de simpatias, que convém conhecer-se. Chamam-se sociais as árvores que se dão juntas, e antipáticas as que se lesam mùtuamente. Sôbre isto nada sabemos a respeito das nossas; a regra pois será, a que se deduziu da apreciação natural das florestas, fazendo replantar nelas mais particularmente as espécies existentes, ou as que se extingüiram *.

Outro modo de reprodução, e mais vantajoso é o do renôvo das cepas. Cortadas as árvores deve-se igualar a superfície do cepo, e cobrir tôda a ferida com um emplastro (bem conhecido). Não tardam a aparecer grande número de renovos — deixar-se-ão crescer até que tenham certo vigor, então se destruirão dêles a maior parte, deixando conforme o vigor e tamanho do tronco, alguns que não devem passar de quatro. Na escolha dos renovos, deve-se ter em vista não só os mais vigo[ro]sos, porém os mais inferiores e ainda mesmo providos de raízes grossas (mesmo das árvores cortadas pela raiz), que são os que melhor se seguram e dão melhores troncos. Quando todos tiverem chegado ao tamanho e grossura de darem paus aproveitáveis se cortarão todos, menos um e mais escolhido ao qual se dará tempo de chegar ao seu pleno crescimento.

Com os renovos deve-se ter o mesmo cuidado que com as plantas, tendo aquêles a vantagem de fornecer madeiras muito mais cedo que estas.

A Administração de cada floresta registrará com todo o cuidado:

— O tempo do plantio das árvores, para se contar a sua idade.

— A época da primeira florescência de cada espécie — notando se florescem todos os anos; e se não, qual é o intervalo, ou período de repouso de cada uma; e se êsse período é regular. (*N. B.*: Esta observação começará logo que a Administração entre em exercício para com as árvores atuais.)

— A época em que começa a aparecer o cerne, nas árvores novas.

— Escolher algumas árvores de cada espécie, para melhor observar qual o seu crescimento anual em grossura, e mesmo em altura.

— O tempo da florescência de cada espécie.

---

* Quando se tratar, e deve-se fazer quanto antes, de naturalizar em nossas matas as árvores preciosas de outras partes do mundo, muitas das quais têm usos mui particulares, e são de reconhecida superioridade, serão as sementes distribuídas pelas províncias cujo clima fôr mais análogo àquele que produz a árvore; assim o pinho europeu nas províncias do sul; o mógono, a teca, o sândalo, o ébano nas do norte.

— A época da muda das fôlhas de cada espécie, com a circunstância das que se despem inteiramente da sua folhagem; das que a perdem pela maior parte; e das que conservam suas fôlhas com pouco diferença.

— Qual o terreno, em que cada espécie se dá melhor.

— Quais os sinais de seu maior vigor, e quais os de sua velhice, ou deterioração.

— Quais as que fornecem tintas, e de que qualidade.

— Quais as que dão bálsamos, e resinas, e suas qualidades.

— Quais as que dão sucos leitosos; se brancos, vermelhos, amarelos, e suas propriedades.

Enfim averiguar os nomes indígenas de cada árvore, e sua significação.

Engenho Velho, 4 de outubro de 1849.

[Nota:] Sendo Ministro da Guerra o Senhor Manuel Felizardo de Sousa e Melo, foi por êle nomeada uma Comissão para apresentar um relatório e projeto de lei para a conservação e corte das madeiras de construção naval. Foi a Comissão formada pelos Senhores Carvalho Moreira, um oficial de Marinha, e eu. Repartimos o trabalho, entre mim e o Senhor Carvalho Moreira; o oficial foi ocupado em escrever. A minha parte é a que se acha aqui em borrão.

563 Relação de algumas árvores que floresceram de 1848 a 1849 (Mandada ao Dr. Martius)

Maçaranduba — *Mimusops elata* (*nobis*).

Ainda não obtive o fruto; mas os caracteres da flor me parecem suficientes para a determinação do gênero. É ótima madeira de construção civil e naval.

Guaracica — *Lucuma fissilis* (*nobis*).

É grande árvore; e sua estimação consiste principalmente em fundir-se mui fàcilmente, de sorte que o tronco se desfaz todo em lascas, ou hastilhas delgadas, e longas de todo o comprimento da árvore, de que se fazem ripas, etc.

Mocitaíba — *Zollernia mocitahyba* (*nobis*).

Ainda não tenho o fruto; mas nenhuma dúvida me resta de que pertence a êste gênero pelos caracteres da flor. É madeira que tem alguma analogia com a dos Jacarandás.

Óleo-vermelho * — *Myrospermum erythroxillum* (*nobis*).

Ainda não tenho o fruto; mas a flor é sem dúvida alguma de um *myrospermum*. É madeira de estimação. Há muitos anos que não floresceu.

Vinhático — *Acacia maleolens* (*nobis*).

Ainda me falta o fruto; mas a flor é de Acacia. Suas flôres ao longe têm cheiro que não desagrada; mas cheiradas com fôrça e de perto, têm o cheiro das do *Sterculia foetida*: a madeira enquanto nova tem o mesmo cheiro. É êste o Vinhático comum de serra-abaixo na Província do Rio de Janeiro; não tem o preço, nem a estimação do Vinhático do Rio de São Francisco, chamado Testa, ou Olho-de-boi, do qual já se encontram alguns nas matas do Paraíba, e de Campos dos Goitacases para o norte.

Oiti — *Brosimum* (?)

A árvore, que aqui no Rio chamam Oiti, e que dá madeira de construção, é, como eu presumia, uma artocárpea. Floresceu êste ano uma que tínhamos

---

* Esqueci-me dos óleos-pardos, aqui.

debaixo das vistas; mas infelizmente perdeu-se a flor, tendo apenas examinado algumas mui novas; pelas quais me pareceu ser do gênero *Brosimum*. É indivíduo masculino. Esperemos até que de nôvo floresça.

Jacarandá — *Machaerium.*

Tenho obtido êste ano a flor de algumas espécies; mas falta-me de outras, para completar o estudo destas preciosas árvores. Eis aqui o que temos conseguido:

1.º Jacarandatã — *Machaerium scleroxylum (nobis).*

É êste dos mais estimados: dêle se fazem os dentes das rodas, e das moendas nas nossas grandes máquinas de madeira; e que hoje se vai substituindo pelo ferro.

2.º Jacarandá-roxo — *Machaerium firmum* — *Nissolia firma,* Veloso.

Substitui o precedente.

3.º Jacarandá-prêto — *Machaerium incorruptibile* — *Nissolia incorruptibilis,* Veloso.

Êste não é muito comum, nem tão usado como os dois precedentes, aqui pelos lugares que tenho visitado. Dêle só tenho o fruto; ainda não pude obter as flôres.

4.º Jacarandá... — *Machaerium legale* — *Nissolia legalis,* Veloso.

Esta espécie ainda não tenho bem averiguado; parece-me ser uma que nasce hoje muito pelos campos, e matos secundários, onde não a deixam tomar grande crescimento. Dêste só tenho por ora fruto.

5.º Jacarandá... — *Machaerium dubium (nobis).*

Esta árvore tem em seu aspecto, e na sua madeira muita semelhança com o Jacarandatã; mas sem dúvida alguma é espécie distinta. Dêle só tenho por ora fruto.

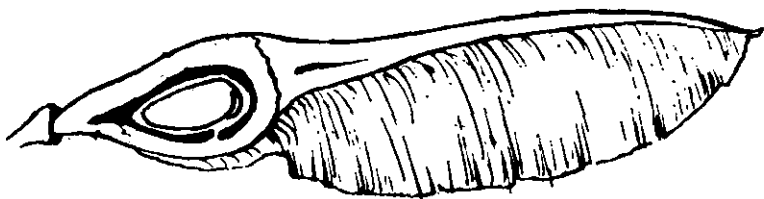
6.º Jacarandá-de-espinho — *Machaerium jungens (nobis).*

É outra qualidade de jacarandá, cujos ramos são armados de duros e agudíssimos espinhos. Seu lenho é roxeado, com veias pretas. Achei-o mais comum nas matas de Maricá, que nas do outro lado da cidade.

Aqui ficam referidas seis espécies de Jacarandás, tôdas madeiras de lei, e reconhecidamente distintas por seus caracteres botânicos; mas tenho razões para suspeitar que ainda outras existem aqui mesmo nas florestas do Rio de Janeiro.

Angelim — *Machaerium heteropterum (nobis).*

É uma bela árvore, a que chamam aqui Angelim pela semelhança de sua madeira, que é amarela, com a do Angelim-amargoso. Por todos os seus carac-

teres principais é do gênero *Machaerium*, mas tem um *habitus* mui particular. Veste-se de flôres roxas, estando despido de tôdas as suas fôlhas; seu fruto tem de particular, e diverso das espécies de *Machaerium* que eu conheço, as veias da ala quase perpendiculares à nervura dorsal, pouco mais ou menos como represento aqui:

caráter que me parece aproveitável para a espécie. Em tôdas as outras espécies que tenho visto são as veias da ala reticuladas e dirigidas no sentido do comprimento.

Sepepira — *Ferreirea spectabilis (nobis).*

Floresceram estas árvores pela primeira vez o ano passado, de antes de 1840 para cá. Têm em suas flôres os caracteres essenciais do gênero *Bowdichia;* mas o fruto é de uma estrutura perfeitamente semelhante à do *Machaerium* supra, como se vê no desenho, que aqui faço:

pelo que o considero como tipo de um gênero nôvo; e o dediquei ao nosso célebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. É árvore das mais corpulentas; sua madeira é de estimação. Floresce estando inteiramente nua de fôlhas; as flôres são miúdas, dum amarelo desmaiado, e dispostas em raios fasciculados.

Ipê — *Tecoma.*

Também nestes dois anos de 1848 a 1849 floresceu grande número destas árvores: o que me ofereceu ocasião de estudar e discenir melhor as suas espécies; e dissipar até certo ponto a obscuridade que reinava sôbre estas árvores.

1.º Ipê-mirim — *Tecoma valida* (?) *(nobis).*

Aqui no Rio de Janeiro é esta espécie mais procurada, em razão da firmeza, e duração da sua madeira. A nenhuma das espécies descritas no *Pro-*

dromus de De Candolle, achei convir esta planta, por isso a suponho espécie ainda não conhecida: mas como me restam ainda algumas dúvidas, não o afirmo, com tôda a certeza.

2.º Ipê-açu — *Tecoma insignis* (?) *(nobis)*.
[*Tecoma*] *Speciosa* (?) De Candolle.
Bignonia longifloris (?) Veloso.

Parece-me espécie nova; mas não ouso afirmá-lo definitivamente.

3.º Ipê-do-campo — *Tecoma flavescens* — *Bignonia flavescens* Veloso.

Só tenho por ora visto esta árvore pelos campos, e capoeiras; mas segundo muitos se acha nas matas virgens. A sua madeira ou cerne tem uma côr amarela de ganga da Índia; e é pouco estimada. Algumas outras espécies, creio eu, crescem pelos campos, juntas com a precedente, e que não estão bem determinadas; nem eu pude ainda investigar êste ponto.

4.º Ipê-batata — *Tecoma leucantha (nobis)*.

Esta espécie me parece inteiramente nova; vi-a com flor o ano passado pela primeira vez. As flôres são brancas; as fôlhas trifoliadas, digitadas; o fruto glabro; não dá cerne; mas de sua madeira se faz tabuado, de algum préstimo.

5.º Ipê-roxo — *Tecoma curialis* (Veloso).

Esta espécie é rara, ou mesmo não existe nos arredores do Rio de Janeiro: é comum para a serra-acima, segundo me informam. Obtive o ano passado a flor, que é roxa, e com os caracteres do gênero *Tecoma;* mas não tenho fruto, nem mesmo fôlhas, que segundo o desenho e a descrição de Veloso é pinada (deve haver imperfeição, ou engano em Veloso).

É madeira de cerne, e estimada.

Destas cinco espécies de *Tecoma* posso afirmar que são distintas. O que ainda não pude foi determinar com segurança, quais as que se acham já descritas nos Autores. E uma das principais dificuldades com que tenho lutado é a inconstância nos caracteres específicos. Assim o número dos folíolos em cada fôlha varia até no mesmo indivíduo, de 3 a 7. A orla das fôlhas pode ser *inteira*, ou mais ou menos *denteada* em indivíduos da mesma espécie, e até no mesmo indivíduo; enfim o tomento formado de pêlos estrelados pode ser mais ou menos basto, e mesmo faltar inteiramente. Será preciso pois um estudo comparativo acurado, não só entre as espécies, mas entre os indivíduos da mesma espécie, para se chegar a alguma coisa de positivo.

Louro... — *Cordia odoratissima (nobis)*.

Bela árvore, cujas flôres vi pela primeira vez êste ano; infelizmente perdeu-se o fruto: o seu lenho ou cerne é brando, leve, e de suavíssimo cheiro.

Pequiá-marfim — *Aspidosperma eburneum (nobis).*

Madeira fina, e suscetível de grande brunido; imita o marfim; e é muito estimada.

Pequiá-amarelo — *Aspidosperma sessiliflorum (nobis).*

Faz-se desta árvore bom tabuado; mas o seu lenho não é de uma textura tão fina, como o do precedente.

Nota: Ainda não tenho certeza do nome específico trivial — uns, e é o maior número, lhe chamam *amarelo;* outros dão êste nome ao Pequiá-marfim. Alguns lhe dão o nome de Pequiá-açu.

Jundiaíba — *Terminalia.*

Colhi o ano passado flôres desta árvore; mas perdi o fruto: no entanto não tenho dúvida que pertença ao gênero Terminália. O fruto, pelo que pude ver, deve ter cinco alas. Ainda não determinei a espécie.

Bicuíba-da-fôlha-miúda — *Myristica officinalis.*

Esta árvore não dá cerne, ao menos ainda não pude ver, por isso não tem estimação alguma a sua madeira; aproveita-se o fruto, de que se extrai o óleo chamado de bicuíba.

Bicuíba-da-fôlha-larga — ou Bicuíbuçu — *Myristica grandis (nobis).*

Árvore das mais corpulentas, sua madeira, ou cerne é de um vermelho escuro, e muito estimada para obras várias.

Jiquitibás * } *Cariana.*
Imbiruçus }

As várias espécies dêste gênero reclamam um estudo particular. Êste ano colhi as flôres de algumas; faltam-me os frutos.

Tatagiba — *Maclura.*

Pela primeira vez colhi êste ano flor e fruto do indivíduo feminino; ainda não pude ver o macho. O lenho é de um belo amarelo, e dá muita tinta. Com admiração achei pertencer ao gênero *Maclura,* e não ao *Broussonetia.*

Nota. Creio, como Vossa Senhoria [27], que há várias espécies a que dão o nome de Tatagiba. A árvore que vi êste ano pela primeira vez em flor e fruto, é sòmente o indivíduo feminino; tem mais os caracteres do gênero *Maclura* que do *Broussonetia.* Não posso afirmar se é alguma das duas de Veloso — *Maclura tinctoria* e *Maclura tatagiba* (que podem ser indivíduos da mesma espécie) nem também se é alguma das que vêm no seu *Herbarium,* páginas 249 a 250.

---

* Na relação que enviei foi a Tatagiba antes dos Jiquitibás.

[27] Cf. *Catál.,* n.º 110.

Os caractereres mais notáveis da mesma planta são: "*Arbor, cortice lactescenti, ligno vivide luteo; trunco, inferne spinis horridis armatur. Spinae ramulis abortivis plus minus ne alongatis, provenientes, ramosae, scilicet summo pediculis, 3 vel 4 stellatin dispositae. Folia disticha, ovalia, basi oblique et obsolete cordata, apice acuminata, ambitu serrata, utrinque pilles (...) pidulis compersa stipulae acutae, caducae.*

Flores foeminei in amentum globosum, axillere parce pedunculatus, dispositi.

Fructus globosus, akeniis carnosis, arcte conjunctis cum bracteolis interpositis, confectus; indique stilis sive stigmatibus piliformibus, per lentem plumosis longissimis, dispersis tentibus, sparse coopertus. Semina lusticularia, crustacea. Embryo intra album parem inclusus radicule longa armata."

N.B. — Sem dúvida ainda não se acham aqui todos os caracteres para bem descriminar esta planta; mas a ausência do *Gimnophoeum baceatum a longa exertum*, etc., me parece bastante para a não considerar como um *Broussonetia*. (Esta N.B. foi também na relação).

(Esta nota, e a precedente, foram em fôlha à parte, na relação que mandei ao Martius; porque foram observação que me ocorreu depois.)

Muitas outras plantas colhi, mas de menos importância; por isso paro aqui. Vossa Senhoria comparando esta relação com a que lhe mandei antes, reconhecerá que não tenho estado ocioso; antes alguma coisa tenho feito em proveito da Ciência, pelo menos os meus esforços são dirigidos nesse fim.

588 **Leguminosa:** Zollernia Mocitaíba **(Esp. nova)**

Nomina trivialia
Mocitaíba, *vel*
Moçutaíba
Jacarandá-moçutuaíba
Maria-preta

Arbor excelsa: cortice trunci crasso, scabro, non rimoso, fusco-nigrescenti, lichenibus variis maculato: materie dura, ponderosa, odora, atro-purpurea, operibus diversis apta, et quae sita: ramis novellis teretibus, laevibus, glabris: coma dense foliosa.

Folia simplicia, alterna, breviter petiolata, elliptica, vel obovata, basi acuta, vel cuneata, apice acuminata, margine integra; coriacea, glabra, lucida, facie vividius virentia, quam dorso; rachide, costis, venisque reticulatis non modo infra, sed etiam supra prominentibus. Stipulae foliaceae falcatae, acutae, aliquandiu permanentes.

Flores racemosi, vix odorati. Pedunculus angulosus pilis subtilibus, raris, ferrugineis inspersus; ad divisuras bracteolis munitus: pedicelli breves bracteolis duabus subevanidis instructi. Calyx, in alabastro acuminatus, integer, clausus, puberulus; sub anthesi irregulariter ruptus, cito decidens. Corollae aestivatio papillionacea, petala quinque inaequalia, posticum maius, subrotunda, albo-rosea, post anthesin patentia, fugacia. Stamina decem, circa ovarium conniventia, petalis breviora, aliquantum ascendentia, quinque alterna parum longiora; filamenta brevia, subulata, glabra: anthaerae basifixae, erectae, basi emarginatae, apice acuminatae, biloculares, loculis oppositis, rima dehiscentibus. Pistillum erectum, falcatum, stamina parum superans: Ovario basi attenuato, apice in stylum brevem curvum, continuato, extus fusco-pubescenti, multiovulato: ovulis anatropis, transversis: stigma punctiformi.

Fructum perfectum non vidi.

Habitat sylvis primaevis; octobre florebat.

Rio de Janeiro, 11 de junho de 1848.

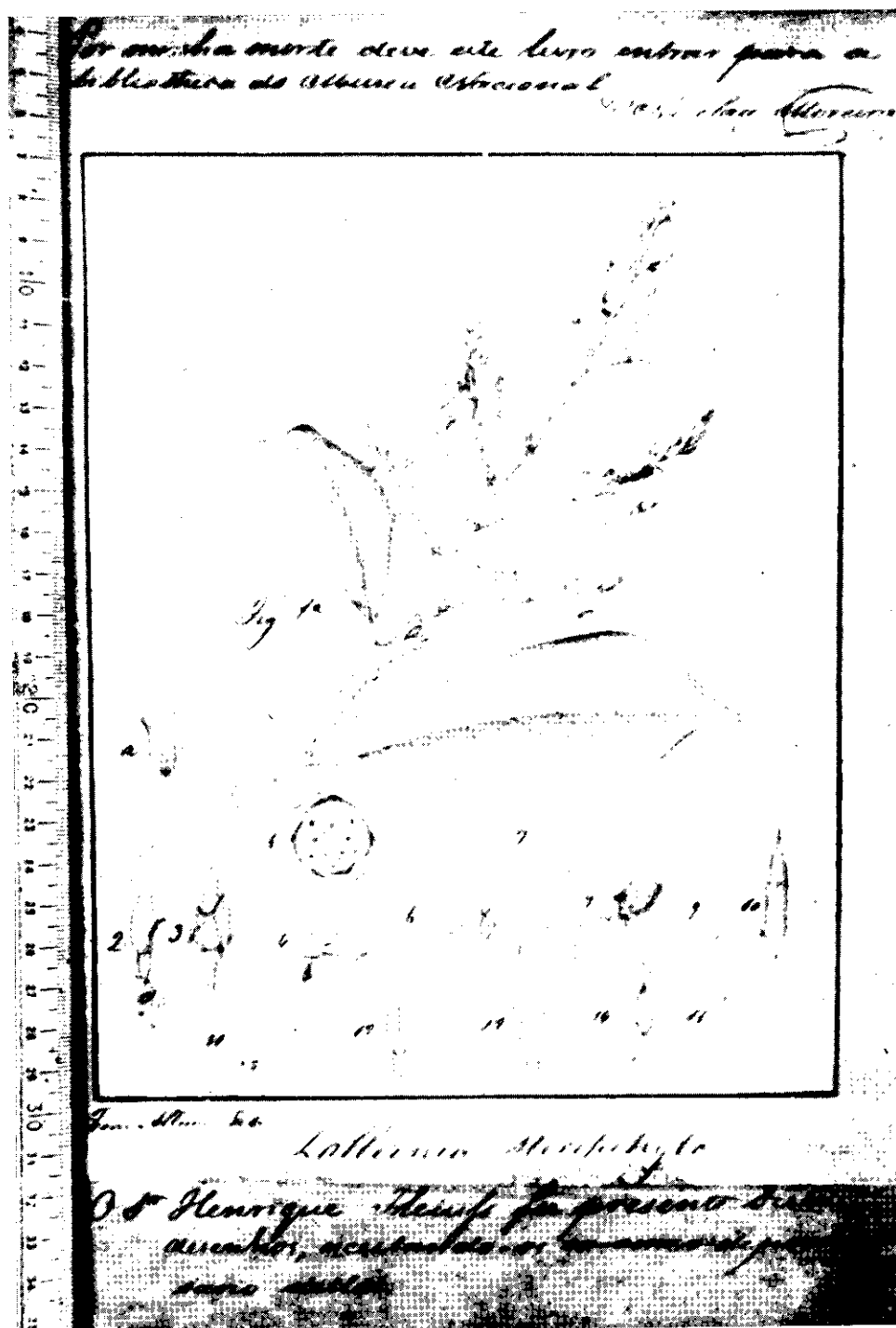
Francisco Freire Alemão

Fig. 1.ª *Ramus floriferus – magnitudinis naturalis: (a) Stipula.*
" 2.ª *Perula, clausa.*
" 3.ª *Perula, aperiri incipiens.*
" 4.ª *Flos, nuper apertus.*
" 5.ª *Diagramma.*
" 6.ª *Flos apertus, desuper visus.*
" 7.ª *Petalum.*
" 8.ª *Flos apertus a latere visus.*
" 9.ª *Stamen.*
" 10.ª *Idem facie visus.*
" 11.ª *Pistillum.*
" 12.ª *Idem partitum, ovula ostendens.*
" 13.ª *Fructus valde juvenis.*
" 14.ª *Idem partitum, semen unum, et ovula plura sterilia ostendens.*
" 15.ª *Semen.*

Pelo que mostra o fruto parece indeiscente; dos óvulos grande parte as mais das vêzes aborta; semente an;tropa; epispermo membranoso; embrião sem endosperma.

Esta grande árvore fornece excelente madeira, que assemelhando a dos jacarandás lhe tem merecido o nome de Jacarandá-muçutuaiba [28].

---

[28] Nota de época posterior.

Zollernia mocitaíba. O desenho desmembrou-se do texto e pertence hoje ao Museu Nacional. Reproduz-se do *Bol. do Mus. Nac.*, n.º 22, artigo do Dr. Luís Emídio de Melo Filho sôbre a denominação da espécie.

PAPÉIS DA EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

607 [Notas sôbre Fortaleza e Pacatuba]

16-II-[1859]

Conversa com o Senhor fazendeiro...* situado nas abas da Serra de Aratanha (diz êle que ali na água doce há uma qualidade de camarão pequeno com uma das unhas muito maior que a outra, que se chama aratanha).

Conversou muito, disse muita coisa de que pouco me lembro agora. Diz que o sítio onde está hoje a cidade de Fortaleza era uma mata, não há muitos anos, pois que êle veio aqui estudar latim, quando as matas ainda abundantes.

Pau-ferro — São árvores pequenas dos lugares marítimos e só servem para estacas ou coisa semelhante; que o não há nas grandes matas.

O Angico — Bela madeira de móveis; e mostrou na sala um sofá de angico, que eu cuidava ser de mógono.

Coração-de-negro é a madeira a mais dura, e resistente daqui, diz que tem semelhança com a aroeira. Cedros há muitos. Gonçalo-alves há nestas matas. Brasil não há na Província. Vinháticos também não (amarelos).

Diz que a cultura do algodão tem destruído grandes porções de mata. Hoje com a cultura do café, estão também se descobrindo os montantes que dantes se conservavam nas matas.

Em alguns lugares se estrumam as terras.

Os cajueiros fertilizam as terras.

Alguns cultivadores de mandioca metem nas covas (mutambo?) porção de fôlhas sêcas de cajueiro, com que vem a mandioca muito bem.

---

* Era o Senhor José da Costa e Silva que mora em meio pouco mais ou menos da serra, e seu sítio se chama Boa Vista, onde temos estado várias vêzes (23 de julho).

30-III-1859

VEGETAÇÃO DESDE A FORTALEZA ATÉ PACATUBA [29]

Nos arredores da cidade, ou antes em uma faxa de profundo areal, e de largura de dois a três quartos de légua da borda do mar, há a vegetação chamada carrasquenha? ou de taboleiro?; são matos cerrados, ou moitas de arbustos e pequenas árvores * cujas famílias predominantes são: solanáceas, euforbiáceas, principalmente crótons, mirtáceas — uvaias, gabirobas, etc., etc.; melastomáceas só há a chamada manapuçá, fruto excelente e saboroso, espécie mui abundante em nediezes. Várias leguminosas, dentre estas o parpatimão, cujas árvores aí são pequenas e enfezadas, e mimóseas como a *Jurema* etc., etc. Poliganáceas há várias espécies de *coccoloba;* a *Caá-açu* — cujo fuste é cerne, o *carrasco,* etc., etc.; uma dileniácea tetrácera? cipó-de-fogo; algumas passifloras; o maracujá-de-estalo, o de-tabuleiro, cuja flor é suberba. Malpighiáceas; o *murici* mui abundante, e o café-do-mato, e outras *birsonimas* arborescentes; poucas malpighiáceas trepadeiras, assim como poucas sapindáceas; uma *caesalpinia* comum — Catingueira — pau ordinàriamente ôco, dá muito boa lenha, serve de bica etc. Sabiá — uma mimosácea abundante que serve para lenha. O pau-de-lacre *Vísmia* é abundante; uma espécie de *chiococa* de flor amarela mui abundante — trepadeira — alguns tetramérios mui lindos e cheirosos. A rubiácea chamada Angélia, pequena árvore do gênero... Bignônias há algumas e bonitas, e entre elas o pau-d'arco; uma *apuleia* que chamam pau-ferro — árvore mediana. O juàzeiro, o cajueiro e cajàzeira nascem por tôda a parte, e dão grandíssimas árvores, assim como a *ateira.* Das plantas rasteiras há muitas e lindas *portulacáceas* e turneráceas. O camará legítimo, *lautana,* cujos cones variam do amarelo ao amarelo doirado, ao alaranjado e vermelho. Há outro camará, que chamam *amarelo,* que é uma *Synanthera Borrichia,* de belas flôres — arbusto que achando encôsto sobe à altura de três a quatro varas. Tatajubas, guajirus, muitas solanáceas, principalmente dos gêneros *Croton* e *Solanum, Crisobalenas,* etc.

Saindo dos areais e onde começa a aparecer terreno mais barrento, vi numa baixada úmida em Tauape alguns pés de cássia de grandes fôlhas que se cultivam nos jardins do Rio (vide o desenho que fiz na Chácara de João Veloso).

No Carnaubal, lugar alagadiço, e com lagoa vi nos brejos a cana de flor amarela; aí pela primeira vez ouvi cantar a rôla, chamada (fogo-pagou?).

---

[29] Ocorre a nota: "Isto precisa refazer-se".

* Entre Cocó e Mucuripe há excelentes matas, que não sendo como as das serras, e matos em roda delas, têm grandes árvores de construção. Vide viagem a Cocó (11 de junho de 1859).

Em Tapiri onde há uma lagoa, que agora está ainda sem água, ou com pouca, vimos a única *Oxalis;* dêste lugar em diante o terreno já mais barrento tem vegetação mais vigorosa; algumas mimosáceas arbóreas que representam aqui os nossos *cabuís.*

Ao chegar ao rio Ginipabu, começam a aparecer as maniçobas (borracha) e o pau-branco, e logo dêsse rio em diante abundam essas árvores, até chegar-se à terra da Munguba (Aratanha), onde há grandes árvores da *Bombax Mangaba.*

Nos arredores da terras da Aratanha, Maranguape, etc. e ainda pelas vargens, ou antes terras baixas há uma vegetação vigorosa, com grandes árvores de construção; aqui achamos a *Contarea Speciosa* em flor, e o soldado que me acompanhava a denominou quinaquina.

6-IV-1859

Ontem, 5 de abril, encontramos na estrada de Baturité um fato de ovelhas e cabras misturadas, que vinham de sessenta léguas (Riacho do Sangue, no sertão) diz o condutor; era tudo pequeno, magro, de má aparência, e pedia por cada peça quatro mil (e comprado tudo 3500).

Uma rês para o açougue aqui em Pacatuba, diz o Senhor Justa, custa de 40 a 80 mil-réis; assim também na cidade, onde ao menos se tira mais barato. Diz êle que o gado que se demora aqui ou que volta da cidade adoece com a *passarinha inchada* — (seguramente pela água, e alimentos diversos dos do sertão onde se criam).

A carne de vaca em Pacatuba custa 200 réis a libra; na cidade a 200 e 240.

A de porco a 240; o toucinho fresco a 320, na cidade 640.

A carne sêca a 240.

A galinha 640, 800 e 1000; ovos a 20 réis em Pacatuba e na cidade a 40.

Açúcar grosso na cidade 200; aqui 240.

Refinado na cidade 240; aqui 400.

Bacalhau aqui e na cidade 200 a libra.

Farinha a 800 réis a quarta na cidade; a 640 e a 800 aqui. O preço varia.

O arroz de casca 480 a quarta em Pacatuba, arroz de casca na cidade a 160 a libra.

Milho a 540 a quarta (320 a têrça, que é meia quarta).

Café socado aqui 160 a 170, na cidade 200.

É bem claro que êstes preços são os de agora. Mas êles variam segundo a carestia ou abundância dos gêneros — e segundo a localidade; ainda em 52 eram mui baixos, e o preço dum alugado era 160 réis.

10-IV-1859. Pacatuba

[CONSTRUÇÕES]

Os edifícios e casas da cidade são construídos com tijolos e a argamassa é sòmente duma espécie de superfície, a que ajuntam alguma areia mais, e sem cal; creio porém que nos edifícios maiores — igrejas, etc., se lhe ajunta alguma cal. A cal aqui é de pedra que abunda em alguns lugares; é porém bastante cara. Pode também ser que essa terra, ou superfície que empregam com argamassa tenha já de si alguma cal. Os tijolos de ladrilho, ou são os mesmos de alvenaria ou os mandam vir d'Inglaterra e são hexagonais; os lajedos dos passeios são de pedra lavrada inglêsa, mas pela maior parte são de ladrilhos com arte dispostos, seguros com uma bordadura de tijolos em pé.

As telhas são como as nossas, exceto algumas que tenho visto que são angulosas em vez de curvas; conserva-se os telhados sempre, ou por muito tempo limpos e vermelhos; não usam tomar as telhas senão nas cumieiras. O madeiramento do telhado é de bicas de carnaúba sôbre as quais assentam os canos dos telhados; hoje porém nos melhores edifícios não usam da carnaúba, mas de pernas de serra, para caibros, e de tábua ou serrafos para ripas (a casa que habitamos em Pacatuba, que é de telha-vã, como mui geralmente se usa, tem o madeiramento do teto mui bem feito, e as telhas colocadas de forma que se não vêem as suas juntas, que ficarão sôbre o enripado que é de serrafos; não se vê um caco, é tudo telha escolhida, e muito igual) . A madeira mais usada na construção das casas é tabuado de cedro, para tudo, até para soalho, e sôbre o chão; os barrotes são de arueira, e de pau-branco, as portadas de pau-branco. As portas ou são feitas de tabuinhas estreitas, ou fingindo-as, postas no mesmo plano, com trabalhos, que têm em todo o comprimento a mesma grossura

As bandeiras, ou são de vidro, ou de madeira rendeada, o que fazem de várias formas e bonitas.

Usam pouco de casas de esteios; mas as casas antigas e fábricas antigas são de esteio. O melhor esteio (diz o Senhor Costa, do Rio Formoso) é o coração-de-negro. O mais madeiramento é principalmente de pau-d'arco.

[ENGENHOS DE AÇÚCAR]

São fábricas muito broncas mas quase todos que tenho visto têm moendas de ferro. Dos engenhos que tenho visto é o do Tenente-Coronel Franklin de Lima o mais bem construído. Alguns têm as moendas, mesmo de ferro, expostas ao tempo, ou apenas com uma coberta de palha; só a casa de cozinhar é que é fechada, com bangüês, fornalhas e alambiques de tijolos; mas tudo sempre em proporções mesquinhas comparados com os do Rio. A lama e porcaria entra por tôda a parte. As moendas são de ordinário puxadas por

bois. Anteontem (8 de abril) passamos o dia na Fazenda do Senhor Costa, no Rio Formoso, onde vimos pela primeira vez um açude (e que está arrombado). Estava o engenho moendo. As moendas são horizontais e de ferro. movidas por umas dez almanjarras puxadas por dois vagorosos bois que se alternam, ou mudam quando se mostram cansados. Um molequinho de oito a dez anos agarrado à almanjarra como um macaco tocava os bois; um prêto velho, sentado metia a cana e dois negrinhos, para menos de 12 anos vestidos só de uma camisola, tiravam para fora o bagaço.

Nos tachos trabalhavam um pardo, e uma preta com escumadeiras feitas de cabaço grande; era um meio cabaço, com furos no fundo, e sustido por um longo cabo de pau. Parecia-me ao que nos nossos engenhos chamam pomba. Com êste instrumento escumavam, passando o caldo dum para outro tacho, batiam-no, etc.

Um único engenho que pude ver em Pernambuco era peior que êste.

Para exportação só fazem açúcar mascavo; algum branco para consumo; e muitas fábricas, ou engenhocas só fazem rapaduras que consome o povo e que transportam para o sertão.

Como disse, passamos o dia com o Senhor Costa, dia de inverno, com grandes chuveiros de tempo em tempo. Tratou-nos êle e sua senhora o melhor que podíamos desejar; mesa farta e variada, leite *coalhado,* requeijão, queijos mui bons feitos no seu sítio de criar, arroz de leite excelente. Tivemos cuscus ao almôço, excelente café com leite, vaca, carneiro, galinhas, etc. A senhora, que é ainda mocetona e formosa, agradável, desembaraçada não se sentava onde estava o marido — dois filhos pequenos (macho e fêmea) e nós os hóspedes, que éramos da Comissão quatro, o Capitão Justo, e um seu primo, que nos acompanharam e são parentes, e mais um pardo vizinho, primo, ou irmão bastardo do Sr. Costa — estava de fora servindo a todos, conversando, etc.

O Senhor Costa, homem de 54 anos, grande, gordo, comilão, falador, bem que sem instrução, é todavia inteligente, curioso, e conhecedor do seu país. É coisa que aqui tenho reparado, os homens quase todos com quem tenho conversado conhecem mais ou menos a sua província, e às vêzes dão notícia das vizinhas; todos têm visitado esta ou aquela parte longínqua dos sertões. Falam dum lugar, pergunta-se-lhes a que distância está: 60-100 léguas e mais. São ainda mui curiosos, e o que não viram sabem por notícias. Isto é coisa rara lá no Rio, cada um sabe apenas da sua freguesia. Para esta mobilidade dos habitantes talvez concorra a facilidade dos caminhos por terras sempre planas, e a vida erradia do pastoreamento do gado.

Dêste Senhor Costa (como do irmão José da Costa, que mora aqui na Aratanha) obtive muitas notícias, de várias coisas e de plantas e madeiras; disse-me também que as matas baixa, cerradas, de beira-mar se chamam matas de beira-mar; que chamam-se *tabuleiros* as planícies arenosas cobertas de moitas de mato baixo e carrasquenho, onde predomina o murici, o manapuçá, o gua-

jeru? (*Plumeria drastica*) e o caá-açú, etc.: que os matos aqui juntos às serras, semelhantes às catingas do sertão se chamam simplesmente matas, e seus habitantes *matutos*. Os sertões são de natureza muito especiais, na qualidade das terras e nas vegetações que é de campos, e capões de catinga (que é uma mata alta) e seus habitantes, criadores, se chamam *sertanejos*. Êle já teve *fazendas* de criação; atormentado pelas sêcas, moléstias, e roubos de gado, desgostou-se. e veio estabelecer-se aqui, com fábrica de açúcar. O nome de Senhor de Engenho não é aqui usado, nem distintivo como entre nós do Sul. Há oito anos que aqui fêz o seu engenho do Rio Formoso; era então ainda o lugar inculto, e de mata virgem.

Não tive a curiosidade de lhe perguntar qual era o rendimento do seu engenho; mas acredito que não será grande coisa visto a importância e aspecto do estabelecimento. É muito desleixo, o mato entra quase por casa, não vi campo limpo; e o açude ao pé do engenho forma aí uma grande lagoa, e charco para baixo, que não podiam ser saudáveis. Há nesse açude e nos arredores muitos pássaros, marrecos, pombos, tiribas de várias espécies. Parece ter poucos escravos, e de necessidade aluga trabalhadores.

TRABALHADORES

Atualmente um trabalhador de enxada custa 320, mas querem já 400, o de foice, 640, o de machado 1000, dando-se a comida. A comida consiste em feijão (almôço) ou carne com pirão (jantar), e de noite inhame, ou coisa semelhante.

Apanham café, por 1000 ao alqueire, (que é 8 quartos nossos), dando-se comida.

A gente livre aqui, que constitui o povo é tôda mestiça, mamelucos, cabras, etc. Trabalham pouco para si fazendo pequenas roças, gostam mais de se alugar, porque assim estão certos de passar melhor e comer carne diàriamente (o bacalhau hoje está sendo grande alimento pela carestia da carne), usam pouco de verduras, o jerumum, a banana, o inhame, pouca batata, é um bom sustento — mas plantam pouco.

Há grande número de frutos silvestres que êles comem, como é o caju e do qual fazem o *Mocororó* espécie de bebida inebriante. Comem também o jenipapo. O mari, ou fruto da marizeira é admirável, cai no chão de maduro, colhem-no e o cozinham; abre-se por si, e então tiram o favo que serve de farinha; é uma sorte de fruta-de-pão: mas ninguém o planta, esperam que a natureza o dê. O côco-da-baía, que aqui chamam côco-da-praia é uma árvore admirável nestes lugares; está continuadamente carregado de numerosos e grossos côcos; quando um cacho está maduro, outro de vez, outro verde, outro nascendo, etc. Dizem (Dona Brasilina) que cada coqueiro dá 24 cachos por ano; e isto anos continuados. Dizem que duram mais de século (têm um ini-

migo numa espécie de bicho que lhe dá no âmago) . O côco da carnaubeira serve para o gado, e também o come a gente, assim como o do Catolé. Aqui por baixo só tenho visto estas três palmeiras. Na serra há uma, senão mais, a que chamam palma, que serve para cobrir as choças, como a carnaubeira.

A habitação do povo, logo em redor da Capital, e por tôda a parte, que aqui tenho visto, é a coisa mais miserável, que se pode imaginar. Há, conforme *o seu tamanho*, um certo número de forquilhas tôscas, sôbre que se atravessam uns varais também toscos, em caibro e em ripa do mesmo mato, e cobrem com palha de palmeiras as paredes, que são as quatro exteriores, das quais nem sempre são completas, e uma interior que divide a palhoça em duas partes — a alcôva e a sala, que também é cozinha. Essas paredes são também tecidas de palhas de palmeiras — raras vêzes são totalmente paus apicados e barrados. Em alguns casos tudo serve para paredes; ao pé do matadoiro, na cidade, são os chifres do gado; ao pé dos engenhos é o bagaço da cana, com que formam paredes, e até telhado. Vêem-se também disparates curiosos; por exemplo, a choça coberta de telhas e as paredes de palma, ou bagaço de cana. Em roda da Capital algumas têm paredes de tijolo, rebocadas e mesmo cai-[adas], cobertas com palmeira, etc., etc. As portas das choças são de ordinário formadas também de palhas, e as melhores, com tecidos de esteira. O pavimento é o chão raso, e às vêzes mui úmido, os móveis são de ordinário cepos, as camas rédes (a êste respeito lembrarei que anteontem estivemos numa casa das [mais] ricas aqui de fora, de Senhor de Engenho, e depois do almôço se *armaram nas salas 9 rêdes mui limpas e bonitas;* nelas todos nós, donos e hóspedes, nos reclinamos para conversar, isto entre um farto almôço, e tão bom jantar. Santa vida!

As casas estão cheias por tôdas as partes, onde se pode estender uma rêde de ganchos de ferro chamados — armadores —; por exemplo, numa sala, ou alcôva quadrada com quatro se estendem 5 rêdes; pelos corredores, por tôda a parte. As cordas por onde se prendem as rêdes se chamam — *punhos* — e as rendas ou babados que pendem dos lados se chamam — *varandas.*

CONSTRUÇÃO DAS CASAS

As portas são feitas de tábuas estreitas, e quando não, as fazem imitando. As travessas são de grossura igual até os extremos, o que é feio; mas serve bem para um caso particular; em portas de duas metades e interiores (como na casa em que moramos em Pacatuba), as meias portas se fecham pela mínima pressão, ou apêrto, e ficam tão fechadas que de dentro é mui difícil abrirem-se — e não têm fecho de qualidade alguma. Também isso só tenho visto aqui.

Há uma forma de postigo também particular; isto tanto na cidade, como por fora: em portas singelas, da parte da fechadura serra-se pelo meio, até largura conveniente, e a parte serrada fica servindo como de janela, com dobradiças e fechadura.

Usa-se muito de bandeiras de tábua rendeada de diversos modos; provàvelmente com o fim de refrescar as casas, mas nas casas modernas e nobres põem vidraças.

Usam de rótulas nas casas térreas da cidade. Nas casas de fora e mesmo nas [da] cidade costuma deixar alguns apartamentos sem fôrro; e os diversos repartimentos comunicados entre si pelos vãos superiores; chegando as paredes só até a altura dos frechais — isto com o fim evidente de arejar e refrescar as casas. Para mim não sei se se consegue o que se intenta: aqui em Pacatuba o meu quarto é dêsses, mas de dia há muito calor.

Às paredes de pau-a-pique chamam — enxameadas — e aos paus-a-pique chamam — enxameamento.

11-IV-1859

Mãe-da-chuva, chamam aos nimbos. Hoje (11 de abril em Pacatuba) andando herborizando acompanhado por um pequeno, que terá seis anos, cabrinha, lindo rapaz inteligente, olhando êle para um lado donde vinham nuvens escuras, que ameaçavam chuva, me apontou dizendo: olhe a mãe-da-chuva, aí vem chuva. Falando êle em jenipapeiro perguntei-lhe se comia, respondeu por esta exclamação — então! — mui comum entre êles e que pronunciam com a primeira sílaba rápida e a segunda demorada e com acento particular. Quando respondem pela negativa dizem — não — com rapidez e certo arranco particular. O sim tem também um acento particular. Tôdas as palavras são pronunciadas com um sotaque ou acento particular, que é agradável nas crianças e senhoras, abrindo e demorando certas sílabas, por exemplo: Canaana, Caamará, assobiio, passaarinho, Maaria, mulaatinha.

Pabulagem — gavolice, fanfarronada.

Ter vexame *, estar vexado — é ter qualquer desgôsto, ou dor, ou incômodo físico ou moral.

Qualquer — empregam sempre dum modo particular; assim dizem: qualquer um homem, qualquer uma coisa, um qualquer homem, etc.

16-IV-1859. Pacatuba

Hoje depois do meio-dia fomos banhar-nos (eu e Manuel) à cachoeira do Senhor Antero... moço que estudou no Rio, e foi guarda-marinha. Em

---

* Ontem (23 de maio à noite) uma das filhas do Senhor Valente, contando que estando alguns moços banhando-se no rio Aracati de noite, três dêles mais afoitos se meteram pelo rio dentro e caíram num perau, entrando a gritar pela Senhora do Remédio. Não havendo quem os acudisse e calando-se êles, entenderam que estavam brincando. Ela que estava na praia com outra, despiram-se e atiraram-se ao rio; acharam os moços já sem fala, tendo bebido muita água, e os arrastaram pelos cabelos... Depois de contar esta cena exclamou ela: Foi uma noite de *vexame!* Nós diríamos uma noite bem triste! (24-V-1859).

caminho vimos uma árvore de grandes fôlhas e mui copada, que desconhecemos; soubemos depois ser a oiticica, comum e sombreira nos sertões. Em frente da casa achamos um famoso pé de urumbeba (cáctus rosa) plantado, muito mais desenvolvido e com mais flôres que as do Rio. O Senhor [Antero] cuida que veio do Pará, e aqui lhe dão o nome de *Rosa-de-cateiro*. Havia também um pé de tatajuba nôvo.

O Senhor Antero nos recolheu em uma casa que é antiga, grande, tijolada, com varanda aberta, com acento de tijolo junto à parede de dentro, janelas e portas pintadas de vermelho. A casa é de esteios de aroeira, que ainda estão bons; ela tem mais de 60 anos, foi uma das primeiras feitas neste lugar. Aqui notei o frechal da varanda assentado com cumieira sôbre cortes em bôca de lôbo — é telha-vã. Estando aí caiu uma forte pancada de chuva; durante a qual vieram dois senhores, um mano e outro parente dêle, correndo do banho onde os surpreendeu a chuva. Entraram todos molhados e rindo-se do lôgro. Passada a chuva nos dirigimos também para o banho. O rio corre aqui por entre penhascos amontoados, e só se chega ao lugar do banho andando sôbre êles. O banheiro é excelente, sombreado por grandes gameleiras, e a água cai de uma bica na altura dum homem, com grande fôrça e sôbre uma pedra redonda que lhe fica em baixo e que serve de assento a quem quer receber a queda d'água. Manuel despiu-se e se meteu em baixo da bica; eu estando muito suado apenas entrei na banheira e banhei-me até a cintura. O Senhor [Antero] nos havia mandado um prato travesso com facas e com boas laranjas, atas e mangas para comermos no banho; eu comi uma laranja. Saídos do banho, fizemos uma colheita de plantinhas pelo caminho. Êste sítio está já na fralda da serra da Aratanha. O terreno é dum barro denegrido, úmido, pedregoso e o seu mato rasteiro tem muita analogia com o do Rio de Janeiro, predominando algumas espécies que são também lá comuns:

Cordão-de-frade, Pipi (com oito estames), Rochmeria, Andacra, uma oxalídia, que talvez a tenhamos lá também, uma piperácea, mui semelhante a nossa pariparoba.

Outra arbustiva que aqui chamam pimenta-longa, e que parece servir a sua fruta como a pimenta-da-índia, desta havia um grande pé por baixo da gameleira que fica sôbre a banheira.

Uma urtica curiosa.

Algumas embaibeiras de espécie diversa da nossa.

26-IV-1859. Fortaleza

EXCURSÃO BOTÂNICA AO OUTEIRO, EM RODA DA CACIMBA, ACOMPANHADO PELO NOSSO ORDENANÇA

Está com flor uma espécie de malvácea, com flôres amarelas côr de ganga, de que há muita em Pacatuba; é uma das vassouras de fôlhas peludas que lá

estudei. O Camapu está também com flor e fruto verde; diz o ordenança que a fruta se come. A Guaxima (*Urena lobata*) está com flor; grande quantidade de brotos, e de arbúsculos de pau-ferro não tem flor nem fruta. Está muito florida a convolvulácea de belas e grandes flôres roxas; uma rubiácea (*Spermacoce,* ou *dioclaea*) mui comum de florinhas brancas — florida. Uma Richarsônea rósea? a esponjeira (*Acacia pharnesiana*) que aqui chamam *Coronha* está com flor e fruto verde; diz o ordenança que com o suco da fruta verde se fecham cartas, em falta d'obreia; e com o cozimento dela madura se faz tinta de escrever. Um *Hyptis* de flor azul, e mui peludo, com flor; a escrofularínea está com flor e fruto verde. A malpighiácea de fôlhas glaucas florida. Uma espécie de Camará de flôres lilacíneas e cujas fôlhas tem um cheiro forte e diverso do da flor amarela, florida. Em roda da Cacimba um manacá de florinhas azuis, uma bignoniácea de flôres dum roxo claro (côr-de-rosa) a que o ordenança dá o nome de Mufumo, que êle tem no sertão; as flôres são com efeito dum cheiro forte perfumado. Meladinha, malvácea, que nasce nas areias, alastra seus ramos delgados de côr roxa escura, do lado superior, verde por baixo, ramificado, de comprimento de seis a mais palmos, estendidos sôbre a areia, e radicando-se forma um como tapête de dez e mais palmos de diâmetro, com suas belas flôres erectas, amarelo côr de carne e sangüínea no centro. Uma escrofularínea de flôres azuis, e fôlhas verticiladas, cujo caule ramoso também se estende pela areia, sem radicar-se. Uma...[30] de caule delgado ramoso, tôda glutinosa. Uma sinantera de flôres amarelas, e que pertence ao mesmo gênero da que no Rio de Janeiro abunda, e a que o Riedel chamou Melasnosperma, e que eu achei ser melantera. Os frutos desta planta são úmidos, sempre verdes, e têm entre o epicarpo, e o endocarpo uma substância mucilaginosa, dôce agradável, é uma verdadeira drupa. Disse-me o ordenança, que me acompanhava, que no sertão há muita desta planta; e que o fruto aí se come.

28-IV-1859. Fortaleza

CAVALOS; BÊSTAS, ETC.

Os cavalos são pequenos, de boas proporções, bonitos e muito valentes.

Os de carga se chamam, não sei por que razão, *quartaus* — são capões, e são os refugos dos animais de montaria. Os que andam aqui pela cidade e arredores são magros, verdadeiros esqueletos, feridos, miseráveis, mas sempre (dizem) valentes.

Não andam ferrados, mesmo os mais estimados.

---

[30] Riscado no ms.

O andar dêstes animais é o que chamam *esquipado*, ou *baralhado* — é uma andadura mui apressada, e cômoda para o cavalheiro. O esquipado é quanto o cavalo pode dar sem tomar o galope; é o andar usado, e estranham qualquer outro, mesmo dentro da cidade. Por mim não me agrada semelhante andar; não o acho próprio para passeio; e querendo-se pressa acho o nosso pequeno galope mais nobre, e mais bonito. Faz-se com êste andar viagens cômodas, e rápidas, e os cavalos a agüentam bem.

A alimentação é a dos pastos naturais; mas aqui na cidade, e nos arredores, plantam o *capim-d'angola;* dão pouco milho, arroz, e mesmo feijão, e garapa.

Alguns que aqui nos vinham oferecer eram quase sempre afetados de ovas.

Há poucas mulas; mas atualmente começam a criá-las nos sertões, mandando vir da Europa bons jumentos.

Estão hoje muito caros — 100, 150, 200, e 300 mil-réis é o preço de cavalos escolhidos. O Presidente querendo comprar quartaus para a bagagem da Comissão comprou-os a 112, ou 116 mil-réis; as bêstas são ainda mais caras. Nos sertões porém se acham quartaus sofríveis a 80 e 90 mil-réis.

As cangalhas que usam são como as nossas de pau; mas mais tôscas, e nuas, isto é, armação de pau, e enchimentos ou suadouros de palha e mais nada; quase sempre albardas. Os condutores dêstes animais, qualquer que seja o modo da carga andam sempre encarapitados em cima da cangalha; ainda carregando tabuado.

As bruacas são chamadas malas, e são mais bem feitas que as nossas, e são ou de forma cilíndrica como as nossas, mas a tampa é justa, e tem rebordo, como uma tampa de caixa, outras são quadradas, e armadas com madeira dentro e têm a forma de verdadeira caixa, ou mala; onde não entra água.

GADO

Os bois são pequenos, mas formosos.

Os que andam aqui na cidade, e pelos arredores, e fazendas puxando os carros são de muito má aparência e de ordinário mui magros.

Os carros levam 5, 6, 8 juntas.

Os carros são toscos, grandes, e mui pesados; as rodas têm altura despropositada, dizem que para facilitar o movimento; não são chapeadas, e são mui maciças.

Hoje porém que se estão calçando as ruas da cidade, êsses carros sendo proibidos entrarem nas ruas calçadas, têm-se admitido carros maneiros com rodas tôdas de ferro — talvez, vindos dos Estados Unidos. Têm o aro largo, e os raios de simples varões de ferro roliços, em grande número e fixados no cubo em duas ordens alternadamente com espaço de um palmo mais ou menos.

Há aqui na cidade dois ou três carrinhos ou caleças mui ligeiros e elegantes, à maneira americana.

Há ainda algumas liteiras carregadas por dois homens, mas todo o mundo anda a pé. Dizem que antigamentne tudo andava a cavalo, mesmo nas viagens mais curtas, e de visitas.

Para o mar são as jangadas, os botes de que usam, e mesmo ninguém sai ao mar sem pescador. A Alfândega tem uma lancha ou saveiro para desembarque das mercadorias, que vêm a sua ponte. Na praia o rôlo do mar não permite o uso de botes ou escaleres.

Usam também de bois de carga, com cangalha como as dos cavalos, e os condutores em cima. Não reparei ainda nos cabrestos de que usam neste caso.

A raça dos carneiros e das cabras é pequena, e as que tenho visto são de má aparência.

Cria-se também pouco porco — o toicinho é de má qualidade e frescal.

Tenho visto galinhas e capões de um tamanho enorme.

A criação de patos e seu uso é mais comum que a dos perus.

Vejo poucos cães. Agora (28 de abril) têm aparecido alguns danados. Têm-se morto alguns cães pela cidade.

PEIAS

Usam-se peias em tôda a casta de animais — cavalos, bois, e até galinhas. Têm por fim evitar que se extraviem, em lugares onde não há cercados. Um carro que descansa na viagem solta os bois peados, o mesmo se faz com cavalos.

Já disse que o gado de carga é pequeno, magro, coberto de feridas, etc. Os carros são puxados por 5, 6 e mais juntas de bois. Disse-me o Lagos que viu um carro puxando madeiras em que haviam 18 juntas de bois.

[3-V-1859]

Ontem (2 de maio) vi a primeira canoa aqui, no Rio Ciará; era pequena, tôsca e feita de *timbaúba,* madeira leve, e que tem um cerne avermelhado. Disse-me o prêto canoeiro que há dessas árvores aqui mesmo, e que algumas dão canoas de 4 palmos de bôca.

Hoje estando à noite em casa do Senhor Franklin de Lima, entre conversas me disse êle que o primeiro músico que veio ao Ceará (Fortaleza) foi contratado por êle e mais 5 pais de família que lhe fizeram uma anuidade de 600$000 por ano; a êle se deve o desenvolvimento do canto e piano nesta cidade. Não só ensinou as filhas dêles, mas a muitas outras famílias. Diz êle que antes disso (foi em 1833, ou 34) era tudo bisonho nesta terra. Foi êle também um dos primeiros criadores do teatro aqui. Diz mais que a cidade era insignificante, sem estabelecimento, mas que na administração do senador

Alencar tudo prosperou muito, principalmente com o estabelecimento *dum banco provincial;* que antes dêle não havia dinheiro, era tudo miséria; que com a criação do banco apareceram edifícios e muito prosperou a cidade. Foi Alencar que deu impulso à cultura da cana e fabrico do açúcar, etc.! (3 de maio de 1859, às 10 horas da noite.)

[5-V-1859.] Fortaleza

Hoje 5 de maio fomos de manhã assistir ao ofício divino que se fêz na matriz pela alma do falecido Ferreira. Havia na igreja uma eça, coberta por um baldaquino, ou cúpula, simples e elegante. Oficiaram sete sacerdotes. Havia no côro música, suportável aqui. Assistia grande número de pessoas amigas do defunto. As pessoas mais gradas da cidade, começando pelo Presidente, e seu secretário. Havia-se colocado junto às grades em tôda a extensão do corpo da igreja grande número de cadeiras de palhinha, onde todos se sentaram; umas duas ou três famílias assistiram das tribunas.

Depois do ofício, missa e encomendação, que tudo durou mais de três horas, uma pessoa que não conheço subiu à tribuna do lado esquerdo, daí recitou um elogio necrológico, acabando com uma poesia a respeito do falecido.

Depois do jantar fomos eu, o Dias e Gabaglia ao sítio onde está o Coitinho, uma meia légua distante da cidade e junto ao Rio Jacarecanga, e de lá voltamos com noite, vindo conosco o Senhor Justa, e o Gaioso, que lá estavam.

O proprietário do sítio disse-me que a sua cultura era de capim plantado, e que as terras as estrumava com sementes de algodão, que comprava em Maranguape; e com elas dava ração ao gado, que vimos no terreiro comendo-as.

6-V-[1859]

Amanheceu chovendo; mas quando acabamos de almoçar fazia bom tempo; o céu porém estava carregado em alguns lugares. Havíamos ajustado uma viagem eu e o Gonçalves Dias para Soure, eu desejava ver o lugar, e examinar pelo caminho a vegetação. Com efeito montamos a cavalo seriam 10 horas mais ou menos: e caminhávamos quase sempre a galope, ou esquipando por uma estrada larga, chamada Estrada Nova, mas uma areia clara e sôlta deixava penetrar os pés dos cavalos a mais de palmo. Logo que deixamos os arrabaldes de palhoças da capital entramos a ver por estas paragens mais cultura do que pelo lado de Aratanha, digo, pelo caminho que leva a Aratanha, etc. Sítios dum certo ar de asseio, casas de telhas e de tijolo caiados, com varandas de pilastras. Engenhocas, com moendas de ferro, cultura de cana, de macaxera, de milho, etc. Certos sítios eram quase sempre contíguos ou próximos. No lugar chamado Alagadiço havia melhores plantações; e também daí em diante o terreno mudaria desaparecendo as areias, e sucediam

cerros para mais compactos e barrentos; a vegetação ia também mudando. Começamos já a ver a árvore sabiá, os catingueiros, a mutamba, etc. Adiante dêsse lugar caiu-nos uma grossa pancada de chuva. Havia já algum tempo que nos acompanhava um chuvisco, mas aí apertando a chuva embarafustamos por uma porteira para um engenho e entramos nêle depois de falarmos com uma mulher que aí estava. O engenho era nôvo, bem feito, as moendas horizontais e de ferro puxadas por cavalos, ou bois. Estava-se cortando cana aí perto, e um moleque a carregava em um cavalo, em ganchos atados às cangalhas — era cana-caiena. Passando a chuva seguimos nosso caminho; havíamos já andado umas duas léguas quando nos surpreendeu um rio *, que estava cheio, e corria com fôrça, e tinha no lugar mais apertado cinco ou seis braços de largo. Não havia ninguém nesses lugares; o Gonçalves Dias quis tentar a passagem mas o dissuadi disso. Voltamos, e tendo andado um quarto de légua fomos à primeira casa que achamos e perguntou-se se o rio dava passagem; um rapaz saiu, mostrou-nos um atalho e nos levou a outra estrada que estava mais por baixo e asseverou-nos que aí o rio espraiando-se dava passagem; fomos por essa estrada; e encontrando logo umas mulheres com crianças e perguntando se iam passar o rio disseram que sim e isso nos animou e fomos seguindo, mas chegados ao rio êle nos assustou espraiando por mais de 10 braças. Corria com fôrça em dois lugares, mal divisamos o caminho, e um prêto velho que aí estava nos disse que podíamos passar, mas que no [meio] do rio a água chegaria às abas dos selins; e mesmo que não sendo do país *não era prudente arriscar-nos*. Achamos conveniente voltar; o céu estava co berto, andamos quase sempre devagar e chegamos à cidade depois das duas horas. Durante a viagem fiz colheita de algumas plantas. As plantas à proporção que nos avizinhávamos do rio tomavam mais fôrça, e se compunham de árvores da Pacatuba: muito sabiá, muita catingueira, e bastantes árvores do pau-branco, carregadas de fruto. Nos lugares úmidos a *Coccoloba* chamada cipó-do-rio.

[10-V-1859]

VIAGEM DA CIDADE PARA PACATUBA

No dia 3.ª-feira 10 de maio saímos da cidade entre 7 e 8 horas, eu, Lagos e Carvalho. Chegamos a Arronches seriam nove e meia, e nos apeamos em casa do Maricas, que dá hospedagem; mandamos fazer ovos e café, e saímos a ver a povoação, que já foi vila, de que conservam a cadeia, tendo por cima a Casa da Câmara. Na cadeia hoje está a aula de primeiras letras — tudo é pequeno, e insignificante. A igreja, obra dos jesuítas, estava aberta, e a fomos ver; é sufi-

---

* Maranguapinho.

ciente para a povoação, mas nua e pobríssima: os altares e retábulo, são pintados por curiosos; os altares cheios de registos e quadros muito ordinários, castiçais de lata com velinhas de carnaúba da grossura do dedo mínimo. Todo o corpo da igreja está cheio de sepulturas. Em frente da igreja há uma praça coberta de mata, ao lado esquerdo uma fila de casebres, que limita a praça dêsse lado, e do lado oposto, ficando primeiro a cadeia e depois de um interregno, segue-se outra fila de casinhas, que segue ao lado da igreja até além dela, formando com ela uma rua tôsca. Aí, quase no fim está a casa em que nos agasalhamos. O Carvalho tirou uma vista desta povoação. Fomos almoçar, conversou-se e galhofou-se com o Maricas, e montamos a cavalo antes das 11 horas. Seguimos para Maranguape; caminho sofrível. Passamos por duas grandes lagoas a de Arronches, e a de...[31] perto de Maranguape, e várias pontes, sendo a mais notável e importante a do Rio Maranguape, dentro já da povoação. Chegamos a Maranguape depois de duas horas queimados e suadíssimos; passamos pela povoação e fomos hospedar-nos em um engenho, chamado da Alegria, dos Senhores Vianas, excelentes moços, um dêles casado, e outro solteiro. Vivem com a Senhora sua mãe, e uma tia — ambas velhas. Fomos agasalhados mui cordialmente e muito bem; instaram para que dormíssemos aí para vermos a povoação. Jantamos tarde e o tempo ameaçava. Estando a chover na serra da Aratanha, que nos ficava ao lado, resolvi-me a ficar e tendo tomado café, e visto o engenho, cujas moendas são de ferro, e o edifício bom, montamos a cavalo um dos Senhores Viana, o solteiro, o Lagos, o Carvalho, e eu, e fomos ver a povoação. Fomos primeiro à casa de umas senhoras, mãe velha e três filhas mocetonas, desembaraçadas, conversadeiras, e das quais duas trabalham admiràvelmente em obra de goma (polvilho) indo nós a uma casa vizinha onde estavam, e os produtos do seu lavor encomendados já pelo Lagos. Só miramos a perfeição do trabalho, a habilidade e paciência das môças. Conversamos depois, tendo voltado para a casa; daí saímos, e foi-se visitar um sujeito cujo nome não me lembro agora. Fomos depois a outra casa onde havia várias senhoras, e uma delas é uma mocetona, que estava bem trajada; aí conversamos por algum tempo. Eram já quase 8 horas da noite e nos retiramos. Ceamos e nos deitamos em nossas rêdes. De manhã pelas 7 horas tendo tomado café, montamos a cavalo, e nos acompanhou ainda o Senhor Viana. Tivemos de passar o Rio Maranguape, bastante cheio, e como os cavalos iam tomando nado, o Senhor Viana foi buscar um sujeito, e o trouxe de garupa; êste nos levou mais abaixo, e meteu-se no rio tendo água pelas lombas e nós o seguimos. Continuamos sempre de galope até a Munguba, por maus caminhos. Eram quase 8 horas quando aí chegamos. A Senhora D. Brasilina estava já de pé, as môças ainda recolhidas. Eu que ia muito incomodado, com roupas de 24 horas, sempre suando, instei para me ir sem almoçar, mas mandou vir café, e bolachinhas, depois veio leite, enfim apareceram as môças, as duas

---

[31] Lacuna no ms.

filhas Maroca, e Liberalina, com uma prima bonitinha. Estávamos ainda na mesa; o Lagos contando pêtas, e gracejando demorou-nos por bastante tempo; levantei-me enfim, e montamos a cavalo nós três para Pacatuba, e o Senhor Viana para sua fazenda. Chegamos a Pacatuba, estavam os nossos e o Senhor Capitão Justa almoçando, e comemos também alguma coisa e nos instalamos de nôvo. Seria meio-dia quando caiu uma grande chuva. De tarde, e de noite ainda choveu bastante. De noite aqui estêve o Juvenal.

13-V-1859. Pacatuba

GENTE DO CEARÁ [I]

A gente acaboclada, ou o povo.

Pondo de parte alguns poucos pretos, e por conseqüência também alguns poucos mulatos, todo o povo do Ceará é de raça cabocla; mais ou menos mesclada de branco, e também de prêto; mas em geral se conserva ainda bem o tipo americano.

A côr baça, trigueira tem um tom particular de cobrado escuro; como a dos chins, ou dos nossos cabras. O cabelo prêto, corredio; o corpo esbelto e proporcionado; pernas bem feitas; ombros largos, pescoço curto, olhos um pouco oblíquos, dentes aguçados artificialmente. Ainda não vi nesta gente uma mulher, nem um homem demasiadamente gordos. São todos mui inteligentes, desembaraçados, e falam bem (com o *sutaque* que é também comum aos brancos de abrirem e demorarem um pouco mais em algumas sílabas, e apressarem outras) e com têrmos e frases, às vêzes pintorescas; a sua pronúncia é antes descansada que apressada, correndo em umas e descansando em outras sílabas. Os homens são em geral imprevidentes, indolentes, e pouco amigos do trabalho; pelo contrário as mulheres estão sempre ocupadas (enquanto êles se balançam nas rêdes) fazem obras mui mimosas de rendas, de crivos, e de tecidos, etc. As mulheres são mui prolíficas (o que também acontece a respeito dos brancos); vê-se uma choupana sempre cheia de crianças; e o falecido Ferreira nos dizia que o têrmo médio dos filhos era de 10; outros só dão 8. Não é rara a mulher que tem 20, e 30 filhos; e quase todos vingados.

Os meninos são em geral fortes, bem feitos, e quando há mistura de raça branca são claros, e de *cabelos louros e anelados* — o que muito me admirava. Aqui em Pacatuba é um gôsto ver-se quando chove (como ainda hoje aconteceu) e mesmo na fôrça da chuva saírem as crianças de casa nus a se atirarem nas poças das ruas e brincarem uns com outros. Então se me representa ao espírito uma aldeia de selvagens, as cabeças largas, pescoço curtíssimo, espáduas amplas, pernas bem carnudas e bem feitas, e às vêzes com os cabelos corridos, tudo nos dá o verdadeiro tipo americano.

As crianças machos e fêmeas até a idade de 5 e 6 anos andam quase sempre nus, retouçando-se pela areia e pelo chão aqui como na cidade. Às vêzes faz pena ver uma criancinha de ano ou menos inteiramente nua largada no chão frio e úmido. Os homens andam sempre com a camisa sôlta por cima das calças ou ceroulas, e sem jaqueta, ou colête; temos tido alguns criados que lhes custa largar êsse costume. As mulheres vestem saias, e com vestidos deixam cair o corpo, e os atam pela cintura. As camisas são mais ou menos rendadas, e quase sempre têm lenço ao pescoço. Quando se vestem trazem por cima da cabeça o *lençol,* que é uma toalha com babados ou rendas nos três lados; isto na cidade e aqui. Nas igrejas, e nas procissões vão tôdas assim — o que é curioso; e tem um ar de asseio, que agrada, e é muito próprio para o país. É notável que as pretas não usam tanto dos lençóis.

Os sertanejos, ou vaqueiros vestem-se de couro; chapéu, guarda-peitos, perneiras e jaquetas. Chegam a idades muito avançadas, principalmente as mulheres, pois tenho visto muitas velhas.

O natural desta gente é bom; são dóceis, pacatos, mas bulhentos em estando bêbados; e vingativos, principalmente por ciúmes. As mulheres dizem que são fáceis e devassas. A prostituição é aqui muitas vêzes filha da necessidade.

É gente, como já disse, imprevidente, capazes de sofrer a fome, e de se sustentar com pouco; mas em havendo abundância não têm medidas nem em comer nem em beber.

O seu sustento ordinário é um pouco de carne com farinha ou farofa; sustentam-se muitas vêzes só com frutas silvestres. Quase nenhuma plantação fazem, além de uma roça de mandioca em roda da habitação, roça que quase sempre lhes não chega para o sustento do ano. Não se vê em roda das palhoças dessa pobre gente senão uma miserável rocinha de mandioca; algum milho, e arroz e isso é já muito. Vivem, quando se lhe acaba o mantimento, de caça, de pesca, e de frutas silvestres, ou então de roubos. Alguns procuram trabalho; mas são pouco constantes nêle. É fácil prever quanto pode ser desastrosa uma irregularidade de estação!

É notável nesta gente (é a observação já feita por estrangeiros) o desenvolvimento da inteligência. As crianças são vivas, prontas em respostas, atiladas, desembaraçadas, perguntadeiras. As mulheres mui tratáveis, prestam-se da melhor vontade, sem constrangimento algum a dar informações, que se lhe pedem, fazendo sempre reflexões, e questões que indicam certa perspicácia. Nos homens se dá também viveza, loquacidade e astúcia. Dizem que para o sertão é isso ainda melhor. O certo é que há grande diferença entre êstes e os nossos matutos. Tanto mulheres (e estas mais) como homens são capazes de grande desenvolvimento industrial.

Com efeito há aqui muito mais indústria nacional do que no Rio de Janeiro. Faz-se muito bom queijo, e abundante. Vi obras de chifre, imitando

a tartaruga (de Aracati). No sertão curte-se muito bem; e fazem roupas de coiro curtido. Faz-se velas de carnaúba.

As mulheres tem muitas indústrias, fazem filós e outras obras mui delicadas de pano, de polvilho (goma) etc.. Tecem panos grosseiros. Tecem rêdes admiràvelmente; bordam-as de branco, e de côres. Fazem muita renda, em almofadas de colo, que são uns travesseiros grossos e curtos, às vêzes cheios de palha. Fazem crivos que chamam labarintos, perfeitamente executados e custosos. Fazem obras de goma de polvilho mui delicadas, etc.

Há aqui oficiais de carpinteiro (que chamam carapinas) que trabalham muito bem; e admirei-me de os ver trabalhar com excelente e moderna ferramenta.

Não trabalham mal de sapateiros, e exportam obra feita.

GENTE DO CEARÁ [II]

A gente branca.

Parece ser mais ou menos mesclada da raça americana.

Nos homens não tenho achado êsse tipo que no Sul se reputa próprio da gente do Norte, nem lhes tenho achado alguma particularidade que seja comum. Não tenho observado êsse achatamento da cabeça senão em alguns casos. Alguns são bem apessoados, principalmente os filhos do sertão. Há no oval do rosto alguma diferença, aqui é mais curto, e no Sul mais longo.

Nas mulheres môças há alguma coisa no oval do rosto que lhes dá certa fisionomia comum; sem serem formosas são em geral bonitas e gentís; os olhos são belos, e às vêzes mui belos, os dentes em geral mui bons; os cabelos pretos, corridios, bastos: os bustos airosos, o porte elegante. Algumas são claras e mesmo coradas, muitas são morenas; vestem-se e penteiam-se por si mesmas e com bastante elegância; andam mui desembaraçadas, são espirituosas, conversadeiras, muito mais que as nossas do Sul. Gostam muito da música, e têm para ela propensões; muitas tocam piano e cantam mas quase sempre sem ensino, porque lhes falta mestres. Asseveram que todos êstes dotes são ainda mais perfeitos nas sertanejas. Apresentam-se bem nas salas; e sustentam perfeitamente a conversação; mas faltando-lhes cultura, a conversa torna-se às vêzes frescas demais *, mesmo em presença dos pais (isto não é observação minha, algumas tenho visto bastante recatadas). Com essa liberdade de conversação, e um pouco de relaxar dos costumes, parece que não respeitam muito

---

* As môças em caindo a conversa sôbre casamento tomam nela grande interêsse, e discorrem longamente sôbre os meios, vantagens, inconvenientes, e quanto respeita a êste estado, com grande liberdade e isto em presença de seus pais, que parecem até recrearem-se com isso.

o sentimento da honestidade nem a fidelidade conjugal (deve sem dúvida haver a êste respeito honrosas exceções *. São industriosas, e trabalham bem em lavores de costura, etc. Em geral sabem ler — algumas têm sua tintura do francês, e do desenho.

As meninas de colégio andam bem vestidinhas (na cidade, e não aqui em Pacatuba, dando-se o desconto) e desembaraçadas.

Nos homens, parece que em geral, não respeitam muito os meios honestos de ganhar dinheiro, só a vida de ganho os faz um pouco ciganos. Os ódios políticos, bem que já bastantemente arrefecidos, ainda os dominam muito.

Em geral todos têm grandes queixas da centralização do govêrno; há prejuízos arreigados, muitos apreciam o falso das coisas, e uma certa tendência pueril para o que chamam *liberdade*. Deixam mesmo entrever o desejo de independência, e os sonhos da república. Isto o temos notado mesmo no sexo feminino. Há sobretudo um sentimento de inveja para com o Rio de Janeiro, que se manifesta a seu pesar.

São inimigos dos portuguêses, a quem tratam de *marinheiros*. Todavia há aqui, bem que poucos, alguns portuguêses distintos e ricos, como são o Comendador Machado, o Gouveia, que é Cônsul do seu país, etc.

São também êles que tendo mais alguma instrução, se ingerem nos partidos políticos, e se fazem seus chefes — política tôda pessoal, odienta, e interesseira.

Em geral são hospitaleiros; e nós os membros da Comissão o temos experimentado. É fácil têrmos entrada nas casas de famílias, e se é muito bem recebido. Diz-se porém que em negócios não são os homens muito sinceros, e que não perdem ocasião dum *bom negócio*. São muito obsequiadores e presenteiros; nós temos constantemente provas disso. As senhoras particularmente nos confundem com presentes. Instam conosco para vermos seus sítios, e estarmos aí o tempo que nos parecer.

É sem dúvida gente muito amável.

As senhoras saem pouco, e nas roças andam a cavalo e de carro. Sempre as tenho visto bem vestidas e asseiadas.

Na cidade é costume de se sentarem os homens, de tarde e até alta noite junto à porta nos largos e excelentes passeios das ruas; as senhoras se ajuntam em famílias. Conversa-se, toca-se, canta-se e toma-se chá. Há um costume, a que nunca assisti, de se passeiar na praia, e de tomar-se banho no mar de noite; e mesmo de se ir cear peixe aí numa casa conhecida nas belas noites. Êste uso vai-se perdendo.

Agora temos visto mui de perto, e numa sociedade um pouco mais distinta (a família do Senhor Valente, em Pacatuba), o costume de terem os me-

---

* Era o mesmo há 50 anos no Rio de Janeiro: e sem dúvida não são elas as únicas culpadas se cometem faltas contra o honesto e decoroso. Aqui estão os sacerdotes que vivem escandalosamente, e sem o menor sentimento de pudor.

ninos nus. No meio da sala se apresentam crianças de ambos os sexos, já crescidões, inteiramente nus, mais ou menos limpos, às vêzes bem sujinhos, e com o maior desembaraço saltam e sobem pelas cadeiras, atiram-se ao colo das senhoras, que gostam e riem-se. É um quadro curioso para nós. Já tínhamos visto isso pelas ruas, até mesmo na capital; já tínhamos visto na Munguba os molequinhos; mas aí os não consentiam as senhoras e os faziam retirar logo; mas aqui o painel é natural, indiferente para a gente do país.

A Senhora do Senhor Franklin me disse uma vez que logo que ela chegou do sertão (donde é filha) estranhou muito a vida do cêrro (cidade) e que uma das coisas que mais estranhava era ver meninas quase môças andarem nuas. É isto evidentemente ainda resto dos costumes indígenas.

Agora direi que alguns dos netos do Senhor Valente são tão bonitos e tão nédios, que quando apareciam limpos, eu gostava de os ver assim.

Reflexão. — A beleza das formas desta gente, e que em meninos, são alguns tão claros como inglêses, e que fazem contraste com os da nossa gente de lá do Rio, mal conformados e doentios em geral, pode ser devida em parte a influência do clima, em geral saudável e ameno; mas creio tem grande parte nisso a mistura com o sangue americano, quando no Rio predomina a mistura do sangue africano.

A esta mescla americana será também devida a clareza de inteligência, a viveza, e desembaraço que mostra o povo, e que os assemelham um pouco com os da raça espanhola do sul da América? Aqui em Pacatuba tenho visto meninos servindo de caixeiros tão vivos e lestos como os portuguesitos que chegam ao Rio. Na casa do Valente, é um seu filho de 8 para 9 anos.

O talento para a música, as propensões para objetos de indústrias e artes, que mostram as meninas, nos causam um grande pesar de os não ver aproveitados: e elas são as primeiras a lamentarem isso.

Ontem à noite voltando da casa do Valente presenciamos uma dança (a baiana) entre rapazes, ao som da viola, em uma palhoça (eram só homens) e que achamos inteiramente semelhante ao nosso fado. Dançava só um, ou dois, fazendo passos difíceis e ligeiros, com atitudes mais ou menos engraçadas, ou grotescas, acompanhado de canto.

[CHUVAS]

Ontem e hoje tem chovido grossas pancadas de chuva de tarde e ao anoitecer, fuzilando a sueste. É curioso que no comêço dos invernos são as chuvas de manhã; sòmente depois vão sendo mais tarde, e ùltimamente são mais de tarde, e de noite, havendo algumas noites em que chove quase constantemente. Dizem que no sertão as chuvas são sempre de tarde. As trovoadas aqui em beira-mar são raras, e quase sempre fracas; algumas que vi mais eminentes foram aqui em Pacatuba na vizinhança das serras, mas eram insignificantes.

Ainda não vi aqui ventos violentos, mas há quase constantemente uma aragem de leste, mais ou menos. As chuvas, aqui em Pacatuba vêm quase sempre do lado do leste. Na capital são quase sempre tocadas por suestes. Fuzila quase constantemente pelo horizonte de sueste até sudoeste. A umidade se tem tornado excessiva, tudo mofa, aqui como na cidade. A temperatura na cidade tem andado entre 26 e 28 centígrados. Os dias são quentes, fazendo-se exercício, ou expondo-se a gente ao sol, mas dentro de casa e em repouso sente-se pouco calor; mas há uma copiosa e constante transpiração; ao menos isso me acontece; não posso estar sentado 5 minutos escrevendo, ou desenhando sem cobrir-me de suor, e é-me necessário pôr-me na rêde e balançar-me para refrescar. Êste é um grande benefício da rêde. É-me [preciso] ter sempre 3 e 4 camisas de meia em uso, alternando-as.

O céu é belo, o ar da noite sereno e límpido, as estrêlas brilhantes, e a lua muitas vêzes forma halos, e arco-íris, ou antes halos irisados.

Agora estão os rios, ou antes as grandes torrentes, cheios e negando passagem, como já me tem acontecido. É êste o único embaraço para se viajar no fim dos invernos, porque êstes têm chuvas de grossas e copiosas pancadas, aparecendo logo o bom tempo, não sendo também pequena inconveniência ser-se surpreendido no tempo mais belo por uma copiosa chuva, como também já me tem acontecido.

INSETOS INCÔMODOS

Durante o inverno, (quero dizer, o verão) não sentimos pulgas; agora (maio) vão aparecendo. No entanto a rêde, tendo-se cuidado, é um bom preservativo.

Percevejos dizem que aqui os não há; todavia o Lagos já teve ocasião de ver um.

Mosquitos, pernilongos, que aqui chamam muriçocas, são raros, ao menos temos sido pouco ou nada incomodados por êles tanto na cidade como aqui em Pacatuba, e outros lugares, apesar de encharcados.

Borrachudos ainda os não vi; existem na serra da Aratanha.

Meruins — também os não vi ainda; há muitos na serra, diz o Senhor Costa.

Varejas — hoje vi algumas, andando a cavalo. Môscas há bastantes. Baratas inúmeras e de várias castas.

Alacraios são mui freqüentes e perigosos — dentro de casa.

Bichos dos pés são também freqüentes.

Formigas... Cupins... Maribondos...

SERPENTES

São mui variadas, mui grandes, e mui numerosas; freqüentemente se encontram dentro das casas.

Jibóias, cascavéis, jararacas, surucucus, etc.

Ratos (guabirus) não os tenho visto em grande quantidade.

Camundongos, ou ratinhos. Ainda não os vi — nem no fôrro da casa da cidade, nem nos telhados da casa em que moramos em Pacatuba, nem nos valos de despejo tenho visto ratos. Mas diz o Senhor J. da Costa que na serra (a de Aratanha) há muitos que destroem os cafés, os milhos e até a mandioca. Há também aí mocós, preás, e jumarés que fazem estragos nas plantações.

Morcegos há bastantes...

19-V-1859. Pacatuba

ALIMENTAÇÁO DA GENTE DO CEARÁ

Ainda não tenho bastantes observações para um conhecimento exato do modo de se alimentar esta gente. Direi só o que tenho presenciado.

Na mesa do Presidente, onde algumas vêzes tenho jantado, e tomado chá, em grande companhia é tudo como no Rio: comida, massas, doces, etc.

Nas casas particulares, e de pessoas que estão na primeira plana, temos observado grande profusão, como é costume nosso; mas muitas carnes, alguns pastéis, ou massas, muito pouca, ou nem uma verdura. À vaca cozida ajuntam abóboras, e um pouco de mau toicinho do Ceará, que é como o nosso frescal. Assim ainda não pude saborear a boa carne do Ceará, nem assim, nem em assados. Como a boa daqui tenho-a visto lá, e melhor. Dizem que com efeito êste [ano] não tem havido carne boa; à carne de vento, também não lhe tenho achado êsses primores; veremos quando estivermos no sertão. Galinhas de carne dura, e patos usam aqui muito, o porco e carneiro, pouco. A sopa é sempre desenxabida, pela ausência de temperos, de que são muito escassos. O seu adubo é o môlho de pimenta que o fazem muito bom. Vem sempre a farofa que é farinha molhada apenas com um bocadinho de sal, com que se come quase tudo, ou também com arroz. As carnes assadas são as mais usadas. Há dias assistimos a um banquete de batizado, no engenho do Senhor Sabóia, e tanto no almôço como no jantar uma longa mesa estava coberta de assados: exceto a sopa, o arroz, e uma frigideira, era vaca, porco, carneiro, galinha, peru etc., tudo assado.

Usam muito do leite e a tôda a hora em *coalhadas,* em requeijões, e em garapas. Os queijos os fazem em abundância, alguns grandes de 8 e 16 libras, quadrados ou em forma de barris. Têm para mim o defeito de serem pouco salgados, e sempre um pouco correntes. As coalhadas são boas; mas um pouco indigestas para quem não está habituado a elas.

Abundam as frutas na mesa, principalmente neste tempo — são laranjas mui grandes, e assaz boas; bananas de várias qualidades e boas; atas, abacaxis, jacas, e outras menos usuais.

Gostam muito de limonadas, a que chamam garapas e as fazem de várias frutas: de maracujás, de cajás, de cajus, de jenipapo, de cacau, etc. muitas vêzes com leite, como é a do jenipapo.

Usam muito da água do côco, como refrêsco, e com ela fazem também alguns pratos.

Usam também muito da garapa de caldo de cana, um pouco picado.

Enfim fazem muito bons doces, tanto de calda como de massas.

Para o café e chá, além do pão, bolachas, etc., usam de vários biscoitos, de trigo, de araruta, e de tipioca (a que chamam goma), usam de beijus de massas e de tipioca, de cuscus...

Em algumas fazendas, onde temos sido hospedados, toma-se café simples de manhã; almoça-se de garfo das 10 ao meio-dia, e janta-se das 4 às 5; toma-se chá depois das 10. Nos intervalos comem-se frutas, bebe-se garapas, leite de côco, ou cerveja.

Na cidade e portos de mar há bom peixe; mas no interior é raro achá-lo. Há muito pouco camarão. O sustento geral do povo é carne e farinha, rapadura, outra qualquer coisa é por brinquedo (diz o Senhor Juvenal). Hoje porém que a carne vai encarecendo muitos usam do bacalhau.

O povo, o trabalhador, o pobre contentam-se com carne de vento ou bacalhau e farofa, ou arroz, ou angu de môlho; e felizes quando isso acham. Regalam-se, e muitos matam a fome, com frutas silvestres e com caju, que já hoje é raro. Os pobres sofrem fome, e misérias, às vêzes dão graças a Deus se têm um pouco de farinha de mandioca pura.

Aos trabalhadores se dá por alimento carne assada ou bacalhau, duas vêzes ao dia, com farofa, ou com angu de milho, ou arroz. A ceia é mungusá, ou milho cozido, ou cará, batata, etc.

A macaxeira, ou aipim é também estimada mas plantam pouco porque é muito roubada.

Há atualmente grande carestia de tudo; e admira como vive esta gente pobre.

FABRICO DA FARINHA

São sempre casas abertas, quer a do pobre, quer a do rico. A mandioca é rapada, como lá no Rio se faz (será lavada?). A máquina de cevar é sempre composta duma roda grande movida por dois homens, a qual por meio duma corda ou laço move um rodete, ou um cilindro, assentado baixo de sorte que a cevadeira pode estar em pé, mas também se senta sôbre a mesa onde se põe a mandioca, e sempre de frente para a roda. Alguns têm êste engenho todo de ferro, como o do Senhor Franklin. É uma roda de 4 a 5 palmos de diâmetro dentado, e que move o rodete prêso ao cilindro. Tudo assenta em mesa de ferro *.

---

* Estas fábricas são as mesmas para o grande proprietário, ou para o pequeno lavrador, com exceção do feitio, e perfeição.

A massa é espremida em prensas, estas são apertadas por uma enorme alavanca movida por um parafuso (como a da casa do Azarias).

O forno de farinha é de tijolo, mui grande, com 10 e mais palmos de diâmetro, e a massa é mexida com um rôdo de cabo comprido. O Senhor Franklin comprou um forno de ferro fundido, mas não se deram com êle, e o abandonaram. Na fazenda do Senhor Gouveia, em Vila Velha, o forno é de cobre e com as dimensões ordinárias.

A farinha é sempre cheia de caroços de todos os tamanho, até o de um grão de milho.

20-V-1859. Pacatuba

HABITAÇÕES

As casas na cidade são inteiramente semelhantes às do Rio — térreas, e sobrados, com as diferenças exigidas pelas circunstâncias de cada país. Nos sobrados há a mesma mania de côres e ornatos sem gôsto, e sem arte. No exterior, a mesma ausência de regras arquitetônicas: regula o capricho do mestre-de-obras; mas têm todos um aspecto que agrada pelo asseio. O interior é ornado e mobilhado do mesmo modo que lá; só notei que aqui há sempre nas salas uma ou duas cadeiras de balanço.

Pelo interior se acha por tôda a parte, na sala de visitas, e até nos corredores, *ferros de pendurar rêdes, que chamam armadores. Em uma sala ou alcova* quadrada, com 4 armadores se suspendem 5 rêdes. Na rêde se dorme, se lê, se conversa, etc. Em algumas casas há um leito, ou cama de parada, para um hóspede *. Porém de ordinário é êsse um traste escusado, e não existe. Nas rêdes há grande luxo de crivos, de rendas, de bordados brancos ou de côres. Com a rêde, um lençol, ou colchão, está a cama feita; usam também de umas pequenas almofadinhas, muito historiadas; mas eu nunca me ajeitei com elas, e as dispenso bem.

Não se deita na rêde a fio comprido, mas diagonalmente (e mesmo atravessado) e é assim que ela oferece melhor cômodo, ficando o corpo direito, e não curvo, e por isso são as rêdes mui largas. Hoje já me acho habituado com elas, e têm uma grande vantagem para o país, e é que balançando, refresca e não se sente calor. E enfim livra das pulgas. Outra vantagem é que dispensa alcovas; qualquer sala, mesmo a de jantar, se transforma em quarto de dormir, que toma de manhã seu uso ordinário. Nas casas pobres dispensa também cadeiras e sofás.

Nas fazendas, que aqui chamam *sítios*, há algumas casas nobres, como a que está fazendo no seu engenho o Senhor Tenente-Coronel J. Franklin de

* Em algumas casas (no Crato, em Pacatuba, aqui na Capital) as casas têm uma cama, para ocasião dos partos.

Lima; mas de ordinário são comuns com as fábricas. A do Senhor José Antônio da Costa tem fábrica de açúcar e aguardente, máquina de despolpar café e de socar no mesmo edifício; e pela maior parte são térreas como a antiga do Senhor Franklin, a do Senhor Domingos da Costa e a em que está o Senhor Sabóia. A casa de fazer farinha a tenho visto quase sempre separada. São estas casas de fazendas ladrilhadas e de telha-vã. O ladrilho comum é de tijolos longos, semelhantes aos de alvenaria, porém menores, e mais bem feitos; e são bem assentados, e de várias formas.

As casas mesmo das cidades como Crato, Icó, etc., não só são de telha-vã, mas as paredes interiores não chegam aos telhados, ficando tudo aberto, e se comunicando por cima.

Casas do povo, ou caboclos. São palhoças feitas com forquilhas, e madeiramento todo bruto, e leve; as paredes e as portas são de palha de palmeira da serra, ou de carnaúba. Têm de ordinário dois repartimentos; um é alcova, e outro sala e cozinha; êste último é muitas vêzes aberto de um ou mais lados; como também no Rio fazemos.

Algumas vêzes os tetos, e paredes são trançados com arte, e elegância; as portas são trançadas com esteiras. Estas casas se acham já nos arredores da Capital, formam seus arrabaldes, são arruadas, têm igrejas, etc. Vê-se nestas casas acumuladas famílias numerosas, pois são de uma fecundidade espantosa, e vê-se dentro raparigas, e mulheres ocupadas, já na cozinha, já cozendo, fazendo rendas, ou crivos, e outras indústrias e em frente da casa muitas crianças nuas retouçando-se nas profundas areias que rodeiam as casas e formam as ruas.

O melão-de-são-caetano que cresce aqui por tôda a parte, sobe e alastra sôbre essas palhoças, cobrindo as paredes e tetos de modo a parecer feitas dessa erva, o que não deixa de ser elegante: nas cêrcas faz êle o mesmo cobrindo-as inteiramente. Estas miseráveis habitações custam aqui na cidade 100$000 e se alugam por 2$000 por mês. Algumas têm as paredes de pau-a-pique e barreadas; outras são cobertas de telhas com paredes de palha. Algumas são caiadas, com suas portas de madeira, e pintadas; outras com paredes de paus cujos vãos se enche com tudo o que acham à mão. Assim ao pé do matadoiro servem-se dos chifres, digo, do miolo dêles; perto dos engenhos servem-se do bagaço de cana, etc.

É tudo o que pode ter de mais miserável. E só num país onde grande parte do ano é sêco, se pode viver em tais casebres. No entanto há aí felicidade no seu gênero! Aí se ouve o riso e o canto!

O canto, disse eu, mas é raro. Tenho notado que o povo aqui não é tão amigo do canto como o nosso, raro se ouve nas palhoças cantar; raro no serviço da roça ou outro. Disse-me porém o Capitão Justa (Henrique) que quando estão na apanha do café cantam muito. Ainda não pudemos ver aqui um fado, que êles chamam *samba,* onde se dançam várias danças; mas como quase sempre

há bebedeira os delegados de polícia com dificuldades os consentem. O subdelegado aqui de Pacatuba já nos disse que permitiria um para o vermos, mas ainda não houve ocasião. É o Lagos o mais empenhado nisso.

CONSTRUÇÃO DAS CASAS

Na cidade são as casas feitas de tijolo, e de ordinário serve de argamassa uma terra arenosa, semelhante à nossa superfície. Ajuntam-lhe alguma areia que é preciso e mais nada; mas nos edifícios públicos, e quando se quer obra mais segura se lhe ajunta um pouco de cal. Só nos alicerces é que usam de pedra — é rara — e as calçadas da cidade se fazem com um grés ferruginoso de Mucuripe.

As portadas são fingidas, com o mesmo tijolo; o rebôco é porém mui bom porque a cal que aqui usam é de pedras de que há aqui grande porção e é um ramo de indústria. É depois tudo caiado e mui alvo. Hoje estão fazendo como no Rio os cantos arredondados — platibandas, cimalhas pintadas, etc. São de ordinário as casas térreas ladrilhadas; e o ladrilho é de tijolos como o de alvenaria (melhor que o nosso) e muito bem assentado com várias formas, principalmente em ziguezague, como também são os passeios das ruas. Em algumas casas tenho visto ladrilho largo; e nas outras o ladrilho francês hexagonal. As telhas são boas, mais pequenas que as nossas, e bem feitas. Não se vê no telhado por dentro, tanto caco calçando as telhas, nem por fora muita telha quebrada. São tomadas só as telhas da cumieira, e espigões, e as bôcas. No entanto há aqui ventanias fortes. Na casa em que estamos, na Pacatuba, as telhas são postas com tal regularidade que se não vêem os lugares onde se emendou, porque sendo os caibros e ripas de pernas serradas, e duas ripas alcançando o comprimento da telha, são tôdas postas em filas certas, e ajuntadas por cima da ripa, de modo a se esconderem as emendas. Isto é para casa de telha-vã.

Há na cidade bastantes casas de um andar. A em que assistimos na cidade, do Comendador Machado, é de dois andares e outras que ficam por detrás têm sobreloja, sobrado e sótão rasgado; é o maior prédio particular que aqui há.

No que esta pequena cidade leva vantagem ao monstruoso Rio de Janeiro, é que seus estabelecimentos públicos, que não são poucos, são grandiosos relativamente, têm uma arquitetura simples e elegante; e mais que tudo são feitos de propósito, e acomodados ao seu destino. Tais são quartéis para tropas e para polícia, Tesouraria, Liceu, casa de educandos (que se está construindo) cadeia, cemitério, etc.

A *Matríz é um belo templo, nôvo, grande, com três* naves, sustentadas por grossas e baixas colunas, ao modo egípcio (porque os materiais não oferecem grande resistência). Há mais umas três ou quatro igrejas, umas velhas outras não acabadas, e mais algumas principiadas. É a única que tenho visto no Ceará com o corpo da igreja forrado no teto.

O Palácio do Govêrno é vasto e singelo, com sobrado pela frente e fundos térreos. Encerra a Secretaria do Govêrno. Mas como acontece muito no Rio de Janeiro, como as ruas não quadram com a praça, as duas faces, a direita e a da praça ajuntam por ângulo obtuso, ficando a sala do canto sem esquadrilha.

MADEIRAS EMPREGADAS NAS CASAS

Todo ou quase todo o madeiramento do ar é de pau-d'arco (ipê). As portadas são de pau-branco, barrotes de aroeira, e portas, revestimentos, fôrro, e soalho tudo é de cedro.

Para fora da cidade, em casas melhores ainda é o tijolo que serve de pilares, e paredes. Em algumas casas antigas e do tempo em que as matas eram vizinhas há esteios, e são de coração-de-negro (os melhores) aroeira, jucá, etc.

Nas palhoças dos pobres é quase sòmente o pau chamado sabiá que é empregado, porque abunda por tôda a parte, isto é, fora dos tabuleiros arenosos.

Falta-me falar da Carnaúba, elegantes palmeiras, de que grande parte da Província é coberta. Dela tudo se aproveita — a raiz supre a salsa-parrilha, alguns a preferem mesmo, mas outros usam das duas coisas misturadas, e dizem que o efeito é prodigioso. Da fôlha se tira a cêra que é hoje objeto de indústria no país. As velas, de que ordinàriamente se usam são desta cêra. Quando aqui chegamos a Pacatuba custava um vintém uma velinha dessas, passaram a 30 réis e hoje nos disse o José do Ó que estão a 2 vinténs, isto no espaço de 2 meses. Têm côr trigueira; mas não exalam mau cheiro, como as que vi no Rio, e uma velinha destas dura como uma das de sebo de 40 nossas. Com as fôlhas fazem mil coisas, tiram corda delas, fazem enchimentos, ou suadores para as cangalhas, tecem esteiras, chapéus, abanos, cobrem casas, e do pé fazem bicas, e outras coisas; porém o seu uso mais importante é de madeiramento para casas. Há casas feitas só com carnaubeiras desde os esteios — porém êstes não duram muito. Mas [para] madeiras do ar é ela excelente. Na cidade mesmo há casas cujos frechais, travessos e cumieiras são de carnaúbas. Inda há poucos dias estivemos no engenho em que está o Senhor Sabóia; o corpo do engenho, que é um casarão todo aberto pelos lados, aí são os esteios de boa madeira, mas toscos, e até com casca cortados no cimo em bôca de lôbo; e todo o madeiramento de cima, a saber, cumieiras, frechais, travessas, têrças, tesouras, caibros — tudo era de carnaúba. O uso das ripas de carnaúba é particular, ainda agora está se edificando na praça da cidade um prédio cujos caibros são de carnaúba — são carnaúbas rachadas e feitas em bicas, postas ao comprido, e aproximadas; sôbre essas bicas se assentam as telhas de cano, de sorte que dispensam ripas; é madeiramento pesado, e feio. Hoje, e sempre, nos edifícios nobres, e casas melhores se fazem caibros de paus-d'arco, e ripas de sarrafos de cedro, ou duma taquarinha chamada taboca. No engenho do Senhor Franklin, e na casa que era

reservada para moradia são as ripas de tábua e dobradas. Do miolo tiram fécula, que não é clara, e muito boa para mingaus.

Fazem aqui uma telha angulosa ou dobrada em ângulo, talvez para assentar melhor sôbre as bicas de carnaúba.

22-V-1859

Aqui estêve hoje o Senhor Juvenal e nos disse que o tufão de ontem deu com muita fôrça em alguns lugares da serra, assolou algumas plantações e derribou uma casa nova num sítio da serra, que ainda não estava habitada, e havia gastado o dono com ela mais de dois contos de réis.

Alguns aqui de Pacatuba disseram que nunca aqui tinham visto vento tão forte. Hoje tem estado o dia sempre mais ou menos carregado, e quente; mas a noite foi bem fresca.

De noite fomos passar o serão na casa do Senhor Valente, negociante e proprietário que tem uma grande família, 8 môças, 3 casadas, e 5 solteiras. Esta família veio de Aracati há 3 anos e aqui se estabeleceu. O Senhor Valente está quase cego; tem 60 anos mais ou menos; sua mulher está bem disposta. já tem muitos netos e lindos. (Das môças quatro cantaram modinhas).

Tomou-se chá, com muitos biscoitinhos e doces vários — depois jogamos o víspera (eram 6 homens e 2 senhoras) até quase meia-noite; eu jogava de sociedade com um dos senhores e ganhamos muito.

Às 10 horas pouco mais ou menos entrou a chover; quando fêz uma pequena parada saímos, e viemos para casa com chuva, lama, água, etc. Um menino que vinha com um castiçal e vela acesa não nos pôde acompanhar, porque o vento lhe apagou a vela. Éramos eu, o Vila-Real, o Estêvão, o Capitão Henrique da Justa, um seu primo José Luís. O Estêvão não quis entrar; os dois entraram e tomaram café conosco; comemos de um prato de bananas-da-terra feitas com manteiga e açúcar, que nos tinha mandado da serra a Senhora D. Maria Teófila; conversamos depois muito porque não tínhamos sono; seria mais de 1 hora quando os dois se despediram, e nos deitamos.

[23-V-1859]

Segunda-feira 23. Estando acabando de jantar nos chegou uma bandeija com um magnífico prato de papas de milho (canjica), rodeado de laranjas — guardei o papel picado que cobria o prato, por ser uma amostra da habilidade das meninas.

De tardinha fui lá ver os olhos do Valente, e à noite voltei para o víspera; lá tomamos chá com docinhos, queijo picado, bolachas, etc., e às 10 horas nos retiramos e viemos ainda tomar o nosso café, comer papas, etc., e conversar até quase 11 horas. Eram companheiros o Capitão Justa, e José Luís, rapazes patuscos. É uma boa distração que aqui temos.

30-V-1859 [Fortaleza]

Sexta-feira. Tresanteontem vim com o Lagos de Pacatuba; e notando a vegetação vi poucas flôres, à exceção de algumas Convolvuláceas, Leguminosas (mimosáceas e cássias) e Malváceas. Frutos quase todos verdes, como o da Cauaçu, e essa poucos; a do Manapuçá e algumas Mirtáceas. Vi alguns pèzinhos de Jatobá; notei uma rubiácea de bagas rubras, e que provando uma lhe achei o gôsto da polpa da semente do café; seria curioso fazer-se alguma experiência com ela. Os rios e lagos têm alguma água, mas não demasiada.

Ontem depois do almôço (não se tendo verificado a viagem do Cocó, por não estar lá o Machado) fui fazer uma excursão pelo caminho que conduz a Soure, levando comigo meu criado. Em passando o Jacarècanga, até onde chegam as habitações, e sítios dos arredores da cidade, vagueamos um pouco pelo meio dos tabuleiros, expostos a um sol bastante forte. Antes porém tínhamos já colhido ramos com fruto do pau-ferro, de uma arvoreta, que está em frente da igrejinha; depois junto a uma palhoça e à beira da estrada está uma árvore baixa e copada, que me disse uma cabocla que se chama *Timbaúba*: é uma leguminosa mimosácea, de que já na barra do Ceará vi uma canoinha; tiramos um ramo.

Pelos tabuleiros está florescendo a *coccoloba,* que me deram com o nome de Carrasco. Os barbatimões estão com brotos novos e com frutos verdes, e alguns com flor; colhi ramos dêstes. As Janagubas estão com as folhinhas abertas e sem sementes, com dificuldade achei um folículo ainda verde, que colhi.

Estão algumas rubiáceas arbustivas em flor; uma delas, de fôlhas verticiladas (talvez *Hamelia)* tinha flôres, e frutinhas verdes; colhi exemplares. Uma Gônfia que é aí comum tinha raras frutinhas verdes; algumas mirtáceas tinham, umas, flôres, e outras frutos verdes. Malphighiáceas com frutos, muricis (ainda não vi o verdadeiro, digo a fruta). Guajerus, e *Erythroxilons* sem flor nem fruto. Tetrácera com frutos. Uma passiflora com flor.

31-V-1859

Hoje 31 de maio, pelas 11 horas da manhã montei a cavalo, e acompanhado pelo meu criado me dirigi para o lado de Mucuripe. Estando no Oiteiro, e tendo passado pelo Colégio dos Educandos (creio que assim se chama o elegante e vasto edifício que aí se está concluindo) me aventurei pelo labirinto de caminhos que aí há, e depois de muitas voltas, e perguntas fui sair errado à praia junto à frente da Alfândega. Não querendo voltar, tive de subir e descer vastos combros de areia fina, onde o cavalo se metia até os joelhos, e assim seguindo os areais andei por êles mais de meia légua, ora me aproximando do mar, ora encostando-me aos matos. Em [alguns] lugares fica o mar de 300 a 400 braças de distância, ficando de ordinário junto às matas (carrascos) os com-

bros e montes de areia, e entre êstes e o mar grandes depressões de terreno, onde se junta água, formando lagoas rasas e largas. Em tôdas elas havia grupos de lavandeiras, e crianças banhando-se. A água é doce, com ela lavam, e dela bebem, e é perfeitamente transparente. Das lavandeiras, que são caboclas, mestiças, e algumas pretas, várias estavam nuas, e se agacharam quando eu passava, dando as outras grande risadas. (É êste o costume dessa gente; quando vai ao rio lavar roupa, em algum lugar mais retirado, se põem tôdas nuas; disto já tivemos notícia em Pacatuba).

A primeira vez que passei por êstes lugares notei uns cajueiros muito rasteiros, lançando raiz mui longe, fenômeno que se atribui aos ventos.

Hoje tive ocasião de estudar melhor êste negócio, e vi que me tinha enganado. Eis aqui o que é:

Por tôda a costa do Rio Grande, Ceará, costa que é vasta e arenosa, os montes, ou combros de areias estão sempre mudando-se pela ação contínua dos ventos; ou essa areia seja lançada à praia pelo mar, ou seja trazida pelo correr da costa quando ela toma a direção dos ventos gerais, enquanto não acham obstáculo, as areias marcham sempre conforme o movimento dos ventos, mas logo que acham um obstáculo, tornam a acumular-se, e vêm a formar montes mais ou menos vastos de modo a formar pela linha da costa uma sorte de muro.

Se encontram uma árvore forma-se logo junto a ela um montículo; se são muitas árvores em fileira forma-se um cordão de areia encostado a elas. Ora, nas matas que bordam aqui a praia há grande número de cajueiros, enormes e copados, até o chão; se as areias encontram um certo número destas árvores, vão se acumulando junto a elas, que impedem a passagem da areia e formam um atêrro do lado do mar, ou antes do vento, soterrando a árvore até as grimpas; quando são muitas árvores juntas é uma muralha, que submerge só metade das árvores, e então é muito curioso ver-se metade da árvore descoberta, e a outra tôda enterrada na areia, por onde se chega até o cume da árvore, que não tem senão as extremidades dos ramos de fora, e tem-se um precipício do lado oposto. Se a árvore é isolada o efeito é mais curioso: forma-se o monte de areia por baixo da árvore que fica tôda soterrada, menos as pontas dos ramos que parecem pequenas árvores plantadas sôbre o monte de areia. Isto é o que me iludia. Não é só com o cajueiro que isto acontece.

Mas é mais comum porque a sua forma se presta para isso.

Com os muricis, que são arbustos copados e rasteiros da praia, acontece o mesmo — vê-se a cada passo montes de areias cobertos de murici; os troncos estão submergidos e as plantas vendo-se abafadas alongam constantemente seus ramos, e a areia continua a acumular-se.

Outro fenômeno curioso produzido pelos ventos é a inclinação das árvores, e a maneira por que lhes cortam os galhos secos de modo que a árvore parece aparada a tisoura, entrando pela superfície da copa arredondada os ramos

secos e despidos de fôlhas. Isto acontece a muitas árvores dos tabuleiros vizinhos ao mar, cajueiros, e juàzeiros principalmente.

Cheguei até o lugar onde encontrar *Conocarpus,* que colhi e voltei. Os juàzeiros estão alguns com frutas maduras; os muricis estão com flor, e fruta verde; duas lindas bignoniáceas estão com flor; duas espécies de passiflora estão com flor. Uma cássia arbórea que tinha apenas uma flor, pela qual fiz o desenho; algumas convolvuláceas, solanáceas (juripebas) algumas rubiáceas. A Richardsônia rósea cobre grande parte dos campos; a Meladinha (Malvácea), outra malvácea — tudo com flor. Cheguei à cidade depois de uma hora com forte soalheira, e tratei logo de fazer o desenho das flôres.

A respeito dos cajueiros suterrados, o que eu tomei por longas raízes eram galhos da árvore suterrados, mortos.

O convôlvulo *pes caprae,* que aqui chamam salsa, abunda pelos combros e pela praia, assim por todo o tabuleiro, e mesmo pelo interior ou perto das serras; está constantemente com flor.

A outra convolvulácea de flôres mui grandes, roxas, abundante também por tôda a parte por onde tenho andado, a tenho visto sempre com flor desde o princípio de fevereiro até hoje. Agora estão com fruta, mas ainda verdes.

Mais umas duas espécies de convolvuláceas vi hoje com flor.

Amanhã vamos a Cocó; aqui estêve o Presidente agora e ficamos justos. É lugar de muito bom peixe, e há na terra o ditado seguinte:

Água de Jacarecanga
Tainha de Cocó
Cunhãs de Porangaba
E farinha de Tipiú.

2-VI-1859

PASSEIO AO COCÓ

Ontem (1 de junho) acordamos estando chovendo, o que nos desconsolou, porque tínhamos a viagem justa; mas a chuva cessou logo, e nos pareceu que teríamos bom passeio. Às 7 horas eu e o Lagos montamos a cavalo, chegamos a palácio, esperamos um pouco pelo Presidente, que se aprontava; chegou logo depois o guarda-mor da Alfândega, Vitoriano. Tomamos segunda vez café; e esperamos por mais alguns que se tinham comprometido a virem. Havendo demora o Presidente mandou o ordenança saber se vinham ou não, voltou o ordenança com o recado de que iriam mais tarde; o cunhado do Presidente também não apareceu; montamos pois os quatro, seguidos do ordenança, e pusemos-nos a caminho. Íamos muito bem quando em meio [à] viagem entra a cair um ligeiro chovisco; íamos sempre esquipando ou a galope. A chuva ia sempre a mais, e quando chegamos ao sítio (como aqui chamam) do Comen-

dador Machado já chovia menos mal, e estávamos já bem molhados. O caminho, que é de légua e meia talvez, é excelente, e passa, no espaço duma légua por uma espêssa mata, que lhe forma um bêrço, e é todo plano e arenoso; me fêz lembrar duma porção igual de caminho que tínhamos na Água Branca em Campo Grande — a semelhança era perfeita. O sítio do Senhor Machado ou a casa está assentada à margem, e a pouca distância do Rio Cocó, e em lugar elevado; *é uma casa antiga, mas vasta, de paredes grossas de tijolo, com cimalha.* O lado por onde se chega é mui largo, tendo três portas, e sete janelas, com intervalos de cinco a seis palmos. O pé direito não é muito alto, mas a casa é rodeada de um passeio de tijolo (a modo do Ceará) bastante largo, e alto 3 a 4 palmos do chão. O lado do oitão tem 3 janelas; onde está a sala de entrada, ou de visita; *mas entra-se pelo* lado de dentro, sôbre uma área tijolada. São aqui os tijolos quadrados e grandes, e toscos; e uma coisa notável é que as portas e janelas são postas por dentro, nas de lado, e na frente em meia parede, que como já disse é bastante grossa. Tôda a casa é de telha-vã, telhado de carnaúba; e as paredes interiores, exceto a que divide a sala de entrada, chegam só às travessas, como é uso no Ceará. Para o interior e por detrás há grandes lanços de casa, e cômodos para cozinha, engenho d'açúcar, seguramente de farinha, e outros cômodos de grande fazenda; seguindo currais, grande pomar, etc. O rio aqui não corre entre margens determinadas, derrama-se, formando muitas ilhas, e coroas, em grande largura (não pudemos lá ir, por causa do tempo). A barra fica a duas léguas, a barlavento de Mucuripe. A maré entra por êle e chega muito acima do sítio em que estávamos. Estava já muito vazio, mas a sua vista forma uma graciosa paisagem por entre numerosos coqueiros do sítio e coroas de mangues alterosos, no rio: quando êle está cheio, e que chega mais perto da casa apresenta a vista dum braço de mar. Tem o Senhor Machado esta possessão há mais ou menos 30 anos, vai até o mar, e se estende pela terra dentro talvez mais duma légua quadrada; e está quase todo o terreno coberto de matas primitivas; que se parecem com os nossos capoeirões. Tem muito boas madeiras de construção — paus-d'arco, pau-ferro (vi no interior da casa um esteio que êle me asseverou ser de pau-ferro, cujo cerne era negro como o do jucá); há o que aqui chamam perobas, etc.

Estas matas porém estão já bastante devassadas. Diz o Senhor Machado que as areias para o lado de Mucuripe já lhe têm suterrado meia légua de matas; não indaguei em que sentido contava a meia légua. Logo que chegamos fomos servidos de café simples, biscoitos, licores, etc. Às 11 horas, já então havia chegado o cunhado do Presidente (engenheiro da Província); fomos apresentados à família, e servidos dum farto e delicado almôço: serviço de mesa *prata, porcelana, cristais, etc. Depois da do Presidente, é a mesa mais decente* que temos visto (já em Maranguape, engenho da viúva Viana, vimos alguma coisa que se aproximava). Tivemos *tainhotas* (paratis) do Cocó, tortas de camarão, grande profusão de carnes, doces, massas, excelente café, chá, etc., tudo muito bem feito. Às 3 horas chegaram mais da cidade 3 cavaleiros, depois mais

dois empregados públicos, negociantes, magistrados, etc., todos com mais ou menos chuva, porque (o que é raro no Ceará) choveu até as 5 horas. Andou-se caçando (ou antes errando tiros) pelo pomar, e arredores. Eram atiradores o Presidente, e o Lagos, que nada mataram e um filho do dono da casa que matou um periquito, e um anu branco, tendo dado 10, ou 12 tiros, com muitas galhofas. Às 5 horas fomos servidos dum lauto banquete; éramos os convivas 16 — 9 hóspedes e 7 de casa (3 homens e 4 senhoras). Acabando o jantar viemos todos para a sala (era já de noite) homens e senhoras, tomou-se café, conversou-se, e fêz-se charadas. O tempo havia consertado; eram mais de 8 horas quando montamos a cavalo, 10 cavaleiros com o ordenança, que por cautela passou para diante. Passamos a mata, com cuidado por causa de uns grossos galhos de cajueiro, [que] obrigam a abaixar a cabeça. Dentro da mata era grande o escuro, nada se via. Chegamos felizmente à cidade depois das 9 horas. Passamos um dia cheio, bem que a chuva nos aguasse o prazer. Nada colhi — vi em caminho jatobás com fruto, e algumas árvores com flor, que tenciono ir colhêr.

9-VI-1859. Pacatuba

Espanar: O Capitão Justa contando-me o que se passou nas suas fazendas de criação, disse-me que em uma delas há uma cacimba feita por seu avô; que numa sêca diz êle que cavando por ela se encontrou uma terra dura — salão — impermeável, e que continuando a cavar com picaretas, rompeu-se o salão, e deu-se com areia donde surgiu água abundante, e que nunca falta. Disse que os vaqueiros cercam a cacimba com varas para que o gado a não destrua, deixando só uma entrada bem *espanada* por onde entra o gado, quer dizer, em rampa.

Aboiar: O gado, digo as vacas parem ordinàriamente pelo inverno. Se os verões são longos e há sêca, elas deixam de parir; ou parem pouco, e os bezerros morrem muito.

Em geral durante um bom inverno o gado engorda muito, fica roliço, mas no fim das sêcas está com a pele sôbre os ossos. As vacas paridas se recolhem de tarde e os vaqueiros têm um modo de as chamar, com um canto, ou grito alto, que se ouve a 1/4 de légua, a que elas acodem e chamam a isto *aboiar*.

Ser sujeita: É ser cativa. É fôrra, ou cativa? Perguntei a uma escrava de J. da Costa. Sou *sujeita*, me respondeu ela. E seu marido? Também é *sujeito*.

Enfadado, por cansado: cheguei da cidade muito *enfadado*.

Ontem vindo da cidade notei no carnaubal bastantes árvores de Jatobá; mas nem uma tinha fruto. Parece ser a mesma espécie que temos no Rio. Existem também ali muitos angelins, que me parecem ser de uma das espécies do Rio (da que existe no Campo do Retiro). Não tinha flor nem fruto. Estavam

muitos ipês de flor encarnada floridos. Estão mimosáceas e cássias com flor ou botão.

Do pau-branco ainda vi alguns com flor. Da catingueira estão muitas e grandes árvores ainda com flor.

14-VI-1859

Estamos a 14 de junho, e o dia foi quente, o céu mais ou menos anunviado, e das 4 às 6 da tarde choveu bastante. Anteontem estávamos em casa da família Valente, *saímos de lá apressados porque entrara a chover, e logo que che*gamos a casa caiu bastante chuva: eram 9 horas da noite. Ontem e hoje nos preparamos para ir à Munguba visitar D. Brasilina, e o não pudemos pela chuva.

20-VI-1859

Anteontem 18 de junho vindo de Pacatuba, notei no Carnaubal vários angelins (Andira) que só aí tenho visto, e que estão agora principiando a florescer; muitos pés da caroba de folhinhas miúdas, frutos grandes e ondeados na margem; estão com alguns frutos maduros. Ambas estas árvores têm o porte da nossa *Andira stipulacea* no Rio. Há também aí muitos jatobás, também de pequeno porte, ou ainda não bem criados, e nos pântanos a cana, ou pacavira de flôres amarelas. As carnaubeiras estão em flor.

Ontem aqui na capital (19 de junho) foi o dia bastante quente, e o céu indicando tormenta; hoje amanheceu chovendo, e fazendo frio como ainda não senti aqui. Tem continuado a cair chuveiros, até 11 ou meio-dia.

28-VI-1859. Pacatuba

Ontem vim da cidade de Fortaleza, em companhia do Capitão Henrique Gonçalves da Justa. Saímos da cidade às 3 horas e 10 minutos e chegamos alguns minutos antes das 8. Tivemos em caminho algumas demoras; os riachos e os rios haviam tomado alguma água, com a chuva da madrugada de ontem, que durou por mais de duas horas, e foi acompanhada de alguns trovões. Os dias precedentes haviam sido bastante quentes.

VEGETAÇÃO

Estão florescendo os angelins no Carnaubal; as carnaúbas estão também com flor.

O pau-paraíba está também florescendo. Há muitas destas árvores nos tabuleiros.

Carapa. Descrição e desenho feitos em Fortaleza. 30 jun. 1859.

Os cipós-de-fogo, a saber, uma *Davila*, as tetráceras, que também chamam cipó-de-fogo, e mufumo, estão com fruto.

Os cauaçus, estão também dando alguma flor.

O lacre (*Vismia*) está com muita flor.

Humiri, arbustos mui comuns nos tabuleiros, estão floridos.

As *diocleas* de lindas flôres, e centrossemos.

Algumas malpighiáceas.

Cássias de grandes flôres amarelas.

Mimosáceas de espigas de flôres brancas.

Hoje de tardinha fui fazer a minha visita à família do Senhor. M. G. Valente, com o Capitão Justa; saindo de lá seriam 8 horas, o Justa me convidou para ir assistir a um *samba* de negros na casa do Senhor Crisanto, cunhado do Senhor Antero. Prontamente acedi, cuidando ir assistir a uma dança de negros em alguma palhoça ou sanzala; mas fui surpreendido quando chegando a casa do Crisanto, logo fôra achar muita gente da principal de Pacatuba sentados em cadeiras fora da porta como aqui se costuma. Entre outros eram o Subdelegado de Polícia Dr. Vitoriano, o Antero, Juvenal, dois deputados provinciais filhos do Barão de Icó, que acabavam de chegar do sertão naquele momento, e muito mais outros senhores, e a sala dentro estava cheia de senhoras; eram as famílias do Senhor J. da Costa, a saber, D. Maria C. Teófilo, D. Joana, sua filha, e o Senhor Juvenal; era a família do Dr. Vitoriano, era a família do Antero, do Crisanto, e outros mais parentes. Depois de conversarmos um pouco fora, entramos para a sala, e pouco depois nos conduziram ao quintal passando pela casa de jantar, onde estava a mesa coberta de pratos, de papas (canjica), de arroz de leite, aletria, vários bolos, e muitos outros doces secos e de calda, vinhos, cerveja, etc.

No quintal achamos uma grande roda de negros e negras, calculo em mais de 100, escravos dessas famílias, e das mais de Pacatuba. Os instrumentos eram tambores, e caquinhos com que atormentavam os ouvidos, e ainda mais com cantos, algazarras e vivas. As senhoras chegavam muitas vêzes para a roda, assim como os homens e assistiam com prazer as danças lúbricas das pretas, e os saltos grotescos dos negros, que também fizeram jôgo de pau, etc. Saindo dessa roda vinham para a sala a tirar sortes, ou para a casa de jantar a comer e beber. D. Maria Teófilo era incessante, e tomou grande interêsse fazendo dançar os seus pretos, e designando-mos pelos nomes, e estêve por muito tempo com uma vela na mão para alumiar melhor a cena. O Antero também tomava grande interêsse na coisa. Aí estivemos, mais por comprazer a D. Maria, até mais de meia-noite, e nos retiramos.

[29-VI-1859]

Dia 29 (S. Pedro). Havíamos sido na véspera convidados para jantar em casa do Valente. Tendo trabalhado tôda a manhã até as 3 horas da tarde, nos

vestimos então (éramos eu, Manuel, os dois Vila-Reais) e para lá fomos, isto é, para a casa do Castro, genro do Valente. Só havia gente da família, e éramos 15 ou 16 pessoas de mesa. Depois de conversarmos, fomos para o jantar às 5 horas. Havia abundância de carnes, e a mesa e os pratos estavam cobertos de flôres; entre as quais notei *mimos-de-vênus* e *cravos-de-defunto*, isto por cima mesmo dos assados. Vieram depois canjica, arroz de leite, aletria, e doces secos e de compoteira. Foi o jantar alegre, e adubado com conversas, em que as môças tomavam grande parte, e versava quase sempre em negócios de casamento, em que mostravam bastante espírito (o pai estava calado; mas a mãe também metia a sua colher). Depois do café, como eu estava suado, fui para a casa, despi-me e deitei-me na rêde, até refrescar bem; depois, seriam 7 horas e meia, vesti-me de nôvo e voltei para lá; foi então comigo o Estêvão, proprietário daqui. Lá estivemos até perto das 10 horas ouvindo cantar as môças, ao acompanhamento do violão. Chegando a casa mandamos fazer café, e depois escrevi esta lembrança.

2[-6]-VII-1859. Pacatuba

Há alguns dias, que fuzila sempre de noite. Ontem estêve o céu anuviado, fuzilou de noite; hoje tem sido o dia mais ou menos chuvoso. Agora, 5 horas, da tarde está chovendo, e promete continuar.

3 de julho. Choveu de manhã algumas pancadas boas; ao meio-dia melhorou, e fui, com o Capitão Justa ao sítio do Senhor J. da Costa, no Aratanha. fazer-lhe uma visita de despedida. Estando lá, e à mesa, deu uma pancada de chuva e depois, digo, antes disso, tinham caído chuveiros parciais, pela vargem e pela serra; acabamos de jantar depois das 5 horas, tomamos café, e montamos logo a cavalo. Chegamos a Pacatuba ao anoitecer, tendo descido a serra com muito cuidado e susto. Estava em casa do Senhor Costa o outro Senhor Justa, casado com uma sua filha, a qual cantou ao piano algumas modinhas e uma ária italiana. Tem muito boa voz e gôsto. A outra irmã solteira só apareceu ao jantar.

4 de julho. Tem havido ainda hoje chuveiros repetidos, e faz algum calor.

5 de julho. Desde meio-dia às 3 horas duas grandes pancadas de chuva, uma das quais apanhamos.

6 de julho. Dia mais ou menos chuvoso. Às 2 horas grande pancada d'água.

[10-17-VII-1859]

Ontem, 9 de julho, deixei Pacatuba e vim para a cidade com Manuel, para nos aprontarmos para a marcha do sertão.

Viemos com bastante soalheira, saindo de Pacatuba às 8 horas e chegando aqui às 3 da tarde.

Colhemos em caminho algumas plantas — o fruto da alamanda, bagens do jucá, e de uma mimosácea, talvez adenantera e ramos floridos da andira, que vegeta no Carnaubal.

Hoje 10 de julho, amanheceu chovendo.

[13-VII-1859. Fortaleza]

Ontem 12 de julho, eu e o Dr. Borja Castro partimos às 11 horas da cidade para irmos a Soure, onde chegamos, quase às 2 horas indo devagar. Era o sol assaz forte mas por vêzes se encobriu, e passado o Rio Maranguape começou a chover por pancadas, das quais nos abrigávamos metendo-nos por por baixo das árvores. O caminho é em linha reta de um ponto ao outro, dão-lhe 3 ou 4 léguas, e passa por 3 rios, o Jacarècanga, o Maranguape, e o Ceará; além duma aguada corrente agora, e que se chama Alagadiço. Todos êstes rios têm aqui pouca água, e secam no verão. Sôbre o Rio Ceará há uma boa passagem, que chamam ponte, mas é um longo aterrado, entre duas mu ralhas, com 8 a 10 palmos de altura sôbre uma porção de mangue, por onde corre o rio, repartindo-se; terá êste atêrro talvez 300 braças. Gastamos passando na nossa marcha 8 minutos; e tem duas pontes de madeira bem feitas, uma sôbre um braço e outra sôbre o rio. Há mangues de grande altura, mas não como o da barra do rio, ou Vila Velha.

Soure é uma povoação em ruína, já foi vila, e antes aldeia de índios, conservando a cadeia, que tem *sobrado (sala livre, ou Casa da Câmara)*. A igreja está ameaçando cair; a parede do fundo está com várias e largas rachaduras, e em verdadeiro abandono; há na frente grande praça, mas coberta de mato. As duas linhas de casa são de verdadeiros casebres, apenas ao pé da igreja há um ou dois casebres melhores. Além dessas duas filas de casinhas, há outra ao lado esquerdo que flanqueia a estrada que por aí passa, fazendo com os fundos das casas a frente uma rua. Fomos procurar um cunhado do Bezerra que aí mora, mas não o pudemos ver; e fomos à bolandeira ou engenho de descaroçar o algodão, que estava trabalhando. A casa é nova e boa; o engenho era tocado por dois bois, e trabalhavam quatro jogos de cilindros de ferro. Tem também roda para cevar mandioca. Diz o Bezerra, que esta fábrica é de meia com êle e seu cunhado. Em caminho vi um molinete para espremer canas formado de dois toros de carnaúba. Pousamos numa casinha de negócio miúdo, tomamos cidra; e mandamos dar jerumum aos cavalos. Tendo descansado um pouco e conversado com o dono da loja, que tem viajado por todo o sertão, montamos a cavalo, corremos a povoação, e seguimos para a cidade, onde chegamos às 3 horas e meia, assaz aquecidos.

A vegetação por êste lado é a mesma que para Baturité, seus vales ou vargens ao lado dos dois rios, Maranguape e Ceará, são cobertos de vastíssimos carnaubais, de que se faz cêra.

Estavam em flor e fruto poucas plantas — alguns angelins, dos quais colhemos vindos de Pacatuba no Carnaubal. Estavam carregados de flôres, outros não. Estavam uma linda espécie de Mucunã, uma *Hirtella* de flor roxa, uma turnerácea de flor branca, o murici-pitanga. Colhi em um marizeiro caído sôbre o Rio Maranguape um lindo *Oncidium,* etc.

Notei que a *Vísmia,* o angelim, e o pau-pinho, existem particularmente onde os tabuleiros se confundem com as matas, isto é, onde as areias se confundem com terras barrentas. Colhi, além dessas, flôres de carnaúba, da caninana, etc.

[16-17-VII-1859]

Hoje 16 de julho amanheceu caindo uma pequena chuva, que durou pouco; o resto do dia foi bom. Ao anoitecer fêz algum calor.

17. Ao romper do dia caiu uma boa chuva; cessou depois; mas ficou sempre o céu mais ou menos carregado, e durante o dia caíram alguns chuveiros. Ao anoitecer o céu se tornou mais carregado, o vento era leste; pouco mais ou menos às 7 horas entrou a chover (faz calor, e todo o dia foi um pouco quente).

21-VII-1859. Fortaleza

Depois do almôço, saí com o meu criado e fui fazer uma excursão pelo Oiteiro; passei pela cacimba do povo, que tem muita má água, mas abundante, e é o que me diz o guarda, que numa falta, é tirada por uma bomba. Seguimos depois até a outra grande cacimba, ou grande escavação onde a gente pobre tira água, muito má também. Já não encontrei um só pé de acantácea de brácteas rubras, de que queria sementes; também o mufumo (bigoniácea) não tinha um só fruto. Estão floridas as *Davillas;* as *tetráceras* já não vi com fruto (ambas plantas características dos tabuleiros).

Estava com flor uma bigoniácea de flôres amarelas, que já tinha desenhado. A convolvulácea de flôres grandes, roxas, que tirei para desenhar, está com flor desde que aqui chegamos. Outra convolvulácea de flor pequena e branca, também com flor, a meladinha, algumas vassouras, um *Hyptis* de flor azul, a angélica (rubiácea). A birsonimina de fôlhas glauclas, uma lantana de flor lilás, das que vi cultivadas em Nápoles está tôda em flor. Os jenipapos estão carregados de frutos. Observei uns coqueiros (dos que chamamos da-bahia) mui altos, talvez com cem palmos de fuste, e com pouco mais de palmo de diâmetro, uns direitos e outros tortos, com pequeno tope de fôlhas, e carregados de côcos, que deviam pesar para mais de 4 arrôbas, e que vergavam com o vento, e se sustentavam maravilhosamente. Êstes coqueiros estão constantemente carrega-

dos de frutos, e duram ou podem durar séculos. Disse-me hoje o Ajudante...[32] que no Rio Grande do Norte viu coqueiros com mais de cem anos e dando ainda uns coquinhos pequenos. Ouvi hoje também que a palmeira vem também em terras baixas; e que o Catolé dá excelente azeite para luzes.

21-VII-1859. Fortaleza

Tendo sido convidados pelo Senhor Bezerra (Manuel) para assistirmos à experiência do fabrico de açúcar *, que êle pertende ter inventado, não pudemos aceitar outro convite para jantar em casa do P.e Pompeu, a saber, eu e o Lagos; os outros foram a êsse jantar; e depois de haverem jantado em casa, mais cedo, fomos para Palácio, para irmos juntos com o Presidente que assim havia combinado. Eram 3 e meia mas o achamos em princípio do jantar, e aí jantavam, além da família, o secretário, que também era de partida. Enquanto jantavam chegaram ainda o Major Viana, e o Ajudante...[33]. Depois do café montamos a cavalo, eram 4 horas; e eram seis pessoas, e um ordenança do Presidente (o Presidente, o Secretário, o Major Viana, o Tenente-Coronel Lucas, Assistente do Ajudante-General, o Lagos e eu). Puseram os cavalos em *esquipado* e saímos da cidade com o sol pela frente, e fervente, e por uma estrada (a nova de Soure) que é de areia sôlta, e fina, de atolar até meia perna dos cavalos; eu ia no cavalinho do Manuel, e o Lagos no do Reis (porque havíamos emprestado os nossos para irem as filhas do Bezerra), e eu os acompanhava a meio galope. O engenho onde se fazia a experiência era no Alagadiço, quase uma légua distante da cidade; alguns querem que seja mais de légua; e fizemos êsse caminho em menos de meia hora. Enfim chegamos ao engenho, ou casa do Senhor José de Góis. Estava a casa cheia de moços e meninos, e vários homens; e o nosso pobre Bezerra estava no engenho trabalhando na experiência, desde muito tempo; pouco tempo depois que chegamos nos apareceu êle, dizendo que a primeira tachada não estava boa porque o melado se havia queimado mas que já estava preparando outra; mas que no entanto aquêle mesmo queimado podia servir para a experiência. Com efeito pouco tempo depois fomos chamados para ver o açúcar e achamos uma gamela, onde se batia uma porção de açúcar mascavo, que havia algum tempo que se batia, e dentro da casa do engenho, ou dos tachos, estava um tacho com caldo a ferver. Era a segunda experiência. Em que consiste pois o processo? Em apurar o caldo, e levá-lo ao ponto de *bala* — e bater até açucarar! Qual a vantagem em ter açúcar preparado dentro de duas horas? É de não se perder o mel, que fica incorporado no açúcar! Ajuntou-se gente em roda da gamela, o Presidente, etc., e se discutiu

32 Lacuna no ms.

* Experiência que já havia feito no Rio de Janeiro, em 57 ou 58.

33 Lacuna no ms.

sôbre o negócio, e mais nada. Da outra tachada, que não daria senão a mesma coisa, não se tratou mais; apenas se começou a beber, era melado e mais nada. Daí fomos todos para uma mesa que estava no pátio da casa cheia de doces, de balas, de massas, etc. etc. vinhos de várias qualidades e queijos, etc. Ao anoitecer montou a cavalo tôda a caravana e chegou-se à cidade antes das 8 horas. Éramos 16 a 18 cavaleiros, incluídas 4 senhoras, uma das quais caiu do cavalo — e acabou-se a história.

623 Viagem à Fazenda da Munguba *

Segunda-feira 28 de fevereiro nos aprontamos às 5 horas para partirmos às 6. Pouco depois das cinco chegou à casa em que residimos o Senhor Franklin, e enquanto tomávamos café, entra a chover, e parecia que a chuva, que deu com bastante fôrça, continuasse até tarde; e nos propúnhamos a sair depois de almoçar, mas só durou uma meia hora, e saímos logo pouco depois das 7 horas. Apenas tínhamos a areia molhada. Íamos todos bem montados. Éramos eu, o Lagos, o Coitinho, Manuel, o Vila-Real, e o Senhor Franklin. Andávamos com interrupções, por isso que íamos observando as plantas, e matando passarinhos, e chegamos à Fazenda pouco depois das 11 horas (diz-se que são 5 léguas). Em caminho, até uma, ou duas léguas fora da cidade víamos muitas plantas em flor, nos matos carrasquentos dos tabuleiros; mas para a vizinhança da Fazenda a florescência ia diminuindo, e as matas eram mais altas.

Fomos recebidos pela família do Senhor Franklin, sua Senhora D. Brasilina e duas filhas, D. Maria e D. Liberalina, de maneira a mais amável; e logo servidos de um mui farto e excelente almôço. Depois de almoçarmos, e descansarmos saímos todos a fazermos pequenas excursões, e tomamos conhecimento do lugar em redor. Havia muito pássaro, e mui diverso em grande parte do que eu conheço no Rio; pombos de vários tamanhos e côres, diferentes dos nossos, algumas juritis, que só vi sentados ou voando, muitos tiribas e piriquitos, de várias côres, muitos corrupiões, e cardiais, algum sabiá, picapaus, etc., semelhantes aos nossos, anus, cucurutados, sanhaçus e bem-te-vis ou sibiriri, *caboré; não vi tiês, nem saís, e nem um beija-flor;* na cidade já vi um.

Das plantas muitas eram as mesmas dos arredores da cidade, e a mais abundante aqui era a árvore da borracha, que aqui chamam Maniçoba ** e que foi em grande parte destruída pelos caboclos, quando entraram a tirar borracha; porque esfolavam inteiramente as árvores, e misturando a goma com a terra (para a enxugar depressa) e não fazendo por isso os mercadores diferença no preço, depreciou-se completamente. Há perto e dentro da Fazenda grandís-

* Engenho de São João da Munguba, do Tenente-Coronel João Franklin de Lima.

** Confundo a maniçoba, e o pinhão-bravo.

simas mungubeiras, que lhe dão o nome; abundam também nesse lugares o chamado pau-branco, excelente madeira de cerne; é uma cordiácea, está com flor e fruto; outra que chamam sabiá, madeira também boa, e dá boa lenha. Há mais nesses matos outras madeiras, que não vi, nem tinham flor. Vi em roda algumas plantinhas nossas: vassoura (espécie distinta), miruri, erva-tostão, mata-pasto, e fedegoso. Vimos pela primeira vez em caminho um lugar úmido, com muitas carnaubeiras, que são lindas palmeiras.

Às 4 horas jantamos, e depois foram cadeiras para campo perto da casa nova que está fazendo o proprietário, excelente prédio, de sobrado, e mesmo bem feito. O Senhor Franklin é o próprio arquiteto. Aí sentados, menos a Senhora Franklin (que se acha doente), e a filha mais velha, conversamos até ao anoitecer, tocando a menina mais môça um instrumento que vi pela primeira vez — concertina — e que ela toca com muito gôsto. Entramos para casa, conversamos até o chá, que foi às 10 horas, e fomos para nossas rêdes.

Têrça-feira, 1.º de março — Êste dia o empregamos cada um em sua seção a fazer coleções e a prepará-las.

Quarta-feira, 2 — Tencionávamos subir a Serra da Munguba, mas o aspecto da montanha, cuja vegetação não mostrava flôres, à falta de um prático, e o calor excessivo, me desanimaram. O Coitinho porém e o Manuel tinha ido ontem fazer uma excursão ao alto da Serra do Aratanha, e dormiram por lá em casa dum genro do nosso hóspede que veio com êles neste dia, o Neutel. Eu andei passeando, e observando pelos arredores do Engenho; andei caçando, matei seis lindos pássaros, que abundavam no pomar, cujas goiabeiras estavam com fruta; eram pombos, corrupiões, cardiais, periquitos, tiribas, e vários outros. O serão passamos fazendo jogos de cartas, adivinhações, etc.

Quinta-feira — Depois do almôço, Manuel partiu para a cidade, o Coitinho foi visitar o monte chamado Taitinga onde se conta que há grutas, visões, encantamentos, etc., mas nada achou. Eu, o Lagos, Vila-Real, e o Tenente-Coronel Franklin fomos fazer uma visita ao José da Costa, cujo sítio, chamado Boa Vista, está em meio da Serra da Aratanha, e por êle passa um pequeno rio de nome Pacatuba, e que o dá à bonita povoação que fica logo embaixo da Serra. Êste Senhor Costa, foi o primeiro que veio aqui estabelecer-se derribando as matas virgens, e foi o primeiro que lançou café nestes lugares, isto há 29 anos. Era lugar deserto; e com êle começou a povoar-se o lugar, que hoje é um povo[ado] e de algum comércio. O Senhor Costa, que apenas teve os primeiros elementos de instrução é mui curioso, fala sôbre tudo, até em astronomia, deu-nos muitas boas informações a mim sôbre madeiras, ao Lagos em Zoologia, e admirei o seu espírito observador, e o seu modo de falar, usando palavras próprias, expressivas, e com grande facilidade. Tem moendas de açúcar, cujo engenho mói com dois bois (estava moendo para aguardente), tendo passado o engenho de açúcar para mais alto da montanha; tem maquinismos para despolpar e secar o café, etc. Tôdas essas obras, porém, são tôscas, e se acham

deterioradas; êle nos repetiu sempre: fiz isto quando não podia fazer mais, hoje estou velho (tem mais de 60 anos, disse-nos o Senhor Franklin), os filhos que melhorem. Tem um tanque de banho, onde o toma todos os dias, e quando chegamos à casa êle estava no banho. Tratou-nos mui bizarramente, e com grande sem-cerimônia; a senhora não estava lá. Mostrou-nos tôda a sua casa, correu conosco seu pomar e parte de suas roças, mostrando-nos plantas cultivadas e silvestres. Vi milho colhido em casa, eram as espigas de quase palmo e meio, mas não grossas em proporção, e bem granadas; a côr é entre branco e vermelho. Aqui como lá o milho não se conserva, é logo atacado pelo gorgulho. Vimos no pomar algumas laranjeiras-cravos, que dão aqui com muita dificuldade; na cidade se as há são mui raras (já em Pernambuco nos disse o Senhor Augusto de Oliveira que tôdas as suas diligências para as transplantar têm sido inúteis). Vimos também alguns enxertos, mas nos disse o Senhor Costa, que dificilmente pegam, e levam muito tempo a brotar. Vimos uma quantidade de araçás magníficos; os pés são mui grandes e a fruta é do tamanho e da forma duma laranja pequena (2 polegadas de diâmetro); são amareladas e mui saborosas. Vimos jambeiros enormes (não tinham fruto); muitas ateiras; os pés, aqui, como nos arredores da cidade são mui grandes, chegam a ter no pé palmo e meio de diâmetro; mas esgalham-se logo, e formam grande copa. Frutas de pão, (jacas vimos na cidade grandes e saborosas) goiabeiras, silvestres, grandes, da branca, e que dão em grande quantidade. *Maracujás-perobas* são na forma e no gôsto como os nossos mirins, mas a côr é dum amarelado desmaiado, o tamanho é duma tangerina; dêles fazem excelente limonada, com que nos obsequiou o Senhor Costa, assim como a do *cajá-miúdo,* que aqui segundo parece pela fôlha, é espécie diversa da nossa; uvas moscatéis, mandou colhêr alguns cachos, que nos apresentou; não estavam porém bem sazonadas; ofereceu-nos vinho de caju feito por êle. Ajunta-lhe aguardente, e êsse que nos deu parecia ter aguardente demais. As laranjeiras não duram aqui, atacadas pelo bicho.

Plantas silvestres achamos o *pipi,* que chama tipi, *anhanga, pexirica,* (que não lhe deu nome), a *erva-grossa,* que chamam aqui *língua-de-vaca;* mostrou-nos um pequeno pé de árvore a que dão o nome de *Jucá;* pelas fôlhas me pareceu uma *Caesalpinia,* e é com efeito.

Depois dum farto almôço, ao meio-dia, de bebermos limonadas, ou garapa, e descansarmos um pouco nos retiramos, ficando justos para aí voltar, e subir até o cume da serra, onde há ainda matas virgens, que para baixo têm sido destruídas para plantações de cafés (não pudemos ir aos cafèzais; mas em roda da casa os vi, sem indústria alguma plantados, como geralmente no Rio). Eu e o Senhor Franklin descemos a serra a pé, por mais dum quarto de légua; havíamos subido a cavalo, mas tais são os passos íngremes, pedregosos e, precipitados, que não nos animamos a descer montados. Chegamos assim até quase a povoação de Pacatuba, e alagadíssimos de suor. Aqui em Pacatuba, nos

apeamos em casa dum Senhor F. Justa. (Estas pessoas já as tínhamos visto, e visitado na cidade). Subimos para o sobrado, enquanto o Senhor Franklin ajustava uma casa para virmos nos estabelecer aí por algum tempo, para visitarmos os lugares vizinhos. Seguimos depois a nossa viagem, tendo eu aí em Pacatuba colhido ramos floridos da árvore de lei, chamada *pau-branco*. Chegamos a casa às ave-marias. Chegou pouco depois o Coitinho. Passamos o serão jogando o burro.

Sexta-feira, 4 — Antes do almôço fomos ver a fábrica de açúcar do Senhor Franklin. As moendas são de ferro, horizontais, e puxadas por 6 animais (êle está tratando de pôr uma roda ou tambá, em que com dois animais dentro, mova o engenho, isto logo que se passe para a casa que está fazendo, porque agora mora em parte do edifício do Engenho). Todo o mais serviço da fábrica é com pouca diferença dos nossos engenhos, mas distribuição diversa.

A caldeira e tachos são postos em casa aberta em razão do calor. Na casa do restilo há alguma novidade para mim, quanto à disposição do aparelho. O engenho é feito de tijolo, com pilares, e bom e bem trabalhado madeiramento; é todo por dentro rebocado. Em caminho vimos um engenho, cujas moendas são de ferro, e horizontais, mas o corpo do engenho é como as palhoças ordinárias, com esteios, que são verdadeiras estacas, e o teto de palha de palmeira; mas a casa do cozimento e o resto do engenho é de tijolo, e coberto de telha. Também do Senhor Franklin vi a sua fábrica de farinha, vi outra de um seu inquilino, que estava trabalhando, e vi outras em caminho. As rodas são uma grande, com manivela dos dois lados e movida por dois homens; esta por meio duma corda toca um cilindro ou rodete pequeno; a prensa é apertada por uma enorme alavanca, com parafuso, como a do Azarias, porém o que mais me impressionou foram os fornos; êstes são de ladrilhos de talvez 8 palmos; mexem a farinha com um rôdo. O Senhor Franklin comprou um forno de ferro, que lá me mostrou, assentou-o, mas ninguém poude trabalhar com êle, queimava a farinha.

Depois de almoçarmos nos despedimos desta estimável família, com saudades, e chegamos à cidade depois das 3 horas da tarde.

624 Viagem a Mucuripe *

O Lagos, o Carvalho, Vila-Real, etc., foram logo cedo, depois de parada a chuva, para Mucuripe, casa, ou palhoça do Serafim, para assistirem a uma pescaria. Eu e Manuel fomos para lá depois do almôço. Seriam 10 horas; fomos pelo caminho do *Oiteiro,* todo entre mato, e sombreado. As matas (carrasquenhas) estão quase tôdas floridas. Várias Malpighiáceas (Murici) uma *Chiococca* de flôr amarela, muito abundante, Camarás (*Lantana)* e *Sinantera* (Camará-de-frecha). Muitas Mirtáceas, *Coccolobas* (Carrasco), Manapuçá (Melastomácea), etc. Chegamos à praia com sol mui forte. Uma cousa que observei logo foram alguns cajueiros, nos combros d'areia expostos ao vento, mui esgalhados ao rés do chão, fazendo grande ramalhada; e as raízes se estendiam pela areia a muitas braças de distância, e em grande quantidade. Alguns cardeiros, duma só espécie, corpulentos, lançando galhos, os círios altos de 10 quinas, e em grande número, de modo a formar uma vasta copa; seus frutos grossos, purpurinos se comem. Havíamos visto, logo que chegamos ao Ceará, algumas de suas flôres, mas não as estudamos. Em uma espécie de pequeno alagadiço, pouco distante do mar, na praia, continha grande quantidade de mangue, mas só de *Conocarpus.* As nossas boas-noites *(Vinca)* nascem em quantidade pelas praias, principalmente a variedade de flor branca. Aqui vimos também na praia pela primeira vez o nosso pinhão *(Curcas)* que tem aqui o mesmo nome. Uma outra Euforbiácea, que me pareceu a *Maniçoba* (Borracha), mas me asseguraram que não era, e chamam-na pinhão-do-mato. O rícino também nasce, ou o plantam por aqui. Grande quantidade de Mirtáceas, e muitos arbustos, que não tendo flor, nem fruta, não sabemos o que eram.

Chegados à palhoça do tal Serafim, que nos recebeu alegre, nos disse que os outros estavam na ponta do farol; para lá nos dirigimos. Cheguei ao farol, e subi até a lanterna; é pequenino, e muito mal asseiado. O empregado não estava, sua mulher doente estava purgada, nos disseram as filhas; estas (2 ou 3) e outros pequenos mal vestidos, com ar adoentado, e pés escalavrados dos bichos nos seguraram o cavalo, etc. Aí na ponta do farol há à flor d'areia uma

* Em 9 de março de 1859.

sorte de pedra ígnea, não sei se grés ferruginoso, que é tirada para as calçadas da cidade. Vi aí a chamada salsa-da-praia (Convôlvulo, *pes caprae*) estendendo suas varas por cima d'areia por distâncias de muitas varas, enlaçadas umas com as outras.

Voltamos dali com sol ardentíssimo, chegamos à casa do bom Serafim; é sujeito ativo, esperto, tem 64 anos, é casado, tem a mulher e filhos ricos em Pernambuco, vive de pescador, e tem por amásia uma rapariga môça, forte, e bela. Diz que teve de sua mulher, e naturais 40 filhos! A amásia parece que está pejada. Aí nos entretivemos, galhofando, bebendo cerveja, e leite de côco; e como não se fazia pescaria voltamos para a cidade, eram talvez duas horas, sol ardentíssimo. De volta pela praia eu, e Manuel fomos colhendo algumas plantas. Vi uma Bigonácea arbustiva, de flôres roxas, a que chamam peroba (?).

Vi uns pés de Juá, com frutas ainda não bem maduras; é uma arvoreta ramalhuda, armada de grandes e duros espinhos, de folhagem densa, copada; chega ao tamanho duma boa laranjeira. Vi um pé de Tatagiba, estava com frutos verdes, ou antes flôres. Junto à praia grande quantidade dum arbusto rasteiro, das Crisobalâneas e ao entrar na cidade um pequeno Jenipapeiro com flôres. Junto à praia e expostos ao vento, são as árvores, e arbustos, todos inclinados ou deitados para oeste. Chegamos quase às 4 horas.

625 [Cêrcas, culturas e madeiras da região de Pacatuba]

CONVERSA COM O SENHOR HENRIQUE GONÇALVES DA JUSTA

5-IV-1859 [Pacatuba]

Cêrcas. São feitas (aqui) principalmente do sabiá; e duram 10 e mais anos: e são pelos modos seguintes.

Cêrcas de caiçara. Varas grossas (às vêzes carnaubeiras) deitadas primeiro sôbre forquilhas baixas; e sustentadas com vigas, depois com tesouras, em uma, ou duas ordens.

Cêrcas de outra forma. São moirões, ou estacas dobradas e varões, e ramos enchendo. São também de caiçara.

Cêrcas de paus-a-pique. Forquilhas de distância em distância, bem fincadas e nos intervalos uma ordem de estacas, enterradas um palmo mais ou menos; êstes são os paus-a-pique que se sustentam com duas travessas ou varas, uma de cada lado, metidas nos ramos da forquilha.

Cêrca de varões. São de moirões ou estacas, e 2 a 3 varas amarradas (como as nossas).

Cêrca de moirões. No sertão os currais são feitos de moirões fincados todos, e unidos; alguns são todos de aroeira. Não há aqui cêrcas vivas.

Vimos hoje em passeio que demos com o Sr. Justa, plantações de milho e arroz, nos altos dos lombos da terra do Sr. Justa, que é arroz miúdo.

O aspecto das roças não é formoso; há muita desigualdade; vêem-se pés, ou cachos de milho dum crescimento e vigor admiráveis, e ao pé porções enfezadas e amarelas. O mesmo a respeito do arroz. Diz o Sr. Justa que a planta vigorosa é dos lugares onde a terra queimou bem, e a enfezada e amarela se chama brejada. — *Está brejada;* o mesmo se diz da mandioca quando apodrece nos grandes invernos; se diz estar *brejada.*

Os terrenos que se seguem aos tabuleiros, e que são acidentados, com altos (tombadores) e baixos se chamam *carrascos,* e os lugares baixos e úmidos *ipus.*

Nas serras a parte exposta aos ventos de leste tem uma vegetação acanhada, e as plantações aí de café, e outras não prosperam, acostadas e queimadas pelos

ventos; usam deixar cordões de matas, de espaço a espaço, para proteger as plantações, e os chamam guarda-ventos. Do lado oposto porém, isto é, ao poente, a vegetação é vigorosa, as plantas prosperam bem, florescem mais cedo, e dão mais fruto, crescem mais, têm melhor folhagem. (Creio que a expoisção ao sol da tarde deve influir também para êsse efeito).

As plantações que tenho visto aqui por baixo são agora de arroz e milho junto; muito pouco feijão e milho (o feijão é ou branco ou...[34]; não há feijão preto, nem o usam), pouca mandioca, e alguma planta de algodão. Vi aqui em Pacatuba uma pequena plantação de fumo, que está muito bonita. As roças têm uma má aparência; feitos os roçados nos carrascos ficam muito cheias de cepos, e o terreno não é igualado pela enxada, que apenas cava por cima: cresce o mato com muita fôrça, a planta vem muito desigual, em lugares com grande viço, em outros mui mesquinha e amarela. Às plantações de mandioca chamam roças, e as covas são muito grandes; tôdas as roças são cercadas e de ordinário pequenas.

6-IV-[1859]

Pouca gente tem pomares, e hortas, assim como jardins; assim há uma grande falta de verduras e temperos. As várzeas, dizem, não dão café, que só prospera nas serras, onde também se planta cana.

As plantas aqui comuns ao Rio de Janeiro, tanto silvestres [como] cultivadas, têm um porte mais elevado, e os frutos são maiores.

As bananas são mui grandes.

As laranjas, que não são tão boas como as do Rio, são mui grandes.

As goiabas são também enormes, e mui redondas.

Araçás os há aqui do tamanho de uma laranja-da-china e mui redondos.

As atas, ou pinhas, são enormes, mui boas, mui comuns, nascendo por tôda a parte; os pés são tão grandes como uma grande laranjeira, mas mais esparramados. Os cajueiros e as cajàzeiras são enormes, formam uma imensa copa, e o pé de 3 a 4 palmos de diâmetro. Nos tabuleiros, onde há muita mangaba, os cajueiros vêm por tôda a parte.

Há aqui várias qualidades de maracujás, que é comum, mas não é o nosso maracujá-do-grande. Há um chamado maracujá-peroba, que cresce só nas serras e sobe sôbre grandes árvores. A sua fruta, que é redonda, e dentro inteiramente semelhante ao nosso mirim na aparência e no gôsto, toma o volume de uma boa tangerina-boceta. Fazem dêle excelentes limonadas ou garapa. Ainda não vi dos outros.

---

[34] Lacuna no ms.

6-IV-[1859]

Bacupari: fruta do mato virgem.

Bacumixá: fruta leitosa, redonda.

Gameleira-prêta (figueira): gosta de trepar nas árvores; das raízes se fazem boas gamelas com 2 a 3 palmos de bôca.

Cipó-escada: racham-no e tiram os lados lançando fora a parte média chamada espinhaço, isto quando o cipó não tem mais de um dedo de largura; se é grosso tiram lascas por fora, e botam fora o pau.

O cipó-imbé é o mais estimado, é da casca que se servem para amarrar; o miolo é fino, e tecem com êle cestinhos, tingindo-o de várias côres.

O jenipapo dá árvore grande; da madeira se fazem tamancos, o fruto maduro se come, com ou sem açúcar; é aromático e saboroso; fazem com leite jenipapada.

Cajá com leite.

Murici com leite.

Água de mandioca chamam manipuera; o vinho feito dêle cauim; o vinho *do milho* aluá.

Visgo para apanhar pássaros fazem do leite da jaca, ou também do das mangabas.

Os laços para pássaros são o alçapão (de gaiola) e a arapuca de armar; para caça são fogos. Com alçapão (para mocós) ou têm uma sorte de mundéu com pedra; as gaiolas se fazem do talo da fôlha de carnaúba, com ponteiras de taboca.

NOTÍCIAS DADAS PELO SENHOR CAPITÃO HENRIQUE GONÇALVES DA JUSTA

6-IV-1859

O pau-catingueiro (*caesalpinia*), que deve êsse nome a fazer parte das *catingas (observação de Manuel) quase sempre ôco, é procurado* nos sertões pelos papagaios e abelhas, para sua habitação; assim os que buscam mel e filhos de papagaios os procuram de preferência. A madeira dá boa lenha, e êle já viu alguma obra de tôrno dela, que é de côr escura (o Sr. Franklin diz que das árvores ôcas se tiram bicas).

O pau-sabiá serve para cêrcas, para forquilhas das palhoças, porque resiste bem ao tempo, e dura na terra; dá excelentes caibros descascados, onde não dá bicho; serve para lenha e dá carvão para ferrarias.

O *cauaçu,* dá hastes de mais de 30 palmos; racha muito bem e é mui flexível; faz-se dêle varetas de espingarda, e cabos de vassoura. Disse-me um carpinteiro, que êle dá bons cabos de ferramenta.

O cipó-imbé há na serra, e da embira da casca se servem para amarrar os caibros do telhado (querem dizer talvez as varas).

Chamam tabuleiros às planícies arenosas; às vargens barrentas, que têm vegetação mais alta, chamam catingas, ou também sertões — mas:

Sertão é o país coberto de capim, onde se vêem árvores sôltas, como Pau-branco (talvez tradução de caatinga, por ser êle um dos seus característicos, ou talvez que êle dê o nome às catingas, tirado de sua flor branca, reflexão minha) ou reboleiros de matos, a que chamam catingas.

Pombas de bando. Há delas quantidade imensa, e delas fazem salgas. No lugar em que põem vão limpando o chão e depositando os ovos sôbre a terra, e isto por uma grande extensão e promìscuamente e assim se vêem nesses lugares grande quantidade de pombinhos, uns mais crescidos, outros mais novos, outros saindo e, ao mesmo tempo, grande quantidade de ovos; aí se faz grande estrago nêles, apanhando ovos, filhos, e matando-os.

Não conhecem aqui o berne nos animais. Há bastante carrapato.

Os mosquitos pernilongos: muriçoca (meruçoca, piaçua, etc.) há muitos nas serras, nos baixos poucos; os borrachudos há muitos na serra; mutucas há bastantes, e vários.

Os animais são mui sujeitos ao piolho.

As lagartas (em fevereiro principalmente) destroem a primeira, e às vêzes a segunda planta se depois da chuva vêm alguns dias de sol, aparecendo em grande quantidade.

Os pássaros, principalmente os vira-bostas (graúnas) comem o grão semeado, principalmente o arroz; também o milho, se o tempo é sêco.

627 Apanha do café. Povoamento de Pacatuba

16-IV-1859. Pacatuba

Conversação fora da porta, ao luar. O ex-subdelegado, José Luís, Antero, outro sujeito, eu, Manuel, etc.

Vários casos de desfloramentos; desfloradores recrutados; etc. etc. Parece que é cousa assaz comum.

Falta de moedas de cobre. O Senhor José Luís atribui essa falta, havendo antes muito cobre, a ser a moeda fundida, visto que com duas patacas em cobre, que pesam uma libra, se fazia quatro patacas, que é o preço duma libra de cobre no comércio.

Há lugares no interior onde pesa-se uma libra, com dez tostões em cobre. Os pesos e medidas variam muito em diversas comarcas dentro da Província. Um alqueire daqui equivale a 2 no Rio de Janeiro, e a quarta parte dum quarto, como da canada, se chama *têrço.*

[APANHA DO CAFÉ]

Há muito poucos escravos, e a diária dos trabalhadores, dando-se almôço, jantar, e ceia (que é sempre uma comida leve, milho cozido ou assado, aipim, carás, etc.) é de uma pataca, 14 e 12 vinténs. O ex-subdelegado afirmou que nunca dá mais de 12 vinténs; mas que como lhes dá comida abundante, nunca lhes faltam trabalhadores; e na apanha do café reúne 30 e mais.

O café se paga pelo que apanham, isto é, 1000 por alqueire (8 quartos) a sêco. Alguns dão 500, e comida, o que é sempre mau.

Aqui quase todos os lavradores de café têm despolpadores e a maior parte do café é despolpado; e o vendem em casquinha, dando 40 réis por arrôba, e pelo mesmo preço, que o café socado. Não sei bem a razão disto; parece, segundo ouvi, que o café de casquinha vai todo para o Pará, ou Maranhão e o socado para o estrangeiro; não sei se é assim, nem sei qual a razão da igualdade do preço. Quanto aos lavradores êles acham vantagem no despolpar, pela razão de secar mais depressa; mais fácil de transportar, e os livra do *soque,* que

talvez seja caro com gente livre; o trabalho da escolha, etc. etc., e enfim por não ocupar muito lugar em se conservar.

O café aqui passa por muito bom; ainda não sei em que consiste essa bondade: é talvez devido ao processo da lavagem.

Inda agora recebi um presente de um saquinho de café socado que me mandou o Sr. José da Costa, de seu sítio da serra.

As roças são muito devastadas pelos ladrões. Canas, bananas, milho, carás etc., etc., tudo se furta; principalmente aqui por perto da povoação. No tempo da apanha dos cafés os trabalhadores não deixam nada, devastam tudo — frutas, raízes, tudo. É necessário fechar os olhos para os não desgostar.

17-IV-[1859]

Óleo de café. Diz o Sr. Capitão Justa que é uma preparação de café que se faz para viagens no sertão e consiste em fazer passar o café pela carapuça várias vêzes até tirar a parte solúvel, do pó, ficando em um líquido grosso, e mui oleoso, que se guarda em garrafa. Com êsse óleo, lançando certa porção em água fervente, ou em leite, se faz excelente café, e se guarda por muito tempo.

[INFORMAÇÕES SÔBRE O POVOAMENTO DE PACATUBA]

Conversação com o Sr. Juvenal, filho do lavrador José Antônio da Costa e Silva, na noite de quarta-feira 11 de maio, em Pacatuba.

Esta povoação de Pacatuba começou em 1845, e foram os sertanejos que acossados pela grande sêca dêsse ano aqui chegaram, tendo morrido muitos durante a viagem, e procurando lugares frescos se estabeleceram aqui em grande número e em palhoças, sendo estas terras pertencentes ao patrimônio dos índios.

Os habitantes daqui, como no geral, plantam muito pouco, e vivem mais do que ganham alugando-se; é principalmente para a apanha do café que êles se prestam: o que tem trazido muita gente para a vizinhança destas serras.

Os lavradores os alugam, pagando por cada alqueire (8 quartas) de café cinco tostões, dando-lhes de comer, ou 1000 réis comendo êles à sua custa, mas então lhes entregam o sítio, e êles colhem tudo quanto ali há, devorando, estragando tudo, bananas, laranjas, canas, enfim tudo; e não se lhes pode dizer nada porque desgostam-se e abandonam o serviço.

Seu avô foi dos primeiros lavradores dêste lugar, foi possuidor de tôda a Serra da Aratanha, que se dividiu por sua morte pelos seus 8 herdeiros; dêstes existem hoje só dois, o Sr. José Antônio da Costa e Silva, que mora aqui na Serra, *sítio Boa Vista, e o Sr. Domingos da Costa e Silva, que mora* no seu engenho do Rio Formoso.

O velho tinha sua habitação perto de Arronches, e a êste sítio da Aratanha vinha poucas vêzes (no entanto me disse o Sr. Domingos Costa que êle nasceu aqui). Era homem respeitável e muito religioso; tinha sempre por hóspedes, padres, e frades, que o dissuadiam de mandar educar seus filhos, por isso [que] se tornariam libertinos. A cruz que inda hoje se acha na estrada de Baturité, e na encruzilhada. de Arronches foi mandada levantar por êle; tem mais de 60 anos e ainda se conserva em pé. É de aroeira.

O Sr. Domingos Costa, em 1824, entrou na revolução que se preparava nesta província para se estabelecer a república. Tinha êle então pouco mais de 20 anos e era muito exaltado. O ponto de uma das reuniões dos rebeldes era em Baturité. Conduzia-se para aí dois carros carregados de pólvora; surpreendidos por uma fôrça do Govêrno no lugar chamado Pavuna foram por esta tomados. O Sr. Costa reuniu gente, logo que soube disso e retomou os carros e os conduziu com a sua gente até Baturité. O Governador mandando-os prender só conseguiu apoderar-se de um irmão, hoje morto, João da Costa e Silva, ameaçando-o de o mandar matar se não fizesse com que o irmão se rendesse e entregasse a pólvora. Êste apesar disso, e de muitas cartas e rogos de parentes resistiu; mas como entanto outros chefes haviam sido presos, ou haviam abandonado a idéia de revolução, desanimou e debandou a sua gente, metendo êle pelas matas da serra da Aratanha, onde um prêto lhe levava a comida, depositando-a sempre em lugares diversos em cada dia. Estêve assim homiziado por alguns meses até que esquecido o negócio começou a aparecer.

Disse-me o Sr. José Costa que em 1822 ou 23 (foi em 1825, segundo o Correia) houve uma grande sêca que assolou a Província, e êle afirma que entre mortos de fome, da peste da bexiga, que então se desenvolveu, e a gente [que] emigrou para outras províncias, o que foi favorecido pelo govêrno, a província perdeu a têrça parte do seu povo. Há sem dúvida nisto grande exageração; um décimo que perdesse seria enorme. Em 24 apareceu a Revolução da República do Equador, que agitou tôda a Província * e em 25 mandou o govêrno fazer um grande recrutamento, o que tudo concorreu para grande atraso dêste país.

Em 1845 houve outra grande sêca, em que os sertões ficaram despovoados; foi quando ajuntando-se alguns sertanejos, aqui em Pacatuba, começou a povoar-se êste lugar; e em 1850 começou a tomar a forma que tem hoje edificando alguns prédios.

---

* Há uma única coleção dum jornal (*O Cearense*), que possui o seu redator o Padre Sucupira, que traz muitos documentos relativos a esta revolução, tanto mais importante quanto é sabido que um Padre (Amaral) comprometido na revolução queimou todos os papéis da Secretaria do Govêrno pertencentes a essa época.

Nesta de 45 os desastres não foram tão grandes, porque se acudiu mandando vir farinha de fora e distribuiu-se pela gente, distribuição feita dentro da Matriz, que então não tinha senão paredes e teto (cenas contadas pelo velho Correia, que também foi buscar farinha; abusos que se cometeram, etc., etc.) [35].

[35] O parêntese evidencia a natureza dêstes escritos de Freire Alemão: apontamentos prévios cuja retomada não chegou a se dar. Daí o prolixismo e as repetições do texto.

628 Viagem a Vila Velha, e Barra do Ceará

Em 2 de maio de 1859, depois do almôço, eu, o Dias, o Gabaglia, e o Reis montamos a cavalo, e nos acompanhou um dos nossos trabalhadores com uma lata, e papel, para acondicionar as plantas, que colhíamos.

Eram mais ou menos 10 horas, o céu não estava muito seguro, havia nuvens, ventava sul, e chovia em alguns lugares; mas fomos bem com sol mais ou menos coberto até Vila Velha, onde é a fazenda ou sítio do Senhor Gouveia, rico proprietário português, que aqui reside, e que é atualmente cônsul português. Aí nos apeamos, deixamos os cavalos presos, e com capim que mandou botar o Senhor Gouveia, filho, que aqui se acha. Pelo caminho, que é todo um areial com vegetação carrasquenha, ou de tabuleiro, Mangabeiras muitas, algumas vi do porte duma goiabeira das nossas; estavam com algumas frutas temporãs, e ainda não maduras. A propósito das Guaiabeiras as vi à beira do Rio Jacarècanga (onde se bebe a melhor água na cidade, e que fica distante obra dum quarto de légua) e do caminho, dentro dum sítio; vimos guaiabeiras que me admiraram pelo seu tamanho, tinham pé ao rés do chão. de quase 2 palmos de diâmetro, e a sua copa era porém menor que a de uma mangueira; mas não tão fechada. No sítio do Senhor Gouveia, na Vila Velha há também algumas mui grandes, mas menos que aquelas e estavam com fruta, que também é grande; o Senhor Gabaglia tirou algumas. Os Manapuçás estavam com fruta verde, e com flor; são aqui abundantes, e mui grandes, alguns vi cujo tronco tinha mais de palmo de diâmetro; copa grande e mui basta. Diz o Senhor Dias que os há também no Maranhão, onde os chamam João-puçá, provàvelmente corrupção de *Juapuçá.* Com efeito o fruto tem muita semelhança com o do Juàzeiro. Cajueiros, há aqui bastantes, mas provàvelmente por efeito dos ventos, não se elevam muito; têm por vêzes o tronco grosso, e galhos também mui grossos, mas tortos e deitados, de modo a formar uma copa que chega até ao chão, com aspecto particular, e *atormentado.* Jamagaba há também bastantes, estão com alguma flor e frutas sêcas do ano passado; não são muito altos, e são tortuosos como os Cajueiros, com os quais se parecem. Cauaçu há também bastantes, não muito altos; e estão com fruto verde. Angélica (Rubiácea) está ainda com algumas flôres; mas

tem muita frutinha madura, que é uma bagem branca. Guajeru, há bastante desta planta — algumas vi em arvoretas copadas; Murici há alguns, estão com fruto verde, etc., etc. De plantas rasteiras vi em grande quantidade uma cássia rasteira com flôres amarelas, uma irídea, que à primeira vista me parece Maririçô, uma mimosácea com grandes bordas de flor de côres entre encarnado-branco, e não sei se também azulão. Vi também algum *Camará-de-frecha* (Sinantera), mas não tão vigoroso, com os da Munguba [36].

Na chácara, ou sítio do Senhor Gouveia (lugar da Vila Velha) vi um pé de araticum cujos frutos, que estavam verdes, tinham o seu maior diâmetro de quase dois palmos e com a superfície oiriçada de tubérculos (graviola?).

O lugar do sítio é elevado e plano; dizem que nesta planície houve fortalezas, e edifícios antigos, mas nada nos indicou isso. Descendo-se dá-se logo numa vargem arenosa, úmida, e mesmo alagadiça em parte; por ela passamos com algumas dificuldade, e tomamos uma espécie de aterrado, mais elevado, e que chega até o rio. Parece que foi obra artificial atribuída aos holandeses, e que servia entre a povoação antiga, ou mais seguramente a moderna, e o Rio Ceará. Por êle seguimos tendo capim até a cintura, muito carrapicho, alguma guaxima, que aqui chamam Malva-de-embira, e cujas flôres têm dois tantos da que há no Rio; mas creio que é a mesma espécie. Isto nos era tanto mais incômodo, que entrou logo a cair uma chuva, não fina, e que durou todo o tempo da nossa excursão ao rio. Havia mais por entre êsse capim a turnerácea chamada *Chanana,* várias papilionáceas e entre elas uma soberba chitona. que o Reis desenhou, com flôres grandes, e é dum belo roxo purpúreo; e também a rubiácea (*Spermacocea*) que é por êstes lugares (tabuleiros) muito comum. Chegamos enfim ao Rio Ceará, que nesse lugar, 80 a 90 braças, a maré vasava. A barra fica daí talvez 1/8 de légua. Do lado direito do rio está um alagadiço, que chega daí ao pé do morro da Vila Velha, e se estende até as fraldas do monte, onde é provável, que existiu a fortaleza, e povoação portuguêsa que foi tomada pelos holandeses. Uma boa parte dêsse alagadiço, à beira do rio, está coberta de mangues. Foi para mim de grande admiração e surprêsa a vista dêsses mangues; e custou-me a acreditar que estas enormes árvores eram os mesmíssimos nossos mangues. Figure-se uma floresta de árvores de 80 pés de altura, um pouco tortuosas, grossas em proporção, e com as numerosas e gigantescas arcadas de suas raízes, emaranhadas de modo a [tornar] difícil [a] passagem a um cão e tal era o espetáculo que se me oferecia. As Rizóforas eram as mais corpulentas, estavam carregadas de frutos (êstes me parecem menores que os das nossas) e de lá de cima de seus ramos mandavam raízes aéreas, que estavam pendentes. A madeira desta árvore é fusca e dura

[36] Referência à Fazenda da Munguba. Cf. n.º 623.

(não lhe vi branca); o seu cerne, que aqui chamam *miolo?* ou coração, serve para muitas obras; mas disse-me o Sr. Gouveia filho que na terra pouco dura. Depois eram as Avicênias; uma delas vi que tinha 3 palmos talvez de diâmetro; o seu seu cerne é *pardo,* e *duro.* Enfim as *Laguncularis* que vi tinham o porte duma boa guaiabeira nossa. Não achei aqui o *Conocarpus,* que vi em Mucuripe pela primeira vez. Aí nos demoramos um pouco observando o rio e o seu bosque, de que o Carvalho começou a tirar-me vistas, mas a chuva o embaraçou e nos obrigou a retirarmo-nos. Chegamos à casa ou sítio do Senhor Gouveia já sem chuva. Aí mui suados e molhados, e emporcalhados, bebemos aguardente e água de côco; arranjei em papel as plantas que tinha colhido, e o Senhor Carvalho desenhou a flor da bela Clitória, de que já falei. Saímos com o Senhor Gouveia, que me foi mostrar a chapada do seu sítio, onde se diz que houve a povoação, mas nem um vestígio me certifica disso. Foi êle depois mostrar-nos o engenho, que move com água, e tem moendas de ferro horizontais. O engenho é de telha, paredes e pilares de tijolo, rebocados e caiados. Havia na vargem um canavial de canas-caienas. Vimos a sua fábrica de farinha; as rodas (roda e rodízio) e banco é tudo de ferro, e pela primeira vez vimos forno de cobre, mas muito grande, tinha de 8 a 10 palmos de diâmetro. A prensa com a enorme viga, e parafuso, como são aqui tôdas.

Montamos a cavalo, era 1 hora e o Senhor Gouveia nos quis acompanhar para mostrar-nos as ruínas da antiga fortaleza e a barra do Ciará; montou a cavalo como estava, em mangas de camisa e só trocou os tamancos por uns sapatos. É filho do fazendeiro, dizem, o mais rico do Ceará, e asseguram que tem mais de 200 escravos! distribuídos por várias fazendas (de criar) e sítios (engenhos). Vive em um lugar da cidade quase subúrbio, chamado *Garrote,* e faz parte do *Oiteiro.* Sua casa é térrea, e baixa, a sala ladrilhada, e o teto forrado de lona; tem uma grande chácara, a que chama sítio, é homem que deve ter perto de 70 anos, tem 3 filhas, e um filho; das filhas vi só uma, que não é feia. Dizem que as não quer casar senão com português ou inglês.

Acompanhados pelo Senhor Gouveia Filho, como dizia, seguimos uma vereda por dentro do arvoredo (carrasco) e chegamos a um lugar onde êle diz que se tem achado pedras caliças, etc. e que é tradição ser resto da fortaleza. Eu não me apeei, nem os outros, para vermos isso melhor porque para sabermos alguma coisa com certeza é necessário estudos mais custosos. Costeamos o monte, muito mais alto, do que o lugar onde está a casa e sítio; fica-lhe por baixo um alagadiço, que é tradição ser aqui a antiga barra do rio (eu cuido que aqui havia bacia, onde se recolhiam os navios de pequeno calado que chegavam a êste pôrto), e é pelo lado do mar interceptado por um grande e largo cômoro de areia; rodeamos e andamos pelos montes de areias até chegarmos à barra do rio, que estava nesta baixo, por ter vasado a maré. Tendo observado a barra, e voltando, o Senhor Gouveia despediu-se de nós, e nós seguimos pela praia

e rebentação do mar até a cidade. É uma praia como a da Restinga de Marambaia, larga e rasa onde se quebram os rolos do mar contìnuamente, e vai insensìvelmente subindo para os combros de areia que bordam tôda a costa do Ceará. A distância da barra do rio à cidade é de 2 léguas; mas o sol estava meio toldado e assim fizemos esta viagem agradabilìssimamente caminhando sempre pela areia molhada. Chegamos à cidade depois das 3 horas; e a maior parte do caminho pela praia foi de galope, e de esquipado.

629 Invernos do Ceará

3-V-1859. Fortaleza

É em outubro que começam as chuvas; estas são parciais, em chuveiros, e principalmente pelas serras, e ordinàriamente escassas, e muitas vêzes falham, com grande prejuízo da lavoura. Chamam chuvas-de-caju, porque com elas amadurecem os cajus. Continuam os chuveiros raros por novembro e dezembro. Estas chuvas se podem chamar as precursoras do inverno.

Antigamente (segundo a tradição) e hoje mui rara vez, entrava o inverno do ano em janeiro; mais comumente entra em fevereiro (como êste ano em que começou no dia 4 de fevereiro), outras vêzes é só em março que começa, e é, já, um mau inverno. Até 19 de março (dia de São José) esperam pelas chuvas; se por êsse tempo não chove (no equinócio) há sêca, ou faltam as chuvas do ano. Rara vez chove em tôda a Província ao mesmo tempo, mas alternadamente, ora aqui ora acolá. Às vêzes em certos lugares deixa inteiramente de chover, e se chama *inverno malhado*. Várias vêzes começam as chuvas pelo litoral (e creio que será o mais comum), outras vêzes pelo sertão; e então para junto ao mar se vêem enchentes às vêzes devastadoras, estando-se a sofrer sêca. As chuvas aqui são em chuveiros ou pancadas, que raras vêzes duram mais de meia hora, mas com tal fôrça, que tudo se alaga logo. Êstes chuveiros [são] de madrugada, ao romper do dia, ou entre 9, e 11 horas, raras vêzes depois do meio-dia, e poucas vêzes se vê chover por todo o dia. Ordinàriamente há 1, 2, a 4 chuveiros, mais ou menos férteis e abundantes, tocados aqui sempre com vento sul, e sueste; em fevereiro e março são mais ordinárias as chuvas durante a manhã. Em abril, que é a fôrça do inverno, já chove também de tarde, mas mui rara vez chove de noite. São as noites sempre, ou quase sempre belas.

Isso aqui na cidade, dizem; parece que para o sertão é o inverso, que as chuvas são sempre ou quase sempre de tarde.

Não vi aqui sôbre a cidade uma trovoada; bem que às vêzes isso acontece, e mesmo havendo desastre causados pelo raio. Poucas vêzes trovejou aqui forte, mas contìnuamente fuzila de tardinha, ou de noite ao horizonte, de sudoeste a sueste; mais constantes ao sul, sem ouvirem roncos; às vêzes êles se aproximam

e dão trovões fortes. Enquanto estivemos em Pacatuba tínhamos sempre as trovoadas mais perto, e mais altas; às vêzes com roncos fortes e tormenta d'água.

Há por aqui muitos lugares baixos, chamados ipus, e bacias de lagoas, que no verão estão sêcas, mas com as chuvas vão tomando água, e se o inverno é bom formam grandes depósitos d'água. Para perto das serras forma-se uma grande quantidade de rios inúteis e de ribeiras, que tornam os caminhos maus e às vêzes com atoleiros.

Em maio, vão diminuindo as chuvas; em junho já pouco chove; em julho começa o verão que vai até setembro; em agôsto é a fôrça do calor. Pelo sertão as árvores estão nesse tempo inteiramente despidas, exceto algumas poucas como a Oiticica e outras, que sempre estão com fôlhas.

Dizem os homens do país que com três meses de inverno regular há fartura na Província.

MORTANDADE DO GADO

Quando as chuvas são escassas, ou quando faltam no mesmo ano, ou quando não foram suficientes no ano precedente, não tanto à falta d'água como à falta de pastos, que perece o gado: assim neste ano em que o inverno não é mau, a escassez do ano passado fêz morrerem muitas mil reses pelo sertão. Quando isto acontece o gado é afetado do mal triste (morrinha), que parece grassar como um contágio, fazendo essa mortandade.

O Senhor Gouveia, que tem fazendas de gado, nos asseverou que não é nem a falta d'água, nem a dos pastos que mata o gado, mas o mal triste. A rês morta desta moléstia, cujo coiro se aproveita, apresenta a passarinha e o fígado mui volumosos. É pois uma sorte de *episocea,* uma febre pestilenta que mata o gado. É, quanto a mim, devido a comerem más ervas, e a beberem águas corruptas, e isto no tempo dos grandes calores. Êste mal triste acomete também o gado que vem do sertão para o litoral, provàvelmente pelas mesmas causas *.

Esta Província, pela benignidade de seu clima, pela uberdade maravilhosa de seu solo, angustiado pela temperatura e umidade quase constantes, se não fôsse sujeita a êsse flagelo das sêcas, seria uma das mais preciosas do Brasil.

É tradição que em tempos antigos as sêcas não eram tão freqüentes e tão devastadoras. É portanto digno de ser averiguado. Em outros tempos havia menos povoação, havia proporção mais de pastos, em relação à criação, e por isso o mal se não fazia sentir com tanta fôrça. É conjectura minha. Também os invernos invariàvelmente longos e abundantes são prejudiciais.

Para atenuar o mesmo e remediar até certo ponto os efeitos da sêca, era necessário fazer reservas tanto de águas (por meio de açudes) como de forragem,

---

* Tenho agora sido informado de que quase sempre as moléstias e mortandade do gado são precedidas da praga de carrapatos, que amofinam muito o gado.

secando a erva e guardando-a em paióis, e em proporção conveniente, e como também de sementes alimentícias, como milho, arroz, feijão, e também farinha preparada, a não se poderem conservar os mandiocais. Tantos capitais que se aniquilam com uma sêca bastavam talvez para preparar os meios e os modos de se fazerem tais reservas.

Em geral a água que se bebe é má, em grande parte tirada de cacimbas ou poços brutamente feitos na terra. A do Rio Jacarècanga passa pela melhor daqui da cidade. E em alguns lugares tenho bebido água da chuva excelente.

(Estas notícias são principalmente pelo que respeita às vizinhanças desta capital).

30-V-1859

O que fica escrito foi, como se vê no princípio de maio; mas pelo mês em diante a coisa foi diferente. Todo êsse mês o temos passado, com algumas interrupções, em Pacatuba. Até além de meado o mês de tarde fuzilava sempre sôbre o horizonte de sudoeste até sueste; algumas trovoadas chegaram a Pacatuba (na cidade caiu no dia 15 ou 16 uma fortíssima trovoada, pela meia-noite, sôbre a cidade, com muita chuva e vento, que assustou a povoação). Em Pacatuba não a ouvimos ou foi muito fraca; mas lá deu por êsse tempo, entre duas ou quatro horas da tarde um fortíssimo tufão de sudoeste, que fêz muitos estragos pela lavoura, derribou casas, e muitas árvores. As chuvas neste mês não têm tido hora certa mas os grossos chuveiros têm sido mais de tarde; e algumas noites têm sido muito chuvosas; é por quase tôda a noite isto, principalmente agora para o fim do mês. E então o céu tem estado sempre mais ou menos coberto; e o ar muito quente, e muito úmido. Todavia em Pacatuba as noites têm já sido bem frescas.

Ontem (29 de maio) lá pelas 10 horas da noite caiu sôbre a cidade um forte vento; o céu escureceu muito, mas a chuva foi fraca; e às 11 horas tinha tudo passado.

630 Passeio a Jacareí *

Domingo, 8 de maio

Convidados para assistir ao batizado de um filho do Senhor Manuel Carlos Frederico de Sabóia, todos os membros da Comissão, e faltando Manuel e Vila-Real que estão em Pacatuba, e os Senhores Soares e Gabaglia por incomodados, saímos depois do almôço a que também assistiu o Dr. Padre Pompeu, que era quem havia de batizar o menino. Éramos dez cavaleiros; e por um belo dia caminhamos pela estrada de Mecejana, que é mui boa, e chegamos ao sítio depois das 17 horas e fomos recebidos pelo dono da casa admiràvelmente. Acha vam-se aí várias famílias, suas parentas; eram oito môças, três senhoras e o Dr. José Lourenço (a dona da casa estava incomodada) além de algumas meninas. Fomos servidos dum farto almôço; depois conversou-se, bebeu-se cerveja, água de côco, comeu-se frutas — atas, laranjas, etc. Seriam 3 horas quando se fêz o batizado; e depois das 4 pôs-se o jantar, constando de sopa, vários assados, um frigideiro, frutas como abacaxis, atas, graviola, jaca, bananas, queijo, vários doces de massa e calda, vinhos, cidra. Saúde vai, saúde vem, gastamos mais duma hora na mesa. Tudo isto se fazia na casa do engenho, e ao pé das moendas de ferro. A casa é tôda aberta, todo o madeiramento é de carnaúba, coberto de telhas; os esteios são paus toscos e com casca. Assim comíamos ao vento, e também ao sol. Depois do café fizemos um passeio em giro pelas roças de mandioca, acompanhados por tôdas as môças; tôdas estas senhoras (menos uma) sem ser formosas, são bonitas, bem vestidas, bem penteadas, elegantes, desembaraçadas, espirituosas; e como quase tôdas as cearenses, de belos olhos, e lindos dentes. Pouco antes do anoitecer montamos a cavalo; eram 12 cavaleiros — 9 da Comissão, o Padre Pompeu, o Dr. José Lourenço, um militar, que aqui está em serviço. No caminho vi algumas plantas que ainda não havia visto: um Jatobá com fruta; e *alstroemeria,* trepadeira de flôres umbeladas que temos no Mendanha. As senhoras quase tôdas foram ao passeio e me trouxeram cada uma um [ramo] de flôres, mas triviais, como de jambuís etc. Guaribus com fruto,

* Sítio do Senhor Sabóia.

etc. O Senhor Sabóia me disse que estrumava seus canaviais com bosta que colhia, ou comprava dos currais, e que o estrume de semente de algodão faz produzir à cana muita fôlha (mas não amadurece bem); disse mais que do pau-paraíba só se servem da fôlha para agasalhar bananas e amadurecê-las. Diz que a maniçoba é uma despena de farinha, que dura na terra até 16 anos sempre boa, mas é necessário todos os anos limpá-la, queimar (e plantar milho) que então brota de nôvo; que a farinha é mais alva, mui gomosa, mesmo tirando-se a tapioca, e mui boa; o trabalho é de tirá-la da terra.

631 Ascensão à Serra da Aratanha

18-V-1859. Pacatuba

Segunda-feira 16 de maio, depois das 4 horas da tarde eu e o Lagos, acompanhados de nossos criados, montamos a cavalo, e subimos a Serra da Aratanha até o sítio do Senhor José Antônio da Costa e Silva, onde chegamos depois das 5 horas, estando a família ainda à mesa. Esta subida, bem que em pequenos ziguezagues, , é quase a pique, e seguindo o vale, ou grota, por onde corre o riacho Pacatuba, é áspera, e com passos temíveis ou despenhadeiros. Há lugares em que se sobe por uma escada de pedras barrentas, e isto com cavalos desferrados!

O Senhor Costa, e sua senhora, a Senhora Dona Maria Teófila nos tem sempre recebido da maneira a mais franca e a mais obsequiosa, instando sempre para que vamos passar o tempo que quisermos em sua casa; e de mais somos sempre presenteados com doces, queijos, beijus, frutas, etc., etc., enquanto temos estado em Pacatuba. O Senhor Costa tem-nos ainda sido de muita utilidade com notícias que nos dá de coisas do país, de que tem largo conhecimento. É lavrador de cana, e hoje mais particularmente de café, tendo sido um dos primeiros que tentou esta cultura. O seu café é todo despolpado, porque tem despolpador em casa, e despolpador portátil que o assenta nas roças onde o café apanhado é logo despolpado. O seu engenho de moer cana é na própria casa, por detrás da cozinha; é um grande molinete puxado por bois. É homem curioso, e tem muitas plantas exóticas cultivadas, mas tudo isto tudo tôsco, e sem ordem. A sua casa edificada sôbre rochedos, tem uma entrada das mais ignóbeis; mas subindo-se tem primeiro uma antessala aberta dos dois lados, com parapeitos que se fecham de noite, ou com a chuva, levantando-se grandes abas, que chegam ao frechal. Assim é também a sua casa de jantar, do lado oposto e imediata à cozinha; é uma espécie de grande varanda, mas que tôda se fecha pelo modo que disse. Entre estas duas partes há duas salas mui decentes, teto forrado, janelas envidraçadas; e tudo pintado. Na primeira está um bonito piano, sofá, e cadeiras de palhinha, cadeiras de balanço, muito usadas aqui, mesmo em palácio, bofetes com mangas e jarras; castiçais de cristais no fundo de uma alcova, com cama armada de cortinados, colchas, etc., rodapés rendados,

etc. É bem asseiada. Aqui estava atualmente seu filho, o Senhor Juvenal Galeno da Costa, moço que tem alguma educação, e que é meio poeta — estuda no Rio de Janeiro. A outra sala que se segue é no mesmo gôsto, mas não tão bem mobilhada; por cima destas duas salas há um sobrado onde mora uma filha solteira, que agora está com outra casada; pelos fundos há cozinhas, engenhos, etc., e repartições que eu não vi. Por baixo há umas lojas que servem para armazém, moradia dos escravos, etc. e para o lado esquerdo fica uma roda d'água com que despolpa café, soca, etc.. Aí fica também a caldeira e tachos para o açúcar e o alambique para aguardente. Por cima destas fábricas corre um largo tabuleiro com peitoris, que serve de varanda à casa, e onde seca o café; há outro mais baixo; mais outro corre do mesmo lado na extensão do terreiro que está em frente da casa, na altura do primeiro sobrado, e serve também de varanda e de secar café e mantimentos. Com esta comunica a sala de jantar, e aí se toma café depois do jantar, havendo por baixo e sôbre a rocha um mato de flôres, jasmins, rosas, mimos-de-vênus, que aqui chamam *graxa*.

Em roda da casa, que como já disse está sôbre rochas altas, há despenhadeiros e por detrás pedras altas, que escurecem a cozinha. Foi buscar água do riacho Pacatuba; com [ela] move o seu engenho d'água; metem água em casa, e fêz um excelente banheiro.

Como dizia, chegamos aí estavam acabando de jantar, e vieram logo receber-nos. Estivemos na antessala sentados em rêdes, e aí conversamos até a hora do chá, que foi servido com muita variedade de biscoitos, bolinhos, além do pão, queijo, etc. Conversamos depois até além das 10 horas, em que nos foram armadas na sala de visita duas belas e mui asseiadas rêdes, com almofadinhas cheias de crivos e rendas, lençóis, etc. De manhã logo que nos levantamos veio-nos bom café; conversamos, e passeiamos pelo pomar em roda da casa de banho, onde o Senhor Costa se banhou; aí colhemos algumas plantas; e vimos uma boa plantação de Ubás, que aqui chamam Cana-brava; estava com frecha. Depois de um farto e delicioso almôço, era mais de 11 horas, nos preparamos para a subida da serra. O Senhor Costa nos quis acompanhar; eram eu, êle, e o Lagos (o Juvenal ficou tomando conta da casa) um prêto velho mateiro; e nossos dois criados. A ascensão foi a cavalo; e o caminho mais íngreme, mais horrível que o da subida para a casa. E eu ia tremendo, e em alguns lugares me apeava. Chegamos enfim ao alto da serra, e entramo-nos já em matos virgens; dobramos o primeiro cabeço da serra, e demos no vale, profundo, onde corre o Pacatuba, ou antes onde tem origem, e são mui profundos tremedais, por uma longa garganta, e coberta de mato baixo, vendo-se algures água. Adiante correndo o mesmo vale, e já havendo bastante água, fêz o Senhor Costa um açude entre os montes, que represando a água forma uma vasta e profunda lagoa, o que produz um movimento de surprêsa naquela altura. Andávamos costeando êsses vales e por meio de cafèzais e de matas virgens, quase sempre

roçadas, ou *brocadas* como aqui dizem, quando o tempo escurece, venta sôbre os cimos ou cabeços da serra e começa a chover. Foi para nós um grande desapontamento; e procuramos agasalhar-nos em um rancho de pindobas; mas quando aí chegamos, estávamos já bem molhados, tanto pela chuva, como pelo orvalho do mato, e dos cafèzais. Demos pois a nossa excursão por concluída, e nos fizemos de volta, que para mim foi bem penível, pois a fiz tôda a pé; e chegamos à casa em estado deplorável. Mas tínhamos levado roupa; e nos asseiamos para apresentar-nos ao jantar, que foi pelas 4 horas da tarde: jantar excelente e farto. Acabado êle e tomado o café, nos preparamos para descer; eram ave-marias, e eu não tive remédio senão em descer a cavalo com o credo na bôca, e suando como se descesse a pé. Chegamos a Pacatuba já bem noite, e livres de perigo.

VEGETAÇÃO

Do sítio (Boa Vista) até o alto da serra a vegetação tem muita semelhança com a do Rio de Janeiro nas vargens; muitas plantas são da mesma espécie, mas é notável, que quase tôdas (assim é também a respeito das cultivadas) têm maior vigor, maior porte, maiores flôres e frutos.

Por detrás da casa vimos: Erva-grossa (que chamam aqui língua-de-vaca), Alfavaca; Oficial-da-sala (que chamam...?) Guaxima, de flôres mui grandes (malva-de-embiras; há porém uma triunfeta, de varas mui longas e que dá embira mui forte e não dura, esta é, segundo o Senhor Costa, a verdadeira Malva-de-embira, que até os inglêses a compram); *Anhanga pucherica,* Pariparoba (que chamam Caapeba, mas outra piperácea que à primeira vista se confunde com a Paribaroba, é a verdadeira Caapeba medicinal: tem fôlhas menores, mais delgadas e mais lisas; e os amentos solitários), Picão (que chamam carrapicho) e um *Bidens,* que me parece ser o mesmo de lá. A Piperácea chamada *Pertarnão,* ou espécie mui semelhante; Fedegoso-bravo, ou espécie mui próxima; Guaiabeiras.

No alto da serra, *Oficial-da-sala,* muito abundante; Guaxima de flôres mui grandes; Tabica (rutácea). Uma amomácea de fôlha cheirosa com frutas côr-de-laranja (Imberil?); *Samambaia pteris; barba-de-velho* (diz Manuel que é outra espécie diversa da nossa); Figueira-branca, *Sapium aucaparium* (que chamam aqui burra-de-leite).

Árvores silvestres: Ipê de flor amarela (que chamam pau-d'arco-amarelo, exclusivo, ou mais abundante nas serras; nos baixos domina o roxo). Gargaúba, Coriácea que dá a melhor embira daqui; Maçaranduba vimos algumas grandes, e o meu rapaz apanhou no chão a fruta madura de uma. Tinguaciba (que chamam Limãozinho; estava com fruto). Mamalucas são grandes árvores de fôlhas miúdas, casca lisa e avermelhada, cerne...[37]; é uma Mirtácea. Algumas

[37] Lacuna no ms.

de que se quis tirar amostras estavam ôcas; atribuem isso às ventanias da serra. Arapoca (rutácea) que chamam Amarelinho; Urucurana (que o Senhor Costa chama Sangue-de-boi — estavam com flor e fruto verde alguns indivíduos femininos. *Piruás* — grandes árvores, cuja madeira é branca; não sei nem a que família pertencem; Catucanhém (que chamam...[38]), tiramos fôlhas de duas espécies; Carrapeteira (que chamam Jitó); Lacre (Vísmia); vimos em um lugar uma mata secundária no alto da serra, que quase exclusivamente era formada desta planta, e tem aqui aspecto duma árvore — semelhante às nossas aroeiras no tamanho.

Achamos um *Cybianthus* mui florido; era pequena árvore. *Panax* ou *Actynophyllum,* vimos uma árvore com botões; Jaracaties, vi muitas e grandes árvores; me davam aparência de paineiras; Embaibeiras grandes de espécie diversa das nossas. Vimos no alto um pé de pau-paraíba, que o Senhor Costa me asseverou ser o mesmo dos tabuleiros; é madeira branca, e leve; diz que dá paus grandes, talvez para canoas.

A mata no alto da serra não tem a majestade das nossas do Rio; assemelha-se um pouco com as de Petrópolis; um grande número de árvores me parecem estranhas; e não havia flor nem fruto; era muito pouco.

Nem um animal avistamos, nem um mosquito; de pássaros só ouvíamos algumas arapongas troarem os matos, sem as vermos, e alguns lotes de tiribas passaram.

Cultivadas: Laranjas, Jambos, Araçás, Árvore-do-pão, Jacas, Mamões (nativos), Jenipapos (nativos), parreira, Urucu, Ubá, Abiu (*Solanum*)-do-Pará e de que comemos doce, Cajus, Andirobas (Meliácea, Atas, *Mimusops disserta,* Bacurupari (silvestre?).

O alto da Serra da Aratanha é um grupo de grandes cabeços, ou montes separados por vales mais ou menos profundos. Tudo está já devassado, e com plantações, principalmente de café, mas essas roças, são entremeadas de porções de matas virgens, ou porque os terrenos são ásperos ou impróprios para cultura, ou muito açoitados pelos ventos de agôsto, ou enfim são também deixados para proteger as plantações, e se chamam guarda-ventos; isto não só no alto da serra, mas pelas encostas se observa essa rêde de matas, que dá à serra um aspecto de mosaico irregular, parecendo as roças uns furos por entre as matas. O vento reina quase sempre no alto dessas montanhas e às vêzes violento, e se precipita pelas encostas, e grotas, assolando tudo.

---

38 Lacuna no ms.

633 Viagem ao Rio Baú

Ontem 15 de junho de 1859, partimos pelas 10 horas da manhã de Pacatuba, eu, Manuel, e o Capitão Henrique Gonçalves da Justa; levaram nossa bagagem e comida o meu criado e do Manuel, e ia mais o mateiro José Manuel. Chegamos a Guaiúba pelas 11 horas pouco mais ou menos; desviamo-nos da estrada para ver a povoação, que é insignificante — uma pobre igreja sem aparência de templo, numa meia laranja, com praça em frente, guarnecida pelos dois lados, e mais baixo que a igreja, por casas térreas e pobres. Chegamos ao largo, e depois paramos, sem nos apearmos, em casa de uma família conhecida do Justa. Daí seguimos e passamos o rio Guaiúba, que corre junto à povoação. Íamos muito devagar, vendo e colhendo plantas, e só às duas horas é que chegamos ao Rio Baú, que passamos, fomos pousar numa pobre casa dum sujeito chamado João Francisco, conhecido também do Justa.

Calcula-se ser de Pacatuba a Guaiúba uma légua e daí ao Baú duas léguas. Todo êsse terreno é muito pouco cultivado, e é todo coberto de matos, ora altos, ora carrasquenhos. Da Guaiúba até o Baú, disse-nos o Senhor Justa que tudo é virgem, quer carrascos, quer matas altas. O caminho que é a estrada de Baturité é bastante reto, mas com subidas e descidas de fortes ladeiras, porque o terreno é de altos e baixos; nos altos há de ordinário chapadas mais ou menos extensas e planas, e nas baixas há também algumas vargens planas úmidas ou menos extensas e planas, e nas baixas há também algumas vargens planas úmidas, onde a mata se torna alta, e viçosa; mas nos altos, onde o terreno é árido, se torna ela carrasquenha, conservando todavia muitas das mesmas árvores. A vargem onde corre o Baú, onde a estrada o atravessa será 500 a 600 braças, de largo; é o vale do rio plano, barrento (barro negro viscoso); há aí alguns atoleiros. O rio não corre bem pelo meio, porém mais para o lado de Baturité. Êste vale é limitado por duas elevações, que formam chapadas nos dois lados, com altura mais ou menos de 20 varas, e com ladeira fácil; a chapada que fica para o lado do Guaiúba é duma grande extensão e plana; à outra não fomos, porque a casa onde nos arranchamos é à beira do rio. Êste vale nas grandes enchentes do rio fica em parte alagado. Os rios Guaiúba e Baú são de fôrça quase igual, com ribeiras altas e largas e fundo arenoso; agora tinham água tanta como o Rio Guandu na margem do Men-

danha, quando está nem cheio, nem vazio. O Guaiúba oferece uma pequena cascata cuja queda será de 6 a 8 palmos de altura, porque uma grossa veia de pedra *gneisse* o atravessa; forma-se em cima dessa muralha uma larga bacia, e em baixo outra muito mais funda. Os engenheiros dirigiram a estrada de modo a passar por cima da pedra, onde tencionam fazer a ponte, fazendo um grande arco por cima da cascata. Ambos êstes rios se tornam temíveis no tempo das chuvas, mas nos verões diminuem muito e mesmo nas grandes sêcas se cortam.

VEGETAÇÃO

Logo que saímos de Pacatuba fomos achando o caminho bordado de flôres. Eram principalmente convolvuláceas de lindas e grandes flôres, que cobriam as moitas e árvores, e mesmo alastravam o chão. Contamos 6 ou 7 espécies entre tôdas. *Camarás;* Lantanas de flôres douradas, e pela primeira vez as vimos de flôres brancas; e à margem do Baú uma variedade de flôres côr d'oiro, e rubis; pelo chão, à beira do caminho eram as lindas flôres, e quase semelhantes no tamanho, forma e côres, que facìlmente se confundem, da Meladinha e da Chanana, e mais algumas Centrossemas de flôres grandes e vistosas; e enfim outras mais abundantes. Das árvores, raríssimas estavam em flor, e poucas com frutos. O Vale do Baú é um todo coberto duma mata virgem de grandes árvores, bem que não iguala as nossas do Rio de Janeiro; as árvores, que aí notamos passando pela estrada sòmente são:

Pau-branco, de cerne roxo (dizem haver outro de cerne *loiro)* em grande quantidade. *Angicos,* grandes árvores com o porte, aparência dos nossos cabuís. Estas árvores tomam grandes proporções, o seu cerne vermelho-sangüíneo com veios escuros é excelente madeira de construção, e de marcenaria. Na capital são os móveis desta madeira, e simula o mogno. Estavam com bagens, que colhemos a tiros, mas não bem maduras. *Pau-d'arco-roxo* (isto é, de flor roxa) há muitos, tanto dêstes como do Angico, mas não muito grossos, porque se tem tirado daí, e à beira dos caminhos tôda a grossa madeira. É notável que estas árvores estão com fôlha e sem flôres, quando as que vi vindo da cidade do Rio Jenipabu, até os arredores de Pacatuba, estão pelo maior parte menos floridas (é provável que venham a florescer de outubro a dezembro, e essa é a opinião do mateiro e do Capitão Justa, sendo a florescência de agora antes esporádica que verdadeira, se é que elas não *floram* duas vêzes no ano, no princípio e fim do inverno). *Cedro* e *Aroeira,* apenas dêles se viram uma ou duas árvores; afirma o Capitão Justa e o mateiro, que eram aqui abundantes, mas que se têm cortado. *Marizeiras* algumas e bastante grandes; *Juàzeiros* alguns; *Maniçobas* muitas e muito altas; estão com fruto; *Carnaúbas* há bastantes no meio da mata e mui altas, excedendo os Angicos. Nos carnaubais não as vi dessa altura (tronco de mais de 100 palmos, delgados, quase

direitos, e com mui pequena copa). *Catolés* (coqueiros) há também bastantes; *Purga-de-leite* (Euforbiácea) pequena árvore, há bastantes, estão com fruto; *Jucás* há alguns; *Catingueiros,* bastantes, e grandes; muitos dêstes estão com flor e fruto; *Jurema-amarela* há bastantes; e uma mimosácea cuja madeira é mui semelhante ao que no Rio chamam Cabuí-vinhático, Vinhático, ou Vinhático-de-espinho. Estas são as árvores que observamos. Há aqui Imburanas--de-cheiro ou *Cumaru,* e *pau-violeta;* mas não nos foi possível vê-los. Na grande chapada vindo do Baú para o Guaiúba há mata densa, carrasquenha, e virgem segundo afirmou o Senhor Capitão Justa. Êste carrasco assemelha as nossas pequenas capoeiras, cujo porte se regula pelo das Goiabeiras, e Aroeiras; *mas é aqui mui basto o mato, formado de grande quantidade de plantas* multicaules e de hastes longas e direitas, e de outras árvores mais corpulentas mas de tronco mui tortuoso e atamento de todos os modos. No meio dessa mata densa levantam-se aqui e acolá algumas árvores mais altas, como são *maniçobas, cedros, aroeiras,* e alguns coqueiros. Dominam muitos carrascos a *Imburana,* o *Catingueiro* a *Jurema,* o *Mororó* o *Pequiá,* o *Pereiro* e grande quantidade dos Crótons a que chamam Marmeleiros. Aí tiramos fruto da Maniçoba, derrubando uma pequena árvore, fruto de *Cedro,* tirado a tiro, e uma tora de Aroeira.

A casa em que nos hospedamos e passamos a noite é um miserável rancho, coberto de telha, mas sem paredes, à exceção de um quartinho puxado para um lado, onde mora um casal da família, talvez um filho casado. Tem uma varandinha aberta, uma espécie de salão cujas paredes são feitas com paus juntos, e postos a-pique; *mas êstes mesmos desiguais, tortos, etc.** Havia aí uma

---

* Continuação da casa de João Francisco. Dessa sala meio aberta se entra para outra. separada desta por uma tapagem de tábuas transversais até a altura do ombro; por detrás estava a talha d'água, e quando as raparigas tomavam espiavam pelas frestas das tábuas. Esta saleta tem ao lado uma alcôva cujas paredes são de fôlhas de palmeira. Aí parece que dormia a dona da casa, e as raparigas, e parece que é a despensa, porquanto dando eu uma garrafa com resto de vinho à dona casa, ela entrou para êsse lugar *a guardá-la. Segue-se um* lance para trás, de paus-a-pique, e baixo; é a cozinha; lá mais ao lado esquerdo um quartinho de telhas, e de paredes barreadas; suponho que é do filho. É tudo tão tôsco, que nem o terreno foi nivelado. Por esta habitação se faz idéia do que é o resto das casas desta gente; pois que êste João Francisco não se pode chamar pobre; pois que tem 2 carros e juntas de bois para ambos; e cada carrada costuma ser puxada por 7 ou 8 juntas.

Êle estava em casa em camisa, por cima da ceroula; mas a mulher estava vestida com camisa rendada, saia de chita, brincos de ouro, e tudo limpo. As raparigas estavam vestidinhas com vestidos e lenços, e as crianças não estavam nuas; exceto as muito pequenas. Aqui chegaram de Quixeramobim 3 sertanejos, ou vaqueiros, vestidos de peles, coiro, conduzindo um resto de boiada, que deixaram no curral do João Francisco e a vieram buscar no dia seguinte de manhã. Um dêles era um homem bem asseado, robusto, corado e conversando bem; levando os bois, dois dêles iam *aboiando,* isto é, cantando à moda dos boiadeiros; não deixava de ser isto alguma coisa pitoresca.

mesa, um banco para duas pessoas, e um tripeça. Havia dum lado muitas coisas no chão (são de cobrir os carros).

O negócio do dono dêste casebre é conduzir gêneros, café, algodão, de Baturité para a cidade; tem dois carros, grosseiros, como são todos os da terra, e estavam no terreiro carregados com fardos de algodão; estavam a meia carga, por causa do mau estado dos caminhos. A carga inteira é de 14 fardos, cujo pêso é de 70 a 80 arrôbas, e o frete, nos disse o Senhor Justa, é 45, a 50$ a carrada, e êle gasta na viagem redonda 20 dias. Hoje, antes de nós sairmos, saiu êle com mais um sujeito, que não sei se da família, e um netinho, pelas 7 horas da manhã a ajuntar o gado, que andava pastando daí a meia légua, por trazer os carros para a cidade esta tarde. Disse-me êle que tem 66 anos feitos, que é filho de perto das Russas, no Jaguaribe, e que veio para aqui em 1848. Tem a mulher, e um só filho (porque disse êle que a mulher desmastreou da madre) mas tem em casa netos, nora, e afilhados que criou. Na casa vi 3 ou 4 môças além da mulher, que é velha, e uns poucos de rapazes e crianças. Dormimos na sala aberta, onde êle nos estendeu, logo que chegamos, rêdes, uma para mim, e outra para o Justa; Manuel levou a sua. Deitei-me em mangas de camisa sem cobertura, e de madrugada senti frio, e cobri-me com o paletó. Tínhamos levado matulutagem mas ontem mandamos cozinhar uma galinha para fazer sopa, e jantamos bem, não me faltou nem vinho, nem doce, nem queijo, e café, que tudo levamos. Dei-lhe pela galinha e pelo agasalho, quatro mil-réis, e uma receita para os olhos dos dois netinhos, 400 réis por uma cesta de milho, colhido na roça, e 1000 réis a um vizinho que nos sustentou os cavalos com capim.

Contou-nos o Senhor João Francisco que o Manacá, planta muito abundante naqueles lugares é excelente remédio para febres. O chá das flôres, com aguardente dado na ocasião do acesso, cura milagrosamente; se não tem flôres, a casca da raiz cozinhada e bebida com aguardente faz muito efeito. A bucha (bucha-de-paulista) é outra planta milagrosa; sua mulher prepara desta sorte; lança numa panela grande quantidade de ramos desta planta, cozinha e depois a engrossa até consistência de xarope, deita-lhe açúcar, e depois ajuntando-lhe polvilho faz umas balas, que são excelentes purgantes. Há ainda a batata-de-purga, que dá uma grande cabeça na raiz, que raspada e lavada dá uma típioca, ou goma, que assenta. Esta goma tomada na quantidade de 2 a 3 colheres é excelente purgativo. Acabou dizendo: Nós aqui com o manacá, a bucha, e a batata, não precisamos de botica, cujos remédios são quase sempre sem efeito.

Despedimo-nos desta boa gente, e partimos entre 9 e 10 horas; caminhamos muito devagar vendo as matas, tirando ramos, e frutos, e amostras, de modo que eu e o Capitão Justa chegamos a Guaiúba depois de uma hora. Nos apeamos na casa da família de que êle é compadre, bebemos água não muito clara, e muito fresca do rio Guaiúba, eu repeti o copo duas vêzes (a água do Baú é má, grossa, pesada, meio salobra e morna); a Senhora instou muito conosco para

que jantássemos, mas eu estava suado e porco, só tinha vontade é de me ver em casa, onde chegamos depois das 2 horas. Manuel ficou atrasado, ocupado em colhêr plantas, e vinha com os criados e mateiro; chegou quase às 4 horas, e fomos logo jantar, estando presente, por convite, o nosso excelente companheiro de viagem o Senhor Justa, com o qual já ajustamos a viagem a Baturité, agora em vindo da cidade.

(Pacatuba, 16 de junho às 8 horas da noite. Notas feitas muito à pressa).

635 Subida ao Jatobá

5-VII-1859. Pacatuba

Partiram mais cedo o criado de Manuel, com cêsto, e o prático da picada da serra, e *o mateiro José Manuel que nos acompanhou. Veio almoçar conosco* o Capitão Henrique da Justa; e depois montamos a cavalo e seguimos para a serra. Em caminho encontramos o José Manuel. A distância de Pacatuba à serra é de boa légua e meia, por terreno acidentado; com alguns riachos, e aguados, e a lagoa do...[39] junto da qual passamos. Quase todo o caminho é coberto, e cerrado de arvoredo, que se parece com as nossas capoeiras do Rio de Janeiro, formado de sabiá, pau-branco, angicos, jucás, catingueiras, cajàzeiras, aroeiras, paus-d'arco-roxo, maniçobas, mororós, marfins, etc. e a mata baixa de marmeleiros, e camarás de duas qualidades e muitas outras plantas. Vimos também dois jatobás, um carregado de fruto, assim como um camuri com bagens. Chegamos ao pé da serra, Manuel se adiantou, deixou o cavalo em um sítio, e acompanhado pelo prático e o seu criado foi até o cume da serra. Eu, o Capitão Justa a cavalo, e o José Manuel íamos atrás. Fomos subindo a montanha até um quarto de altura mais ou menos; porém aí nos apeamos e atamos os cavalos; por ser a subida íngreme, e cheio de raízes e cepos da picada. O Capitão seguiu a pé e foi encontrar o Manuel no alto da serra, eu fiquei com o José Manuel. Enquanto considerávamos a mata, e a muita bagem de angico do ano passado, o José Manuel viu por detrás dum pau-d'arco-roxo uma árvore florida, que lhe pareceu ser frei-jorge; com efeito foi a ela e reconheceu que o era. Deu um tiro e como não tirasse nada, e a árvore era fina mandei que a derrubasse; tinha um gêmeo de diâmetro e já cerne de duas polegadas; a altura era talvez de 60 palmos, estava carregadíssima de flôres; de que fizemos uma boa colheita. Algumas estava já sêcas, e havia ainda botões; as flôres apenas cheiram. Parece-me ser o nosso louro-pardo, ou espécie muito próxima. Manuel achou no alto da serra uma bombácea com flor, e sem fôlhas, e a que chamam

---

[39] Lacuna no ms.

Imbiratanha; e uma *Bombax*. Da vegetação desta serra, que tem um têrço da altura da Aratanha, direi por ora que consta em grande parte de angicos, alguns paus-d'arco-roxos; vimos um pé de frei-jorge, não encontramos jatobás, mas havendo-os na vargem e tendo a montanha o nome de Jatobá, deve existir aí se não muitas algumas destas árvores (também não é impossível que daqui se tenha tirado as melhores madeiras); existem *cedros,* aroeiras, que foram vistas por Manuel, e alguns pequiás. A vegetação menor é de camarás, malváceas, acantáceas, etc.

Descemos, até o sítio onde Manuel deixou o cavalo e aí no terreiro vimos uma árvore de cumari, com bagens; o Capitão deu um tiro e tirou um pequeno ramo com fruto. Fomos depois a ver se tirávamos bagens de uns grandes angicos que aí estavam perto à beira do caminho; com um tiro caiu uma bagem e por ela vimos que está ainda verde. Seguimos até outro sítio que tem ao pé da casa um jatobá que estava carregado de fruto; fomos a êle com o dono da casa, um filho dêste, e mais um sujeito, creio que carpinteiro que aí estava preparando esteios de pau-branco para puxar uma varanda na casa, que é de telha, e de paus-a-pique barreados. O Capitão Henrique deu dois tiros, mas caíram frutos quebrados; então o rapaz atirou-se à árvore e subiu por ela admiràvelmente; a árvore até o primeiro galho teria 30 palmos, com mais de palmo e meio de diâmetro. Chegado aos ramos, com a faca que levava derrubou um galho carregado de fruto. Quando voltávamos com a nossa prêsa vinha uma nuvem escura de parte do Jatobá, e o dono da casa mandou logo recolher os animais, o que apenas feito desabou uma grossa pancada d'água, que durou um quarto de hora e deixou tudo alagado. Demoramo-nos ainda algum tempo, enquanto caiu o maior orvalho, e durante êsse espaço gostamos de ouvir conversar o dono da casa, que é rapaz de 35 anos, casado, e com um filho de 18 que foi o que trepou na árvore; me parece excelente moço, quase branco, de boa fisionomia e bem apessoado. A mãe estava da parte de dentro e tomava parte na conversa com muito desembaraço; foi assar alguns caroços de jatobá que dizia eram bons de comer, estavam porém mui duros por não estar ainda o fruto maduro, mas a massa de fora já se podia comer. É adocicada, mas mui sêca.

Contou o dono da casa várias histórias, conversou sôbre os sinais de chuva e falou muito contra a preguiça dos seus compatriotas do Ceará, e disse muitas vêzes: O trabalho não mata o homem, o que o mata é a fome. Com efeito me parece uma família feliz.

Chovia ainda sôbre a Serra de Pacatuba, mas sôbre nós estava o céu limpo, e supúnhamos que a chuva seguia, e nos não viria mais incomodar. Montamos pois a cavalo; e andando por muita água no caminho e por baixo dos ramos pesados de orvalho, quando já nos faltava 1/4 de légua, vem sôbre nós uma grossíssima tormenta d'água, de grossas gotas, que nos acompanhou

até chegarmos, pondo-nos em miserável estado. Apenas nos apeamos cessou e daí a pouco abriu o sol.

Achamos em casa um grande prato travesso cheio de papas de milho, e uma terrina com doce de bananas e ovos, tudo excelente, e presente da Senhora Dona Maria Teófila. O Capitão Justa jantou conosco; e o convidei para o chá, a fim de acompanhar a concluir o prato de papas.

638 Passeio ao Cumbe

Hoje 25 de agôsto, um sujeito daqui, estando ajustada viagem se apresentou de manhã logo cedo para nos conduzir ao sítio denominado *Cumbe* (Cômoro) daqui a duas léguas seguramente. Mandou-se preparar peixe e carne para lá almoçarmos. Havia ser 7 horas quando montamos a cavalo, eu, o Lagos, Manuel, o Reis, Bordalo, caçador, os dois ordenanças, um criado, e o nosso guia. Dirigimos para o lado do mar (nordeste) pela campina desabrida e sêca do vale do Jaguaribe, no meio da qual está situada a cidade de Aracati. Êste vale plano, raso, apenas elevado sôbre o nível do mar, cujas marés o cobrem em parte, tem daqui a aparência circular, com um diâmetro de légua e meia a duas léguas, é limitado pelo lado da terra por uma barreira da altura de algumas braças, em alguns lugares cortado abruptamente; por isso que êsse vale é mais baixo que os tabuleiros que o circundam, e que se estendem a perder de vista fazendo um horizonte infinito, apenas interrompido por um, ou outro serrote, como o do Araré, que levanta aqui ou acolá, e é todo coberto de matas. Pelo lado do mar aquêle vale é limitado pelo cordão de combros de areia, que borda o mar, e cuja largura é em lugares de mais de légua, e é uma sucessão de montes de areia em todo o sentido, coberto em parte duma vegetação de moitas, ou de árvores dispersas, ou de um carrasco de espinhos. A barra do rio fica a duas léguas; em parte do vale que avizinha o cordão de oiteiros de areia entra o mar formando valões, ou rios, que não dão vau, e que se chamam Camboas. No tempo das águas tôda esta vasta bacia fica submersa, e o vale se transforma em um mar. Há enchentes desastrosas em que o rio sobe a ponto de invadir a cidade e chegar água a grande altura dentro das casas térreas ou armazéns e se diz de andarem lanchões pelas ruas da cidade. Em 39 houve grande cheia e em 42 ainda maior (excedeu três palmos a primeira). É uma verdadeira calamidade, e que não permite o engrandecimento desta povoação. Atravessando essa imensa planície passamos por uma Camboa sêca e empoçada. A alguma distância, e quando nos encostávamos ao rio havia moitas de *Juàzeiros* copados, e de *Marizeiros,* cujos troncos cheios de gomos parecem antes um feixe de varas, e têm a casca parda e gretada. Chegamos enfim à grande Gamboa, que bem que estivesse a maré vazia apre-

sentava um rio de umas 20, a 30 braças de largo e com bastante fundo; passamo-la em uma pequena canoa levando os cavalos a nado, passagem dificultosa e aborrecida com a maré vazia por causa das lamas atoladiças que ficam descobertas. Passada a Gamboa continuamos o caminho, por terrenos já coberto de matos e carnaubais, e por sítios com plantações de canas de mandioca. Iamo-nos chegando aos morros da costa. Seriam talvez 10 horas quando nos apeamos em um Engenho, antes Engenhoca, que estava moendo; tem moendas de ferro e eram puxadas por duas juntas de bois reunidas. É engenho só de aguardente. Está êle situado bem na fralda do morro redondo (Cumbe), que é um grande e vistoso monte de areia fina, e clara sem nenhuma vegetação. Êste morro é o que dá ao lugar o nome de *Cumbe;* nêle se passa um fenômeno singular, e é que dá, em certos dias às vêzes entre 2 e 3 horas, outras vêzes de noite, estrondos pequenos, sonoros e seguidos por algum tempo, e quando estronda a areia estremece e corre pelo dorso do monte, e seguindo-se em linhas sucessivas; no alto do morro não há nada, é uma chapada de areia. Enquanto lá estivemos nada houve; mas disse um menino que aí estava que no dia antecedente tinha ouvido os sons. Há dali a uma meia légua outro morro de areia, que de tempos em tempos dá grandes estrondos, abrindo-se a areia e aparecendo em cima terra barrenta; e afinal que na superfície se acha caparrosa, e ás vêzes porções de enxofre. A ser isto exato há sem dúvida crateras antigas cobertas de areias nestes lugares. Estava o sol tão desabrido que não tivemos ânimo de ir ver êste morro; e combinamos em ir ali dormir, outro dia, a ver se se ouvem os sons do morro, e ir de manhã cedo ver o outro morro dos estoiros. Almoçamos dentro do Engenho do que levamos e eu bebi alguns tragos de aguardente que nos ofereceram e dois copos de caldo frio que aqui chamam garapa. Era talvez meio-dia quando montamos a cavalo para voltar para a cidade, e para evitar a passagem da Camboa, caminhamos pelos morros de areia até alcançar o lugar em que a Camboa tem ponte; mas que penosa viagem! Andamos por espaço de muito mais de 2 léguas rodeando a vargem, o vale e por cima, digo subindo e descendo montanhas de areia fina e sôlta, onde os animais se enterravam, e tão clara que o reflexo do sol deslumbrava a vista e causava dores nos olhos e na cabeça; em muitas vêzes dava direção ao cavalo e caminhava com os olhos fechados. Um vento forte que a cada momento ameaçava de tirar-nos o chapéu dava algum refrigério à intensidade do calor. Em certa altura porém o espetáculo era bonito. Chegados a um lugar onde os montes de areia eram mais rasos avistávamos à nossa esquerda o mar, o que nos suscitava saudades, e à direita se via a cidade no meio da imensa vargem. Quando chegamos à borda do vale e descemos foi então a viagem mais incômoda. O vento havia cessado; o chão e o sol queimavam, passando pelo meio de salinas, e tínhamos a cidade a uma légua de distância, com os cavalos cansados, e nós queimados. Eu havia ainda ao passar por carrascos de juàzeiros e outras árvores de espinhos, rasgado uma perna da calça, e de tal modo que o pedaço caindo des-

cobriu todo o cano da botina: felizmente a entrada para nossa casa era pelo fundo e não tínhamos de passar pela rua. Chegamos às 2 horas, todos vermelhos como um camarão torrado.

Pode-se dizer que foi um sacrifício inútil; apenas colhemos duas plantas novas, um espécie do gênero *Peltogyne?* e outra dum gênero próximo à *Caesalpinia.*

Quando íamo-nos aproximando da cidade, talvez a 1/4 de légua de distância, se nos ofereceu o fenômeno da miragem — as tôrres de duas igrejas que avistamos nos davam imagens dobradas, a verdadeira e outra invertida, parecendo-nos refletidas por um lago; fiz notar isto a Manuel que vinha comigo.

641 Visita ao Cumbe

Ontem depois das quatro horas da tarde, montamos a cavalo, eu, Lagos, Carvalho e o Senhor Bento Colares, acompanhados pelos dois ordenanças, tendo mandado adiante dois criados com comida, para irmos dormir no Cumbe, e de manhã cedo, hoje, visitarmos a salina redonda. Eram mais de 6 horas quando chegamos à passagem da grande Gamboa; estava em seu pôrto a passageira (barqueira, ou canoeira). A nossa passagem não se pôde fazer com menos de quatro viagens, e quando começou anoitecia. A entrada na canoa a cavalo, assim como a saída, em lodo, onde os animais se afundavam até a barriga; a canoa pequena, fazendo água, passando ao mesmo tempo gente e cavalos, tudo fazia mêdo. Tudo era emporcalhado e gastamos nessa luta bem uma hora; mas levávamos o negócio de feição. Continuamos nossa viagem por terra pelo meio dum extenso carnaubal, até chegar à casa do Senhor F. de Castro, quase às 8 horas. Êle nos não esperava, tinha já ceado, e estava ali só, por incômodo de saúde, tendo a família na cidade. Assentamos em deixar a nossa comida para o almôço do dia seguinte, mas serviram-se dela os ordenanças e os criados, e êle nos mandou preparar carne sêca com farofa, e uma ligeira água de café, de mais a mais morna; estendeu na sala 5 rêdes onde nós e êle dormimos. De manhã acordamos ouvindo gritos de quem tocava bois; era o engenho que movia. A casa do Senhor Castro é uma verdadeira *sanzala, o corpo da casa coberto de telha, e tôdas as paredes de fora, e de dentro eram* de palha sustentada por paus-a-pique de carnaúba; o chão de terra, e uma varanda ou copiar (latada) da frente coberta de palha. O dono nos deu muitas satisfações dizendo que tenciona ou tencionava fazer melhor casa. O Engenho consiste em uma máquina ou aparelho de moendas de ferro inglêsas, como são tôdas as que tenho visto aqui, exposta ao tempo e só coberta por um teto de palhas assentada sôbre as aspas, e que se move com as almanjarras e apenas cobre as moendas. Dois bois puxam o engenho e um mulatinho metia canas, e há muito tempo tocava os bois. A cana é amontoada no chão ao pé das moendas; o caldo vai por uma bica, ou antes tubo de carnaúba para a casa da aguardente, que é pequena, tôsca e suja. Os alambiques têm as copelas de barro; bicos de carnaúba distribuem o caldo (garapa) para cochos, pipas, alambiques, etc. Uma

bomba que tira água dum poço, ao pé da casa de destilo, é tôda feita de carnaúba — esteios, travessos e bomba. O corpo da bomba, o êmbolo e válvulas tudo é de pau e tôsco; mas serve. O que aqui achei de curioso é que a bomba é tocada por um moinho de vento. Também êstes moinhos toscos, de carnaúba, servem aqui para aguar as plantações de cana feitas em terras sêcas. Hoje quando voltávamos de tarde, em um canavial trabalhavam 7 ou 8 bombas destas tocadas pelos moinhos. Admira que esta indústria não esteja mais vulgarizada na Província, onde os ventos são quase constantes, principalmente os gerais. Os Engenhos, ou antes estas tôscas engenhocas, onde só há de bom as moendas de ferro, espalhadas por quase todos os lugares que temos visto são aqui, digo, pela beira dos morros de areia, tão multiplicados, que uns distam dos outros às vêzes 100 ou 200 braças. São todos de aguardente. Êstes terrenos que ficam juntos aos combros de areia, em redor da vasta vargem de Aracati, são mui férteis, pela umidade constante, às vêzes demasiada que vestem as bases dêsses morros. Tôda a vegetação é de grande vigor; vi canaviais magníficos; e são mui rendosos. E o fabrico, como acabamos de ver, é tôsco, deixa perder muito mas é muito simples.

Levantamo-nos hoje cedo, e andamos vendo o engenho e obras que se estão fazendo. Tomamos uma xícara d'água de café, e logo montamos a cavalo, acompanhando-nos o Senhor Castro, para irmos à salina redonda, e de caminho fomos ver uma fábrica de sabão, velas e licores que há aqui, e fomos muito bem recebidos pelo Senhor Sampaio e seu genro, que é um moço espanhol, muito amável e obsequioso. Êste nos quis também acompanhar. Seguimos; éramos já sete cavaleiros e os dois ordenanças. Não passamos dum estreito atêrro, onde se tinha desmanchado uma pontezinha de carnaúbas, e feita no meio dum brejo atoladiço. Tivemos grandes dificuldades e mesmo riscos para os que se animavam a passar a cavalo, e resolvemos mandar passar os animais pelo meio do brejo, e nós passamos a pé, arranjando-se como se pôde os paus de carnaúba. Nesta passagem do brejo, um dos ordenanças, o do Lagos, que levava o meu cavalo, se viu em grandes dificuldades para passar, mas o meu ordenança, o o excelente Anastácio, que ia num desgraçado cavalinho logo na entrada atolou-se de tal maneira que o cavalo deitou-se, o lançou na água lodosa, e ficou em miserável estado; mandamo-lo que voltasse. Fomos indo e logo depois tivemos de passar uma pequena gamboa, ou vale que a maré tinha enchido; passaram os cavalos puxados e nós (alguns passaram a cavalo) procuramos lugar mais estreito, e lançados alguns paus passamos não sem algum risco. Enfim chegamos à peior passagem, à do morro a-pique. É um grande monte de areia mui íngreme, e de areia sôlta, que circunda um grande seio ou volta da grande gamboa, que é aqui mui larga, 40 a 50 braças, e que na volta que faz é pelo lado da montanha um profundo perau, não ficando entre a água (a maré estava cheia) e a base do monte mais de 2 palmos em quase tôda a redondeza, que não tem menos de 200 braças. Faça-se idéia andando à beira

dum rio mui fundo de água escura, fazendo maretas e encostado a uma montanha de areia movediça, como a coisa é temerosa.

O perau nos fica dentro d'água a 3 ou 4 palmos.

Íamos, eu com muito receio e cuidado, porque o meu cavalo tem grande mêdo d'água, e mais d'água agitada, e tínhamos já andado um pedaço quando êle se assustou e volta-se para o monte atolando-se na areia, que corria para dentro do rio. Tive um grande susto; mas maior foi o do Lagos, cujo cavalo assustou-se também e quer subir pelo monte de areia. Êle grita e mal pode conter o cavalo, à beira do precipício; houve um momento de confusão, mas os cavalos pararam bufando, e eu me pude apear; então o Senhor Colares me ofereceu a sua égua, que aqui chamam bêsta, e montou em meu cavalo. Seguimos, mas eu, bem que com confiança na égua, não ia de todo tranqüilo. Finalmente demos num lugar aberto, cujo terreno em grande parte tinha sido subvertido, apresentando uma vasta porção coberta duma terra escura, fendida em todos os sentidos, e de superfície mui desigual elevada sôbre a praia antiga 2 ou 3 braças. Oferecia o aspecto dum vasto lamaçal que se tinha endurecido. A história dêste lugar, é que o morro de areia que corresponde a esta vargem (chamada *Salina Redonda* porque provàvelmente houve antigamente aqui salinas, e habitações) dá às vêzes grandes estrondos, e que haverá 3 ou 4 anos estoirou com muita fôrça em uma tarde, e quando lá se foi achou-se em vez da vargem aquela enorme quantidade de terra negra de mangue de grande espessura cobrindo-a, ficando uma grande abertura no terreno (provàvelmente do lado da montanha) a qual foi sendo entulhada e coberta pelas areias que desciam dos montes sobranceiros. Hoje está êste terreno já com as fendas tapadas e as arestas destruídas pelas águas e pelos animais e passageiros. Nesse terreno negro (lodo de mangues) já mui duro, há umas veias amareladas, que o povo tem considerado uma caparrosa e lança um cheiro sulfuroso, mas que me parece ser o cheiro próprio do lado dos mangues. Evidentemente esta porção ou grande aba de terreno da grossura de 3 e 4 braças foi levantada e lançada de costas sôbre a vargem, ocupando-a em lugares tôda a sua largura, e parte tendo caído mesmo dentro da Gamboa, por uma fôrça vinda de baixo; isto é, por gazes. Haveria pois aqui algum fenômeno vulcânico?

Acha-se nessa serra muitos pedaços de madeira, e de raízes de mangues, grandes camadas de conchas, algumas Tubiculárias, e porções de carvão; mas êste carvão, assim como porções de mangues queimados, são seguramente produtos do homem, pois que neste lugar houve habitantes e sítios antigos. Explorado êste fenômeno, deu-nos vontade de subir pelas encostas dos grandes montes de areia; o Lagos foi o primeiro, eu e outros o seguimos a pé; alguns foram a cavalo, outros não conseguiram fazê-lo porque os animais caíam envolvidos na areia. De cima desses enormes montes avistamos o mar, e grande parte da costa, ficando-nos incuberta a foz do Jaguaribe. O panorama era magnífico, o mar tranqüilo estava de uma côr azul intensa.

Descemos, o Lagos colheu sementes, e montamos a cavalo. O sol estava ardentíssimo, eram já 11 horas, começava o vento do mar que nos dava refrigério. Estando já a maré bastante baixa passamos as primeiras dificuldades sem inconveniente algum, e ao meio-dia estávamos na fábrica de sabão onde o Senhor Sampaio nos esperava com almôço e muitos côcos-da-baía para bebermos a água. Apenas acabávamos de almoçar um sujeito que tinha sido mandado para o Cumbe, a ver quando começava a *tocar,* nos mandou avisar que a montanha já tocava; levantamo-nos com grande alvorôço; todo o mundo nos acompanhou, até o Senhor Sampaio, que aqui mora há 2 ou 3 anos e ainda não tinha observado o toque do Cumbe. Fomos todos a pé; o monte era distante uns 300, ou 400 passos. Eis aqui o que se conta dêsse monte. Havia um monte grande de areia, e por diante dêle para o lado da vargem outro monte muito menor coberto de arvoredo; um dia, não poderam me dizer quando isso aconteceu, a grande montanha debruçou-se sôbre a menor e a cobriu inteiramente. (Provàvelmente não foi isso tão instantâneo, e a montanha de areia foi lançada sôbre a outra por ventos fortes e constantes do mar; e todos êstes médões de areia chamados morros, que bordam as praias por todo o litoral da Província, estão constantemente em marcha sôbre as terras, e vão ocupando lugares que já foram habitados, e os que o estão). Diziam mais que êste monte do Cumbe apresentava o fenômeno curioso de rufar caixa de guerra, e diziam à montanha: — Toca, que êsse som aparecia. Não era fenômeno constante; só nos fortes dias de verão, e de ordinário do meio-dia às 3 horas, e de noite. Várias pessoas lá tinham ido e nada observaram, e o Senhor Sampaio nos afirmou que uma vez, em que subiu ao alto do Cumbe presenciara uma coisa curiosa e era uma linha traçada como a cordel, sôbre a areia, e do lado do mar a areia sêca, e do lado da terra a areia úmida, divididas por essa linha. Não se lembra se foi isso no inverno, ou no verão; é provável que fôsse no inverno, e que a areia umedecida pela chuva, ou fazendo chegar a água à superfície por efeito da capilaridade era da parte do mar secada pelo vento constante que aí sopra do mar; e que a linha divisória era determinada pela linha, ou onda de areia formada pelo vento sôbre a crista, ou antes linha tangencial da corrente de ar. Muitas pessoas que querem passar por espertas negam o fenômeno do toque.

Logo que nos fomos aproximando do monte sentimos um sussurro, como de tambor tocado ao longe: isto era mais de uma hora, ventava do mar, e o sol era ardentíssimo: era nossa tenção subirmos ao cume do monte mas bem depressa nos convencemos que isso nos era, senão impossível, de uma grande dificuldade, porque a areia é tão fina, e tão sôlta, e o monte tão íngreme, que um passo que dávamos nos metíamos na areia até meia perna, e descíamos mais do que havíamos ganhado em subida; caíamos a cada momento e andávamos de gatinhas; enfim com grandes esforços, sem respirar e abafados de calor pudemos ganhar a altura de um grande cajueiro a 5 ou 6 braças de altura, que já está quase soterrado, tendo de fora só os galhos do alto da copa, mas êsse mui folhudos e viçosos; nos recolhemos em baixo dêsses ramos esba-

foridos, com grande ansiedade e dor na caixa torácica (isto digo de mim, os outros deviam sentir o mesmo). Metidos debaixo da sombra e sentados sôbre os extremos ramos do enorme cajueiro, repousamos um pouco para podêr dar atenção ao fenômeno. Era realmente curioso o som que dava a montanha, ora mais brando, ou quase nulo, ora mais intenso, e perceptível, assemelhava-se ao som do tambor dos pretos no seu camdombe, ouvido a uma certa distância; e *quando o som se tornava mais intenso, a areia corria pelos flancos da montanha* e sentia-se um estremecimento na areia, no monte, e nas árvores sôbre que estávamos deitados ou sentados. Estivemos por algum tempo observando o fenômeno, sôbre que cada um dava sua explicação: o Lagos assentou a agulha de marear, que levava, sôbre a areia a ver se notava algum movimento extraordinário; mas a agulha se mostrava inteiramente indiferente.

Descemos enfim e fomos para a fábrica. Agora eis aqui a minha explicação. Antes de ter lá estado, e pelo que me contavam, e pela vizinhança (meia légua) da outra montanha dos estrondos da Salina Redonda, eu entendia que tudo eram efeitos de crateras antigas que estavam cobertas pelos morros de areia: agora porém o meu juízo é diverso.

A montanha formada de areia pura mui fôfa e movediça não produz o fenômeno senão quando aquecida pelos sóis; e então o ar contido mesmo nos interstícios da areia até uma certa profundidade, aquecendo-a e dilatando-a torna ainda a areia mais fôfa e movediça, dando assim uma certa elasticidade a todo o monte, que sacudido pelo vento do mar, e agitado pelas correntes ascendentes do seu cume e ilhargas, estremece de vez em quando. Êsse estremecimento, sendo a encosta da montanha do lado da terra assaz apique, percorre as areias, por parcelas e imitando chuvas: eis a causa do fenômeno. Agora sôbre o que não tenho explicação completa é sôbre o som produzido pelo movimento das areias; mas eis aqui o que observou-se. Quando íamos subindo, a areia em que nos enterrávamos e que corria produziu um som particular semelhante ao do bordão ou grossa corda dum rabecão; quando estivemos em baixo dos cajueiros um moço que foi conosco metia as mãos profundamente na areia e fazia correr uma boa porção dela; o fenômeno sonoro era ainda mais distinto, parecia que o monte era ôco, e que ressoava. Ora, o toque da montanha não é outro senão uma sucessão mais ou menos rápida dêsses sons. Êsse som é pois produzido pelo atrito dos grãos de areia sêcas e quentes. Aqui está pois o fenômeno explicado senão verdadeiramente ao menos o mais plausìvelmente.

Não quiseram os donos da fábrica que voltássemos logo para a cidade, e instaram para que jantássemos. No entanto os copos de água de côco se sucediam quase sem interrupção, apenas intermeados por marrasquino, uma aguardente de cana, e uma sorte de vinho que o espanhol prepara com a garapa da cana, e que nos instando para que lhe desse algum nome Lagos lembrou o nome de Vinho do Cumbe, e êle prometeu mandar algumas garrafas para se mostrarem no Rio, assim como amostras dos diversos sabões que êle faz. Deu

ao Lagos tôdas as informações que êle pediu, e nos separamos destas excelentes pessoas, às 5 horas da tarde.

Demorados ainda na custosa, e porca passagem da Gamboa, chegamos, às 7 horas da noite. O Reis tomou algumas vistas.

[ADENDA]

Conversando aqui com o Doutor Théberge a respeito da Salina Redonda, disse êle que a tinha visitado, estando ainda fresco o terreno que foi revirado, fenômeno que êle explica de modo seguinte: Aquêles terrenos à margem das Gamboas são formados de uma lama mole, e a vegetação de mangues por cima lhes dá pelo entrelaçamento das raízes uma certa resistência. As areias ou morros de areias marchando sempre se vão acumulando e formando montes sôbre terrenos que eram antes mangues; ao seu pêso sôbre a tona superficial opõe resistência o tapume das raízes, até que não podendo mais resistir rompe-se. A porção que fica embaixo do monte de areia se abate, comprime a lama inferior, que levanta a outra porção que está fora da pressão e atira com ela longe, revirando-a. Esta explicação é pelo menos plausível, e engenhosa. (Icó, 13 de outubro de 1859).

2-X-1859. Jaguaribemirim

Subindo pelo vale, vargem, ou ribeiras do Jaguaribe, que apresenta largura variada, às vêzes de muitas léguas, encostando-se muitas vêzes à serra do Apodi, e do lado esquerdo, aos tabuleiros, e é bem caracterizado, antes de se chegar ao sertão, pela sua planície e pelas carnaubeiras, que foram florestas imensas, tendo por baixo pastos; chegando ao sertão o vale é mais estreito, mais irregular, menos plano, e começa a ser pedregoso o leito do rio. O aspecto do país é montuoso (contrário do que eu pensava) e todo coberto de matas, que chamam catingas, e tem pastos por baixo, de panasco, ou mimoso. Os morros são de ordinário de formas arredondadas, ora mui longos, formando lombadas direitas, ou curvas, ora em meia laranja, com ladeiras ora suaves, às vêzes quase horizontais, ou íngremes e abruptas. Em grande parte é o terreno pedregoso, ora de pedras miúdas, ou seixos rolados, ora de granito quistoso, em planos inclinados, ou em blocos graníticos, etc. A côr da terra é mais ou menos vermelha.

Vegetação. É tudo coberto de árvores de pequeno porte, principalmente *Sabiás, Juremas, Pereiros, Angicos, Aroeiras,* etc. etc. e nos baixios, ou vales dos rios, frescos, são grandes *Oiticicas, Marizeiros, Jeramataias,* etc. etc., êstes verdes e folhudos; e aquêles todos sem fôlhas e como queimados; mas os Pereiros estão agora florescendo, e revestindo-se de fôlhas dum lindo verde, e as flôres mui cheirosas e brancas; o que faz um belo contraste com a vista do panasco, que cobre a terra, e que está sêco de côr loira.

Pássaros. São abundantes no deserto, principalmente de pombas, rôlas, juritis, e sobretudo das de-bando, que são de costas escuras, peito caboclo, e do tamanho da nossa juriti pequena. São êstes pombos em quantidade prodigiosa: voam em nuvens, e assentando nos descampados formam uma mancha escura movediça. Voando cobrem as árvores a se matarem 20, e 30 dum tiro; são mansas, e em roda das casas mariscando no terreiro, chegam quase às portas; ninguém faz caso delas, poucos as matam. É curioso ver como de tarde procuram as ribeiras frescas do Jaguaribe, onde vão beber e dormir nas árvores e moitas, onde se matam muitas e se apanham vivas com fachos. De manhã

voltam para os lugares de pasto. Esta passagem de tardinha e de manhã cedo é curiosa, levam tempos esquecidos a passarem os bandos e cada um de centenas de pombas; às vêzes formam um cordão, ou faxa contínua. O modo de sua reprodução é também curioso, segundo me informei: não fazem ninhos, vão largando os ovos no chão, que fica alastrado dêles; e são destruídos em grande parte por gente que os colhe aos centos, e por tôda a sorte de animais. Abandonam os ovos e não chocam, nem sustentam os filhos, que são também devorados em grande parte, mas ainda ficam muitos.

Jandaias, Maracanãs. Estas andam em lotes, e assentam-se no chão, entre as pombas, mesmo nos terreiros das casas a comerem semente de capim. *Vira-bostas* (graúnas) mais abundantes nos carnaubais, mas ainda aqui no sertão há muitas, às vêzes formam manchas negras movediças. *Canários* há muitos; *corrupiões e cardiais, quenquém* etc. etc.; pássaros ribeirinhos muitos e variados.

Habitações. Fazendas de criar, disseminadas, casas mui tôscas, quase tôdas deterioradas, com poucos cômodos, não há uma vidraça e o vento incomoda muito. O vento constante aqui é o que chamam Aracati e que chega das 7 às 8 horas da noite e dura até de madrugada. Do meio-dia em diante até a chegada do vento o calor é muito forte e se venta o ar é quente como se saísse duma fornalha; as madrugadas são frescas.

A gente tôda que tenho visto, os homens são, ou foram vaqueiros; quase todos trazem o chapéu e gibão de coiro, outros em vestimenta completa. São afáveis, obsequiosos, francos, e me parecem de boa índole. Curiosos, falam bem, e têm uma fraseologia pitoresca. Os meninos são bonitos, e espertos, quase todos tem a côr morena, e vermelha, bons dentes, bonitos olhos; alguns são claros, loiros.

As mulheres aparecem pouco; as crianças andam quase sempre nus.

Em geral são indolentes, imprevidentes, não conhecem os cômodos da vida; vive-se à primitiva. O alimento é carne e farinha e rapadura. A vida porém do vaqueiro é aventurosa e cheia de fortes emoções, e se presta a um belo episódio de um romance: o boi bravio, o cavalo ensinado, e o homem animoso e destro, tudo correndo e precipitando-se por matas cerradas, por montes pedregosos; até alcançar o boi e o derrubar. Quantas peripécias, quantos perigos vão aqui: a velocidade, e bravura do boi, o ardor e sagacidade do cavalo, a destreza e destemidez do homem etc., tudo causa emoções, e inspira aos rapazes o desejo de se distinguirem nesta vida, onde muitos encontram a morte.

A cena do derrubamento dum boi é animada e pitoresca.

Os homens, meninos, e mulheres trazem ao pescoço um rosário de continhas de vidro branco, com uma verônica ou outra qualquer coisa suspensa. Hoje (2 de outubro) à missa vimos na maçaneta do pau de prumo da escada do púlpito muitos dêstes rosários suspensos, e perguntando o que significavam, me disse um rapazinho que eram rosários dos defuntos.

647 Pássaros no Vale do Jaguaribe, de Aracati até Icó

[13-X-1859]

Pica-paus: vimos vários e lindos. Anus pretos e poucos. Brancos vimos alguns bandos. Quenquém: há bastantes. Canários: grandes lotes, ou sós, ou juntos com outros passarinhos. Vira-bostas (graúnas): nos carnaubais há muitos e no sertão vimos grandes bandos nos campos. Jandaias (tiribas) bastantes. Maracanãs: muitos pastando pelos córregos como as pombas, até nos terreiros. Papagaios, apenas ouvi o canto de alguns. Araras nem uma, nem periquitos, nem maitacas. Emas, há bandos, mas não as encontrei. Seriemas vi passarem três. Pombas-rolinhas-cascavéis há bastantes.

Pombas-de-bando são em quantidade espantosa. Cobrem os campos, os terreiros, e as árvores. De manhã passam das ribeiras do Jaguaribe para o lado das serras do Pereiro e Camará bandos infinitos, e voltam de tarde a beber e a amoitarem-se à borda do rio, ou dos poços. O que se conta de seu modo de reprodução é notável. Não fazem ninho, vão largando os ovos pelo chão e sempre caminhando de modo a ficar a terra alastrada de ovos em uma grande extensão, e inteiramente desamparados, nem cuidam dos filhos quando saem. Êstes ovos e os filhos são em grande parte destruídos pela gente, que ajuntam grandes cargas e pelos outros animais, e tudo que escapa é imenso. São êstes pombos do tamanho da nossa juriti pequena. Quando estão nas moitas apanham-se a mão levando-se um facho aceso, que as incendeia, como aqui dizem. A gente do país pouco caso faz dêles, só em algumas povoações (como vimos em Jaguaribemirim) é que alguns rapazes as caçam de tarde a espingarda.

Há aqui uns gaviões grandes e bonitos, a que chamam Cracrar, e que é muito diverso do nosso Caracará: fazem os ninhos em árvores baixas à beira do caminho.

Insetos são raríssimos, ao menos na estação em que estamos; não vi uma borboleta.

Ontem (12 de outubro), estando aqui o Doutor Théberge disse-nos que há aqui num lugar cujo nome agora me não ocorre, grande quantidade de Jitiranabóia; que êstes insetos se sustentam, ou gostam muito da fôlha do Ja-

tobá. Os ovos são depositados ao pé dessas árvores, e as lagartas logo que saem sobem pelo tronco acima, e em tão grande quantidade que quase o cobrem; chegando acima devoram as fôlhas da árvore, e aí passam à última transformação.

[ADENDA]

De Icó para cima diminuíram muito ou desapareceram os pássaros. Assim, poucas pombas-de-bando, poucos pássaros de bico redondo. Algumas rôlas-cascavéis, ou fogo-pagou; e ontem vindo de Juàzeiro para o Crato vi um gaturamo que o meu ordenança disse chamar-se *patativa*. (Crato, 9 de dezembro).

648 Notas sôbre a cidade de Icó

25-X-1859. Icó

Icó, cidade central, situada à margem direita do Salgado e sôbre uma vargem, que a leste e sul vai morrer ao pé dos montes, ou serrotes, que são os antemuros da Serra do Camará e Pereiro; ao poente e norte por serrotes que parecem pertencer ao sistema da Serra dos Orós. Nas grandes enchentes como a de 42, grande parte desta vargem fica submergida, mas nunca a água entrou nas ruas da cidade. As casas são quase tôdas térreas, e a rua que tem mais sobrados é a do Comércio, rua larga, e quase direita, e onde há as melhores casas de negócio. Não é calçada mas as casas são bordadas de passeios largos e altos, de tijolo, ou de pedras irregulares. Esta é a rua principal da cidade.

Há casas (como a que acaba de fazer o Vigário) que têm um bonito aspecto, mas por dentro são simples salas, e alcovas de telha-vã. Quase todo o madeiramento do telhado, barrotes de soalhos etc., é de carnaúba. São pouco adornadas de trastes, que são sempre muito singelos. (em algumas casas, da melhor gente, vi cômodas, ou papeleiras de mógono, ou de outra madeira, na sala de visitas assim como cadeiras de balanço). Os balcões das janelas, ou portas dos sobrados são de grades de ferro. Há poucas vidraças; as portas muitas não são pintadas, as casas térreas têm rótulas, e são ladrilhadas, geralmente com tijolos hexagonais.

Há quatro igrejas, com uma só tôrre a um lado, e muito baixa; por fora estão limpas, mas no interior mui desornadas, o corpo da igreja é sempre de telha-vã, o pavimento ladrilhado — ladrilhos hexagonais, pela maior parte, feitos aqui. Não há tantos morcegos, como em outros templos que vi vindo do Aracati.

Teatro, ainda não está concluído, e tem sido feito por subscrições e à diligência do Dr. Théberge. Tem uma bonita frontaria com colunas, feitas de tijolo.

Mercado: tem portas para duas ruas; dentro, dois lados são de arcadas, e dois de quartos, ou lojas, que se alugam; é espaçoso. Aqui foram massacrados muitos dos homens de Pinto Madeira.

Por tôda a parte ouvíamos que o calor no Icó era insuportável, que o ar era como se saísse da bôca dum forno etc. Tudo isto era muito exagerado, ou então temos sido muito felizes em ter sido êste ano a estação mais fresca; e porque não estamos ainda na fôrça do verão. Acredito que hão de haver dias abafados e nìmiamente calmosos, e mesmo já temos tido tardes e noites bastante quentes; mas ainda estão longe dos calores do Rio de Janeiro. Nas noites de 20 a 21, e de 21 a 22 tivemos bastante chuva. São as *chuvas-de-rama, chuvas-de--caju,* e aqui dizem *chuvas-de-outubro.* As tardes e noites antes que começasse a chover foram quentes, mas os dias depois eram frescos. O vento chamado Aracati, é aqui incerto, e chega quase sempre tarde, às vêzes às 9 e 10 da noite, quase sempre forte. Costuma durante os calores do dia, principalmente entre 10 e 2 horas a formarem rodamoinhos, que são às vêzes mui fortes, levantam uma coluna de poeira correndo as ruas, batendo as portas e metendo dentre das casas uma enorme massa de poeira. Êstes turbilhões, segundo me parece, são formados pelo encontro de duas correntes de ar; isto quando o vento do mar vem substituir o vento da terra.

Com estas chuvas várias pessoas sofrem, constipando-se, aparecendo defluxos e anginas. Em nossa casa alguns domésticos e dos nossos o Vila-Real e eu estivemos alguma coisa incomodados; mas passageiramente. Segundo informações do Dr. Théberge a cidade é bastante saudável.

Hoje reparei como, não só os campos, mas até os montes, cujas árvores estavam sêcas, estão já bastante verdes, isto em conseqüência das chuvas de 21 e 22. Hoje são 27: assim bastaram 5 dias para as árvores brotarem fôlhas. Eu sempre pensei que o desfolhamento das árvores nos sertões não era só devido aos calores; sem dúvida a secura determina a queda das fôlhas mais cedo, e mais completamente; mas as árvores do sertão (ao menos as daqui do Ceará) são próprias a largar as fôlhas no verão, digo no inverno. São Juremas, Angicos, Pereiros, Paus-brancos, Sabiás, Paus-d'arco, Aroeiras, Gonçalo-alves, etc. etc. Nos lugares frescos conservam por mais tempo as fôlhas, como acontece principalmente com as Marizeiras; mas se se acham em lugares altos e secos largam-nas mais depressa. Demais estamos em pleno inverno, isto é, na estação mais sêca; e os Pereiros estão se vestindo de fôlhas; e os Angicos, Aroeiras etc. não tardarão a tomá-las.

Flôres: tenho visto aqui algumas flôres, andam vendendo-as pelas ruas, são rosas, jasmins, etc. Os Loendros ou espirradeiras crescem muito e dão magníficas flôres. Domingo de tarde andando nós passeando a cavalo, vimos em umas *chácaras muitos e formosos pés.*

Frutas: há grande abundância de melões, e dêstes há muitos grandes, mas todos os que tenho provado são inferiores aos bons do Rio. Cajus há também e muito grandes, também inferiores, ou não melhores que os nossos. Há bananas, que ainda as não provei, e nada mais tenho visto agora.

Temperos e hortaliças, pouco, além de abóboras, quiabos, maxixes, nada mais tenho visto.

Leite não há ou há muito pouco de vaca; de cabra há algum. Manteiga, e vinho muito ordinários. O pão não é mau. A carne está muito longe do que nos diziam que era. Há galinhas, perus, galinha-d'angola, ovos.

A farinha não é má; há bastante milho; arroz tem quase sempre uma catinga que se assemelha à da barata; feijão o que abunda é um feijão pardo, talvez o nosso mulatinho.

As medidas aqui dêstes gêneros são enormes, o que aqui chamam alqueire, tem seguramente três alqueires dos nossos.

GENTE *

Aqui como em Aracati há mais escravos que indígenas; assim o povo é composto de brancos, pretos, mulatos — cabras — e poucos indígenas e mamalucos. O tipo já não é tão formoso como o que existe na Capital, e seus arredores. Vínhamos prevenidos de que acharíamos aqui gente bela — alva, corada — mas por ora é tudo ao contrário: os homens são em geral feios, e as mulheres também em geral não são bonitas. Durante a viagem do Aracati a Icó tivemos ocasião de ver uma ou outra menina graciosa; mas não rigorosamente bonitas; o que não quer dizer que as não haja. Aqui em Icó ainda não vimos uma menina formosa; há aqui na vizinhança ou antes paredes-meias dos dois lados com a casa em que estamos duas famílias com môças bonitinhas, mas nenhuma delas é formosa. Em geral são polidas, e trigueiras. Entre as pardas apenas temos visto três ou quatro que não são feias. Inda agora me recolho de estar em uma casa de família, onde há 3 ou 4 meninas e destas só uma me pareceu bonitinha (a sala estava mal iluminada). E podemos julgar das formosuras da terra por uma menina, filha do Sr. F. Gurgel, e que são do Aracati; esta menina passa pela môça mais formosa do Icó; no entanto não passa de bonitinha.

Quanto aos homens há também aqui o Sr. C. Pinto Nogueira que se reputa o mais belo homem do Icó; não passa de um môço, que não é feio; é casado. Vive esta gente pouco comunicável, sem todavia haver as desavenças, e separações do Aracati. Como em terra pequena, há murmurações, e falatórios da vida alheia.

Quando se entra em uma sala, as môças aparecem mas sentam-se à parte e afastadas; não tomam parte na conversação (é verdade que a nosso respeito se dão algumas razões; fomos precedidos de má fama, e somos estranhos). As meninas freqüentam colégios, ou casas de ensino; algumas môças tocam, ou aprendem a tocar piano, contam as nossas vizinhas filhas do Tei-

---

* Neste artigo há muito que mudar; eu tinha visto pouco.

xeira. Há na terra quatro pianos; e parece que se deve a sua introdução à família Théberge, cuja mulher e filha (francesas) tocam; e a mulher dá lições.

Como em tôda a parte, onde há ainda pouca civilização, o belo sexo vive muito retirado. Há neste encerramento das famílias pelo menos uma aparência de modéstia e de recato; mas a falta de educação, e por conseqüência, dos verdadeiros sentimentos de modéstia e de pudor, lhe mistura uma quase hipocrisia ou um falso exterior de virtude e no seio das famílias, mesmo entre pais e filhos há certa licença, que às vêzes tomam ares de inocência. Aqui não se conhece o galanteio honesto e permitido, não se pode fazer a côrte, ou render finezas a uma môça bonita, com o único fim de a lisonjear. Um cumprimento gracioso a uma menina se considera como um princípio de casamento. Um namôro sem êsse fim pode ter por prêmio um tiro. As môças mesmo assim o entendem logo. Daqui resultam sem dúvida as relações frias, tímidas, e receosas entre os sexos. Daqui resultam malquerenças entre as famílias. Daqui resultam casamentos precipitados, e em mui tenra idade. Daqui em fim podem resultar relações ocultas, e desonestas. Um fenômeno singular se nota, creio que em tôda a Província, mas que chega ao seu auge aqui no Centro: é o *roubo das môças*. É uma coisa mui trivial, e se tem tornado de tal maneira que parece que o roubo da noiva dá um sinete particular ao casamento. É um certo gostinho que tem esta gente em roubar a noiva com que se quer casar!

Êste fenômeno tem sua explicação natural, quanto a mim. A princípio a rudeza dos costumes, uma certa aristocracia selvagem, era sem dúvida um obstáculo aos casamentos; não era fácil a um pai achar casamentos convenientes, ou julgados tais, para suas filhas, e o expediente contra isto era o roubo das meninas que se prestavam fàcilmente a isso, para se subtraírem ao jugo e violência paterna. Demais as inimizades de família eram mais outra dificuldade, inimizade que podia não passar dos pais aos filhos. Destas seduções e roubos se devia abusar muitas vêzes, iludindo as meninas, que uma vez perdidas não podiam mais voltar para a casa paterna, e caíam em desgraça. Destas seduções e roubos resultam inimizades, ódios e mortes entre as famílias.

Hoje porém ou se dão os mesmos motivos, que em outros tempos, ou se tem tornado como um costume. Faz-se garbo disso, e nem faz já grande impressão no público. Pouco depois de estarmos no Ceará, e dizendo-se muita coisa a nosso respeito entre a população, dizia uma mulher: "Dizem que êstes homens são maus, mas ainda nenhum furtou uma môça". (O nosso vizinho Teixeira, o nosso vizinho da direita, em frente de nós etc. etc.).

Poucos dias depois que chegamos a Icó (e nesses poucos dias consta que houve aqui roubos de raparigas) um sujeito casado, e parece que de maus costumes, roubou uma sobrinha, môça, e sem pais. Os parentes tomaram a peito o negócio e mandaram dar-lhe um tiro, de que êle escapou, mas está

prêso, creio eu, e o matador [*sic*] condenado já a galés. Na vila da Telha houve também outro caso de tiro; um advogado daqui de Icó (José Tomás), homem benquisto, indo ali a um julgamento de uma questão de terras, voltando para casa levou um tiro, de que também escapou, recebendo algumas bagas de chumbo. Isto aconteceu também 3 ou 4 dias depois da nossa chegada, circunstância que deu mais desgosto a esta gente. Estão presos já uns poucos de sujeitos por suspeita: presume-se que a parte que perdeu a demanda é que mandou dar o tiro.

É também coisa muito comum por êstes sertões, por qualquer desavença, ou ofensa, verdadeira ou não, mandar-se dar um tiro. É isto devido a muitas causas mas a principal é haver instrumentos fáceis para isto.

Quase nunca é o ofendido, ou que se julgue tal, o matador, há muita gente que se presta para isso. Meu sobrinho Manuel, gracejando com um dos nossos comboieiros, mulato, e moço, lhe perguntou se êle se prestaria a fazer uma morte, a que o sujeito respondeu sem hesitação: Se meu amo mandar. e me livrar, sim senhor. Mas você tem ânimo de matar a uma pessoa que não lhe fêz mal? Isso não é comigo, respondeu, quem manda é que sabe disso. E quanto quereria você para fazer essa morte? Como meu amo é rico há de dar 600 mil-réis. — Isto é horroroso, e basta para explicar a freqüência dêstes atentados. O mandatário, cuja alma está desde pequeno familiarizada com estas cenas, julgando-se por pouco que seja agravado, acha instrumentos fáceis para sua vingança, e uma vingança deve ser o extermínio do ofensor, senão a luta não tem fim. Às vêzes é uma ofensa à honra da família, outras vêzes é o ciúme, outras vêzes uma afronta pessoal; e não estando o duelo em nossos costumes, recorre-se ao assassinato; e porque a ação da justiça é tardia, difícil, e incerta, êstes sicários, que vendem o seu braço, ou se subtraem à justiça fugindo, ou se acoitam à sombra dos potentados. Há desalmados dêstes que contam muitas mortes, e disso fazem ostentação. Hoje com o aumento da povoação, e com a ilustração que vai penetrando nos sertões vai isso diminuindo, tanto porque êsses potentados celerados vão perdendo a sua brutalidade e prestígio, como porque os desalmados instrumentos vão tendo mais mêdo da justiça. Aqui mesmo no Icó se deu conosco uma coisa, que serve para caracterizar os costumes. É encarregado aqui do Correio um miserável, que tem uma pequena taberna, a qual é também a casa do Correio. Êste sujeito estava muito prevenido contra nós, e quando chegamos mandamos lá um ordenança saber se havia ofícios e cartas para nós. E o que havia de responder o homem do Correio? Não tenho aqui ofícios nem cartas, para essa gente tenho balas!

Para se fazer uma idéia da pouca decência que há no interior das famílias contarei o que ontem presenciei, e numa das principais casas do Icó. A senhora da casa (é filha do visconde de Icó, casada com José Frutuoso Dias) que me informava de seus achaques, à vista do marido, dum sobrinho, de um

sujeito vizinho, e de quatro filhas, me explicava sem o menor rebuço dizendo, por exemplo: há dias em que não *obro,* outros em que obro quatro e cinco vêzes; eu sou bem menstruada; quando me vem a minha barriga (o seu mês) sofro isto, aquilo etc.; não posso tomar ajudas etc. Foi tudo neste estilo.

É muito comum, isto mesmo na capital, conversarem as meninas à vista dos pais em namoros e casamentos, sôbre o que discorrem mui filosòficamente e com desembaraço.

Os homens vestem-se bem; as môças também se vestem com certa elegância. Ainda não tive ocasião de as ver bem; porque as famílias vão à missa pela maior parte de madrugada, e poucas assistem à missa conventual. De noite às novenas do Rosário só vi gente de meia-tijela, excepto hoje, véspera de Todos os Santos, e de Festa, em que vi grande número de famílias concorrerem à igreja, mas eu, não tendo a barba feita, e estando o calor grande não fui lá, e vi a festa da janela. Agora que são mais de 10 horas, enquanto escrevo isto estou ouvindo cantar ao piano, o mestre de latim, de música, e não sei de mais quê [que] mora em um sobrado quase defronte. A voz não é má, mas o estilo é que não me agrada muito. Êle mete-se mesmo a compositor, e já na capital eu tinha ouvido cantar a filha do Costa (do Aratanha) uma composição dêle.

Tornando ao traje das senhoras e mulheres, não há aqui muitos lençóis; usam porém de chales de filó pôsto pela cabeça, e o que é curioso, tenho visto algumas mulheres cobertas com um pano ou lençol azul, pôsto pela cabeça e tomado pelos braços, e chega quase aos calcanhares. Parece uma vestimenta de freira. Em casa andam muito singelas (excepto as nossas vizinhas, que estão sempre vestidinhas, e quase sempre na janela, o que aqui não é comum).

Andam molequinhos e mulatinhos nus pela rua, até 7 ou 8 anos de idade.

Na fala não se nota a pronúncia das vogais, tão abertas como na capital; há porém um sotaque na pronúncia, como na gente do Aracati; mas aqui menos, de sorte que não estranhamos a conversa. O que aqui ainda se deixa observar é o som fanhoso, na fala, e no canto, e que é mais comum na capital, principalmente nas crianças.

Os homens de fora e mesmo alguns da cidade andam vestidos com roupas de vaqueiro. Na igreja matriz o vigário principal ou o coadjutor não consente que assistam a missa com estas roupas! E isto é coisa nova, pois que agora é que começa essa proibição e com pena de excomunhão!

Em dia de Todos os Santos, a casa fronteira à nossa, que quando aqui chegamos tinha duas meninas, que não eram feias, e que depois ficou despovoada mostrou nesse dia duas môças bonitas; uma principalmente que ainda aí está e que agora mesmo (7 horas da noite) enquanto isto escrevo está à janela, se pode chamar formosa, belo busto, alva de côr e corada, porém sem sardas. Me diz o Lagos que a viu de perto, lindos olhos, perfil correto, bonitas mãos; das que tenho visto é a melhor môça do Icó.

Um costume, que têm os homens é o de passearem de tarde a cavalo pela cidade em bons cavalos esquipando o quanto dá o animal, andando emparelhados 2 e 3 cavaleiros; passam pela Rua do Comércio rodeando 3, 4, e mais vêzes. É o gôsto da terra; no qual eu não acho graça: passa-se ràpidamente pela rua levantando poeira — eis o passeio!

Vi já aqui algumas famílias passearem de noite e se visitarem. O Sr. Gurgel tem sempre reuniões em sua casa, e às quais vamos às vêzes; em outras há também reuniões.

Nas novenas do Rosário vi um modo particular de fazer fogueiras: faz-se uma covinha no chão, e nela se metem algumas achas, que formam como um funil, que se enche de rama sêca, ou lenha miúda; acendendo tem a aparência duma pira.

NOSSA RECEPÇÃO EM ICÓ

Vários rumores, cada um mais desarrazoado, nos precediam, e que foram confirmados, pelo que de nós aqui espalhou uma pessoa da capital, empregado público, e que pela sua posição, e por ter estado conosco na capital não podia deixar de ser acreditada, e que ou por um mau gracejo, ou por nos ter má vontade (sem que eu saiba pelo quê) ou enfim porque teve a ingenuidade de acreditar alguns boatos falsos que se espalharam pela capital, desabonou--nos quanto poude: é verdade que êle especificava três membros da Comissão (Lagos, Dias e Capanema) como os mais perigosos.

Assim o povo inteiro temia-nos e via em nós estrangeiros, ou inglêses, que vinham armados de fôrça para os escravizar, para os recrutar, enfim para lhes tomar o país. A gente mais grada temia-nos como homens audazes, perturbadores e desonradores das famílias etc. E quando entramos na cidade notamos certa reserva, certos olhares, e um acolhimento frio. Um miserável que aqui é taberneiro e empregado do Correio, indo lá o Lagos e o Reis procurarem cartas e ofícios, tratou-os mal, e uma carta que tinha atirou com ela em cima do balcão, e quando dias depois mandamos lá o ordenança perguntar se tínhamos cartas, respondeu-lhe: Cá não tenho nada, e para essa gente tenho balas!

Mas têm-se ido desenganando e hoje parece mesmo que estão arrependidos do modo por que nos receberam, e visitam-nos e nos mandam presentes.

A gente baixa é de boa índole; quem os perverte são os que se acham de cima, quer por sua posição, quer por sua riqueza, quer por sua audácia, e depravação: isso porém hoje vai sendo melhor.

Há aqui famílias distintas, que se tratam bem, e que dão à terra um ar aristocrático.

Não há aqui sege: o Dr. Théberge, creio que foi o primeiro que aqui introduziu *um carrinho ou tílburi**, *que foi espetáculo para o povo*.

Aqui estão agora uns músicos ambulantes, que já os vimos na capital; são duas harpas e uma clarineta, e tocam pelas casas algumas peças agradáveis. Foi pela primeira vez que aqui se viu harpa.

Pianos: parece que foram introduzidos pelo Théberge. Disse-me também êle que quando aqui chegou todos os homens andavam na rua de timão (*robe-de-chambre*) e alguns ricos de veludo, e que êle acabou com isso fazendo-lhes inferneira. Hoje ainda se vê um ou outro pela rua de *chambre* comprido, e de camisa sôlta sobra a ceroula, a bengala na mão. De noite saem mais.

Sôbre medidas é ainda curioso: uma canada tem 8 garrafas; um alqueire são seguramente 3 dos do Rio.

Os trocos são aqui fáceis; há algum ouro, prata, e muito cobre. Os bilhetes correm e se trocam bem; todavia há aqui uma casa que faz e emite bilhetinhos ou cédulas de 100, 500 etc., como em Pacatuba, em Aracati etc.

---

* O Dr. Théberge diz que o Icó é o lugar aristocrático do sertão. Aqui se fazem visitas de cerimônia, bailes e reuniões brilhantes e agradáveis. Os homens que vêm de fora vestem-se antes de entrar na Cidade.

649 Visita ao Engenho Formoso. O Corte do Boqueirão

Sábado, 19 de novembro. Duas horas da tarde partimos de Icó. Nos acompanhou o Doutor Théberge, os dois irmãos S. e R., o Teixeira e o padeiro.

Chegamos às ave-marias no Engenho onde o Doutor Théberge tencionava aposentar-nos.

Casa grande com boa frente, situada no alto dum morro, com grande terraço ladrilhado e com parapeito.

Não estando em casa os donos, e ficando-nos o Engenho do Firmino a 1 hora e 1/2 de distância nós resolvemos seguir. O Teixeira se despediu e voltou; os mais nos acompanharam. Chegamos ao Engenho eram mais de 7 horas, e o Major Firmino não nos esperava mais senão no dia seguinte, tendo estado a esperar desde 4.ª-feira, em que lhe prometemos sair do Icó. Aí achamos já o Padre Vicente, e mais várias pessoas. Conversou-se, e depois de 11 horas é que fomos para a mesa (ceia de peixe de açude, chá, café etc.).

Deitamos depois de 1 hora nós os 5 da Comissão, em um quarto ao lado da varanda do Engenho, fronteiro a outro onde mora (provisòriamente) o proprietário, que ainda não fêz casa. Na varanda dormiu o Doutor Théberge e mais outros; o Padre e outros dormiram numa casa separada do Engenho e no alto. É um armazém, onde vimos a talha de farinha.

Domingo de manhã, alguns se levantaram e foram ao banho, eu não. Tomou-se café.

O almôço foi depois das 10 horas. Houve missa, para a qual se armou altar no quarto em que dormimos, e para a qual veio o Padre Vicente, com o fim de fazer um casamento. Os ornamentos, cálice, crucifixo, chegaram depois do meio-dia. Dita a missa, celebrou-se o casamento. A senhora do Major, que está com o ventre mui crescido, apareceu à missa com a noiva e outra mulher idosa, e a nossa Rita, a criada, ou cativa, mulatinha bem feita, de cara razoável, alegre e ligeira, serviçal, jeitosa, fagueira e de mui fácil acesso. (Demos-lhe 4 mil-réis na saída; ela nos mostrou, eram 2 bilhetes novos. Me disse: deram-me isto, para quê? Disse-lhe eu: isto é pelo muito trabalho que lhe demos. E quanto é isto? mostrando o bilhete. 2$000, lhe respondi).

A noiva, parda, estava de barriga, bem cheia, e o noivo, pardo, ou cabra, figura esquisita. Ela é uma meretriz, por quem êste rapaz se apaixonou.

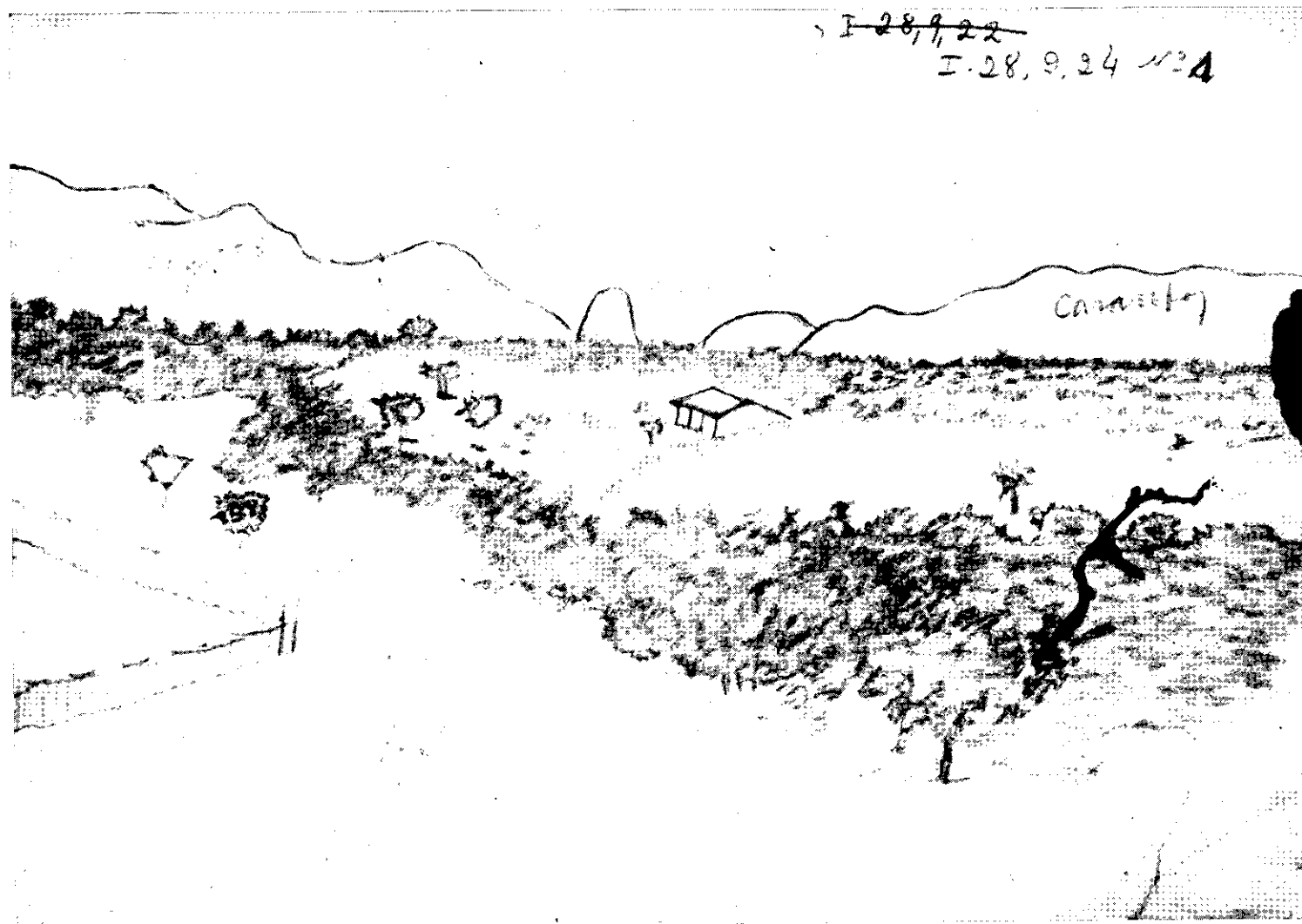
O Padre almoçou à 1 hora e desapareceu; às 3 horas veio, e divertiu-nos muito. É môço muito engraçado, e arremeda a quem quer. Contou muitas anedotas, do tempo de estudante em Olinda, a revolta dos estudantes em 44, sendo Presidente o Chichorro da Gama, e sempre arremedando o Bisbo de Pernambuco, o Reitor, etc.

Contou muitas e várias anedotas do Padre Verdeicha, hoje vigário de Jurujuba (anedotas que fazem rir e pintam bem o caráter singular dêste homem). Contou anedotas de muitos padres durante exames, apresentando-se no Júri, etc.

Entreteve-nos até as 5 horas, em que se pôs o jantar na mesa, fazendo voltar do caminho o Major Firmino, Lagos, e não sei mais quem que iam ver os açudes. Acabou-se o jantar às 7 horas, já noite; jantar farto, de peixe e carne (estava presente também um irmão do Major, que mora no Pereiro, mas já em território do Rio Grande, e muitas outras pessoas, creio que inquilinos ou moradores nas terras da fazenda; eram mais de 30 pessoas; comeram em duas mesas ou três, só de homens). Havia muito e muito bom vinho de Lisboa, e do Pôrto, fizeram-se muitas saúdes, e o Padre e os dois irmãos Montezuma, cantaram por vêzes canções báquicas. Enfim, foi um bom pagode, e às 10 horas indo-se tomar chá. No decurso do dia se bebeu cidra, cerveja, etc. Dormimos.

Hoje, segunda-feira, acordamos cedo e nos preparamos para a viagem.

O Doutor Théberge e os Montezuma partiram para o Icó; o padeiro ainda nos deu acompanhamento. Como o nosso excelente hóspede nos quis também acompanhar, e demorando-se a vir o seu animal, mandou fazer café. A boa Rita e a cozinheira se puseram em movimento e num instante apareceu uma bandeja com café, biscoitos, bolachas, queijo, manteiga, de modo que quase almoçamos, e quando montou-se a cavalo já o sol estava alto. A uma légua de distância se separou de nós o nosso Major, depois de nos ter contado várias anedotas, e casos curiosos. Nós seguimos; Lagos, Vila-Real, Manuel, Reis e o padeiro que servia de guia, e o ordenança do Lagos adiantaram-se; eu, segundo o meu costume, fui indo a meu cômodo. Passamos pelo Boqueirão, que é um grande corte, ou abertura dum serrote, pelo qual passa o Rio Salgado. Em tôda a extensão da fenda há muita água, ou um grande poço, estando o leito do rio sêco. Êste boqueirão é dum belo efeito. A fenda no lugar mais estreito terá 5 a 6 braças, e é, aqui onde a rocha xistosa é mais alta, talvez 20 braças. O poço é mui fundo, só tem uma coroa pelo meio por onde se passa, mas duas vêzes se atravessou a vau do rio, e nessas quase dá na sela.

Esperava achar aí os companheiros, mas qual! haviam passado. O meu ordenança quis meter o cavalo, parecendo-lhe ser raso o rio; eu não consenti, e o fiz voltar, indo procurar um guia nos sítios vizinhos. Pouco tempo depois de êle partir, estando eu apeado na beira da rocha, vi chegar do lado oposto um cavaleiro, vestido de vaqueiro, acompanhado por dois meninos; e eu fui notando por onde êle passava. Os meninos ficaram brincando ali perto sôbre as pedras. Eu enquanto esperava fiz minhas necessidades, colhi um punha-

Icó. Corte do Boqueirão, na serra do mesmo nome, por onde passa o Rio Salgado. Nov. 1859.

dinho de capim para o meu cavalo, e com o lápis fiz um desenho tôsco do Boqueirão. Chegou o Anastácio sem ninguém porque [fôra] a uma casa onde uma mulher lhe ensinou a passagem, mas não tinha quem a viesse mostrar, porque os filhos não estavam em casa; eram os tais que estavam ali brincando, e que depois soube que foram os guias dos que vieram adiante. Chamamo-los e êles que estavam em fraldas, metem-se n'água, que em lugar lhes chegava ao sovaco, e nós os fomos acompanhando. Demos-lhes os cobres, que tínhamos na algibeira, talvez um cruzado.

Depois que saímos do Boqueirão, nos achamos em um país de aspecto inteiramente nôvo para mim: era um terreno, ligeiramente acidentado, ou colinas mais elevadas, porém em campo coberto de capim sêco, e já quase de todo destruído, com arvoredo, ou moitas de arvoredo, ou matinho pequeno, mas muitos saltos, de modo a assemelhar-se com os nossos campos. Chama-se, disse o Anastácio, Campestre. Daí a pouco avistamos a vila de Lavras, onde chegamos entre 11 e meio-dia. Achamos os companheiros já instalados numa boa casa, a qual estava cheia de homens, rapazes e vários curiosos.

Aí, o Senhor...[40] nos havia mandado preparar almôço, e estavam a me esperar. Era chá, bolacha, e queijo, e manteiga. Água boa. Mandou logo vir 4 rêdes e se armaram.

ENGENHO FORMOSO

Propriedade do Senhor Firmino, Major da Guarda Nacional. Principiou a fundar êste estabelecimento em 1844, sendo então aquêle lugar um deserto. As terras pela maior parte a mulher trouxe de dote, as quais êle tem acrescentado comprando algumas porções contíguas, e hoje possui, segundo êle avalia, 16 léguas quadradas, terminando por um lado no Rio Salgado. Todo êste terreno é um sertão, de superfície mais ou menos monstruosa, coberto de *catinga* e *carrascos;* em alguns lugares são *tabuleiros* com boas pastagens; conserva boas matas onde há muita madeira, como *Aroeiras, Paus-d'arco, Braúnas, Pereiro,* etc.

Tem estabelecidos em suas terras 360 moradores, que não pagam arrendamento; mas diz êle que quando precisa de trabalhadores êles se prestam de graça, dando-lhe só alimentos, e que às vêzes reúne 200 ou 300 homens. Em ocasião de eleições dá êle uma carga de 400 votantes no Icó. É do partido Caranguejo.

Êste homem inteligente (é êle o mestre de sêcas obras) industrioso, perseverante, tem afrontado os dictérios, as zombarias, e as censuras dos seus próprios amigos, e mais dos seus desafetos covardes, e invejosos, e gastado com êste estabelecimento para cima de 90 contos, sendo 60 para as obras do açude, e da fábrica de açúcar.

---

[40] Lacuna no ms.

que se estende por entre morros e de tal grandeza que com a moagem dum ano, e com outros usos só baixou 5 palmos. O seu grande fundo, quando cheio é de 70 palmos; hoje apenas tem 30 porque o esgotou para assentar uma nova porta d'água de bronze que mandou fundir em Pernambuco, por medida feita por êle. Cria êste uma grande quantidade de peixes, e peixes muito grandes; uma pescaria, quando as águas são baixas lhe pode dar 200 a 300 mil-réis. São os peixes principais: curumatãs, traíras, bagre, branquinhos, etc. Fomos sempre servidos na mesa com fartura de peixe.

Além desta grande reprêsa estão êles fazendo outras, de modo que esperam ter mais de légua de terras regadas para lavoura, pelas vargens por entre os montes.

É admirável ver-se no meio dum país cuja vegetação está tôda tomada, vargens cobertas de plantas cultivadas, ou espontâneas, de verde o mais vivo, do mais portentoso vigor.

Êle nos apresentou umas canas plantadas no inverno dêste ano, e que ainda não estão bem maduras, com 10 e 12 palmos, e grossura proporcional.

A plantação principal é de cana, mas planta também mandioca, feijão, arroz, milho, etc., frutas e alguma hortaliça.

Atualmente, sendo ainda o fundo dêsses vales desigual, a planta não vem com igualdade porque não é regada com a mesma quantidade d'água, e eu lhe lembrei o igualar o terreno por meio da charrua, o que êle prometeu.

O balde, ou parede, que sustenta o açude, tem de comprimento 300 palmos, de fundo 70 palmos; de largura em cima, por onde é o caminho, 30. É a base mais larga, não me lembrando da medida que êle me deu, tendo começado o atêrro puxando a terra, em coiros, à maneira do país, e consumindo 500 dêstes, mandou fazer uns carros apropriados, para condução e despejo da terra, e com êles trabalha hoje.

BOQUEIRÃO

É uma abertura, na serra do mesmo nome, pelo qual se acaba o Rio Salgado. Parece obra artificial; do que melhor se ajuizará, pelo desenho que aí mesmo tirei. Esta fenda na parte mais estreita terá 8 a 10 braças, e a altura das rochas não há de ser de menos de 40, a 50 braças. Forma-se nessa passagem um grande poço, de que hoje me informei, e me disseram que nunca seca. Agora se passa pelo meio, descrevendo-se um ziguezague, por um banco de areia que tem para os lados peraus, e quando se atravessa a madre do rio a água banha as abas dos selins. Não deixa de inspirar certo temor esta passagem.

Passado o Boqueirão logo adiante entrei num país dum aspecto inteiramente nôvo para mim; mas que se aproxima mais da idéia que eu fazia dos

sertões. São colinas mais ou menos altas, às vêzes uma ligeira ondulação sòmente, de modo a parecer à primeira vista uma planície. Êste terreno é coberto de pasto que agora está sêco, e rapado, semeado de arvoretas, e de pequenas moitas, ou de matinho; e às vêzes aparece uma ou outra árvore maior, que de ordinário é *Aroeira*. Disse-me o Anastácio que isto se chama Campestre.

Na vegetação dêste lugar, observei não sem alguma surprêsa, plantas dos tabuleiros de areia do litoral, das quais não tinha visto um pé de Aracatí em diante.

Estas plantas são: o cajueiro-bravo, ou Sambaíba (com flor); o Pau-paraíba (nada); Carrapicho-de-cavalo; ou *Krameris* (sem flor). Havia mais: Carvoeiras (*Calistene;* com flor); Pereiros (nada); Pereiro-branco (em flor); Pequiá (?) (em flor); Braúnas (com frutos); Mutamba (com flor); Jamacurus; Xique-Xique; Coroa-de-frade (*Melocactus*), que vi pela primeira vez.

Em Missão Velha colhi no meio da praça um fruto da madeira-nova ou aroeira-brava, que tem cerne quase tão bom como o da aroeira.

Em Ossos, sítio do Senhor Bernardes, vimos uma árvore que êle nos mostrou perto de sua casa com o nome de Coração-de-negro; tiramos alguns ramos, e nos parece ser a Rabugem (*Platymiscium*).

650 A agricultura na freguesia de Lavras

26-XI-1859. Lavras

Notícias dadas pelo Sr. Manuel Antônio de Morais, lavrador, com engenhoca de aguardente, denominada Fundão.

Tem esta Freguesia 30 léguas de oeste a leste, e 14 em sentido transversal, e conta 14 mil almas. É gente ativa e laboriosa; há nêles poucos escravos.

O Rio Salgado a divide bem pelo meio. A porção a leste do rio é mais de criação; e a de oeste, é mais agrícola.

Do gado sai têrmo médio duas mil cabeças por ano para a feira de Pernambuco.

Há também grande criação de porcos, os quais se cevam com milho e garapa. Fazem toicinho, lingüiça etc.

Criam-se também algumas ovelhas, de que nem leite, nem lá aproveitam; apenas comem a carne, e curtem os coiros.

Cria-se também cabras, galinhas, perus etc. etc.

AGRICULTURA

Antigamente se fazia alguma reprêsa d'água insignificante; há porém quatro anos que se começou a fazer açudes, de que se contam atualmente 58, e talvez outros tantos se estão fazendo.

Cultura da cana-de-açúcar. É cultivada a cana-caiana, da crioula só se planta alguma para chupar-se. *A maior cultura de cana é a oeste do Salgado.* A sua plantação é no fim do inverno.

No princípio do século corrente já se plantava cana e havia um ou dois engenhos, mas a sua cultura decaiu até 1853, em que começou de nôvo essa cultura e vai sempre prosperando.

Há atualmente mais de 50 engenhocas, das quais quatro são de moendas de ferro: o seu produto é principalmente de rapadura, algum açúcar bruto, e aguardente. A rapadura anda por 5 a 6 mil arrôbas por ano, e aguardente mais de 4.000 canadas.

Carro e meio de cana (uma tarefa) plantados dão de ordinário 50 arrôbas de açúcar, ou 100 de rapadura.

Cultura de algodão. É das mais antigas da freguesia e se faz também para oeste do Salgado. O seu produto anual médio é de 1.600 arrôbas.

Cultura do fumo. Principalmente no vale do riacho do Borari e também no do Salgado.

Colhe-se mais de 8.000 arrôbas; cultura antiga, e que vai prosperando.

Cultura da mandioca. Por tôda a parte, mas principalmente nas chapadas das serras. Nos lugares baixos e beiras dos rios se cultiva a manipeba, e pelas serras a sutinga; dá esta de seis meses nos lugares *avasantados*; mas fora disto é de ano e alguns meses, e manipeba com mais de 2 anos.

Cultura do arroz. É grande, e exporta-se em grande quantidade. Nos baixios de tôda a freguesia. Há seis qualidades de arroz, e uma que dá de 2 meses e meio.

Cultura do milho. Em tôda a freguesia.

Cultura do feijão. Em tôda a freguesia. O de arrancar, nas serras, e de corda nos baixios.

Jiromuns e melancias no inverno; e nas sêcas, nas vasantes.

O melão é só nas vasantes.

Bananas nos baixios (a comprida; a maranhão); banana curta (S. Tomé) de todo o ano; a prata (maçã) etc..

Cana planta-se no fim do inverno. Fumo idem. Mandioca nas vasantes, idem. Arroz nas primeiras águas. Milho e feijão no princípio do ano. Mandioca também.

14-XII-1859

Depois do almôço, quase às 10 horas, eu, Lagos, e o coletor Barreto montamos a cavalo, e 20 minutos antes do meio-dia estávamos no alto da serra, caminho de duas léguas mais ou menos. A subida, começando num espigão, terá meia légua, corre oblìquamente, mas tem lugares tão íngremes, que mais não pode ser; é o terreno da montanha estratificado e formado, a julgar pelo que vi na subida, duma turfa ou grés avermelhado chamado psamito — rocha mole, e em que o casco do animal faz mossa e deixa sinal. No entanto sobem por êle até o alto carros vários e descem carregados provàvelmente de lenha, para os engenhos. A vargem desde a cidade até o pé da serra não é plana, antes são bacias ou depressões, separadas por lombadas ou montes, ou melhor por espigões que procedem da fralda da serra, e se estendem mais ou menos longe. Enfim o terreno ondulado. É todo cultivado principalmente de cana, para cujo benefício é todo semeado de engenhos, por muitos dos quais passamos. Tôdas essas plantações são regadas por meio de levadas trazidas das vertentes das abas da serra, que são numerosas e permanentes. Alguns engenhos me parecem movidos por água e é tudo muito povoado. O sol era ardente, a água borbulhava. e corria por tôda a parte, ora por levadas, ou regos artificiais, ora por correntes naturais. Com ela fertilizam, e regam as terras, movem engenhos etc. etc. Uma vegetação sempre verde. Tudo dá a êste país um aspecto bem distinto do sertão. É uma sorte de oásis, situado no centro, e confrontação de várias Províncias, e rodeado por tôda a parte de sertões. Aqui, como no litoral, se diz: ir ou vir do sertão.

Na parte baixa e acidentada eram as matas compostas, além das plantas que não conhecemos, ou que não vimos, de Jatobás (em grande número estão com flor, e com fruto), de Jatobaís, Angicos, Gonçalo-alves, Mama-de-cachorro (*Vitex*), Fungos, Capeta, Sabonete (*Sapindus*) *Ingá, Ingaí,* Jitó, Coração-de-negro (*Machaerium*), Catanduba, Pau-d'arco, Mororó, Pequi, Visgueiro, Frei-jorge etc. etc.

Na subida da serra: Murici (do Rio), Vísmia, Camará (*Lantana*). No alto: *Calistene* de flor roxa, *Vochysia,* Visgueiro, Micônia, *Erythroxylum* etc. etc.

No alto da serra, que é plano, coberto duma vegetação rasteira folhada (tabuleiro) semeado de grandes árvores de Visgueiro, e outras, é o ar bastante fresco; e daí se goza de belos lanços de vista, sôbre os Cariris. Achamos ali em um rancho aberto, duas mulheres e um rapazinho. Perguntando-lhes o que faziam ali responderam que estavam apanhando marangabas (espécie de araçá) que ainda não estão bem maduras, e frutos de jatobá para comerem. Uma delas nos disse que ainda não havia almoçado. Há por aqui grande miséria; mas em grande parte filha da imprevidência e da indolência. Estas mulheres haviam já gastado meio dia, e gastariam o resto, para colhêr frutos silvestres que as não podem fartar; e êsse tempo empregado no trabalho da lavoira lhes dava para comer uma semana seguramente. Demos alguns cobres ao pequeno e o Lagos disse-lhes que aparecessem na nossa casa para lhes dar alguma coisa. Demoramo-nos pouco colhendo algumas plantas, e descansamos: nos lugares demasiado íngremes, eu desci a pé puxando o cavalo. Descida a serra andamos a maior parte do tempo devagar, parando para colher plantas, ou para conversar, pedir água e beber cerveja nas casas situadas à beira do caminho, que são muitas, e cheias de gente. Chegamos à cidade depois das 2 horas, bastante suados e empoeirados.

O Araripe não é verdadeiramente uma serra, mas sim um chapadão, cuja elevação sôbre as serras vizinhas não excede de 1.000 pés, se lá chegar (3.000 palmos sôbre o nível do mar, [segundo] Capanema). Em cima é inteiramente raso, tendo muitas léguas em vários sentidos e o seu âmbito é muito irregular, enviando braços ou prolongamentos em todos os sentidos, e por tôda a parte é uma ladeira abrupta, quase a pique, e cortada de algares *. Tem na sua chapada e pelo interior matas extensíssimas.

O seu chão é tão absorvente que nas grandes chuvas as águas não duram sôbre o terreno, tudo se some, para se escoar em numerosas nascentes pela fralda, e redondeza de tôda a montanha **, o que faz a fertilidade das terras em roda numa zona de 1 a 2 léguas de largura, acompanhando as sinuosidades da serra.

Quando houver indústria e capitais, que estabelecimentos agrícolas se não podem fazer em cima desta chapada, fértil e dum clima delicioso! Basta que façam cisternas nas casas, e cacimbas impermeáveis para bebedoiro do gado, banhos, lavagens etc.

---

* Para o Piauí a descida é em plano inclinado de queda quase insensível.

** Mas as correntes são em maior número e mais abundantes dêste lado do Cariri, do que para o do Exu.

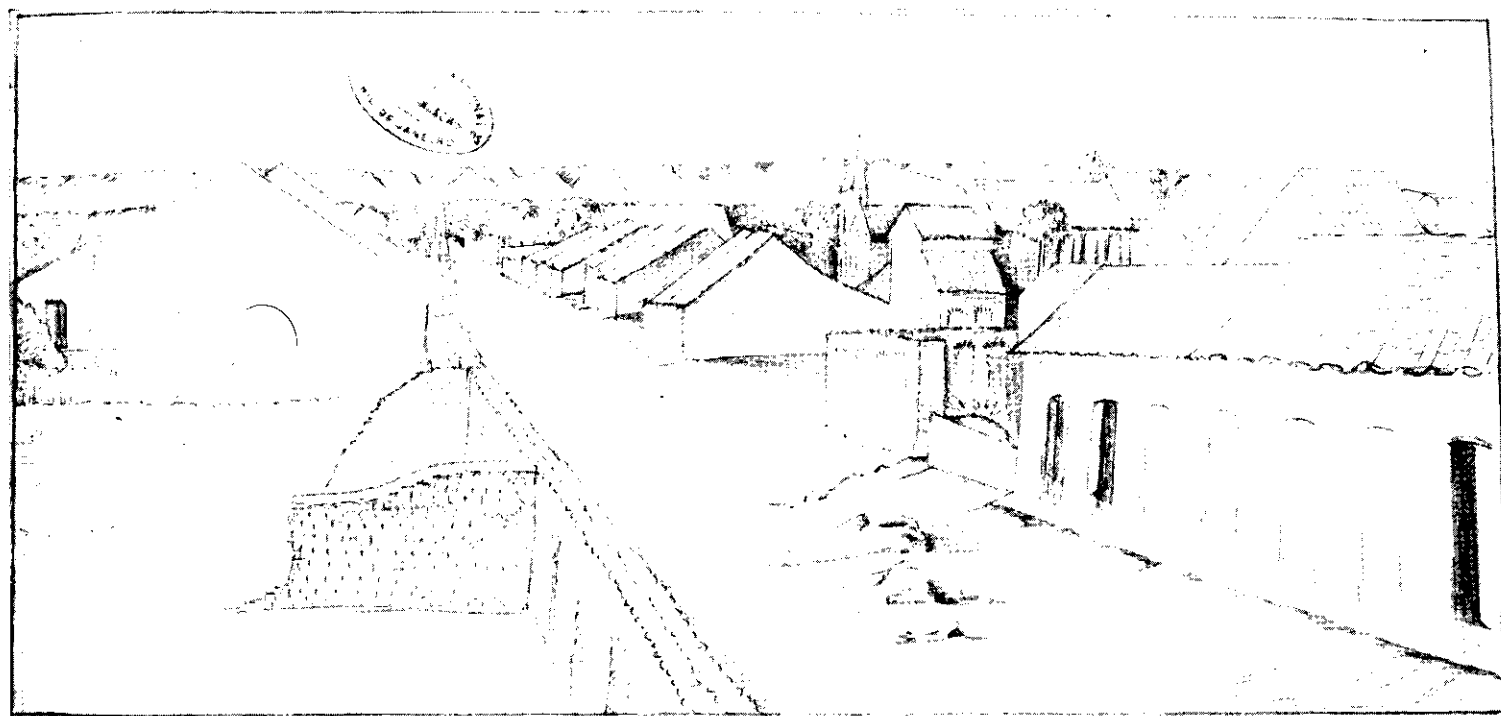
654 Descrição da cidade do Crato

O Crato é uma pequena cidade à qual convinha o título de vila: antiga povoação começada com o aldeamento dos índios Cariris (?), e estabelecimento de Missões. O lugar onde se fundou a primeira Missão é onde hoje há muitas fábricas de tijolo, para as edificações da cidade. Chamou-se êsse lugar — Missão Velha — porém a Missão se passou para mais alto, e se assentou no lugar em que está a Matriz atual; e se chamou Missão Nova. Necessàriamente se dava o nome de Missão a uma igreja tôda rodeada de palhoças dos índios. No lugar em que está a matriz houve primeiro, digo, antes uma capela tôsca de tijolo que se arruinou; e conta o Sr. Secupira que, não sei em que ano, era no tempo de sua avó e tias, em a primeira oitava do Espírito Santo, depois da missa, mas estando muita gente ainda na igreja, esta desabara com grande estrondo e matara algumas pessoas.

A cidade está assentada em terreno baixo, mas em meia laranja rasa, de modo que dá escoamento para todos os lados. Passa por um lado o rio, que nasce no Grangeiro *, das abas do Araripe; e toma o nome de Crato, e corre aqui na cidade. Atualmente, que o tempo vai sêco, com tanta água com quanta corre o Guandu na Fazenda do Mendanha, em tempos secos. A água é boa na nascente; mas corre por meio de sítios, onde a furtam para levados; e a emporcalham com lavagem de corpos e de roupas.

Êste plano da cidade é rodeado por três lados de grandes oiteiros: O Barro Vermelho ao nascente quase; o Alto da Miséria ou da Batateira a noroeste; e o Alto do Grangeiro a sudoeste, formando assim quase um grande triângulo: ao poente fica o Araripe na distância de mais de légua.

Tem a cidade algumas ruas paralelas direitas, e largas que são a Rua Grande, a Rua do Fogo, a Rua da Vala, a Rua da Boa Vista, a Rua das Laranjeiras etc. etc., mais algumas travessas e becos. A Praça da Matriz é um grande quadrilátero; algumas ruas são compridas mas são mal povoadas. Logo na Rua da Vala, e das Laranjeiras, assim como nos extremos das outras, as casas são ou tôdas ou em grande parte de palha. O geral das casas é de

* Nome dum sujeito que possuiu, ou abriu êsse sítio.

Crato. Vista de uma parte da cidade, tomada da Rua do Fogo. Dez. 1859.

tijolo; são térreas, baixas, ladrilhadas e de telha-vã. Há alguns sobrados; mas dêstes o único que vi bem acabado e decente, mas telha-vã, vidraças (não há muitas casas com elas) é do Tenente-Coronel Antônio Luís Álvares Pequeno, um dos proprietários mais abastados da terra. Há vários sobrados principiados. O em que estamos, não está concluído, estão as janelas sem balcões. O Bilhar, negociante, e que quer passar por um dos que tem fortuna (dono do sobrado em que estamos) está fazendo uma casa, fora mas perto da cidade, em uma grande chácara, e pelo risco que lhe deu o Dr. Théberge. Com efeito, se a acabar, e a tratar com asseio será o melhor prédio daqui.

Um modo de construção que é comum no Ceará, e provàvelmente em outras províncias do Norte, é que as paredes divisórias do interior das casas térreas ou de sobrado (há muitas excepções, principalmente na Capital, no Aracati e no Icó, e aqui mesmo) não chegam ao teto, que é de telha-vã, de modo a ficarem os quartos e salas abertos por cima.

Forros nos tetos são raros; as mesmas igrejas só têm forrado os tetos da capela-mor; o corpo da igreja é sempre de telha-vã, mesmo na grande matriz da Capital. É porém o madeiramento e o telhado executado com certo esmero, sendo nas casas de uma construção de certa decência, todo o madeiramento lavrado, e as juntas das telhas encobertas pelas ripas, e não se vê aí um calço. Esta construção se diz feita para tornar as casas frescas: não sei até onde isto é exato. As paredes, como já disse, são de tijolo geralmente (às paredes de pau-a-pique chamam de taipa), os umbrais de portas e janelas são fingidos, os tijolos *unidos com barro, mesmo nas paredes das igrejas (por isso* quase *tôdas as* tem rachadas). A cal de pedra abunda em quase tôda a província. O que é notável é a forma dos tijolos; por tôda a parte há tijolos hexagonais, e bem assentados, e outros de outras formas; e é muito geral o ladrilho com tijolos semelhantes aos de alvenaria.

As madeiras são muito boas — o pau-d'arco, a aroeira, etc. etc. — e o tabuado de cedro, ou de cumaru, de que fazem portas, janelas, soalhos etc.

Em tôdas as divisões das casas, mesmo na sala de visita e de jantar há armadores para rêdes, desde uma até 5 e 6 (com excepção de algumas casas modernas na capital etc.).

Os telhados não são tomados, excepto as cumeeiras que são algumas tomadas, isto até na capital; no entanto têm aqui grandes ventanias; mas as telhas são mais pequenas que as nossas e mais pesadas. As casas térreas antigas são tôdas mui baixas e pequenas, as edificações modernas são melhores. A cal da terra é má e escura, a boa mandam-na vir de outros lugares.

As casas de comércio são pequenas, e se vende tudo promìscuamente. Há um bom mercado, que foi feito pelo Tenente-Coronel Antônio Luís, para o entregar no fim de 40 anos; e me dizem que rende-lhe mais de conto por ano. A indústria é pouca. As palhoças se espalham pelos montes, em roda da cidade.

As casas são muito pobremente trastejadas (exceto uma ou outra como a do Tenente-Coronel Antônio Luís), algumas não têm na sala mais que uma ou duas rêdes. Em geral há pouco cuidado, e asseio nas casas.

CRIAÇÃO

Temos visto poucos pássaros, nos passeios que temos feito a alguns sítios e ao alto do Araripe.

Vemos poucos cães nas ruas.

Há criação de porcos, perus, galinhas, capotes; mas não tenho visto patos, nem marrecos. Consta-me que criam patos.

Os bois servem aqui de bêsta de carga, talvez em maior número que os cavalos; são governados pelo septo nasal. Servem também de montaria. Bêstas muares são muito raras aqui.

Tenho visto poucas cabras e carneiros; mas consta que há criação dêles.

FRUTAS CULTIVADAS

A serra é abundante de certas frutas, como são: Mangas, que há em quantidade, de superior qualidade. Ananases são sofríveis; não há abacaxi. Bananas de várias qualidades e boas. Uvas, figos, romãs, melancias, melões, jerimuns, goiabas (são pequenas), côcos-da-praia, atas, mamões, araçás.

Árvores de espinho, já houve muita e muita laranja, limas, limões, etc., mas deu-lhes o môfo (um inseto) e destruiu tudo. Vi muitas laranjeiras atacadas da moléstia.

FRUTAS SILVESTRES

Macaúbas, buritis, catolés.

Pequi (de que não gostei): conserva-se salgado, tirando a casca. É fruta muito estimada pela gente da terra, e é um grande recurso para a pobreza. Dá bom azeite; excelente tempêro para arroz, dizem.

Mangaba, marangaba (espécie de araçá da serra), mangaraba (ainda não vi), araticum (*cagão, apê,* e *pana;* êste último é dos alagados), maracujá-suspiro (e outros), pitomba (oiti, ou guiti), ingá, ingaí, araçá (araçá-de-pedra), marmelada, puçá (ainda não vi), jenipapo (dêle fazem vinho, garapa, jenipapada), murici, bacumixá, bacupari.

HORTALIÇA

Cultiva-se muito pouca hortaliça, e temperos, por incúria, e falta de gôsto. A terra deve dar tudo e bom.

A grande cultura é a da cana, de que se faz, em muitas e pobres engenhocas de pau (consta-me que há alguns engenhos sofríveis) rapadura, pouco açúcar e aguardente. Depois o arroz, de que há várias qualidades e se colhe bastante, milho, feijão, mandioca etc. Cultiva-se muito pouco café, e o que eu tenho [visto] aqui não é de boa aparência.

GENTE

A pobreza, por indolência vive miseràvelmente, porque a terra é muito produtiva.

A gente branca é pouca; mas o que chamam cabras são em grande número e me parece gente de boa índole: no entanto as rixas são comuns e facadas e mortes. Dá-se por êstes sertões pouco aprêço à vida alheia. As cadeias estão cheias de assassinos e facinorosos; diz-se porém que isto tem melhorado muito; em outros tempos mesmo dentro da vila se cometiam descaradamente assassinatos *. A gente é de bom trato, são amáveis e obsequiosos. Fomos recebidos aqui melhor que no Icó, achamos aqui mais sem-cerimônia, mais cordialidade.

O Crato é país úmido; logo que começam as chuvas a umidade atmosférica aumenta muito; é doentio.

Moléstias de olhos, são endêmicas e de tôdas as formas; rara é a pessoa que não sofre ou tem sofrido dos olhos. Há casas onde há 2 ou 3 pessoas cegas. Dizem que hoje está ainda assim muito melhor do que foi em outro tempo! Parece que o desmazêlo, e a porcaria concorrem muito para isso. Não há asseio nos doentes, e andando juntos sem nenhum resguardo, lavando-se nas mesmas bacias, etc., tudo concorre a transmitir a moléstia. Dizem também que um certo tempo aparece uma grande quantidade de mosquitinhos que assentam nos olhos; êsses podem transmitir a moléstia. Enfim a falta de médicos hábeis concorre também para agravar êsse mal.

As opilações são comuns. As hepatites; as moléstias orgânicas de coração. A tísica não é rara; as hemoptises; o reumatismo. Mas o que também faz grandes estragos, é o tumor bobático e sifilítico. A devassidão é grande, vemos aqui meninos afetados de gonorréias, e de bubões, tratando-se sem cerimônia na sua família.

* De viagem os figurões, ou os que querem passar por tais, andavam sempre com certo número de homens armados, chamados cangaceiros.

655 Cultura do arroz. Pragas de roedores

26-I-1860. Crato

Esta noite estive à porta do Secupira *, onde se conversou sôbre animais prejudiciais à lavoura.

Cultiva-se aqui várias sortes de arroz: o quinoa, o meruim, o macapá.

O primeiro tem o inconveniente de vir muito desigual.

O segundo é muito perseguido pelos pássaros, principalmente pela pa tativa, e periquitinhos; mas há outros muitos pássaros que estragam o arroz: o cabeça-vermelha, o azulão, o papo-vermelho (pássaros), a galinha-d'-água etc. etc. Uns comem o arroz semeado, outros o arroz em leite, outros o grão maduro.

Além dos pássaros há o rato, que é uma espécie de preá de rabo, que aparece principalmente em setembro e outubro, no arroz e na cana; e há anos, felizmente raros, em que êstes animais aparecem em tamanha quantidade que é uma verdadeira calamidade; destroem roças inteiras, arrozais e canaviais. Fazem-se cercos batendo as roças ou lançando-lhes fogo, e se matam aos centos. O povo os chama seu gado, e são muito saborosos.

Êste arroz meruim tem a vantagem de crescer muito na panela.

O terceiro ou macapá, parece ser o mais estimado. À *espiga* de arroz chamam aqui *cacho*.

Nos canaviais já vimos que os ratos fazem nêles grandes estragos. Tem havido anos de se perderem as safras. Dá também a lagarta na cana, mas se a cana está madura não lhe faz mal, antes a limpa.

Na mandioca dá algumas vêzes a lagarta, mas não lhe faz grande mal.

Têm aparecido algumas vêzes nuvens de gafanhotos, dos de ventre vermelho, que vimos no Boqueirão, e de outros, que fazem estragos nas plantas, principalmente nas bananeiras.

---

* O Secupira morreu de cólera-morbo em 1862 no Crato.

Costuma às vêzes dar uma moléstia no arroz, que o Secupira julga ser um bicho, mas que é provável que seja o *sclerotin;* fica o arroz que se não pode comer de amargoso.

Aqui há pouca indústria. Fazem algum pano de algodão grosso; fazem rêdes brancas, ou de xadrez azul, pouca renda e labirinto. Alguns meninos fazem flôres artificiais. Em doces se faz alguma coisa, da goiaba fazem goiabada e uma excelente geléia; do buriti, da banana, da manga, de tudo fazem doce.

Trabalham muito bem em açúcar, ou alfinins, de que fazem flôres, animais, castelos etc., para enfeite duma mesa.

656 O inverno no Cariri

11-II-1860. Crato

Nos anos regulares, as primeiras chuvas caem em outubro e novembro, de sorte que no Natal se tem já legumes: feijão, milho etc.

Êste ano passado porém, assim como alguns outros anteriores, foi privado dessas chuvas, e por isso a demora do inverno dêste ano causou ou ia causando bastante mal à lavoura, e muito principalmente à criação, tendo já morrido bastante gado.

O mês de janeiro porém, segundo o Senhor Secupira, foi em todos os tempos mais ou menos sêco e o inverno pròpriamente do ano começa, e começou sempre no princípio de fevereiro.

Isto no Cariri, nos sertões chega sempre mais tarde.

Ordinàriamente, senão sempre, as primeiras chuvas são acompanhadas de trovoadas, às vêzes mui fortes.

Quase sempre, ao menos as chuvas duradoiras vêm do nascente. Diz o Sr. Secupira que o sinal de começar o inverno, seguro, é uma barra escura ao nascente, com relâmpagos mui rasteiros.

No Exu nos disse o Sr. Gualter que as chuvas abundantes, e prometedoras de bom inverno eram precedidas ali duma grande ventania, que vinha por cima do Araripe (provàvelmente do quadrante do Levante) onde fazia grande arruído, e as vêzes estrago das matas, e caía embaixo com grande fôrça causando muitas vêzes prejuízos; e não se fazem sentir senão a certa distância da serra.

No entanto enquanto eu estive no Exu, caiu ali a primeira chuva do inverno sem que tivesse aparecido êsse vento.

As chuvas que têm aqui caído durante a nossa estada de 8 de dezembro até agora, têm acontecido sempre de noite, e principalmente depois da meia-noite; mas a de hoje começou pouco depois de uma hora da tarde, tendo estado o dia sempre prometendo, e veio sem trovoada. Anteontem pela madrugada deu uma forte trovoada, com alguma chuva que durou até as 8 horas da manhã de ontem.

Quando chega o tempo das chuvas o céu apresenta sempre grupos de nuvens elétricas, com trovoadas parciais, e pequenos chuveiros, até que começam as chuvas regulares; então estas se tornam quase diárias. Não há muitos anos que houve um bom inverno, chovendo sòmente de noite e quase sem falha, segundo o que me informaram.

Enquanto estive no Exu, deu uma grande chuva. No dia 1.º de fevereiro seriam 4 horas e meia da tarde deu aí uma forte trovoada, vindo de cima da serra do Araripe, e me parece que vinha do quadrante do Norte; deu bastante chuva, mas às 5 horas tinha cessado. Seriam 7 horas da noite quando entrou a cair uma pequena chuva, que foi aumentando e durou por tôda a noite até o dia seguinte (2 de fevereiro), continuando e diminuindo até mais de 11 horas.

Foi a entrada do inverno.

De pessoas vindas de vários lugares tivemos notícia que ao menos até um raio de 40 léguas para parte de Pernambuco chegou a chuva, e com a mesma intensidade; depois no Crato soubemos, que aí choveu da mesma maneira como no Jardim, e na Barbalha, e pessoas vinda de baixo disseram que no Icó choveu da mesma maneira, isto é daqui a 50 léguas. Esta chuva abrange pois uma área de terreno pelo menos de 80 léguas de diâmetro, compreendendo quase duas mil léguas quadradas.

5-V-1860. Fortaleza

Saímos da capital em agôsto.

Ainda apanhamos algumas chuvas em Cascavel, e em Cajàzeiras; ali durante a manhã, aqui de madrugada; depois disso tivemos chuvas no Icó em...[41] de outubro de noite; e ùltimamente no Crato, onde chegamos a 8 de dezembro. Ali achamos queixas pela falta das chuvas de outubro e novembro (não sei se faltaram completamente ou se não foram suficientes). Em dezembro e creio que mesmo em janeiro caíram algumas chuvas, mas foi em princípio de fevereiro que começou o inverno, e não ia mal até 8 de março em que de lá parti (mas constou-me que de oito até 20 não havia chovido). Em Missão Velha quando aí passamos choveu, assim como em Tropas. No Icó houve grande trovoada e chuva a 19 de março; aí já o verão era demais e sentia-se sêca. Pelo sertão havia chovido pouco, e havia grande receio de sêca forte; para o norte da Província até já se tratava de soltar o gado. Em alguns lugares o gado sofria, e mesmo morria do mal triste. Saindo de Icó, descendo pela ribeira do Jaguaribe, só apanhei chuva em...[42]. O Jaguaribe, o Banaboim tinham porém água; o Riacho do Sangue estava curto, e outros vários riachos ainda não havia corrido. O Acarape e o Chôro tinham sua água. O Baú, o Guaiúba, e outros tinham pouca.

Beira-mar, isto é, da Capital ao grupo de montanhas Aratanha, Baturité, etc., havia chovido bastante; mas quando aí cheguei (3 de maio) já se queixavam da falta d'água; bem que sempre caíam alguns chuveiros. Enquanto estive em Pacatuba, de 3 a 20 de abril, choveu pouco, mas sempre fazia luar de noite; às vêzes raras trovoadas e quando chovia era principalmente de noite.

Depois que cheguei à Capital de nôvo as chuvas; mas foi principalmente nos primeiros dias de maio, que elas se tornaram mais copiosas, havendo mesmo uma grande enchente. Fuzila sempre de noite entre sul e sudoeste. As chuvas

---

[41] Lacuna no ms.

[42] Lacuna no ms.

principiam de noite sempre com relâmpagos, e às vêzes com trovões, continuam pela noite; seguem durante a manhã (como agora que são 10 horas, 5 de maio, e chove copiosamente), por pancadas mais ou menos fortes, e vão às vêzes até tarde.

Pelo que eu tenho observado, o tempo das maiores chuvas (excepções à parte) é de fins de abril a meiado maio: Depois do equinócio de setembro (outubro a novembro), depois que o sol tem passado por cima do Ceará, caem as chuvas-de-caju. Quando se aproxima o equinócio de março ou quando o sol passa de novo sôbre o Ceará, fevereiro, começa o inverno, que dura, aumentando sempre mais ou menos regularmente até que êle transponha o Equador e chegue aos 10 ou 15 graus além, seguindo depois o estio.

Aqui, beira-mar, na Capital, pelo que tenho observado, as primeiras chuvas de inverno são de manhã, vão depois passando para a tarde e parte da noite; e enfim de noite e de manhã.

No sertão são quase sempre de noite; ou ao menos princípio de noite. No Crato, disseram-me, há ocasiões em que chove dias inteiros; às vêzes dias seguidos.

As chuvas no Ceará são quase sempre, senão sempre, precedidas de trovoadas ou rumores de relâmpagos.

No sertão há trovoadas fortes e freqüentes; aqui na Capital, são mais raras; *às vêzes fortíssimas. Êstes dias atrás,* de 1 a 4 de maio, as chuvas de manhã têm sido acompanhadas de trovões.

6-V-1860

Não tenho bastante observação própria; mas por informações tenho alcançado o seguinte: as chuvas podem começar ou pelo litoral ou pelo centro, isto é, pela Serra Grande, etc.

Pelo litoral começam de Aracati ao Ceará e se estendem até o grupo de montanhas de Baturité, etc.

Pela serra ao sul, isto é, no Jardim, Crato, etc. as chuvas vêm sempre de leste até ganharem a Serra do Araripe; ao norte começa pela Serra Grande vindo de Piauí.

A faxa de sertão que fica entre as serras do litoral e a Serra, é sempre a que recebe menos chuvas, mais tarde (excepto uma outra vez), e mais irregularmente distribuída; e parece que o sertão do norte é de ordinário o mais sujeito à sêca; me diz o Bezerra que aí chove como nas outras partes, e que o sertão mais sêco é o da Inhanuns, mais central, e mais alto, e menos coberto de árvores. Êsse sertão é montuoso e pedregoso, e o ar mais fresco.

Tem agora havido grossas enchentes dos rios aqui vizinhos, como são: Maranguapinho e principalmente o Côco, cujos afluentes vêm da Aratanha; os caminhos estão intransitáveis, a ponte do Côco arruinada, e por cima dela dá água pelos peitos dum homem (creio que nisto há exageração). As lagoas de Arronches, Mecejana, Porangabuçu, etc., estão cheias. Há muitos anos que não se vê enchente tão forte nestes lugares.

Os açudes do Mundéu, da Munguba e outros [... [43]].

---

[43] O ms. encontra-se arruinado neste ponto.

659 Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país

5-V-1860

O povo do Ceará, e talvez de mais outras províncias, tem idéias muito falsas a respeito do Brasil: para êles Brasil é Ceará, e tudo o que não [é] cearense é estrangeiro. Têm êles para si que o Ceará é superior a tudo o mais, e só conhecem superioridade em outros povos pelos artefatos que êles admiram, e não concebem como se fazem. O seu país (Ceará) está todo minado de metais preciosos; e cheio de tesouros escondidos pelos Framengos, Jesuítas etc. etc. O país está cheio de tradições, em que acreditam religiosamente; e certificam com contos de fenômenos naturais, que já hoje se não vêem, ou que apenas ainda vislumbram em certos lugares e tempos, como, por exemplo, estoiros nas montanhas, fumo, e luz ou incêndios sôbre elas; porções de rochas arrojadas de cima dos montes etc. etc. São ainda *pregos, cadeias de ferro* achados nas árvores pelas matas; são porções de minerais luminosos, ou lustrosos, em que sempre vêem ou ouro e prata, ou indícios disso. Enfim, são contos e tradições antigas. que têm a mesma origem, mas que impressionam mais por saírem da noite dos tempos revestidos de circunstâncias fantásticas, e exageradas.

Por tôda a província éramos questionados, não só pelo povo rude mas por gente de gravata lavada sôbre as minas que havíamos descoberto; e mostravam-se incrédulos quando lhes afirmávamos que nada se havia achado, estando prevenidos de que só vínhamos buscar minas e riquezas, e que de tudo fazíamos segrêdo. Êste preconceito pairava sôbre nós, e nos fazia suspeitos para com esta boa gente.

Mas o que são êsses estrondos, fogos, e fumos, e rochedos lançados pelas montanhas?

Os estrondos são seguramente efeito de aerólitos, que rebentando no ar, e não sabendo o povo donde lhe venha, ou sendo repetido pelo eco das montanhas, mui naturalmente cada um os atribui ao monte que lhe fica mais perto, ou donde lhe parece que venha o estrondo; e cada estrondo dêstes fica na memória do povo, que o vai passando aos vindoiros, sempre com a idéia de que êles indicam a presença de minerais preciosos.

De março a setembro de 1859 tivemos ocasião de ouvir dois estoiros meteóricos; um na Capital, e outro em Russas. Na Capital era de manhã, estávamos almoçando e pensamos que era sinal de chegada do vapor do Rio; o outro foi de noite e várias pessoas viram o meteoro luminoso.

Os montes inflamados podem ser por fosforescência de madeiras podres, depois de umedecidas pelas chuvas, ou fenômenos elétricos, depois das tormentas; os fumos, devem ser produzidos por nevoeiros úmidos ou secos.

Os pedaços de pedra lançados, são sem dúvida, fragmentos de rochas estalados pelo calor etc.

660 Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão

15-V-1860

Entre muitos preconceitos, como é o considerar-nos estrangeiros, e que viemos tomar suas terras, seus mitos, seus tesouros, e escravizá-los etc., etc., há entre a gente mesmo de gravata lavada, não sei se um sentimento de inveja; ou antes estão persuadidos que as rendas gerais procedem do Ceará, e assim não podem tolerar, ou antes clamam contra os ordenados dos membros da Comissão, que todos exageram muito e contra as despesas que a Comissão acarreta. Não fazem senão lastimarem-se fazendo comparações, dizendo: gasta-se tanto dinheiro (bem entendido, o Govêrno geral) sem grande necessidade e nós sofrendo tantas necessidades. Um nos dizia em Morada Nova: Se o Govêrno nos desse oito contos de réis sòmente faríamos aqui muita coisa de que temos necessidade. Eu lia no seu pensamento: Se o Govêrno geral, que gasta tanto dinheiro sem grande necessidade, *ex. gr.* com a Comissão, com a viagem do Imperador, nos mandasse êsse dinheiro! Outros querem dinheiro para animar a lavoura; bem entendido, se o Govêrno lhes desse dinheiro dado ou emprestado (que era o mesmo) para êles montarem seus estabelecimentos, saldarem suas contas? Outros clamam por caminhos e queriam que o Govêrno (geral) lhos mandasse fazer. Enfim todos não fazem senão lastimar o dinheiro que se gasta no Rio com teatros, quando êles têm cá tantas necessidades.

661 Índole e costumes dos indígenas

23-V-1860. Fortaleza

Ontem à noite em casa do Sr. Franklin de Lima, caindo a conversa sôbre índios, disse o Sr. Franklin que o resto da tribo (cujo nome não sabe) que hoje reduzida a uns 50 ou 60 existe ali por Milagres, pertenceu a uma nação que habitava por Piancó, Brejo Verde e Pajaú de Flôres, onde ainda em 1816 existia inteira; e foi nessa ocasião aldeada pelo Padre Frei Ângelo, que ali fêz uma grande casa quadrada com pátio dentro, onde êle os doutrinava: morto o missionário cessou êsse ensino.

Êsses índios, que faziam grandes estragos nas fazendas matando-lhes os gados, mudaram-se, provàvelmente perseguidos e obrigados pela sêca de 1845 (Gonçalves Dias) para Piauí, sendo aí também perseguidos, debandados e mortos muitos; o restante retirou-se para o lugar onde existe hoje.

A Sra. D., cunhada do Sr. Franklin, disse que seu avô foi capitão de bandeira dêsses índios; que os tratava com humanidade; e por sua parte os índios agradecidos respeitavam o gado que trazia a sua marca, fazendo porém estragos nos gados das fazendas vizinhas. A fazenda do avô, era denominada Mary (em Pernambuco?). Os índios vinham muitas vêzes a sua casa e pediam para o festejar com suas danças, cantos e música, e diz a Senhora que não deixava de ser coisa engraçada. Andavam todos nus, trazendo apenas uma tanga; lançavam de si uma catinga insuportável, *catinga d'arara,* diz ela. As meninas eram as que se consentia vir à casa e apresentar-se à família, pela indecência com que os homens se mostravam. Entre elas havia algumas bonitinhas, andavam nuas, mas *compostas* com uma tanga tecida de fios de cruá, tintos de várias côres, e curiosamente tecidos. Traziam mais pelos braços e outras partes laços de fitas tiradas também da casca fina do cruá, e tintos de côres. Traziam o corpo também curiosamente pintado; os cabelos longos até as curvas caíam de redor da cabeça sôbre os ombros, pelas costas e peitos, abrindo-se adiante e deixando ver o rosto bonitinho enquadrado pelos cabelos negros corredios, e grossos, os quais com o movimento da cabeça faziam um som particular, como *xi-xi.* Sentavam-se acocoradas de um modo particular a não deixar ver nada que as envergonhasse; e porque uma vez, um filho do seu avô gracejando com uma a quisesse tirar

daquela posição, a índia deu um salto, e sumiu-se, como se fôsse uma onça. Passados alguns dias vieram os índios armados a pedir uma satisfação, e com dificuldade se acomodaram; mas ficando sempre inimigos dêsse moço, e o ameaçavam por tôda a parte de o fazer dar a *embigada no mandacaru.*

Isto [é] muito significante e mostra quanto os índios eram ciosos, e respeitavam a inocência, e pudor das môças.

Diz a Sra. D. que as índias apareciam muitas vêzes em casa, e que era admirável a sutileza com que o faziam; sem serem percebidas mostravam-se de repente entre elas acocoradas; e também quando se retiravam, porque desapareciam instantâneamente. Às vêzes era ao som dum assobio ou apito trêmulo e apenas perceptível pela gente da casa, e vindo de fora, que as índias desapareciam imediatamente.

Tiveram duas destas ìndiazinhas em casa; uma criou-se muito gordinha, era muito inteligente, e servia muito bem, e fugiu de casa aqui na Fortaleza, quando para aqui vieram, provàvelmente aconselhada; a outra logo que chegou à casa começou a cobrir-se de um *fuá* (caspa) e a emagrecer até que morreu, o que foi atribuído a mudança de alimentação. Com efeito diz a senhora que quando comiam as comidas temperadas eram logo afetadas de diarréia; que comiam com muita dificuldade a comida temperada; arròz entravam a quebrar os caroços, metiam nos dentes e lançavam fora. Quando em casa se fazia matulatagem (se matava rês) as índias se vinham pôr em roda esperando ansiosas que lhes dessem um pedacinho, e quando o recebiam iam as duazinhas muito satisfeitas conversando em sua língua, para a cozinha, lançavam a carne sôbre as brasas, e apenas sapecadas, e sem sal a devoravam sôfregas. Comiam tôda a qualidade de bicho; era para elas quando apanhavam um calangro (lagartinho) uma festa; lançavam-no no fogo inteiro com tripas, e o devoravam. Etc.

662 Sentimento dos cearenses para com os estrangeiros

Tem a gente do Ceará grande aversão para estrangeiros, principalmente para portuguêses, à que chamam *Marinheiros*. Inda há poucos dias em casa do Franklin de Lima, estando êle e a mulher, conversamos sôbre várias coisas, e entre elas me perguntou o Franklin se uma corrente de ferro que se diz existir fechando a barra do Rio de Janeiro não era obra de holandeses, porque, dizia, portuguêses não acredito que fôssem capazes de a fazer! Tudo o que existe no Ceará mais antigo querem que fôsse obra de holandeses; assim a antiga fortaleza do Rio Ceará; o pôrto de desembarque, com o seu aterrado são obras holandesas. Mesmo a respeito do Brasil êles tem idéia tão exagerada da sua província que se persuadem ser o Ceará superior a tôdas em tudo; e enfim para êles Brasil é Ceará. Dêem-nos dois meses de chuva sòmente em cada ano que o Ceará não precisa de mais nada!

Devemos porém confessar que isto é preconceito popular, que se vai desvanecendo com a ilustração; mas parece que à proporção que isso acontece cresce o sentimento de inveja para com as províncias maiores, e principalmente para com o Rio de Janeiro, que êles (os que se têm por mais civilizados) reputam como um país de servilismo, e de corrupção, e que engorda à custa do resto do Brasil.

As idéias republicanas têm muita aceitação entre êstes sábios de meia tigela; a família Franklin, que é dos Alencares, tem idéias muito exageradas a êste respeito, até as senhoras não podem ouvir falar em rei, rainha, nem em Papa, porque é rei de Roma! Entendem que ninguém se chega a um rei, que é para esta gente sinônimo de déspota, de dominadores cruéis, e injustos, que não seja abjeto, e servil. É curioso vê-los indignados contra um ato de reverência, ou de simples atenção para com um monarca: mas é também curioso ver o desprêzo com que falam e tratam dos cabras. Um dia estávamos na Munguba à mesa do chá; o Lagos falava com soltura, e indiscrição dos ministros e gente da Côrte. Franklin mui contente olha para as senhoras e diz: êste é dos nossos; depois dirigindo-se para mim pergunta muito se eu não era monarquista! Um sentimento de indignação se apoderou de mim, e mal me pude conter, mas

não lhe respondi como devia; apenas lhe disse que eu não me ocupava com essas questões, e que se particularmente era amante do Imperador é porque não podia deixar de o ser sem ser ingrato.

Todavia pelo que tenho observado, se separarmos o povo baixo que não tem idéia nem uma do que é liberdade e dos seus direitos, e que só se leva por adesões pessoais, a gente boa ou de gravata lavada da Província é na maioria amiga da ordem e do sistema constitucional.

670 Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma légua

5-XI-1860. Serra Grande, Campo Grande

Em caminho fomos vendo uma vegetação secundária muito semelhante à do Crato, e dos tabuleiros do litoral. Muitos mulungus florados: são árvores, cujo tronco aculeado não se eleva muito mas tem grande grossura.

Paus-d'óleo: reduzidos a pequenas arvoretas; com fruto aberto. Jatobás, Jatobaís, muitos com fruto, e alguns com botões. Almécegas bastantes, com frutinhos verdes. Mirindibas (nossa jundiaíba) muitas com fruta. Pau-bosta (*Vochysia* do Araripe, e talvez do Rio) com flor.

Clusiáceas: Mangues: muitos, já de duas espécies, ou mesmo gêneros. Uma principalmente é muito abundante, e de flor rubra sangüínea. Árvore ramalhuda, formando grandes copas até o chão. A outra de fôlhas menores etc., é mais rara. Angelim (andira): vimos algumas árvores com frutas verdes. Murici, arvoreta, como o nosso do Rio.

Ternstremiácea (mangue): vimos algumas árvores com frutos não maduros.

Euforbiácea (farinha-fresca?): há bastantes destas árvores com flôres.

Hirtella, convexifolia, ou *tomentosa*: arvoretas, com flor e fruto, e muito abundantes (sobreiro?).

Janaguba, algumas. Lacre (Vísmia), muitas com flor e fruto. Visgueiro (aqui Faveira), muitas com frutas verdes. Faveira (sergeiro no Rio) algumas com fruto. Faveira (outra leguminosa), com fruto. Nharé, vimos uma com fruto. Caraúbas — algumas com flor. Pau-d'arco-amarelo, vimos um com flor. Tápia, vimos grandes árvores, a saber, tronco curto e grosso com flor. Rabugem, vimos algumas arvoretas novas. Mama-de-cachorra, há muitas, estão com flor. Pequi vimos alguns, com botões. Coração-de-negro, vimos dois pés, não grandes; estavam nus de fôlhas, e com fruto sêco. Marfim, vimos alguns com botões de flôres. Crauatá-açu (pita, no Rio), há aqui no alto da serra muita e espontânea. Bigônia-bela: vi com prazer esta linda trepadeira com flôres. Mulungu-bravo (*Ormosia*): Tintos, no Rio, Putumuju, no Crato: com fruto. Pau-pombo, muitos em botões.

Norântea, ou coisa próxima, arvoreta de longos ramos (chamam-lhe Cipó e Papo-de-peru) de lindas e compridas espigas de flôres encarnadas; muito abundante.

Sapê: em uma baixada vimos grande quantidade de sapê, de mistura com outras plantas do Rio de Janeiro.

A mata, que é sôbre um alto, sêco, está muito destruída; mas algumas madeiras mostram que haviam de ser grandes e belas.

Os paus que aí notamos são os seguintes:

Pau-d'óleo: muitas e grandes árvores, com frutos abrindo-se. Uma vimos de 3 palmos de diâmetro (e há mesmo maiores) que estava com dois entalhes para se colher o óleo; mas não é agora o tempo próprio. Cedros: houve muitos, hoje são raros; vimos duas árvores pequenas, e um cedro cortado de 3 palmos de diâmetro. Jatobás, muitos. São grandes árvores, e dêles se servem para obras de engenhos, moendas, etc. Maçaranduba: vimos uma nova, com palmo e meio de diâmetro. Estava com botões, e tiramos uns raminhos a tiro. Jacarandás *(Swartzia)*: Banha-de-galinha, no Cariri. Há bastantes novas; são árvores preciosas, mas não engrossam muito e têm muito pouco miolo, que é duro e bonito. Frei-jorge (Louro, no Rio) vimos uma pequena árvore; mas parece que foram abundantes. Louro (caneleiras) vimos fora da mata uma pequena árvore, com fruto verde. Imbaíbas (pau-de-torém) há bastante na mata.

Na chapada: vegetação muito semelhante à dos tabuleiros do litoral.

Cajueiro, mas do pequeno (Cajirim), abunda por todo êste alto da serra. Está com flor e frutinho verde. Jatobaim. Mangabas. Janagubas. Açoita-cavalo (Crisobalânea), com flor e fruta. Cansanção (de flor branca, e semelhante à da Favila).

A mucunã-ferro tem a bagem cheia de rugas ou pregas transversais, e as sementes são denegridas. Pertence ao gênero Mucunã. A outra, mucunã-vermelha, tem a bagem geralmente lisa, com sementes avermelhadas; e é do gênero...[44] Ambas abundam aqui em cima da serra.

O Padre Carvalho me disse que há aqui Putumuju (diz Manuel que é Pitimuju), árvore que dá linda madeira para marcenaria, amarela com listas avermelhadas; Cunduru (?); diz mais que há aqui em alguns lugares uma madeira vermelha, sem listas, dura e pesada, de que não sabe o nome.

Urucu: nasce espontânea pelas quebradas.

Sapucaias há muito no Piauí.

Putumuju, ou Pitimuju, ou Pitimujuba: mandei hoje (6 de novembro) o Barreto a um sítio aqui a uma légua buscar amostras desta árvore; só me trouxe um cavaco de pau antigo, e por êle conheci, que é o nosso Iriribá.

---

44 Lacuna no ms.

Vochysia: árvore de fôlhas opostas, racimos florais terminais, amarelos. Chamam aqui *Pau-bosta,* e dá tabuado bom para portas, janelas etc.; é o mesmo do Araripe, e creio que também temos no Rio.

Maria-prêta chamam aqui a um *Diospyros* muito semelhante ao nosso do Rio e dá fruto ouriçado. Não serve senão para lenha; o fruto quando está maduro é bem amarelo e glabro, por lhe terem caído os pelos. É fruto dos meninos, e de macacos.

A fruta da Merendiba comem os veados, as cutias, e os jacus; gente não a come.

673 Lembrança das plantas que ontem vimos à beira do caminho de S. Benedito

23-XI-1860. S. Pedro

Além das palmeiras, que cobrem grande porção de terrenos aqui de cima da serra, vimos mais o *Desmonchus* (nosso), dois pés de Bacaba, e uma palmeira espinhosa que o Senhor Marques chamou Macajuba.

Maracujás, o suspiro, de-flor-encarnada, e o de-capoeira, de linda flor azul; há mais aqui o peroba.

Malpighiácea: abunda por tôda a parte a de flor amarela.

Serjânia (mata-fome-bravo): muito abundante.

Salsa-da-praia (*Convolvulus*): por tôda a parte.

Gonfrena (?): por tôda a parte à beira do caminho, muito semelhante à outra do Rio de Janeiro.

Borreria: abunda pelos campos, como no Rio. *Trixis*: espécie diversa da do Rio.

Murici: arbóreo, em flor, muito abundante; o fruto se come. É o mesmo do Rio, nas vargens de Coqueiros e Viegas.

Carrapetas (Jitó): o nosso, com flor e fruta.

Torém (imbaibeiras) me pareceu distinguir duas espécies; uma é da mais comum no Rio.

Pau-pombo: muito abundante (é o nosso). Taquarim (canudo-de-gaiola): há muito (é o nosso). Oitituruba: (árvore com flor; há muito aqui. Angelim: vi algumas árvores (é um dos nossos?). Merendibas: das duas espécies; abundantes.

Jatobá, muitos. Pau-d'óleo, vi alguns. Corindiba (periquiteira): é a nossa.

Maria-preta (*Diospyros*) (é a nossa?) muito abundante; dá paus linheiros. O mastro que se levantou em S. Benedito com 44 palmos é dela.

Gonçalo-alves: vi um pé.

Taçuna (*Eupatorium*) vi um arvorescido; 30 palmos? Com esta planta tingem de azul as taquaras, com que fazem cestinhas, os caboclos. (A tinta encarnada é feita com as fôlhas da Tapiranga).

Goeirana: sapotácea venenosa, há muito. Mutambas — há muitas. Jangadeira (*Gordia*): vi algumas. Canafístula: de uma espécie que colhemos no Crato. Bacurupari: vimos alguns pés (o nosso?). João-mole (Pisônia): árvore, vi uma. Tatajuba, algumas (é a nossa). Jacarandá (*Swartzia*): há bastantes. Putumuju: vimos alguns pés novos. Jaracatiá: vimos um pé (o nosso).

Fruta da Tiriba (Urucurana-branca): é a nossa. Camusé (mimosácea): são muito semelhantes aos nossos cabuís, que os índios dizem caobê, segundo o Sr. Beaurepaire. Camusé não será corrupção de Caobê?

Hirtella tomentosa (*nobis*): arbórea; há bastantes. Papagaio (*Siphocampylos*): é o nosso. Saião (*Kalankoe*): espontâneo; é o nosso. Cumarim (pimenta): espontânea; é a nossa. Parreira (*Abutua*): uma espécie com flôres.

Pau-bosta (*Vochysia*): é uma das nossas espécies e dá aqui grandes árvores; e seu tabuado tem uso. Marmeleiro (Cróton): abunda. Vassourinha (*Scoparia*): é a nossa. Solanos (Jurubeba): muito comum. Clusiáceas (gameleiras): já não são para aqui tão abundantes, como em Campo Grande e S. Benedito.

Há mais uma infinidade de plantas, de que não posso me recordar.

LEMBRANÇA DAS PLANTAS QUE VIMOS NA VIAGEM A UBAJARRA

Logo que chegamos à crista da serra, ou antes, onde acaba o talhado, nos achamos rodeados de uma vegetação tôda do Rio de Janeiro. Vimos:

Uma corpulenta Guararema; algumas grandes Carrapeteiras, Corindibas. Ingás (da-bagem-redonda), Mariana, Pertaruão, Imbaíba, Inharé, etc.

Começando a descer pelas lombadas entramos na zona vegetativa do sertão. Eram já catingas. Apareceu o Mufumbo, a Sabiá, oTinguin-capeta, o Amarelo. ou acende-candeia, o Gonçalo-alves, a Aroeira, etc. etc.

Do lugar onde dormimos (Araticum) até a Gruta reaparece a mata fresca. Eram corpulentas Cajàzeiras, Araticuns, Gameleiras, etc.

Na bôca da Gruta, vimos muitos paus de Bálsamo com fruta.

Amargoso: achamos uma arvoreta destas na lombada da serra, com fôlhas novas; nem flor, nem fruto. É a mesma que colhemos no Crato, também sem flor nem fruto, e levamos dela amostra da madeira. Parece que é o melhor Angelim daqui.

674 Diversos modos de suspender a rêde no Ceará

Os ganchos, ou outra qualquer coisa, em que se amarram as cordas, ou cordões das rêdes, se chamam *armadores* e se diz *armar* a rêde.

Na simples cabana, ou palhoça do pobre tudo serve de armador, os caibros, os frechais, as travessas, os paus-a-pique, e os esteios; em qualquer coisa destas, sabem atar com prontidão e segurança a sua rêde; têm mesmo para isso um amarradio ou laço próprio.

Nas casas de paredes de pau-a-pique barreadas, que aqui chamam de taipa, e os paus enxameamento, o mais simples é escolher o lugar conveniente para armar-se a rêde, e nesse lugar, quando se barreia, e se reboca a casa, deixa-se uma porção dum pau-a-pique escolhido, entre as varas descoberto, de modo que se possa passar por detrás a laçada. Mas melhor, para êsses lugares [é] escolher um pau torto, que forme um cotovelo, saído além do nível da parede de sorte que barreada, e rebocada, fica êsse cotovelo fora. Também mais fàcilmente se faz deixando no pau um gancho, cujo ramo sai fora da parede.

Em S. Benedito, na casa em que estivemos vi um modo particular. Eram duas vigas, ou travessos, de boa madeira, redondos, embebidos nas paredes, que eram de adôbe, em altura conveniente, e próximas às duas paredes fronteiras. Nesses travessos se podem armar 5 ou 6 rêdes.

Nas boas casas os armadores são de ferro; ganchos de várias formas, inteiros, ou articulados, e móveis, que se fixam nos esteios, e nas portadas; mas nas casas de paredes de tijolo ou de pedras, ou mesmo quando não há esteio ou portada a jeito, são fixados em buchas de boa madeira, que se embebem nas paredes, na ocasião em que se fazem.

Vi em Santa Cruz na casa em que pousamos um cabide singular: eram dois paus lavrados, da altura dum homem, fincados no chão, com esteios, com 3 ou 4 travessos, imitando um poleiro.

Para suspender a roupa usam muito de cordas, ou também de estacas nas paredes, que aqui chamam *tornos*. Êstes tornos servem para tudo, para pendurar arreios, armas, roupas, chapéu, etc.

Em S. Benedito e aqui em S. Pedro, onde o comum das casas é coberto de fôlhas de palmeira (as palhoças do pobre caboclo, e mesmo de gente branca,

têm até às paredes fechadas com fôlhas de palmeira, artìsticamente arranjadas; até as portas se fazem dessas fôlhas. Em Campo Grande vi uma porta feita com talos de pita, enfiados por varas, como ponteiras de gaiola). Como dizia, são mui sujeitas a incêndio. Então as casas melhores, as lojas, onde há coisa que perder previnem os efeitos *fazendo um fôrro de paus juntos à maneira de jirau*, e barreiam por cima. Assim se o teto de palha arde, ou salva-se a casa, ou ao menos há tempo de salvarem os trastes, e outros objetos.

677 Plantas colhidas no caminho entre o Rancho Capeba e a Vila de Quatiguaba

1-XII-1860. Quatiguaba

Chegamos aqui há pouco, tendo saído do rancho *Capeba* às 6 horas. Em todo êste trajeto passando por tabuleiros, carrascos e agreste, vimos, ou colhemos as plantas seguintes:

Casca-grossa: arvoreta, caneleira (canela-preta do Rio?) de cerne roxo, tão duro no chão, como ou quase a aroeira.

Urucurana: assim chamou o Senhor Marques o grão-de-galo pela semelhança remota dos frutos.

Guaiabeira: vi uma silvestre, e diz o Senhor Marques que é mais rara.

Araçá: há muito e é da espécie mais comum no Rio. Araça-de-pedra: informam-me que também o há. Ingá-de-cipó: é o nosso ingá do Rio, de bagens alindadas, compridas, estiradas.

Trigonia villosa. Jacarandá (*Swartzia*): há muito. Bignoniácea de grandes flôres brancas de fauce amarela, trepadora, há muito.

Cunduru: assim denomina o Senhor Marques, uma arvoreta que não dá cerne, mas é excelente para caibros. Estava principiando a florar, e outras tinham muito fruto, que são drupas ovais, roxas, de sabor ligeiramente doce; é uma *Guatteria*, e uma sorte de Imbeú. A madeira é branca-amarelada, pesada.

Merendiba: de drupa maior, de carne ácida, adstringente; estava sem fôlhas; e não dá boa madeira.

Marfim. Angelim: de várias espécies (vimos muitas, de que colhemos, em grandes panículos de flôres, e quase sem fôlhas).

Timbaúba, ou Tamboril.

Palmeiras: grande quantidade. Piteiras. Clusiáceas: o que chamam gameleiras.

No agreste:

Pequi: há bastantes florados, tendo a parte exterior do cálice rubro, e outros verdes.

Cajuim: está com flor, e com fruto, amarelo, e rubro; é a primeira vez que o provei; são doces, e ligeiramente adstringentes, em estando bem maduros são gostosos, e quase sem *cica* alguma.

Jatobaim: com fruto e botões. Jatobá: com fruto e botões. Pau-d'óleo: está florescendo. Visgueiros: com fruto. Faveira: com flor. Janaguba: com flor.

Carvoeira. Pacoté. Tingui-capeta: com flor. Carnaúba: com flor. Pau-d'arco amarelo. Paraíba: com flor. *Luhea*: com flor. Cajueiro-bravo: com flor *Cybistax*: com flor. Barbatimão: com flor.

Murici. Murici-da-praia: com flor. Lacre: com flor e fruto. Amarelo (acende-candeia): com flor. Coração-de-negro. Norântea: com flôres. Mangaba. Murta: com fruto.

Está situada em uma assentada, ou espécie de socalco, quase no alto da serra. Essa assentada está em meio dum solo montanhoso que são como degraus porque a serra desce até o sertão; até a escarpa pétrea, ou talhado alcantilado, são sòmente ladeiras de montanhas de terra avermelhada, em cujas quebradas nascem olhos de boa água, e cujas encostas foram revestidas de belas florestas, hoje destruídas. Na grande quebrada da serra por onde passamos, Quatiguaba, são as ladeiras como as do Araripe, e o fundo do vale é idêntico em tudo ao sertão. Solo árido, pedregoso, matas de catingas, calor intensíssimo, gente corada, saúde, fazendas de criar.

A Ibiapaba montuosa, coberta de matas, abundantes em fontes, é uma sorte de Cariris. *Sua formação parece ser devida a um desmoronamento da serra por* lhe faltar o muro de pedra que a sustém nos outros lugares.

O clima é agradável, mais quente que Campo Grande e mesmo S. Benedito e S. Pedro; sujeito a ventanias de leste, e a grandes nevoeiros de manhã; ao menos agora. Todavia não é tão saudável como o sertão.

A vila, que não há muitos anos era quase tôda de palhoças e habitada por Caboclos, é hoje tôda de casas de telha e habitadas por gente branca; os caboclos habitam nos arredores em palhoças. Sua área é espaçosa, o quadro grande, e tem mais duas praças boas; mas ainda não de todo guarnecidas de casas; as ruas são alinhadas e largas, mas ainda com poucas casas, que são tôdas térreas, pequenas, de telha-vã, e ladrilhadas, tendo na frente pela maior parte, calçadas, de tijolo ou pedra. São tôdas caiadas com tabatinga, as paredes de taipa, excepto duas o três que as têm de tijolo; há uma casinha de sobrado, e de bom aspecto (janelas do sobrado envidraçadas) que pertence ao vigário, Padre Bevilaqua. Algumas casas têm as portas pintadas, como a em que está o juiz-de-direito. Nós estamos aposentados num casarão, que já serviu de Câmara Municipal.

Ao pé da igreja se vê a área, e ainda os alicerces do Colégio dos Jesuítas, que serviu depois de residência aos vigários, e enfim por desmazêlo o deixaram arruinar-se; e o abandonaram à rapacidade. Quem queria ia lá buscar materiais para suas obras.

A igreja é um bom edifício; do tempo dos Jesuítas só resta a Capela-mor, com retábulo, e o teto pintado, e imagens antigas; existe mais a tôrre, que é sòlidamente edificada, a porta, e portada de pedra da frente.

O corpo da igreja ameaçando ruir foi arreado o teto, e provisòriamente coberto de palhas de palmeira, e por ocasião duma festa, incendiado por um foguete, escapando a capela-mor, pela rapidez do incêndio.

Levantou-se nova igreja, conservando a capela-mor e a tôrre dos Jesuítas; a nova casa é bem construída, e ampla, com duas ordens de arcos maiores. A sacristia é também do tempo dos Padres da Companhia.

Parece que o templo era assoalhado; hoje está todo ladrilhado. Pedi ao padre vigário que conservasse quanto pudesse as relíquias dos Padres Jesuítas.

O chão da vila não é bem horizontal, tem declive suave, da frente da igreja para o sul, e a praça é desigual e cheia de buracos, cavados pelas chuvas.

Os víveres ainda que não muito abundantes são cômodos. Não há verduras pela negligência do povo. Ontem comemos aqui pela primeira vez couves que nos mandou o Tenente-Coronel Magalhães. A fruta abundante é a banana de várias qualidades. Há bastantes laranjeiras mui frondosas, carregadas de fruto, mas é pequeno e azêdo; asseveram-nos porém que depois das primeiras águas se fazem doces. Há ananases, cajus, etc. Ontem vimos algumas plantações de café. de má aparência, mas estavam mui floridos.

No tempo da aldeia era a cultura principal o algodão, que fiavam e teciam. Os novelos de fio, ou nimbó, e os rolos de pano eram a moeda corrente, até para fora: levavam para Piauí novelos de fio, e traziam gado. Quando se erigiu a aldeia em vila deram fiança para poderem exercer o seu ofício 17 tecelões; em 1759, e 60. Atualmente ainda há alguns teares, que tecem o algodão ordinário para o povo; mas cultiva-se já pouco algodão. Plantam também cana, e café; cria-se pouco; o gado nos tempos antigos vinha todo do Piauí; hoje vem ainda em grande parte, como para Campo Grande, S. Benedito e S. Pedro, mas sobe também algum do sertão. Exportam também coiros.

Além dos tecelões deram fiança mais sapateiros, ferreiros, etc. Havia nesse tempo (1759) um ourives, que era um francês chamado João Fonteneille, que aqui se estabeleceu, e casou duas vêzes, teve vários filhos, e existe hoje sua descendência, e foi dos homens brancos respeitados aqui, e o que é mais curioso, chegou a ter patente de capitão *. Havia oficiais de pedreiro e carapinas, mas não capazes de fazer obras de alguma importância, porque para essas se mandava vir de fora. Mandou-se vir oleiro de Pernambuco para fazer telhas para a igreja e obras públicas. Até então a telha e tijolo, e até o tabuado vinham de Pernambuco pelo pôrto do Camuci. É tradição que os Padres da Companhia mandavam conduzir sal do pôrto para aqui carregado por índios; e daqui ia para Piauí, donde vinha gado em retôrno. Aos índios trabalhadores não paga-

* Morreu com 80 anos em 8 de dezembro de 1809.

vam em dinheiro mas em pano, e alimentos, que os davam com fartura: achamos escrito que se deu até 3 libras de carne fresca, não já em tempo dos Jesuítas.

Não pudemos alcançar notícias do modo por que os Jesuítas governavam esta aldeia: os índios, netos, e bisnetos dos que foram dirigidos pelos Padres, não conservam mais tradição alguma; o único fato que alcancei é que êles índios não conhecem, nem conheciam o nome de Jesuítas; tratavam os Missionários por Padres da Companhia. Pelo que coligimos de depoimentos das testemunhas com que se justificou o patrimônio da igreja desta vila só davam alimentos aos índios, que empregavam em serviços, e aos doentes e necessitados. Castigavam-nos pelos seus distúrbios, e crimes, com prisão, palmatoadas e talvez com outros castigos. Diseram-me aqui alguns índios que as raparigas, que faltavam à escola eram castigadas com bolos, ao pé do pelourinho; no que há verdadeiro engano, pois êles não tinham pelourinho.

Parece que o regime dos Padres consistia principalmente em arrebanhá-los, obrigando-os a viver em certa comunidade, fabricando suas casas ou cabanas, a ensinar-lhes a doutrina, obrigando-os a assistirem às orações, à Missa, e a se confessarem, a batizarem os filhos, a casarem à face da Igreja, etc., ensinando-lhes certos ofícios dos mais necessários, como de tecelões, carapinas, pedreiros, etc., obrigando-os ao trabalho da lavoura, na plantação principal da mandioca e secundária, como a do milho, feijão, batatas, bananas e a indústria da plantação, fiação, e de tecer o algodão com que se vestiam; com que faziam permutas, e com que provàvelmente pagavam dízimo ou tributo aos Padres. Êles para manutenção do culto, e para sua sustentação tinham boas fazendas de criação no sertão.

Exerciam nas aldeias o poder espiritual e temporal, donde se seguiram os abusos, que causaram a sua queda.

Atualmente há nesta vila proporcionalmente menos descendentes dos índios, do que em S. Pedro e S. Benedito; provàvelmente pela maior afluência de brancos para aqui, e reti[ra]da dos índios, que não suportam de bom grado a concorrência dos brancos.

Temos sido aqui, como em tôda a parte, muito bem recebidos, e muito obsequiados, de frutas e doces; temos sempre a mesa farta. O nosso vizinho Tenente Tôrres nos manda todos os dias para almôço leite de cabra, talhadas de cuscus, o que nos faz grande arranjo, porque não achamos aqui leite, nem pão; o vigário, D. Mariana, o Juiz-de-Direito, o Tenente-Coronel Magalhães, e outros muitos nos têm presenteado.

Dizem-me que há por aqui bastante intriga, como costuma em terra pequena; mas ainda não tivemos ocasião de presenciá-la.

Há por aqui algumas carinhas bonitas, mas em geral não são as mulheres aqui formosas; atualmente é D. Mariana Bevilaqua a cara mais bonitinha daqui, mas essa é do Ceará.

Na escola onde vimos juntos uns 70 meninos, nenhum dêles era próprio a acreditar a sua terra como produtora duma boa raça.

Agora têm concorrido para as Novenas e Festas da Padroeira, que é no dia de Ano Bom, muitas famílias, dos sítios da serra, e das fazendas do sertão: e tem aparecido por isso maior número de môças bonitas; a filha do Sr. João Severiano, D. Maria, é bem galantinha.

O ar começa a tornar-se úmido com o aparecimento das chuvas, e isso tem influído um pouco na saúde do povo — há seus defluxos, e ligeiras anginas: eu e Manuel já não estamos passando bem; já vamos perdendo a côr e a nutrição que havíamos ganhado no sertão e em cima da serra até uns 8 dias atrás.

Há grande negligência, como por tôda a parte a respeito de água de beber; podia-se aqui tê-la sempre excelente, mas não acontece isso, em nossa casa nem sempre temos boa água. Também a carne nem sempre é boa; não há pão; chá muito ruim; faltam verduras, que podiam ser abundantes.

No entanto já nos temos afeito a tudo; temos as melhores relações da terra, gente obsequiosa, e amável; e mais a circunstância de alcançarmos uma época de festa, e de divertimentos, ajuntando-se as famílias comumente. Já vamos sentindo as saudades da separação.

Agora tive ocasião de conversar com o Tenente-Coronel Magalhães sôbre o incêndio da igreja, e sôbre a reedificação do corpo dela. Estava a igreja muito arruinada; tinha-se-lhe já pôsto teto de palha, pela ruína do madeiramento do telhado, cuja telha se arreou. Ameaçava ruir e o Padre Vigário parecia indiferente a isso; a sua escusa era não haver dinheiro (e a êste respeito me referiu o Sr. Magalhães misérias). Nem ao menos procurava excitar a piedade dos figurões, para acudirem à ruína do templo; o Sr. Magalhães foi quem tomou a peito, o fazer a obra que era já arrasar a obra antiga e reconstruir. Quantas objeções lhe foi preciso destruir da parte do Pastor! e que objeções! Solvidas umas apareciam outras. Da parte do vigário só inércia, nem um auxílio; não há dinheiro! era grande dificuldade; no instante o patrimônio da igreja é uma excelente fazenda de criação; e nem ao menos forneciam bois para conduzir materiais; era preciso que o Sr. Magalhães andasse de porta em porta pedindo a quem tinha gado, ou servindo-se dos seus. Não há cal! dizia o vigário. Como, Sr. Vigário! eu vou fazer cal. E a fêz, e para achar quem o auxiliasse na condução dela saía com a Imagem da Senhora em procissão acompanhando os condutores! O vigário espreguiçava-se em sua rêde, ou se entregava à ... [45]. Quanto é isto mortificante! E quanto me custam estas reflexões! Pois êle é obsequioso, e nos tem tratado muito bem. Enfim chegou a obra até acima dos arcos, e parou; mandou-lhe pôr teto de palha, que foi incendiado em novembro de 1860 por um foguete: foi necessário nova cam-

45 Lacuna no ms.

panha, para se vencer a inércia do padre. Todo o mundo estava pronto a prestar-se a doar serviços e dinheiros, mas nem assim! Correu uma loteria também em favor da obra; estava o dinheiro na capital, e não havia quem o fôsse buscar; lá foi o Tenente-Coronel e trouxe o dinheiro! Sai todos os dias de manhã do seu sítio e vem ver o serviço; pede, e roga a todo o mundo auxílio, e o vigário inerte, resistindo! Foi arrasado o antigo templo há 6 para 7 anos, foi queimado o teto de palha do vigário há 3 anos; o corpo da igreja está coberto; agora falta revesti-lo e decorá-lo. o Vigário quer caiar a pintura antiga, porque diz êle que escurece o templo! Pedi-lhe que não fizesse tal, não sei o que fará.

680 Notas sôbre a localidade de Meruoca

7-I-1861

Povoação pobre, de aspecto triste, e miserável; situada numa baixa úmida, rodeada de morros altos, passam pelo meio dela dois regatos, que nas grandes sêcas faltam. Consta a povoação de uma praça pequena irregular, e de duas ruas; a principal torta, e mal povoada de casas, quase tôdas de palha; contamos em tôda a povoação 18 casas telhadas, caiadas, ladrilhadas — pequenas, térreas. Ainda não há vidraças, nem teto forrado. São pela maior parte úmidas, umas arruinadas, e outras maltratadas; em quase tôdas chove dentro, na ocasião das grossas chuvas, por mal cobertas, e por telhas quebradas, ou caídas. Há 70 anos já havia 4 ou 5 casas de telha, segundo a informação da velha Cosma, e grande número de palhoças. Não pude obter notícias sôbre a origem e sucessos antigos desta povoação, além do que me deu essa velha Cosma Damiana, que deve ter hoje seus 75 a 76 anos, pois me disse ela que quando por aqui passou o Governador João Carlos ela devia ter pelo menos 20 anos e isso foi em 1805. João Carlos passou em liteira, parou um pouco no largo; mas não saiu da liteira, vinha acompanhado de muita gente rica, disse ela; foi uma verdadeira festa para esta povoação. Lembra-se apenas de quando veio aqui pela primeira vez a fazer Missão Frei Vidal. Teria ela então 5 a 6 anos; mas lembra-se perfeitamente dêle quando veio pela segunda vez. Tinha mêdo dêle de dia; mas de noite na igreja gostava de o ver; as suas práticas eram mui altas, gritando, e exortando à penitência, e fazia procissões acompanhadas de penitentes. Diz ela que êle ralhou muito contra o administrador das obras da igreja, que achou muito atrasadas; e parece que nessa ocasião passou a administração para outro, mais zeloso. Quando ela se entendeu existia sòmente a capela-mor antiga; e as paredes do corpo da igreja atual chegavam a 4/5 da altura que tem, e estava coberta de fôlhas de palmeira: foi depois. Com a censura de Frei Vidal e mudança da administração para o velho Miguel Alves de Lima, empreendeu-se a continuação da obra, até chegar ao estado em que está; e parou pela morte do velho, que era incansável, e fazia que todo o mundo concorresse como pudesse para a obra, com esmolas, de dinheiro, matulatagens, mantimentos, e trabalho; ela

mesmo, a velha Cosma, diz que carregou muito barro, tijolo, e pedras. No dia em que faltavam trabalhadores o velho Lima chorava. Em 1848 ou nos seguintes até 51, achando-se arruinada a antiga capela-mor, e sacristia, foi arreada, e levantada a que existe atualmente, mais alta que a primeira. O cruzeiro levantado no tempo de Frei Vidal também se arruinou, e foi arreiado, e levantado o que existe pelo capelão atual, o Padre Melo. A igreja faz vergonha e atesta o pouco sentimento religioso, cristão, a que [levou a] pobreza dêste povo. As paredes conservam ainda os buracos dos andaimes. A frente da igreja, que não seria má acabada, está com os mesmos buracos, sem remate, com grande parte do rebôco caindo. Uma das paredes do corpo está rachada de alto a baixo. O interior é de perfeita nudez; o côro tem só os barrotes, assim como o púlpito; tudo é pobre; o altar, o retábulo e o trono, é tudo ridículo; coberto de papel, de chita, ou pintado por curiosos, ou antes por caiadores. Missal, paramentos, tudo velho.

Disse-me o Padre-Capelão João José Mendes de Melo, moço de 37 anos, filho do Sobral, que quando estêve aqui pela primeira vez em 1846 esta povoação estava em grande abandono, a praça e ruas estavam cobertas de mato e que ela entrou em movimento de prosperidade de 45 em diante. Êle está construindo uma casa de telha de boa capacidade; por ora mora em uma casinha de telha, pela qual paga 34 mil anuais de aluguel.

Diz a velha Cosma, que na sua mocidade era isto tudo coberto de matos, e que havia muita caça, veados, porcos, pacas, macacos, guaribas etc. etc. Ela e outras mulheres que estavam presentes me contaram horrores da sêca de 1825 (?) que dizem elas durou 3 anos; tudo secou, secaram os córregos, e só se obtinha água aprofundando muito as cacimbas. As bananas, as laranjeiras e tudo o mais secou e morreu; não havia farinha, e os pobres morriam de miséria, e de fome; famílias inteiras pereceram de fome. Diz a velha Cosma que não sabe como escapou: andava pelos matos colhendo ... [46]. Essa era a nutrição do povo, e as capemas das palmas, que se acabaram então. No fim da sêca apareceu a peste da diarréia, que matou também muita gente, e elas perderam dela uma sobrinha já mocinha. Logo que apareceu a fartura, diz uma das mulheres, tôda a gente engordou muito, estando antes com a pele sôbre os ossos.

Em 45 também a sêca causou muitos males; mas então não morreu ninguém.

REFLEXÃO

As sêcas em tempos mais antigos causaram horrores nestas Províncias, e na do Ceará principalmente pela indolência do povo, que quase nada plan-

---

[46] Esta parte do ms. encontra-se arruinada.

tando e vivendo do que a natureza produz espontânea, apenas faltam as chuvas, e por conseguinte essa alimentação, ficam sem recurso e chegam a perecer. Tenho ouvido a alguns que a sêca de 45 foi maior que a de 25; mas escarmentados por aquela, esta os não achou tão desprevenidos.

Diz a velha Cosma que quando se entendeu o que se plantava aqui era mandioca, algodão e cana, de que havia algumas engenhocas, que faziam rapadura e aguardente, principalmente uma aqui no povoado de um prêto Capitão de Ordenança Francisco, que fazia bastante rapadura e cachaça.

A cultura principal hoje é da mandioca, e da variedade chamada cruvela, e o lugar da serra onde há maior cultura é daqui para o lado de Sobral; planta-se também cana, algodão, e principiam a plantar o café, que deve dar muito bem e além dos legumes milho, arroz, feijão, etc. Dá muita fruta, bananas, laranjas, limas, mangas, etc., ananases, mamão. A gente é boa, e a que mora na ...[47] é sadia, ...[48] bem parecida.

Há criação miúda.

---

[47] Esta parte do ms. encontra-se arruinada.

[48] Idem.

683 Canindé, vila, na ribeira do riacho Canindé

Consta principalmente duma boa praça, onde se está fazendo uma boa *casa de sobrado; e de uma longa rua, que se chamou* Rua de Baixo, *e agora* lhe dão o nome de Rua do Comércio. Tem mais duas casas com sobradinhos, a em que mora o vigário e a em que mora o Dr. Paula Pessoa, que me parece a melhor da vila. A matriz é das melhores que temos visto no sertão, excepto a de Sobral, que inda não está concluída. Está tôda rebocada de nôvo, tem um prospecto agradável, bem que sem proporções artísticas, e decorada de espécies de arabescos de mau gôsto. O corpo da igreja é forrado, e a capela-mor com bonito retábulo, revestido de elegante tarja, que [é] tôda dourada, sendo o fundo branco. As paredes são forradas de papel pintado, as colunas caneladas; o nicho de S. Francisco das Chagas, o trono, que se sustenta em sacrário, tudo é elegante, e de bom efeito.

Tem um bom cemitério, murado, com frontaria alta, capela no fundo, etc., tudo caiado.

Passa pelo meio da vila um riacho, que chamam da Bosta porque vão a êle os fundos das casas; que agora está sêco, menos no baixo, onde conserva água estagnada, em razão de barreiros, que *aí* cavam imprudentemente, e que deve ser nociva à povoação; e que nas grandes chuvas torna-se opulento e invade as casas.

As casas são tôdas de telhas caiadas, algumas de boa aparência; as salas bem mobilhadas, com portadas pintadas, etc.

Chamou-se êste lugar primeiramente S. Gonçalo, provàvelmente nome de alguma fazenda, que aqui houve.

Feita a igreja povoou-se o lugar, e teve o nome de S. Francisco das Chagas da Ribeira do Canindé, simplesmente S. Francisco do Canindé, e atualmente vila do Canindé.

A capela era filial do Aquirás; e passou a ser freguesia em 1818, sendo seu primeiro pároco o Padre Francisco de Paula Barros, que serviu até 33, com interrupções, em que a igreja era servida por outros sacerdotes, como pelo Padre João Crisóstomo de Oliveira Freire, que está hoje em S. Benedito. Em 1834

entrou o Padre Vigário Manuel Tomás de Rodrigues Campelo, que faleceu o ano passado. Hoje é vigário e Reverendo Padre... [49].

Antes de ser freguesia foram capelães primeiro o Padre João José Vieira, que era também administrador dos bens da igreja, desde 1802 a 1812, em que morreu.

INSPEÇÃO

Esta vila do Canindé, dizem os moradores que no verão fica quase deserta; a maior parte dos moradores têm sítios na serra, e lá vão passar o verão, que é muito quente aqui; os proletários vão alugar-se para trabalho. Então, não só a moradia aqui é triste, mas faltam os poucos recursos que se acham durante o inverno.

Agora mesmo há grande dificuldade para se comprar uma galinha, capote, ovos, etc.; o que se acha na terra é a carne fresca no dia em que se mata, farinha, milho, feijão, arroz, rapadura, ou açúcar grosso, aguardente, vinho sofrível, cerveja, e pouca fruta: nada de verdura. A água é má, e no verão é pior.

É quente o lugar; há agora muita môsca, e bastantes muriçocas.

A gente é boa, amável, simples; mas em geral de má côr — o que não abona a salubridade do lugar e o que é devido em grande parte à má construção das casas, que são sempre mais ou menos úmidas. Na rua chamada do Comércio, ou Rua de Baixo, muitas casinhas antigas estão abaixo do nível da calçada. Há pouco asseio nas casas de gente pobre; e o mau passadio pode e deve também concorrer para o mau estado de saúde do povo.

Fevereiro de 1861

Informações dadas pelo Sr. Antônio da Cunha Marreiros, nascido em 1785, na ribeira do Canindé.

Sendo êste lugar denominado então S. Gonçalo sem que êle tenha lembrança de ter havido aqui fazenda alguma *.

Não sendo compreendida uma porção de terras na margem do Canindé ao lado esquerdo, foi esta aproveitada para se fazer o templo de S. Francisco das Chagas. Uns sujeitos de Jaguaribe, chamados se bem se lembra Pais Calaças **, puseram demanda querendo fazer-se senhores destas terras; mas por morte dêles cessou essa questão ***.

---

[49] Lacuna no ms.

* O Senhor Cruz Saldanha, disse-me que ali algumas... perto de sua casa, na vila, existe um tôco de forquilha de aroeira, que se diz fôra da casa da fazenda de S. Gonçalo.

** Talvez Colaços.

*** Êles tinham terras aqui confinantes no Reguengue.

Em 1780 e tantos, de que tem lembrança o nosso informante, não havia neste lugar uma habitação.

Francisco Xavier de Medeiros, português, morador em Pirangi, foi quem teve a iniciativa de se fazer aqui uma igreja, com esmolas, e auxílios dos moradores *.

Principiou-se a fazer a igreja em 1789. Foi seu primeiro capelão o Padre João José Vieira; não sabe quando se disse a primeira missa.

Durante a sêca de 1892 houve uma parada nas obras, que continuaram depois.

A primeira festa de S. Francisco das Chagas foi em 4 de outubro de 1806.

Os primeiros habitantes mais notáveis dêste lugar, e de que ficou lembrança, foram Cipriano Rodrigues Tavares, e Matias Lopes de Azevedo, avô do nosso informante.

Veio depois a família Barbosa Cordeiro, descendente de Simão Barbosa Cordeiro, vindo de Pernambuco.

---

* Consta que morrendo na Ribeira do Curu um sujeito, pessoa notável ali, e sendo levado o corpo a enterrar-se em Itãs, chegou lá pobre, e foi isso que deu lugar, a se fazer aqui o templo. O mesmo Francisco Xavier de Medeiros foi quem fêz a igreja de Baturité, e a de Itãs. Diz o Sr. Marreiros que com o Senhor Francisco Xavier andava Frei José de tal, frade franciscano, que lhe parece teve também intervenção na feitura da igreja; e que êle o viu aqui muitas vêzes dizendo missa, confessando, etc.

684 Notícias sôbre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité

Houve em tempos remotos uma aldeia de índios dirigida por missionários (seculares?) na Serra de Baturité, e no lugar que hoje se denomina — Comum — e de que nem vestígios restam.

Não pude saber de que nação eram os índios, donde vieram, nem quando. nem que tempo se demoraram ali.

Sòmente o Reverendo Padre Raimundo, atual vigário de Baturité, me disse que existe na matriz uma imagem da Senhora da Palma, que os índios trouxeram de Quixeramobim.

A aldeia desceu, não sei quando, da primeira localidade, que se ficou chamando *Missão Velha,* e agora se denomina *Comum,* para onde existe a atual cidade, e que se chamava *Paiacu,* depois Vila de Monte-Mor-o-Nôvo, e hoje cidade de Baturité.

Parece que a aldeia ou missão de *Paiacu* não era muito povoada; pois que para se erigir em vila foi necessário ajuntar-lhe a missão da Telha, exigindo o Diretório para isso 50 casais, se estou bem lembrado. Havia sido em algum tempo missionário desta povoação o Padre José Ferreira da Costa; mas no tempo em que se fêz vila parece que era vigário o Padre Teodósio de Araújo e Abreu.

A velha índia Rita Maria da Conceição disse-nos que quando veio para aqui (provàvelmente em 1810) a maior parte do povo era caboclo, que ela chama tapuias.

Depois da extinção da Companhia de Jesus, sendo tôdas as aldeias, tanto as dirigidas por aquêles padres, como por quaisquer outros, erectas em vilas, e consta de documentos que foram mais de cem, foi também nesta criada uma vila.

Consta dos papéis da criação da vila que neste lugar existiam então 3 casas, em uma das quais residia o vigário, outra ficou para Casa da Câmara interinamente, e a terceira para escola. Foram estas casas compreendidas, ou ficaram fora do alinhamento da nova vila? (E é provável que as palhoças que serviam de habitações aos índios fôssem dispersas e mais aproximadas do rio).

Também consta dos têrmos de aforamento que passou a nova Câmara aos lavradores, que estavam situados na ribeira do Aracauaba, e mesmo do Potiú, que já êstes lugares se iam povoando. Contamos 11 dêstes sítios, que foram compreendidos na légua quadrada de terras (de 1800 braças) que se mediu para patrimônio da vila. E em muitos dêsses têrmos vem a declaração de que os donos eram homens brancos.

Estas notícias que pude obter da tradição e dos documentos que existem, são muito incompletas, ou inteiramente falhas, no que diz respeito ao estado da aldeia, antes de ser criada vila.

Foi a aldeia dos índios de Nossa Senhora da Palma da Serra de Baturité erecta em vila, no dia 14 de abril de 1764 pelo Dr. Ouvidor Geral Vitorino Soares Barbosa, com a denominação de Vila Real de Monte-Mor-o-Nôvo-da-América, sendo seu orago N. S.ª da Palma, e seu Padroeiro S. João Nepomuceno.

Foi-lhe assinada uma légua quadrada de terras para seu patrimônio, sendo nela compreendido o lugar da Missão Velha.

Assim também lhe foi traçado o plano para a edificação da nova vila, marcando-se lugar, e dando-se as dimensões com que se devia edificar um nôvo templo, que só pelo zêlo de um devoto e esmolas e auxílio dos moradores se levantou em 1809.

Como o Diretório exige pelo menos 50 casais de índios aldeados, para se formarem vilas, e como na Missão de Baturité não havia êsse número, se lhe ajuntou a Missão da Telha, sita no Quixelom.

Parece que esta vila não teve uma existência muito próspera, porque do que pude obter por tradição da gente mais antiga com que pude conversar, até 1810 ela não apresentava grande prosperidade; havia então pouca gente branca na vila, e os índios viviam vida miserável, sustentando-se principalmente da pesca, e da caça (que faziam com arco e frecha). Não havia inda igreja decente, nem casa alguma cômoda, não haviam seguido exatamente o plano dado para as construções, de sorte que o quadro não ficou bem regular; muitos dos casebres eram de telha mas de triste aspecto.

A governança da vila se compunha de gente branca e de índios; que eram particularmente governados pelos seus capitães.

Em 1825 a grande sêca, privando-os dos recursos da pesca e da caça, e de outros gêneros alimentícios, causou grande dispersão, e mortandade nos índios e dos que escaparam então, um grande número foi devorado por uma peste de bexigas horrível; a qual me não souberam dizer em que ano aconteceu; mas que foi pouco depois da sêca *. Com a destruição dos índios foi a vila, e lugares adjacentes se povoando de maior número de brancos, que hoje constituem a maioria dos habitantes do lugar.

---

* Foi logo em 1826, quando era ainda mais apertada (José da Costa).

Esta vila foi pouco a pouco perdendo seu primitivo nome de Monte-Mor, e se foi chamando *Baturité,* provàvelmente pela importância que começou a ter a Serra de Baturité, e em 184... foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Cidade de Baturité.

Está esta cidade assentada sôbre uma pequena elevação, que com uma pequena quebrada se ajunta à serra, formando dela um mínimo espigão, ao lado esquerdo do qual corre o Rio Aracauaba, que desce da serra, e cujas águas são perenes (há memória de êle se cortar em 1825 e 1845 sòmente); ao lado direito corre outra elevação do terreno, mais alta, e separada da primeira por uma grota funda, e além da qual corre o Rio Putiú, que logo adiante se ajunta ao Aracauaba. Vários serrotes, ou montes destacados da serra flanqueiam a cidade, formando-lhe um saco; mas ficando a certa distância dela, e não sendo de grande altura, a deixam desabafada, e em abertura para o nascente; é portanto o assento da cidade alegre e arejado. Além da matriz, que é grande em proporção ao lugar, e época em que foi feita, há mais uma igreja pequena dedicada a N. S.ª do Rosário, erecta em 1851, e que não foi concluída em suas decorações; (não a vi interiormente). Também à matriz faltam ainda as tôrres. Uma coisa há a notar-se nesta igreja. O altar-mor, e sua banqueta; o trono, e o retábulo, credências, etc., tudo é feito de tijo[lo] coberto de reboque. Tem colunas, nichos, decorações de tarja, etc., tudo feito do mesmo reboque, e que não deixa de ser feito com alguma elegância. (Já tive ocasião de ver em outras igrejas do sertão, altares maciços de tijolo; assim como em casas de negócio, principalmente em Canindé são os balcões feitos de tijolo). A cidade vai crescendo em edificações, as ruas novas vão sendo bem alinhadas, as casas feitas de tijolo, cobertas de telhas ladrilhadas, caiadas, etc., e algumas com salas forradas de lona. Têm salas amplas, comunicando de ordinário, por uma porta lateral com as lojas, quando são casas de negócio antes; algumas têm as salas bem mobilhadas, e já há dois belos pianos, um na sala do Comandante Superior, o Senhor Manuel Antônio de Oliveira, outro na do Senhor José Raimundo, cuja senhora toca e canta sofrìvelmente.

Tem uma feira, que não está ainda concluída; mas que já serve; tem uma pequena cadeia, com sobrado, e uma outra em ponto maior foi começada e parece abandonada. Há já duas casas de sobrado.

Havia agora o padre vigário, Raimundo Francisco Ribeiro, o padre José Jacinto Bezerra, e mais dois que não conheci. Há uma aula de latim com 8 discípulos matriculados, e cujo professor é o Senhor João do Rêgo Falcão, pernambucano. Há uma escola de primeiras letras para meninos, e um colégio para meninas. É comandante superior da Guarda Nacional o Senhor Manuel Antônio de Oliveira, e subdelegado de polícia o Senhor Marçal Gomes da Silveira; o Secretário da Câmara Municipal é o Sr. Simeão Teles de Sousa, e o arquivo possui alguns livros antigos de interêsse. São atualmente

Juiz de Direito o Dr. Luís de Cerqueira Lima, Promotor o Dr. Leandro da Silva Freire, e Juiz Municipal o Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco.

Há um médico, que é o Dr. Joaquim Barbosa Cordeiro (formado nos Estados Unidos) e Botica.

O clima é quente, mas a vizinhança da serra o refresca, e faz suportável (o termômetro, pôsto na sala de telha-vã, agora no mês de fevereiro marcava de manhã ordinàriamente 18 a 19 e uma vez desceu a 17 1/2 e das 2 às 3 horas variava de 23 a 24). Os ventos reinantes são sempre do quadrante de leste, que lavam bem a cidade. Tem êste lugar condições para ser saudável; mas não é assim; as famílias se queixam de ter sempre doentes em casa. Agora reinava ali a *febre-amarela,* a que davam o nome de *icterícia,* e havia já feito algumas vítimas. A gente pela maior parte tem côr pálida; dizem que êste lugar foi infectado de bôbas, em outro tempo, as quais faziam aí grandes estragos. Eu penso que grande parte têm, na insalubridade do lugar, o desleixo e o desasseio de habitantes, e a má alimentação da gente pobre. As mulheres sem serem formosuras, há entre elas algumas carinhas bonitas e mimosas. As meninas nas melhores casas trajam bem, e estão em casa vestidas decentemente.

Bebem água do rio Aracauaba, que no tempo das chuvas é muitas vêzes toldada, e nos fortes verões dizem que se faz assalobrada. Hoje (25 de fevereiro) me disse o Sr. Domingos da Costa que o Aracauaba cortou-se também na sêca de 1825. Havia pão, e sempre carne, bem que não muito boa; galinhas, ovos, e qualquer outra criação é mui rara, assim como leite! Verduras raríssimas: havia laranjas sofríveis, e ananases.

São aqui durante o inverno as môscas em grande quantidade; e ainda mais em cima da serra, são um tormento para a gente, e pior para os animais, que os põem em desespêro: emagrecem e mesmo dizem que chegam a morrer.

Ouvi calcular-se em 1500, a 2000 o número de habitantes da vila de Baturité; são em grande parte brancos ou mamelucos; geralmente pobres; há porém já bastantes sujeitos, que possuem uma fortuna boa para êste lugar; mas acumulada principalmente à custa dos lavradores, a quem emprestam dinheiro com juros, e condições pesadíssimas. Êste estado é sem dúvida devido, da parte do que dá, à pouca confiança, que lhe inspira o que toma; e da dêste, à sua ignorância, e imprevidência. Tem a gente de Baturité adquirido má fama; foram sempre considerados como homens trampolinas, de má fé, maus pagadores, e jogadores; mas, ajunta-se, não são matadores. Não sei o que há nisso de verdadeiro; mas a usura dos comerciantes é devido como já disse à besteza dos lavradores. O vício do jôgo, que com efeito existe, é vício comum do sertão, como o é entre os gaúchos do Sul. A vida pastoril ou do criador tem sempre grande parte do ano desocupada, e na falta de distrações, o entretenimento que naturalmente se oferece é o do jôgo, que se torna depois

em hábito, e em modo de vida. O que sei é que achamos a gente do Baturité boa, amável, hospitaleira, como no resto do Ceará.

A Serra de Baturité, que tem de altura seguramente 1500, a 2000 pés, e cuja chapada, se assim se pode chamar, tem, segundo o vigário de Baturité, 9 léguas de comprido e 3 de largo, e é tôda montuosa, à semelhança da nossa serra de Petrópolis, excepto os grandes rochedos, que não tem, é fresca, tôda coberta de grandes matas, e regada de rios perenes, que nascem todos do tope mais alto da serra, que é o do Poente, para onde as ladeiras são mui íngremes, e cujos rios são meras torrentes, bem que passantes durante as chuvas, e correm para o nascente, para onde a serra desce, por grandes quebrados, e são o Putiú, o Aracauaba, o Candeia, e o Acarapé. Esta serra, digo, é mui própria para o café; dá mui bem a cana, todos os legumes, excepto arroz.

685 Povoamento da Serra de Baturité

8-II-1861

Parece que só em 1804 é que a Serra de Baturité começou a ser cultivada. Era então um grande sertão ou deserto, todo coberto de grandes matas, semelhantes às nossas do Rio, como se vê pelo que ainda existe; muito úmido e muito frio, para junto do Ceará: foram as sêcas, que obrigaram os homens a se refugiarem para êstes lugares. Assim foi depois de uma sêca que em 1809 o sr. Miguel José de Queirós, tio do Sr. João Batista Alves de Lima, que nos dá estas informações, comprou o Riacho das Gameleiras, que fazia parte do sítio Macapá, e nêle se veio estabelecer pondo-lhe o nome de Conceição; mas correndo melhores tempos para as fazendas de criação, êle voltou de nôvo para essa indústria, vendendo estas terras a um Francisco Félix, que falto de meios para a fazer prosperar, e individado, entregou-as a seu credor Vitoriano Correia Vieira, morador nas Russas; foi dêste que elas passaram a ser possuídas pelo seu atual dono, o Sr. Francisco Pinto Brandão, morador em Sobral, e irmão do Sr. José Fortunato Brandão. Êste empregou aqui grandes capitais, empreendendo ao mesmo tempo as duas culturas, a da cana, para que fêz esta grande fábrica para a qual havia mandado vir moendas de ferro, e a do café. Não achando porém conveniência no fabrico da cana, a vai abandonando para se entregar sòmente à do café. Foi em 1856 que êle principiou o seu estabelecimento. Hoje se acha no Sobral, onde foi por morte do pai; mas não tardará a vir com a família para aqui: é casado com uma irmã do Sr. Macário.

O Sr. João Batista Alves de Lima, filho de Quixeramobim, assim como sua senhora, comprou em 1853 o sítio em que hoje mora, no riacho de Gramiranga, tendo meia légua de maior largura, e quase todo coberto de matas virgens, pelo preço de 200$000 réis. Cultiva principalmente café; de que já tem colhido 1200, a 1300 arrôbas, e conta agora com uma safra de 2000 arrôbas; confina, e está aqui a alguns passos de Conceição. Diz que quando para aqui veio em 1853 estava isto deserto, havendo apenas ruínas e taperas dos sítios antigos. Atualmente a povoação tem umas 30 casas, pela maior parte de telha, e foi o Sr. Batista quem primeiro fêz telha aqui em 1854, vindo antes disso de muito

longe. Começam já a se alinharem as casas; e tem uma igreja que não é mais que um barracão coberto de telha, com paredes de pau-a-pique; e barreadas sòmente; e assim mesmo mais decente que algumas que tenho visto em outros lugares do Ceará. Haviam começado antes uma em cima do monte, que foi abandonada e onde é hoje o cemitério. Parece que foi o Sr. Pinto que fêz a atual provisòriamente, com intenção, ou antes enquanto se não faz uma melhor. Tem atualmente capela.

A Serra de Baturité é uma vasta extensão de terreno montuoso, com correntes perenes, todo coberto de grandes matas, na altura de 1500, a 2000 pés sôbre o nível do mar, de clima saudável, e de solo produtivo.

A planta que aqui se tem dado melhor é a do café.

A cana, se tôda é como a que se está aqui moendo à nossa vista, é má, de nós juntos, e precisa de ano e meio a dois anos para amadurecer.

A mandioca não dura mais de um ano a ano e meio na terra.

O milho nem sempre dá bem. O feijão, da mesma sorte. O arroz não dá, ou dá mal. A fruta não é da melhor: a laranja não é boa nem a banana. (Informação do Sr. José Fortunato, que não gosta da serra, e está arrependido de ter vindo para aqui, e se acha muito desanimado. O Sr. Batista porém, mais corajoso, está mais contente, e fala melhor da terra).

O clima é bom e saudável; nem faz demasiado frio, nem grandes calores; os ventos leste de manhã são sempre frescos e frios. Águas boas.

Quando começaram a abrir sítios aqui, era para fazer roças de mandioca, e legumes; depois começaram a plantar cana, e se fizeram muitas engenhocas, que estão hoje caindo em ruína porque agora trata-se mais de café.

No entanto não são os cultivadores de café os que têm feito fortuna; são antes os negociantes da Vila de Baturité os que se têm enriquecido à custa dos plantadores, com prêmios exorbitantes, e tôda a casta de vexações.

São tôdas as cousas escassas e caras aqui em cima da Serra, na Conceição, e provàvelmente nos outros lugares.

Hoje (9) aqui estêve o Sr. José Fortunato e nos deu as informações seguintes:

As terras pagam aqui de foro (ou arrendamento) na povoação à razão de 20 réis ao palmo, com 25 ditos de fundo, por ano.

Terras de cultura, ou sítio pagam a 10 réis o palmo, com 25 de fundo.

O jornal dum trabalhador, é de 400 réis, e alimento; o dum carapina é de 2$000 réis, e alimento.

Ao Capelão que atualmente diz aqui missa se dá 500$000 por 6 meses.

Carne de gado custa 160 réis a libra (sem osso a 200).
  " de cevado " 280 réis a libra.
Toicinho " 320 réis a libra.

Uma galinha	"	1000, e 800 réis (rara).
Um pato	"	1000, e 1280 réis.
Um peru	"	2000, e 2280 réis (raro)
Um ôvo	"	20 réis
Leite	"	160 réis a garrafa (na sêca sòmente).
Farinha	"	240 réis a têrça * (4 tijelas, ou 5 garrafas).
Feijão	"	1000 réis a têrça (raro).
Arroz	vem de fora.	
Milho	custa 320, e 240 a têrça.	

Uma garrafa de vinho, 1280.

As terras nesta Serra, diz o Sr. Batista, não foram tomadas por sesmaria, mas por posses; e a sua divisão é por riachos: no sertão se foram estabelecendo as fazendas pelas ribeiras dos rios e riachos. Assim se diz: Minha fazenda é na ribeira tal; tal ribeira é de muitos bons pastos; situei-me na ribeira tal, etc.

---

* Nas vendas, compra-se a 160 e 120 em primeira mão.

686 Introdução do café na Serra de Maranguape

28-IV-1861. Maranguape

Foi Joaquim Lopes de Abreu Lage, português morador em Jararaú ao pé da serra de Maranguape (onde há boas laranjas) o que primeiro plantou café nesta serra, cujas sementes, se conta, que as obteve de um caboclo, que, andando à caça no alto, ou linha da serra de Maranguape, coberto então de mata virgem, descobriu no meio do mato um pé desta planta, que êle desconhecia, carregado de fruto, e apresenta a Joaquim Lopes, estando presente também um sobrinho dêste, Jerônimo Ferreira Braga, os quais conhecendo ser a fruta do cafèzeiro, se decidiu Jerônimo a ir no dia seguinte com o caboclo, a ver a planta. Com efeito lá foram, mas não foi então possível ao caboclo achá-la. Enfadado, Jerônimo, e outros que também o acompanharam se retirou, ficando o caboclo só na diligência, até que enfim o encontrou; e marcando bem o lugar voltou para casa. Voltaram depois lá e acharam com efeito um pé de café carregado de fruto, tendo já em roda grande número de filhos.

À vista disso Joaquim Lopes foi abrir um sítio naquele lugar aproveitando o dito pé de café, e fazendo maior plantação com as mudas que havia em redor. Êste sítio ainda existe, com plantação de café. Joaquim Lopes, que tinha grande número de escravos fêz aí uma grande lavoura de café.

Êste homem morreu haverá 8 anos; e já bastante velho.

O Padre Araújo, que conta isto de ouvido, diz que veio para aqui em 1825. e então era ainda a cultura pequena do Joaquim Lopes, só para seu gasto, e para dar semente a algum amigo. O que se bebia nesse tempo vinha de Pernambuco e vendia-se no Ceará a 400, e 420 a libra. Na Aratanha ainda se não cultivava café nesse tempo.

691 Cauim [50]

Existem ainda nos arredores de S. Benedito alguns amadores da cerveja tapuia, a qual é preparada segundo os preceitos tradicionais dos tempos passados; êles observam-se com tal rigor que o mesmo rei Girvino se entusiasmaria se assistisse ao processo; e algum filósofo faria por certo uma longa dissertação sôbre o instinto do homem, e o caso não é para menos: ver gente bruta praticar aquilo que a ciência só descobriu após profunda peleja tendo por campeões os Berzedins, os Liebig, os Wöhler, e muitos outros que tais.

As usanças dos Pitiguares de Filipe Camarão vão se perdendo no meio de outro embrutecimento maior, a que uma administração cega quer dar o nome de civilização.

Vamos consignar os restos dessas usanças, fragmentos dispersos, que só muito superficialmente pudemos colhêr atenta a rapidez com que viajamos; sirvam de apontamentos que possam ser completados mais tarde por quem não fôr obrigado a fugir perante o tal fantasma — Orçamento — que nos trazia de corrida [51].

Comecemos pelo cauim: é êste uma beberagem fermentada, que embriaga como a garapa azêda, a cerveja, o vinho, a aguardente, etc.. Os selvagens a fabricam para seus dias festivos, para as locubrações e mistificações dos Pajés, os mais refinados charlatães, e finalmente para beberem durante o serviço das roças.

A matéria de que se faz por aqui o cauim é a mandioca, mesmo desta não usam qualquer variedade indistintamente: a mais apreciada é a tapessima, que se cultiva especialmente para êsse fim. Dizem as índias velhas que ela se distingue das outras pela propriedade particular de curar leucorréias.

Arrancam num dia a mandioca, e só a empregam no seguinte quando ela começar a *pubar;* o cauim obtido dela neste estado é amarelento, e afirmam que mais saboroso do que o branco, que resulta da raiz fresca.

---

[50] Cf. *Catal.*, n.º 812 e *O Progr. Médico*, 1876, [1.º vol.], p. 494: neste último, encontram-se pontos de contacto com o presente texto.

[51] Êste parágrafo evidencia que o texto foi escrito após haver a Comissão Científica regressado do Ceará.

Logo que querem dar comêço à fabricação, raspam as raízes e lavam-nas bem, e cortam pequenas rodelas que levam a cozinhar em um grande caldeirão ou pote, no fundo do qual botam uma porção de palha sôlta, ou trançada, a fim de que se não queime a mandioca; é porém de supor que o motivo dessa prática seja outro; para que a ebulição se faça tranqüila, e não por saltos: assim procedem os químicos quando querem destilar ácido sulfúrico, por exemplo, em que não usam de palha mas de aparas de platina.

Mantém-se a fervura até que a mandioca amoleça, o que às vêzes dura 24 horas. Estando ela porém *ensoada,* isto é aguada, como se dá durante o inverno, por mais que se cozinhe sempre se conserva dura: neste caso depois de suficientemente cozidas levam os pedaços ao pilão, onde são pisados, depois tornam a ser misturados com a água, em que ferveram. Se porém a mandioca estava enxuta, e amoleceu bem, deixam-na simplesmente esfriar.

Arrefecida que esteja aquela sopa, despeja-se em grandes coches: aí agora começa um processo, que o ignóbil ignorante vulgo tacha de asqueroso e nojento e que os descendentes dos adeptos, e dos alquimistas admira[m], e aplaude[m]. Sentam-se à roda dos coches as mulheres: dizem por êsse mundo que só as velhas é que têm êsse privilégio; podemos asseverar que isso é pura calúnia; pois a primeira condição para ter assento em roda do coche são bons dentes, a segunda bôca limpa; o sarro do cachimbo é prejudicial ao fabrico do cauim. Já se vê por essas exigências que as tais matronas remoçam consideràvelmente.

Vamos ao processo que tanto horror infunda: cada mulher tira do fundo do coche pequena porção de massa, e mastiga-a bem, não para subdividi-la, mas para misturá-la com saliva o mais que possível; depois bota-a na mão e a desfaz inteiramente no caldo do coche; continuam neste processo até que não haja mais porção sólida: então lançam dentro água quente em quantidade suficiente para enralecer até o ponto conveniente o mingau do coche; daí vão logo para as espécies de dornas, grandes potes, ou cabaças realmente colossais com 6 palmos de altura, às vêzes mais.

Êsses depósitos se acham enfileirados em um quarto especial; começa com pouco a fermentação, que é demorada se as vasilhas são novas, e de espantosa rapidez se estão bem avinhadas, isto é, quando já serviram mais vêzes. Mastiga-se a massa de manhã, pelo meio-dia vai a vinhaça para os depósitos, e na madrugada seguinte bebe-se: se porém os depósitos estão avinhados já de tarde se pode fazê-lo.

Logo que o cauim está em estado de ser bebido dão-lhe consumo dentro das 12 horas, quando não, *frecha,* isto é passa a álcool e vinagre.

Antes de passar adiante escutemos um pouco o químico, que justificará uma rotina de gente bárbara, e a que os historiadores, e etnógrafos de perfumado salão, para incubrir a própria ignorância, vilipendiam com os epítetos de nojenta, imunda, repugnante, etc. etc. Veremos adiante que outros processos verdadeiramente repugnantes êles admitem, talvez ùnicamente porque não são praticados por povos a quem se faz uma guerra injusta e sistemática.

A mandioca, assim como a batata, o cará, o inhame, o milho, o arroz, e todos os mais cereais, que servem de alimento ao homem contém uma grande porção de *amilo* *, que é principalmente o seu princípio nutritivo. O amilo, ou a goma, o polvilho, como lhe chama o povo é composto de pequenos grãos, formados de uma massa encerrada em membranas muito tênues acamadas concêntricamente em tôrno de um núcleo: a água fria não altera êsses grãozinhos; por isso lava-se a tapioca, a goma, o polvilho de araruta, batata, arroz, etc., mas pela ação do calor estoira a membrana e o seu conteúdo se mistura com água em tôdas as proporções, formando desde grude consistente até um líquido ralo, visgoso: para êsse fim cozinham os índios a raiz da tapissima: alcançariam sem dúvida com maior economia o mesmo resultado se prèviamente ralassem a mandioca, porém para o processo subseqüente é mais vantajoso deixá-la em fragmentos maiores.

O amilo na sua composição química contém exatamente os mesmos elementos que o açúcar, e que os químicos chamam em sua linguagem *isômeros;* mas a sua forma o abriga contra tôdas alterações e decomposições a que êste está sujeito; portanto se quisermos decompô-lo e fazer dêle álcool necessàriamente devemos destruir essa forma; processo fácil, pois basta a ação dos ácidos diluídos, ou a torrefação; e por êsse meio, um corpo refratário é agora atacado com grande ímpeto.

A economia animal consome debaixo da forma de pão, farinha, arroz, etc. enorme quantidade de amilo, mas não é tal como ela o recebe que o gasta; *é preciso que seja primeiro transformado em açúcar;* e para isso a providente natureza dotou o homem com os meios necessários. A química à fôrça de destilar, cozinhar, torrar, e precipitar veio a descobrir que a saliva é um poderoso agente para essa transformação. É por isso que se diz com carradas de razão que o pão é de mais fácil digestão, do que a farinha, que pesa no estômago; aquêle é mastigado e ìntimamente misturado com a saliva, enquanto esta engulida quase no estado em que se come, espera no estômago, que pela deglutição lhe seja fornecida a saliva, que deixou de tomar na passagem: já se vê que os fumistas, que muito cospem, e comem farinha devem sofrer más digestões, e realmente se queixam. Será também por isso que o habitante do Ceará faz a sua farinha cheia de caroços tão grandes e duros, que o obriga a mastigá-la? Para que a transformação do amilo debaixo da influência da saliva seja fácil e rápida é preciso que a temperatura não seja muito baixa, 36° a 40° cent., justamente a que dá o corpo humano.

Vejamos agora o que faz o instinto do tapuia: pelo cozinhar desmancha o amilo a fim de que se misture ìntimamente com a água; deixa a mandioca em

* Conservamos o têrmo derivado do grego e do latim *amylum,* tanto mais que o seu adjetivo admitido é *Amiláceo;* mas com isto não queremos forçar os galicistas de profissão a rejeitar o uso do seu *amido.*

pedaços para ser forçado a mastigá-la e saturála com o agente sacarificador, e por fim dilui a massa com água quente para obter a temperatura de 36° a 40°!

Muito homem de borla e capelo, douto a ponto de exsudar sabença por todos os poros, e que à fôrça de erudição escarnece de tudo quanto não entra na esfera de seus conhecimentos e inteligência, considera a química como *arte de fazer emplastros* e dogmatizando declara que o corpo humano não é retorta. Coitado! Justamente aí é que as leis da química são respeitadas e cumpridas com um rigor sem exemplo. O caboclo, que nada tem de erudição, prepara o seu açúcar do modo mais simples como a natureza primitivamente o faria: se quisessem extrair o amilo e torrá-lo seria isso muito mais longo.

Alguns indígenas do sul fazem o seu cauim do milho; é o processo o mesmo: com o grão poderiam seguir outro indicado pela natureza igualmente, e usado desde tempos imemoriais pelos povos da Ásia, e Europa. No ato da germinação do milho, do arroz, do trigo, da ceveda, etc. todo o amilo é transformado em açúcar pela diástase; é essa a primeira manipulação para fábricas de cerveja e aguardente dos cereais.

ÍNDICE DO CATÁLOGO

ÍNDICE DOS "ESTUDOS BOTÂNICOS"

ÍNDICE DA "FLORA CEARENSE"